

A Traição da Direita Americana

Murray N. Rothbard

A Traição da Direita Americana

Murray N. Rothbard

Editado com Introdução de Thomas E. Woods Jr.

1ª Edição



A Traição da Direita Americana

Editora Konkin, 1ª Edição

Coordenação Editorial:

Daniel Miorim de Moraes

Tradução e Revisão:

Daniel Miorim de Moraes, Eric Matheus e Vitor Gomes Calado

Diagramação:

Daniel Miorim de Moraes e Vitor Gomes Calado

Capista:

Raíssa Souza Abreu

Licença:

Copyright © 2007 Ludwig von Mises Institute

À memória de
Howard Homan Buffett,
Frank Chodorov,
e da Velha Direita

Sumário

INTRODUÇÃO.....	ix
PREFÁCIO PARA A REVISÃO DE 1991.....	xxiii
DUAS DIREITAS, A VELHA E A NOVA.....	1
ORIGENS DA VELHA DIREITA I: O JOVEM INDIVIDUALISMO	5
ORIGENS DA VELHA DIREITA II: O ANARQUISMO TORY DE MENCKEN E NOCK	11
O NEW DEAL E A EMERGÊNCIA DA VELHA DIREITA.....	29
ISOLACIONISMO E O NEW DEAL ESTRANGEIRO	41
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O NADIR	65
RENASCIMENTO PÓS-GUERRA I: LIBERTARIANISMO.....	79
RENASCIMENTO PÓS GUERRA II: POLÍTICA E POLÍTICA EXTERNA ...	103
RENASCIMENTO PÓS GUERRA III: LIBERTÁRIOS E POLÍTICA EXTERNA	125
RENASCIMENTO PÓS GUERRA IV: ÚLTIMAS PALAVRAS DA VELHA DIREITA	143
DECLÍNIO DA VELHA DIREITA	155
<i>NATIONAL REVIEW</i> E O TRIUNFO DA NOVA DIREITA	179
INÍCIO DA DÉCADA DE 1960: DA DIREITA À ESQUERDA	209
APÓS OS ANOS 60: A NOVA ESQUERDA	229
BIBLIOGRAFIA	247
Artigos.....	247
Livros	249
Capítulos em Livros	254
Miscelânea	255
Periódicos.....	256
Documentos Públicos.....	257

INTRODUÇÃO

É um clichê de publicação observar, quando um livro aparece diante do público anos depois de ter sido escrito, que é mais relevante agora do que nunca. Mas é difícil pensar de que outra forma *A Traição da Direita Americana* pode ser descrita.

Murray N. Rothbard narra a emergência de uma ala direita norte-americana que defendeu da boca para fora os princípios do livre mercado e do “governo limitado”, mas cuja primeira prioridade, pela qual estava disposta a sacrificar qualquer outra coisa, era o intervencionismo militar por todo o mundo.

Isso soa familiar, com certeza, mas como Rothbard mostra, não é recente nem anômalo. Isso remonta aos primórdios do movimento conservador organizado na década de 1950.

Uma vez que é provável que este livro vá além do público tradicional de Rothbard, uma palavra inicial sobre o autor é necessária. Murray N. Rothbard foi um erudito e polímata de produtividade tão extraordinária que quase desafia a crença.

Seu *Man, Economy, and State*, um tratado de 1.000 páginas sobre princípios econômicos, foi uma das grandes contribuições para a até então chamada Escola Austríaca de economia. {Encontra-se, em português, como *Homem, Economia e Estado com Poder e Mercado*, São Paulo: Editora Konkin, 2022; contendo por volta de 1400 páginas.} *For a New Liberty* tornou-se o manifesto libertário padrão.

Em *The Ethics of Liberty* Rothbard expôs as implicações filosóficas da ideia de propriedade-do-si-mesmo. Ele contou a história da América colonial em quatro volumes no seu *Conceived in Liberty*. Seu *America's Great Depression*, agora na quinta edição, usou o poder explicativo da teoria austríaca dos ciclos econômicos para mostrar que o intervencionismo monetário, e não o “capitalismo”, era o culpado por aquela catástrofe.

Ele também escreveu muitos artigos inovadores. Para citar apenas dois: “Toward a Reconstruction of Utility and Welfare Economics” estabeleceu uma abordagem distintamente austríaca para a área contenciosa da economia de bem-estar, e “Law, Property Rights, and

Air Pollution” pode ser a melhor contribuição austríaca curta para o estudo de direito e economia.

Além de seus 25 livros e três mil artigos, que abrangeram várias disciplinas, Rothbard também ensinou economia, editou duas revistas acadêmicas e vários periódicos populares, escreveu críticas de filmes e manteve uma montanha de correspondência com uma gama diversificada de intelectuais americanos.

Mesmo essa visão geral da obra de Rothbard não pode fazer justiça à sua produtividade lendária. Mas aprendemos muito sobre Murray N. Rothbard a partir de um simples fato: mais livros de Rothbard apareceram desde sua morte do que a maioria dos professores universitários publicam em toda a vida.

Dois volumes de *História do Pensamento Econômico — Uma Perspectiva Austríaca* {São Paulo: Editora Konkin, 2022}, nos quais Rothbard estava trabalhando no momento de sua morte, foram lançados em 1995.

The Logic of Action (1997) consistia em mil páginas de artigos acadêmicos de Rothbard, agora convenientemente disponíveis para o público em geral.

O History of Money and Banking in the United States (2002) reuniu muitos dos importantes trabalhos de Rothbard sobre a história monetária, muitos dos quais anteriormente estavam disponíveis apenas em revistas acadêmicas ou como capítulos em livros há muito esgotados. Poderia muito bem ter sido um novo livro de Rothbard.

Não foi apenas a obra acadêmica de Rothbard que foi reunida em belos volumes e disponibilizada para o consumo geral; sua escrita popular começou a aparecer também em novas coleções. *Making Economic Sense* (1995) reuniu uma centena de artigos econômicos mais curtos de Rothbard em um livro que pode instruir e entreter iniciantes e especialistas.

Um artigo de 20.000 palavras que Rothbard havia escrito para um boletim de investimento de pequena circulação tornou-se a monografia de 1995 do Center for Libertarian Studies *Wall Street, Banks, and American Foreign Policy*.

The Irrepressible Rothbard (2000) reuniu algumas das contribuições de Rothbard para o *Rothbard-Rockwell Report* da década

de 1990, onde encontramos o mestre em sua forma mais engraçada e, às vezes, mais mordaz.

O presente livro, no entanto, consiste em material disponibilizado ao público pela primeira vez. O manuscrito foi escrito na década de 1970, como Rothbard aponta no Prefácio, e passou por edições e acréscimos periódicos ao longo dos anos, à medida que surgiam oportunidades de publicação.

Cada vez, porém, circunstâncias imprevistas interferiram no lançamento do livro, e por isso ele está finalmente aparecendo apenas agora, sob o selo do Mises Institute.

Para ter certeza, Rothbard havia escrito artigos publicados sobre a Velha Direita: no *Journal of Libertarian Studies*, *Continuum* e no *Rothbard-Rockwell Report*, entre outros locais. Mas aqui ele conta a história completa, do ponto de vista de alguém que não foi apenas testemunha desses eventos, mas também um importante participante.

O que era essa Velha Direita, afinal? Rothbard a descreve como um bando diversificado de oponentes do New Deal em casa e do intervencionismo no exterior. Mais uma coalizão solta do que um “movimento” autoconsciente, a Velha Direita inspirou-se em nomes como HL Mencken e Albert Jay Nock, e contou com escritores, pensadores e jornalistas como Isabel Paterson, Rose Wilder Lane, John T. Flynn, Garet Garrett, Felix Morley e o Coronel Robert McCormick do *Chicago Tribune*. Eles não se descreviam ou se consideravam como conservadores: queriam revogar e derrubar, não conservar.

Uma retrospectiva de Rothbard de 1992 sobre a Velha Direita delinea seus princípios:

Se sabemos contra o que a Velha Direita era contra, pelo que eles eram a favor? Em linhas gerais, eram a favor da restauração da liberdade da República Velha, de um governo estritamente limitado à defesa dos direitos da propriedade privada.

No concreto, como no caso de qualquer coalizão ampla, houve divergências de opinião dentro desse framework geral. Mas podemos resumir

essas diferenças a esta pergunta: quanto do governo existente você revogaria? Até onde você reverteria o governo?

*A exigência **mínima** com a qual quase todos os velhos direitistas concordaram, que virtualmente definia a Velha Direita, era a abolição total do New Deal, todo o ferramental do estado de bem-estar, o Wagner Act, o Social Security Act, a saída do padrão ouro em 1933, e todo o resto.*

Além disso, havia desentendimentos encantadores. Alguns parariam na revogação do New Deal. Outros insistiriam pela abolição do New Freedom de Woodrow Wilson, incluindo o Sistema de Reserva Federal e especialmente aquele poderoso instrumento de tirania, o imposto de renda e o Internal Revenue Service.

Outros ainda, extremistas como eu, não parariam até que revogássemos o Federal Judiciary Act de 1789, e talvez até pensassem o impensável e restaurariam os bons e velhos Artigos da Confederação.¹

Além de ser uma história da Velha Direita, este livro é a coisa mais próxima de uma autobiografia desse homem extraordinário que os leitores podem esperar ver. Não é apenas uma história da Velha Direita, ou da tradição anti-intervencionista na América. É a história — pelo menos em parte — do próprio desenvolvimento político e intelectual de Rothbard: os livros que ele leu, as pessoas que conheceu, os amigos que fez, as organizações em que se juntou e muito mais.

¹ Murray N. Rothbard, “A Strategy for the Right”, em *The Irrepressible Rothbard*, Llewellyn H. Rockwell, Jr., ed. (Burlingame, Califórnia: Center for Libertarian Studies, 2000), p. 4.

A discussão de Rothbard sobre sua evolução intelectual começa com seus dias como um jovem menino e continua por seu tempo no seminário de Ludwig von Mises em Nova York (do qual tantos pensadores libertários importantes emergiriam), sua carreira inicial de escritor e seu ativismo libertário, todo o caminho através de sua interação com a Nova Esquerda na década de 1960.

Acompanhamos Rothbard durante o momento em que ele descobre que não pode mais ser um libertário de estado mínimo, ou minarquista, e aprendemos exatamente o que foi que o levou ao anarquismo.

Ele discute sua derivação (com base no princípio da não-agressão) da paz e da não-intervenção como princípios libertários, suas alianças políticas em evolução na década de 1950 à luz de seu não-intervencionismo resolutivo e sua atração pelo assunto proibido do revisionismo da Guerra Fria.

Ainda assim, não podemos negligenciar ou subestimar a importância deste livro como uma obra de história. Rothbard preenche uma lacuna crucial tanto na história da política externa americana quanto nas histórias do conservadorismo e do libertarianismo americanos.

De fato, podemos ir ainda mais longe: *A Traição da Direita Americana* é um importante capítulo perdido da história recebida da América. Importante que pensadores, escritores e ativistas há muito esquecidos voltarem à vida nestas páginas. Qualquer número de tópicos para trabalhos de pesquisa e até mesmo livros completos podem ser adquiridos a partir das questões que Rothbard levanta aqui.

É seguro dizer que pouquíssimos americanos, inclusive conservadores — na verdade, *especialmente* conservadores — sabem que alguns dos oponentes mais consistentes e francos das medidas iniciais de Harry Truman na Guerra Fria eram republicanos preocupados com o orçamento, ideologicamente avessos a cruzadas internacionais.

O senador Robert A. Taft, por exemplo, foi o mais proeminente, ou talvez o menos consistente dos republicanos não-intervencionistas que saudaram com ceticismo as políticas iniciais de Harry Truman na Guerra Fria.

Taft era crítico da Doutrina Truman, do Plano Marshall e da OTAN, cada um dos quais ele considerava ou como desnecessariamente provocativo ou como ruinosamente caro. Taft, junto com figuras menos conhecidas da Câmara e do Senado como George Bender, Howard Buffett e Kenneth Wherry, constituíam o braço político da Velha Direita.

Ao contrário da impressão errônea do liberalismo de esquerda como antiguerra e amante da paz, as vozes do liberalismo *mainstream* adotaram a linha intervencionista padrão contra o herege “isolacionista”: Taft, escreveu o proeminente colunista liberal Richard Rovere, era um candidato presidencial inadequado em 1948 uma vez que o próximo presidente “deveria ser um executivo da raça humana [...] que defenderá corajosamente a liberdade perante o mundo e para o mundo [...] [o que] Taft simplesmente não poderia fazer.”

Da mesma forma, *o The Nation* chamou Taft e seus aliados no Congresso de “super-apaziguadores” cujas políticas “deveriam fazer soar os sinos no Kremlin”.²

Naturalmente, por seus esforços, o próprio Rothbard era acusado de isca comunista de tempos em tempos por pessoas da Direita. Que suas credenciais anticomunistas fossem tão à prova de balas quanto se poderia pedir, dificilmente parecia importar: ele se opunha à cruzada anticomunista global, e isso era o que contava.

Ironicamente, foi precisamente o *desprezo* de Rothbard pelo comunismo que o convenceu de que uma campanha militar em andamento contra ele, uma que certamente teria consequências terríveis a curto e longo prazo para a sociedade e o governo americanos (sem mencionar o dano que poderia causar no exterior), na verdade era desnecessária: Ludwig von Mises já havia mostrado os obstáculos insuperáveis que confrontavam economias verdadeiramente socialistas; e a aquisição pela União Soviética de uma série de satélites, cada um dos quais era uma cesta econômica que precisava de subsídios, não parecia uma estratégia imperial especialmente ameaçadora.

² John Moser, “Principles Without Program: Senator Robert A. Taft and American Foreign Policy”, *Ohio History* 108 (1999): 177–92.

Membros da Velha Direita do Congresso, como Howard Buffett, argumentaram, para os aplausos de Rothbard, que a causa da liberdade no mundo deveria ser promovida pela força do exemplo americano e não pela força das armas, e que o intervencionismo americano jogaria nas mãos da propaganda soviética que retratava os EUA como um imperialista interessado em si mesmo em vez de um defensor desinteressado da humanidade.

Aqui estava a posição libertária tradicional, extraída dos grandes estadistas do século XIX, a era do liberalismo clássico. Assim, Richard Cobden, o grande liberal clássico britânico, disse certa vez:

*A Inglaterra, ao direcionar calmamente suas energias unidas à purificação de suas próprias instituições internas, à emancipação do seu comércio [...] iria assim servindo como se fosse o farol de outras nações, ajudando mais efetivamente a causa da progressão política por todo o continente do que poderia possivelmente ao se afundar na rixa das guerras europeias.*³

Da mesma forma, Henry Clay, não sendo ele próprio um liberal clássico, ainda assim resumiu a opinião praticamente unânime da América de meados do século XIX:

Pela política a que aderimos desde os dias de Washington [...] fizemos mais pela causa da liberdade do que as armas poderiam efetuar; mostramos a outras nações o caminho à grandeza e à felicidade.

[...] Muito melhor é para nós mesmos, para a Hungria e para a causa da liberdade, que, aderindo ao nosso sistema pacífico e evitando as guerras

³ Richard Cobden, “Commerce is the Great Panacea”, em *The Political Writings of Richard Cobden*, FW Chesson, ed. (Londres: T. Fisher Unwin, 1903), vol. 1, pág. 35.

*distantes da Europa, mantemos nossa lâmpada acesa nesta costa ocidental, como uma luz para todas as nações, do que arriscar sua completa extinção em meio às ruínas de repúblicas caídas e decadentes na Europa.*⁴

Esse era o princípio em que Rothbard continuou a acreditar.

Hoje, aquilo que, rindo, chamamos de “movimento conservador” tem pouco incentivo para lembrar as pessoas dos céticos do intervencionismo encontrados entre os republicanos conservadores nos anos de Truman.

Nestas páginas, Rothbard apresenta um argumento convincente de que a adoção do intervencionismo global pela Direita não era inevitável, mas sim o resultado de fatores contingentes: a morte dos representantes-principais da Velha Direita em momentos particularmente desfavoráveis, a habilidade organizacional da oposição e dificuldades internas dentro das instituições da Velha Direita.

Mas não é apenas o conservadorismo moderno que é culpado pelo desaparecimento da Velha Direita no buraco da memória orwelliana. Os libertários, também, precisam, em alguns casos, de compartilhar a culpa.

No final da década de 1970, Rothbard foi pessoalmente responsável por inserir a pauta não-intervencionista na plataforma do Partido Libertário — numa época em que, para seu espanto, a política externa parecia despertar relativamente pouco interesse entre os libertários.

A guerra do Iraque de 2003 foi justificada com base na propaganda digna do antigo *Pravda*; que as pessoas que se autodenominam libertárias — que, afinal de contas, são supostas a ter um olho para a propaganda do governo — engoliram o caso do governo por completo sugere que o problema não desapareceu completamente.

⁴ Ralph Raico, “American Foreign Policy—The Turning Point, 1898–1919,” em *The Failure of America's Foreign Wars*, Richard M. Ebeling e Jacob G. Hornberger, eds. (Fairfax, Va.: Future of Freedom Foundation, 1996), pp. 55–56.

(Pode-se imaginar o que Mencken, um dos heróis de Rothbard, teria a dizer sobre aquela guerra, seus arquitetos e uma população americana que continuava acreditando nas desacreditadas alegações de armas de destruição em massa [WMD] muito depois de todos, em todos os lados, concordarem que as acusações eram falsas.)

A cooperação de Rothbard com a Nova Esquerda na década de 1960 despertou muito interesse e algumas críticas. Com a Direita não-intervencionista essencialmente derrotada e nenhum braço institucional ou editorial interessado em não-intervencionismo e *laissez-faire*, Rothbard começou a procurar aliados em outros lugares na luta contra a guerra, o que ele estava passando a ver como a questão mais fundamental de todas. (“Estou ficando cada vez mais convencido de que a questão da paz e da guerra é *a chave* para todo o negócio libertário”, Rothbard observou em particular em 1956.⁵)

O liberalismo *mainstream* estava, naturalmente, fora de questão, uma vez que havia a muito adotado os principais contornos do intervencionismo da Guerra Fria; foram os liberais, como vimos, que condenaram o conservador Taft por seu ceticismo em relação à intervenção estrangeira.

Neste momento de isolamento intelectual, Rothbard olhou com interesse e simpatia para o surgimento da Nova Esquerda e os instintos libertários que encontrou lá — particularmente seu interesse pela descentralização e liberdade de expressão — que ele esperava que pudessem ser nutritivos.

Rothbard passou a apreciar a obra do historiador da Nova Esquerda, William Appleman Williams, e fez amizade com vários de seus alunos (incluindo Ronald Radosh, com quem Rothbard mais tarde editou *A New History of Leviathan*, uma importante coleção de ensaios sobre o estado corporativo).

No próprio Williams, Rothbard encontrou não apenas uma análise agradável da política externa, mas também importantes indícios de oposição ao estado central nos assuntos domésticos. “Os ideais e

⁵ John Payne, “Rothbard's Time on the Left”, *Journal of Libertarian Studies* 19 (Inverno de 2005): 9.

valores radicais nucleares da comunidade, igualdade, democracia e humanidade”, Rothbard citou Williams dizendo:

simplesmente não podem ser realizados e sustentados no futuro — nem deveriam ser buscados — por meio de mais centralização e consolidação. Esses valores radicais podem ser realizados mais de perto por meio da descentralização e da criação de muitas comunidades verdadeiramente humanas.

Se alguém sente a necessidade de mergulhar em ancestrais no passado americano e lançar uma tradição que é relevante para nossa situação contemporânea, então o troféu de prêmio são os Artigos da Confederação.⁶

Embora isolados e talvez desencorajados, ainda existem algumas vozes na Esquerda hoje que trazem à mente o que Rothbard buscou cultivar na Nova Esquerda. As palavras de Kirkpatrick Sale de 2006 podem muito bem ser um pós-escrito às de William Appleman Williams sobre os Artigos da Confederação:

Estou convencido, acredite ou não, de que a secessão — por estado onde o estado é coeso (o modelo é Vermont, onde o movimento secessionista é a Segunda República de Vermont), ou por região onde isso faz mais sentido (Sul da Califórnia ou Cascadia são os modelos aqui) — é o objetivo mais frutífero para nosso futuro político.

A secessão pacífica, ordenada, popular, democrática e legal permitiria que uma ampla variedade de governos, receptivos a todos os matizes do espectro antiautoritário, fosse estabelecida dentro de um contexto político moderno.

⁶ Ibid., pág. 14.

*Uma variedade tão grande, a meu ver, que se você não gostasse do lugar que estava, sempre poderia encontrar um lugar que gostasse.*⁷

Por um tempo, o otimismo de Rothbard sobre a aliança foi correspondido. “Em um sentido forte, a Velha Direita e a Nova Esquerda são moral e politicamente coordenadas”, escreveu Carl Oglesby do *Students for a Democratic Society* (SDS) em 1967.⁸ O que deu errado — o colapso do SDS e a ruptura de Rothbard com todo o movimento — é o assunto do capítulo final deste livro.

Aqui encontramos ainda outro aspecto cativante de *A Traição da Direita Americana*: a disposição de Rothbard em reconhecer erros, ou casos em que as coisas tomaram rumos infelizes que ele não previu — raridades no gênero de memórias. “Olhando para trás sobre o experimento de aliança com a Nova Esquerda”, Rothbard lembrou,

*também ficou claro que o resultado foi, em muitos casos, desastroso para os libertários; pois, isolados e dispersos como esses jovens libertários estavam, os Clarks e os Milchmans e alguns do grupo Glaser-Kansas logo se **tornariam** de fato esquerdistas e, em particular, abandonariam a própria devoção ao individualismo, aos direitos de propriedade privada e à economia de livre que os trouxe ao libertarianismo, e depois à aliança da Nova Esquerda, em primeiro lugar.*⁹

Ele concluiu que

⁷ Kirkpatrick Sale, contribuição de mesa redonda, *The American Conservative* (28 de agosto de 2006): 28.

⁸ Carl Oglesby e Richard Shaull, *Containment and Change* (Nova York: Macmillan, 1967), pp. 166-67.

⁹ Veja as páginas 223–24 deste volume

*uma cadre sem organização e sem um programa contínuo de “educação interna” e reforço-contínuo está fadada à deserção e a derreter no curso do trabalho com aliados muito mais fortes.*¹⁰

Essa cadre foi construída há muito tempo, é claro, graças em grande parte ao próprio trabalho de Rothbard.

Na Introdução, Rothbard fala de um capítulo final do manuscrito que trouxe a narrativa até o fim da Guerra Fria e os realinhamentos intelectuais e estratégicos que aquela feliz ocasião tornou possível. Esse capítulo, infelizmente, não foi encontrado e, portanto, a história que Rothbard conta aqui deve, até certo ponto, permanecer incompleta.

Com o reaparecimento de uma Direita não intervencionista após o fim da Guerra Fria, a retórica de Rothbard na época refletia uma sensação inconfundível de volta para casa. Com as velhas linhas de batalha desaparecendo, mais oportunidades do que nunca começaram a se abrir para a cooperação inter-ideológica entre os oponentes da guerra.

Perguntas que não haviam sido feitas em alguns setores intelectuais em décadas — sobre o papel adequado dos EUA no mundo e os perigos morais e materiais da intervenção estrangeira — estavam mais uma vez sendo ouvidas, e alguns dos ataques mais devastadores à política externa dos EUA estavam chegando dos conservadores antiquados. “A Velha Direita de repente está de volta!” um Rothbard encantado declarou em 1992.

Os frutos dessa colaboração acabaram sendo decepcionantes, embora Rothbard tenha forjado algumas amizades valiosas e queridas com muitas pessoas que continuam a admirar e aprender com ele até hoje. Hoje, alianças formais desse tipo, embora ainda estrategicamente úteis, parecem muito menos importantes do que eram há 15 anos.

Quando há apenas um punhado de publicações e plataformas simpáticas às ideias libertárias, há um desejo natural de querer forjar uma aliança expressa entre os libertários e esses meios de comunicação.

Mas na era da Internet, quando o número de veículos em que se pode publicar (e atingir um grande número de pessoas) é tão alto, e em

¹⁰ Ibid., pág. 224.

que cada pessoa pode ter seu próprio site e blog, os libertários podem ter vozes muito altas sem erigir qualquer aliança formal com algum outro grupo.

De certa forma, pode ser fortuito que *A Traição da Direita Americana* esteja aparecendo apenas agora, e não há 20 anos. A loucura da guerra do Iraque e a campanha de propaganda que a lançou estão fazendo até mesmo as pessoas até então estabelecidas em seus pontos de vista pararem e pensarem.

Ouvindo a propaganda do governo Bush, eles não podem deixar de se perguntar se era assim que eles soavam durante a Guerra Fria. E mesmo que eles não compartilhem a análise de Rothbard sobre a Guerra Fria, muitas pessoas hoje, antecipando com pavor as intermináveis guerras dos EUA que o futuro parece pressagiar, podem estar dispostas a considerar pelo menos um argumento importante contra o intervencionismo da Guerra Fria: ele alimentou um complexo militar-industrial, nascido na Segunda Guerra Mundial, que é evidentemente incapaz de ser desmantelado.

A máxima de Milton Friedman de que não há nada tão permanente quanto um programa de governo “temporário” não encontrou justificativa mais contundente do que no setor de “defesa” americano, que sempre parece encontrar uma justificativa para maiores gastos e mais intervenção.

Em suma, mais pessoas do que nunca estão céticas em relação à versão oficial do governo sobre praticamente qualquer coisa e estão abertas a revisitar velhas questões. Como sempre, Rothbard está preparado para fazer essas perguntas e seguir as respostas onde quer que elas o levem.

Thomas E. Woods, Jr.
Auburn, Alabama
Maio de 2007

PREFÁCIO PARA A REVISÃO DE 1991

O manuscrito da maior parte deste livro, *A Traição da Direita Americana*, foi escrito em 1971 e revisado em 1973. Pouco deste manuscrito original foi alterado aqui. Em um sentido profundo, é mais atual hoje do que quando foi escrito pela primeira vez.

O livro era um grito no deserto contra o que eu via como a traição do que aqui chamo de “Velha Direita”. Ou, para dissipar a confusão sobre vários “antigos” e “novos”, chamaremos de Direita Original. A Velha Direita surgiu durante a década de 1930 como uma reação contra o Grande Salto Adiante (ou Para Traz) no coletivismo que caracterizou o New Deal.

Essa Velha Direita continuou e floresceu ao longo da década de 1940 e até meados da década de 1950. A Velha Direita opunha-se firmemente ao Grande Governo e ao New Deal em casa e no exterior: isto é, a ambas as facetas do estado de bem-estar e guerra. Ela combateu a intervenção dos EUA nas relações exteriores e nas guerras externas com o mesmo fervor que se opôs à intervenção interna.

Atualmente, muitos conservadores perceberam que o velho espírito antigovernamental dos conservadores foi desgastado e de alguma forma transformado em seu oposto estatista.

É tentador e, até certo ponto, certamente correto, colocar a culpa no abraço da Direita, na década de 1970, aos liberais da Guerra Fria de Truman-Humphrey que se autodenominam “neoconservadores”, e ao permitir que esses ex-trotskistas e ex-mencheviques não só entrassem na tenda, mas que também assumissem o show.

Mas a tese do livro é que aqueles que se perguntam o que aconteceu com a boa e velha causa não devem parar nos neocons: que a podridão começou muito antes, com a fundação em 1955 da *National Review* e sua rápida ascensão ao domínio do movimento conservador.

Foi a *National Review* que, consciente e habilmente, transformou o conteúdo da Velha Direita em algo muito parecido com o seu oposto, preservando as velhas formas e rituais, como a defesa da boca para fora ao livre mercado e à Constituição dos Estados Unidos.

Foi, como disse o grande Gareth Garrett sobre o New Deal na política americana, uma “revolução quanto a forma”. Como este livro

aponta, a Direita passou a ser vulnerável a uma tomada de controle nesse momento, seus antigos líderes recentemente mortos ou aposentados.

Embora os conservadores mais jovens, ou yuppies, possam se confundir com essa afirmação, os bons velhos tempos da Velha Direita na política não foram a campanha de Goldwater, mas a campanha de Robert A. Taft.

Este livro discute a Velha Direita, detalha a tomada da *National Review* e trata a odisseia de minha pessoa e de outros libertários para fora de nossa posição anteriormente honrada como a ala “extrema” da Velha Direita, rompendo com o conservadorismo da *National Review* e ansiosos para encontrar um lar para ideias e atividades libertárias.

O livro foi escrito após o fim de nossa aliança com a Nova Esquerda, que havia começado de forma promissora no início e meados da década de 1960, mas terminou na louca, embora efêmera, orgia de violência e destruição do final da década.

O manuscrito termina com o início do surgimento do movimento libertário como uma entidade ideológica e até política separada e autoconsciente nos Estados Unidos, visando o objetivo de ser uma Terceira Força ou uma Força separada na América, extraindo dos elementos congeniais tanto da Esquerda quanto da Direita.

A seção final, o capítulo 14, escrito no tempo presente, preenche a história do movimento libertário e da direita nas últimas duas décadas, e explica como circunstâncias novíssimas, notadamente a morte espantosa da Guerra Fria, combinadas com a colapso do movimento conservador e mudanças entre os libertários, apresentam novos desafios e alianças frutíferas para os libertários.¹

A inspiração para este manuscrito veio de Bob Kephart, então publicador da *Libertarian Review*, que planejava publicar livros sob o selo da *Libertarian Review Press*. Essa editora publicou uma coleção de meus ensaios por volta daquela época.² A *Ramparts Press* colocou

¹ Tal capítulo não foi encontrado nos papéis de Rothbard. —Ed.

² Murray N. Rothbard, *Egalitarianism as a Revolt Against Nature and Other Essays* (Washington, DC: Libertarian Review Press, 1974).

uma sinopse para a publicação deste livro em seu catálogo de 1971, mas eles queriam mudanças extensivas que eu me recusei a fazer.³

Eu havia tentado, desde o início dos anos 1960, publicar minha história sobre a traição da Velha Direita, mas não havia periódicos abertos para essa mensagem. Particularmente exasperado com a campanha de Goldwater de 1964, a primeira campanha dominada pela Direita da *National Review*, só pude colocar no ar minhas opiniões, muito brevemente, no único periódico libertário existente, o boletim de Los Angeles, *The Innovator*; procurando por um canal para uma peça mais longa, só consegui encontrar o obscuro trimestral católico *Continuum* sobre a paz.⁴

Depois disso, minhas opiniões políticas foram amplamente divulgadas em meus próprios periódicos: *Left and Right*, 1965-1968, editado por Leonard Liggio e por mim, um veículo de aliança com a Nova Esquerda; o semanal e depois mensal *Libertarian Forum*, 1969-1984, uma expressão de um movimento libertário autoconsciente; e, para artigos mais acadêmicos, o *Journal of Libertarian Studies*, fundado em 1977 como um braço editorial do Center for Libertarian Studies e ainda em andamento. Parte da análise no presente manuscrito apareceu como meu “The Foreign Policy of the Old Right”.⁵

Mais ou menos na mesma época em que a *Traição* foi escrito, também apareceu um ensaio de mestrado em linhas semelhantes do

³ Eu havia publicado minha visão da Velha Direita e sua queda em *Ramparts*, então o principal periódico da Nova Esquerda. Murray N. Rothbard, “Confessions of a Right-Wing Liberal”, *Ramparts* 6, no. 11 (15 de Junho de 1968): 48-52.

⁴ Murray N. Rothbard, “The Transformation of the American Right”, *Continuum* 2 (Verão de 1964): 22-31.

⁵ *Journal of Libertarian Studies* 2 (Inverno de 1978): 85-96. A versão original deste artigo foi um artigo apresentado em uma sessão sobre a Direita na reunião anual de 1972 da Organização de Historiadores Americanos, uma sessão organizada pelo brilhante historiador marxista Eugene D. Genovese.

jovem historiador libertário Joseph R. Stromberg.⁶ Do trabalho acadêmico feito desde então, um dos mais valiosos sobre a Velha Direita é o estudo de Frank Chodorov por Charles Hamilton.⁷

Também particularmente valioso é o estudo de Justus Doenecke sobre a resposta dos isolacionistas da Segunda Guerra Mundial ao surgimento da Guerra Fria, até 1954, e a autobiografia de Felix Morley, particularmente os dois últimos capítulos sobre sua experiência com a *Human Events*.^{8,9}

Desde a década de 1970, *A Traição da Direita Americana* permaneceu adormecido, embora cópias, algumas pouco legíveis, tenham circulado em *samizdat* entre jovens acadêmicos libertários.

Finalmente, o dramático colapso do comunismo e da Guerra Fria em 1989, e o subsequente repensar da relação entre conservadores e libertários, recentemente despertou o interesse pelo *Traição*. *Study into the Old Right* de Tom Fleming, editor do *Chronicles*, levou-me a

⁶ Joseph R. Stromberg, “The Cold War and the Transformation of the American Right: The Decline of Right-Wing Liberalism” (Ensaio de Mestrado, Florida Atlantic University, 1971).

⁷ Charles H. Hamilton, “Introduction”, em *Fugitive Writings: Selected Writings of Frank Chodorov*, Hamilton, ed. (Indianapolis, Ind.: Liberty Press, 1980), pp. 11–30.

⁸ Justus D. Doenecke, *Not to the Swift: The Old Isolationists in the Cold War Era* (Lewisburg, Penn.: Bucknell University Press, 1979). Veja também Ronald Radosh, *Prophets on the Right: Profiles of Conservative Critics of American Globalism* (Nova York: Simon and Schuster, 1975).

⁹ Um estudo especialmente valioso feito antes da escrita do *Traição* é uma dissertação de doutorado sobre o movimento libertário dos anos 1950 de Eckard Vance Toy Jr., embora seja quase exclusivamente baseada nos artigos e correspondência felizmente extensos do industrial de Seattle, James W. Clise.

Toy é particularmente bom sobre a Foundation for Economic Education (FEE) e na Mobilização Espiritual, embora negligencie o William Volker Fund e não se preocupe com a política externa. Eckard Vance Toy, Jr., “Ideology and Conflict in American Ultra-Conservatism, 1945-1960” (diss. Ph.D., Universidade de Oregon, 1965).

desenterrar o manuscrito, e a sugestão entusiástica de Justin Raimondo, editor do *Libertarian Republican*, inspirou-me a atualizar o *Traição* e levou diretamente à presente publicação.

Como sempre, sou profundamente grato a Burt Blumert e Lew Rockwell por seu entusiasmo e ajuda ao longo dos anos e com esta publicação.

Murray N. Rothbard
Las Vegas, 1991

CAPÍTULO 01.

DUAS DIREITAS, A VELHA E A NOVA

Na primavera de 1970, um novo termo político — “os hard hats” — explodiu na consciência americana. Enquanto os trabalhadores da construção com capacetes de proteção¹ barricaram seu caminho pela área de Wall Street, espancando universitários e manifestantes pela paz, ganhando a admiração da ala direita e uma citação do presidente Nixon, uma das bandeiras que eles levantaram resumiu em uma única frase quão notavelmente a ala direita mudou nas últimas duas décadas. Pois a bandeira dizia simplesmente: “Deus Abençoe o Establishment”.

Nessa única frase, tão típica da ala direita atual, os hard-hats estavam expressando a milenar filosofia política do conservadorismo, aquela filosofia que formava o núcleo central do originalmente rotulado “conservadorismo” da Europa do início do século XIX.

De fato, é a filosofia que marcou o pensamento genuinamente conservador, independentemente do rótulo, desde os tempos antigos do despotismo oriental: uma reverência abrangente pelo “Trono e Altar”, por qualquer aparato de Estado divinamente sancionado que estivesse em existência. De uma forma ou de outra, “Deus Abençoe o Establishment” sempre foi clamor em nome do poder do Estado.

Mas quantos americanos percebem que, não muito tempo atrás, a ala direita americana era quase exatamente o oposto do que conhecemos hoje? De fato, quantos sabem que o próprio termo “Establishment”, agora usado quase exclusivamente como um termo de opróbrio pela Esquerda, foi aplicado pela primeira vez na América não por C. Wright Mills ou outros sociólogos de Esquerda, mas pelo teórico da *National Review* Frank S. Meyer, nos primórdios desse órgão central da Direita Americana?

Em meados da década de 1950, Meyer pegou um termo que antes era usado apenas — e com bastante carinho — para descrever as

¹ N. do T.: Daí, surge o termo “hard hats” usado anteriormente entre aspas.

instituições dominantes da Grã-Bretanha e aplicou o termo com a acidez adequada à cena americana.

Mais amplo e mais sutil do que “classe dominante”, mais permanente e institucionalizado do que uma “elite do poder”, “o Establishment” rapidamente se tornou uma palavra familiar.

Mas o ponto irônico e crucial é que o uso do termo por Meyer e pela *National Review* naqueles dias era amargamente crítico: o espírito da ala direita, então e particularmente antes, era muito mais “Deus Dane” do que “Deus Abençoe” o Establishment.²

A diferença entre as duas alas direitas, “Velha” e “Nova”, e como uma foi transformada na outra, é o tema central deste livro.

A Velha Direita, que constituiu a ala direita americana aproximadamente de meados da década de 1930 até meados da década de 1950, foi, no mínimo, um movimento de Oposição. A hostilidade ao Establishment era sua marca registrada, sua força vital.

De fato, quando na década de 1950 o boletim mensal *RIGHT* tentou transmitir a seus leitores notícias da direita, foi naturalmente forçado a definir o movimento sobre o qual escreveria — e descobriu que só poderia definir a direita em termos negativos: em sua total oposição ao que concebeu como as tendências dominantes da vida americana.

Em suma, a Velha Direita nasceu e teve seu ser como o movimento de oposição ao New Deal, e a tudo, estrangeiro e doméstico, que o New Deal abrangia: primeiro, ao florescente estatismo do New Deal em casa, e depois, mais tarde, nos anos 30, ao impulso para a intervenção global americana no exterior.

Uma vez que a essência da Velha Direita era uma reação contra o Grande Governo descontrolado em casa e no exterior, isso significava

² Na campanha de 1964, o irreverente Direitista Noel E. Parmentel Jr., escrevia, em seu “Folk Songs for Conservatives”:

Won't you come home, Bill Buckley,

Won't you come home

From the Establishment?

que a Velha Direita era necessariamente, mesmo que nem sempre conscientemente, libertária ao invés de estatista, apologistas “radicais” ao invés de conservadores tradicionais da ordem existente.

CAPÍTULO 02.

ORIGENS DA VELHA DIREITA I: O JOVEM INDIVIDUALISMO

O individualismo, e seu corolário econômico, o *liberalismo laissez-faire*, nem sempre assumiu um tom conservador, nem sempre funcionou, como muitas vezes hoje, como um apologista do status quo. Pelo contrário, a Revolução dos tempos modernos foi originalmente, e continuou por muito tempo, individualista *laissez-faire*.

Seu propósito era libertar a pessoa individual das restrições e algemas, dos privilégios de casta incrustados e das guerras de exploração, das ordens feudais e mercantis, do *ancien régime Tory*.

Tom Paine, Thomas Jefferson, os militantes da Revolução Americana, o movimento Jacksoniano, Emerson e Thoreau, William Lloyd Garrison e os abolicionistas radicais — todos eram basicamente individualistas *laissez-fairistas* que carregaram adiante a antiga batalha pela liberdade e contra todas as formas do privilégio do Estado.

E também os revolucionários franceses — não apenas os girondinos, mas até os jacobinos muito maltratados, que foram obrigados a defender a Revolução contra os populistas cabeças coroadas da Europa.

Todos estavam mais ou menos no mesmo campo. A herança individualista, de fato, remonta aos primeiros radicais modernos do século XVII — aos Levellers na Inglaterra e a Roger Williams e Anne Hutchinson nas colônias americanas.

A sabedoria histórica convencional afirma que enquanto os movimentos radicais na América eram de fato individualistas de *laissez-faire* antes da Guerra Civil, que depois, os *laissez-fairistas* se tornaram conservadores, e o manto radical então caiu para grupos mais familiares à Esquerda moderna: os Socialistas e Populistas.

Mas isso é uma distorção da verdade. Pois foram os idosos brâmanes da Nova Inglaterra, comerciantes e industriais *laissez-fairistas* como Edward Atkinson, que financiaram a incursão de John Brown em Harpers Ferry, que foram os únicos a entrar e se opor ao

imperialismo dos EUA da Guerra Hispano-Americana com todas as suas forças.

Nenhuma oposição a essa guerra foi mais completa do que a do economista e sociólogo *laissez-fairista* William Graham Sumner ou do que a de Atkinson que, como chefe da Liga Anti-Imperialista, enviou panfletos antiguerra às tropas americanas então engajadas na conquista das Filipinas. Os panfletos de Atkinson incitavam nossas tropas a se amotinarem e, conseqüentemente, foram apreendidos pelas autoridades postais dos EUA.

Ao assumir essa posição, Atkinson, Sumner e seus colegas não estavam sendo “esportistas”; eles estavam seguindo uma tradição antiguerra e anti-imperialista tão antiga quanto o próprio liberalismo clássico.

Essa era a tradição de Price, Priestley e dos radicais britânicos do final do século XVIII que lhes rendeu repetidas prisões pela máquina de guerra britânica; e de Richard Cobden, John Bright e a Manchester School *laissez-fairista* de meados do século XIX.

Cobden, em particular, denunciou destemidamente todas as guerras e todas as manobras imperiais do regime britânico. Estamos agora tão acostumados a pensar na oposição ao imperialismo como marxista que esse tipo de movimento parece quase inconcebível para nós hoje.¹

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, no entanto, a morte da geração mais velha do *laissez-faire* jogou a liderança da oposição às guerras imperiais da América nas mãos do Partido Socialista. Mas outros homens de mentalidade mais individualista se juntaram à oposição, muitos dos quais mais tarde formariam o núcleo da Velha Direita isolacionista do final da década de 1930.

Assim, os líderes antiguerra hardcore incluíam o senador individualista Robert LaFollette de Wisconsin e liberais *laissez-fairistas* como os senadores William E. Borah (republicano) de Idaho e James A. Reed (democrata) do Missouri. Também incluía Charles A. Lindbergh, Sr., pai de *Lone Eagle*, era um congressista de Minnesota.

¹ Assim, consulte William H. Dawson, *Richard Cobden and Foreign Policy* (Londres: George Allen e Unwin, 1926).

Quase todos os intelectuais americanos correram para se alistar no fervor bélico da Primeira Guerra Mundial. Uma exceção importante foi o formidável individualista *laissez-fairista* Oswald Garrison Villard, editor do *Nation*, neto de William Lloyd Garrison e ex-membro da Liga Anti-Imperialista.

Duas outras exceções proeminentes foram amigos e associados de Villard que mais tarde serviriam como líderes do pensamento libertário na América: Francis Neilson e especialmente Albert Jay Nock.

Neilson foi o último dos liberais ingleses *laissez-fairistas*, que emigraram para os EUA; Nock serviu sob o comando de Villard durante a guerra, e foi seu editorial *Nation* denunciando as atividades pró-governo de Samuel Gompers que fez com que aquela edição da revista fosse banida pelos Correios dos Estados Unidos.

E foi Neilson quem escreveu o primeiro livro revisionista sobre as origens da Primeira Guerra Mundial, *How Diplomats Make War* (1915). O primeiro livro revisionista de um americano, de fato, foi *Myth of a Guilty Nation* (1922), de Nock, publicado na *LaFollette's Magazine*.

A guerra mundial constituiu um tremendo trauma para todos os indivíduos e grupos que se opunham ao conflito. A mobilização total, a repressão selvagem dos oponentes, a carnificina e a intervenção global dos EUA em uma escala sem precedentes — tudo isso polarizou um grande número de pessoas diversas.

O choque e o fato predominante da guerra inevitavelmente reuniram os diversos grupos antiguerra em uma solta frente unida, informal e de oposição — uma frente em um novo tipo de oposição fundamental ao sistema americano e à grande parte da sociedade americana.

A rápida transformação do brilhante jovem intelectual Randolph Bourne de um pragmatista otimista em um anarquista radicalmente pessimista foi típica, embora de forma mais intensa, dessa oposição recém-criada. Berrando, “A guerra é a saúde do Estado”, Bourne declarou:

País é um conceito de paz, de equilíbrio, de viver e deixar viver. Mas Estado é essencialmente um

conceito de poder. [...] E nós temos a infelicidade de nascer não só em um país, mas em um Estado. [...]

O Estado é o país que atua como unidade política, é o grupo que atua como repositório da força. [...] A política internacional é uma “política de poder” porque é uma relação de Estados e é isso que os Estados calamitosa e infalivelmente são, enormes agregações da força humana e industrial que podem ser lançadas uns contra os outros na guerra.

Quando um país age como um todo em relação a outro país, ou impondo leis a seus próprios habitantes, ou coagindo ou punindo indivíduos ou minorias, está agindo como um Estado. A história da América como país é bem diferente daquela da América como Estado.

Num caso, é o drama da conquista pioneira da terra, do crescimento da riqueza e das formas como foi utilizada [...] e da realização dos ideais espirituais.

[...] Mas como Estado, sua história é a de fazer parte do mundo, fazer guerra, obstruir o comércio internacional [...] punir aqueles cidadãos que a sociedade considera ofensivos e coletar dinheiro para pagar tudo isso.²

Se a oposição foi polarizada e forçada a se unir pela guerra, essa polarização não cessou com o fim da guerra. Por um lado, a guerra, e seu corolário, a repressão e o militarismo foram choques que levaram a oposição a pensar profunda e criticamente sobre o sistema americano

² Randolph Bourne, *Untimely Papers* (Nova York: BW Huebach, 1919), pp. 229-30.

per se; por outro, o sistema internacional estabelecido pela guerra foi congelado no status quo da era pós-guerra.

Pois era óbvio que o Tratado de Versalhes significava que o imperialismo britânico e francês havia dividido e humilhado a Alemanha e, em seguida, pretendia usar a Liga das Nações como um fiador mundial permanente do status quo recém-imposto.

Versalhes e a Liga significavam que a América não podia esquecer a guerra; e as fileiras da Oposição agora se juntavam a uma multidão de wilsonianos desiludidos que viam a realidade do mundo que o presidente Wilson havia feito.

A oposição da guerra e do pós-guerra se uniu em uma coalizão incluindo Socialistas e todos os tipos de progressistas e individualistas. Como eles e a coalizão eram agora claramente antimilitaristas e antipatrióticos, já que eram cada vez mais radicais em seu antiestatismo, os individualistas eram universalmente rotulados como “esquerdistas”; de fato, à medida que o Partido Socialista pessimamente se dividia e se desvanecia no pós-guerra, a Oposição recebeu um elenco cada vez mais individualista durante a década de 1920.

Parte dessa oposição também era cultural: uma revolta contra os costumes e literatura Vitorianos inflexíveis. Parte dessa revolta cultural foi incorporada nos conhecidos expatriados da “Geração Perdida” de jovens escritores americanos, escritores expressando sua intensa desilusão com o “idealismo” de guerra e a realidade que o militarismo e a guerra haviam revelado sobre a América.

Outra fase dessa revolta foi incorporada na nova liberdade social das eras do jazz e das melindrosas e no florescimento da expressão individual, entre um número crescente de homens e mulheres jovens.

CAPÍTULO 03.

ORIGENS DA VELHA DIREITA II: O ANARQUISMO TORY DE MENCKEN E NOCK

Liderando a luta cultural na América estava HL Mencken, sem dúvida o intelectual individualmente mais influente da década de 1920; um notável individualista e libertário, Mencken partiu para a batalha com entusiasmo e sagacidade característicos, denunciando a cultura enfadonha e a “Babbitteria”¹ dos empresários e pedindo por liberdade irrestrita do indivíduo.

Para Mencken, também, foi o trauma da Primeira Guerra Mundial, e seus males internos e externos, que mobilizou e intensificou sua preocupação com a política — uma preocupação agravada pelo despotismo da Lei Seca, certamente o maior ato de tirania já imposto na América.

Hoje em dia, quando a Lei Seca é considerada um movimento de “ala direita”, esquece-se que todos os movimentos de reforma do século XIX — todos os grupos moralistas tentando trazer a “elevação” para a América por força da lei — incluíam a Lei Seca como um de seus acalentados programas. Para Mencken, a batalha contra a Lei Seca era meramente uma luta contra a mais conspícua das “reformas” tirânicas e estatistas que estavam sendo propostas contra o público americano.

E assim, o altamente influente jornal mensal de Mencken, *The American Mercury*, fundado em 1924, abriu suas páginas para escritores de todas as partes da Oposição — especialmente para ataques à cultura e costumes americanos, para ataques à censura e para defesa das liberdades civis e para o revisionismo na guerra.

¹ N. do T.: Referência ao romance “Babbit”, um romance satírico sobre a cultura e sociedade Americana, que critica a vacuidade e a conformidade da vida da classe média. Babbit seria um homem de negócios convencional e ignorante, um típico sujeito de alta classe, caracterizada por sucesso nos negócios junto de um conformismo e da falta de qualquer interesse cultural. Babbitteria seria um comportamento ou atitude típico de Babbit.

Assim, o *Mercury* apresentou dois revisionistas proeminentes da Primeira Guerra Mundial: Harry Elmer Barnes e o aluno de Barnes, C. Hartley Grattan, cuja deleitosa série na revista, “When Historians Cut Loose”, demoliu com acidez a propaganda de guerra dos principais historiadores da América.

O desprezo cultural de Mencken pela “ignorância coletiva”² americana foi incorporado em sua famosa coluna “Americana”, que simplesmente reimprimiu notícias sobre as idiotices da vida americana sem comentários editoriais.

O enorme escopo dos interesses de Mencken, juntamente com sua sagacidade e estilo cintilantes (Mencken foi rotulado por Joseph Wood Krutch como “o maior estilista de prosa do século XX”), serviram para obscurecer para sua geração de jovens seguidores e admiradores a notável consistência de seu pensamento.

Quando, décadas depois de sua antiga proeminência, Mencken reuniu o melhor de seus antigos escritos em *A Mencken Chrestomathy* (1948), o livro foi resenhado no *New Leader* pelo eminente crítico literário Samuel Putnam.

Putnam reagiu com considerável surpresa; lembrando-se de Mencken de sua juventude como meramente um cínico tagarela, Putnam descobriu, para seu espanto e admiração, que HLM sempre fora um “anarquista Tory” — um resumo adequado para o líder intelectual da década de 1920.

Mas HL Mencken não foi o único editor que liderou o novo surto de oposição individualista durante a década de 1920. De uma posição semelhante, embora mais moderada, o amigo da *Nation* de Mencken da *Nation*, Oswald Garrison Villard, continuou a servir como uma voz notável para a paz, o revisionismo sobre a Primeira Guerra Mundial e a oposição ao status quo imperialista imposto em Versalhes.

Villard, no final da guerra, reconheceu que a guerra o havia empurrado muito para a esquerda, não no sentido de adotar o

² N. do T.: Do inglês, “booboisie”, um termo cunhado por Mencken que caracteriza um segmento do público geral, considerado coletivamente, composto de pessoas sem educação e sem cultura, ignorante ou inepto e que faz coisas idiotas.

socialismo, mas de ser totalmente “contra a ordem política presente”. Denunciado pelos conservadores como pacifista, pró-alemão e “bolchevista”, Villard se viu forçado a uma aliança política e jornalística com socialistas e progressistas que compartilhavam sua hostilidade à ordem americana e mundial existente.³

De uma perspectiva ainda mais radical e individualista, o amigo de Mencken e companheiro “anarquista Tory” Albert Jay Nock cofundou e coeditou, junto de Francis Neilson, o novo semanário *Freeman* de 1920 a 1924. O *Freeman*, também, abriu suas páginas a todos opositoristas, de esquerda, da ordem política.

Com o individualista e *laissez-fairista* Nock como editor principal, o *Freeman* era um centro de pensamento e expressão radicais entre os intelectuais opositoristas. Rejeitando as boas-vindas *da Nation* ao novo *Freeman* como um semanário liberal, Nock declarou que não era um liberal, mas um radical. Escreveu Nock amargamente

“Não podemos deixar de lembrar que esta foi a guerra de um liberal, a paz de um liberal, e que o estado presente das coisas é a consumação de um experimento bastante longo, bastante extenso e extremamente custoso com o liberalismo no poder político.”⁴

Para Nock, o radicalismo significava que o Estado deveria ser considerado uma instituição antissocial e não o instrumento tipicamente liberal de reforma social. E Nock, como Mencken, alegremente abriu as páginas de seu periódico para todo tipo de opinião radical e anti-Establishment, incluindo Van Wyck Brooks, Bertrand Russell, Louis

³ Villard para Hutchins Hapgood, 19 de Maio de 1919. Michael Wreszin, *Oswald Garrison Villard* (Bloomington: Indiana University Press, 1965), pp. 75 e 125-30.

⁴ Albert Jay Nock, “Our Duty Towards Europe”, *The Freeman* 7 (8 de Agosto de 1923): 508; citado em Robert M. Crunden, *The Mind and Art of Albert Jay Nock* (Chicago: Henry Regnery, 1964), p. 77.

Untermeyer, Lewis Mumford, John Dos Passos, William C. Bullitt e Charles A. Beard.

Em particular, enquanto individualista e libertário, Nock saudou a revolução soviética como uma derrubada bem-sucedida de um aparato de Estado congelado e reacionário. Acima de tudo, Nock, ao se opor ao acordo do pós-guerra, denunciou a intervenção americana e aliada na Guerra Civil [Russa].

Nock e Neilson viram claramente que a intervenção americana estava preparando o terreno para uma imposição contínua e permanente do poder americano em todo o mundo. Após o fechamento do *Freeman* em 1924, Nock continuou a ser proeminente como um ensaísta distinto nas principais revistas, incluindo seu famoso “Anarchist’s Progress”.⁵

A maior parte dessa coalizão de radicais individualistas estava totalmente desiludida com o processo político, mas, na medida em que distinguia entre os partidos existentes, o Partido Republicano era claramente o maior inimigo.

Eternos campeões hamiltonianos do Grande Governo e da “parceria” íntima do governo com as Grandes Negócios por meio de tarifas, subsídios e contratos, agitadores de longa data do grande bastão Imperial, os republicanos haviam coroados seus pecados antilibertários sendo o partido mais dedicado à tirania da Lei Seca, um mal que enfureceu particularmente HL Mencken.

Grande parte da oposição (*e.g.*, Mencken, Villard) apoiou o curto movimento progressivo LaFollette de 1924, e o senador progressista William E. Borah (R-Idaho) foi um herói de oposição ao liderar a luta contra a guerra e a Liga das Nações, e ao defender o reconhecimento da Rússia Soviética.

Mas a casa política mais próxima era a ala conservadora Bourbon, não-Wilsoniana ou de “Cleveland” do Partido Democrata, uma ala que pelo menos tendia a se “molhar”, opunha-se à guerra e à intervenção estrangeira, e favorecia o livre comércio e o governo estritamente mínimo.

⁵ Albert Jay Nock, *On Doing the Right Thing, and Other Essays* (Nova York: Harper and Row, 1928).

Mencken, o mais politicamente inclinado do grupo, sentia-se mais próximo na política do governador Albert Ritchie, o democrata de direitos estaduais de Maryland, e do senador James Reed, democrata do Missouri, um homem firmemente “isolacionista” e anti-intervenção nas relações exteriores e pró-*laissez-faire* em casa.

Foi essa ala conservadora do Partido Democrata, liderada por Charles Michelson, Jouett Shouse e John J. Raskob, que lançou um ataque determinado a Herbert Hoover no final da década de 1920 por sua adesão à Lei Seca e ao Grande Governo em geral. Foi essa ala que mais tarde daria origem à tão difamada Liga da Liberdade.

Para Mencken e para Nock, na verdade, Herbert Hoover — o wilsoniano e intervencionista pró-guerra, o Czar Alimentar da guerra, o campeão do Grande Governo, das altas tarifas e dos cartéis de negócios, o apologista e moralista pio da Lei Seca — encarnava tudo o que eles abominavam na vida política americana.

Eles eram claramente líderes da oposição individualista ao estatismo conservador de Hoover. Como foram, em seus estilos muito diferentes, os líderes do pensamento libertário na América durante a década de 1920, Mencken e Nock merecem um exame mais minucioso.

A essência do “anarquismo Tory” notavelmente consistente de Mencken foi incorporada na discussão sobre o governo que ele mais tarde selecionaria para seu *Chrestomathy*:

Todo governo, em sua essência, é uma conspiração contra o homem superior: seu único objetivo permanente é oprimi-lo e aleijá-lo. Se for aristocrática na organização, então procura proteger o homem que é superior apenas na lei contra o homem que é superior de fato; se for democrático, então procura proteger o homem que é inferior em todos os sentidos contra ambos.

Uma de suas funções primárias é arregimentar os homens pela força, torná-los o mais parecidos possível [...] buscar e combater a originalidade entre eles. Tudo o que pode ver em uma ideia original é

uma mudança potencial e, portanto, uma invasão de suas prerrogativas.

O homem mais perigoso, para qualquer governo, é aquele que é capaz de pensar as coisas por si mesmo, sem levar em conta as superstições e tabus predominantes.

Quase inevitavelmente ele chega à conclusão de que o governo sob o qual vive é desonesto, insano e intolerável e, portanto, se é romântico, tenta mudá-lo. E mesmo que ele não seja romântico pessoalmente [como Mencken claramente não era], ele é muito capaz de espalhar descontentamento entre aqueles que são. [...]

O governo ideal de todos os homens reflexivos, de Aristóteles em diante, é aquele que deixa o indivíduo em paz — um que mal escapa de ser inteiramente um não governo. Este ideal, acredito, será realizado no mundo vinte ou trinta séculos depois de eu ter [...] assumido meus deveres públicos no Inferno.⁶

Novamente, Mencken sobre o Estado como exploração inerente:

O homem médio, quaisquer que sejam seus erros, pelo menos vê claramente que o governo é algo que está fora dele e fora da generalidade de seus semelhantes — que é um poder separado, independente e muitas vezes hostil, apenas

⁶ Do *Smart Set*, Dezembro de 1919. HL Mencken, *A Mencken Chrestomathy* (Nova York: Knopf, 1949), pp. 145-46. Ver também Murray N. Rothbard, “HL Mencken: The Joyous Libertarian”, *New Individualist Review* 2, no. 2 (Verão de 1962): 15-27.

parcialmente sob seu controle e capaz de fazer lhe grande dano.

[...] É um fato sem importância que roubar o governo seja considerado em todos os lugares como um crime de menor magnitude do que roubar um indivíduo, ou mesmo uma corporação? [...]

O que reside por trás de tudo isso, acredito, é um profundo senso do antagonismo fundamental entre o governo e o povo que ele governa. Ele é apreendido, não como um comitê de cidadãos escolhido para conduzir os negócios comuns de toda a população, mas como uma corporação separada e autônoma, dedicada principalmente a explorar a população em benefício de seus próprios membros. Roubá-lo é, portanto, um ato quase desprovido de infâmia.

[...] Quando um cidadão privado é roubado, um homem digno é privado dos frutos de sua indústria e parcimônia; quando o governo é roubado, o pior que acontece é que certos vigaristas e vagabundos têm menos dinheiro para brincar do que tinham antes.

A noção de que eles ganharam esse dinheiro nem surge; para a maioria dos homens sensatos, pareceria ridículo. Eles são simplesmente patifes que, por acidentes da lei, têm um direito um tanto duvidoso de uma participação nos ganhos de seus semelhantes. Quando essa participação é diminuída pela iniciativa privada, o negócio é, em geral, muito mais louvável do que não.

O homem inteligente, quando paga impostos, certamente não acredita que está fazendo um investimento prudente e produtivo de seu dinheiro;

pelo contrário, sente que está sendo enganado em uma quantia excessiva por serviços que, em geral, são-lhe francamente hostis.

[...] Ele vê mesmo no mais essencial deles uma agência para tornar mais fácil para os exploradores que constituem o governo roubá-lo. Nesses exploradores ele não tem qualquer confiança. Ele os vê como puramente predatórios e inúteis.

[...] Eles constituem um poder que está sobre ele constantemente, sempre alerta para novas oportunidades de espremê-lo. Se eles pudessem fazê-lo com segurança, eles o desnudariam até seu couro.

Se eles deixam alguma coisa para ele, é simplesmente prudentemente, como um fazendeiro deixa para uma galinha alguns de seus ovos. Essa gangue é quase imune à punição.

[...] Desde os primeiros dias da República, menos de uma dúzia de seus membros foram cassados, e apenas alguns realces obscuros foram colocados na prisão.

O número de homens sentados em Atlanta e Leavenworth por se revoltarem contra as extorsões do governo é sempre dez vezes maior do que o número de funcionários do governo condenados por oprimir os pagadores de impostos para seu próprio benefício.

O governo, hoje, tornou-se forte demais para ser seguro. Não há mais cidadãos no mundo; existem apenas súditos. Eles trabalham dia após dia para seus senhores; eles são obrigados a morrer por seus mestres ao chamado.

*[...] Em algum amanhã brilhante, daqui a uma ou duas épocas geológicas, eles chegarão ao fim de sua resistência.*⁷

Em cartas a seus amigos, Mencken reiterou sua ênfase na liberdade individual. Certa vez, ele escreveu que acreditava na liberdade humana absoluta “até o limite do insuportável e mesmo além”. Para seu velho amigo Hamilton Owens, ele declarou:

*Eu acredito em apenas uma coisa e essa coisa é a liberdade humana. Se alguma vez um homem deve alcançar algo como dignidade, isso só pode acontecer se homens superiores tiverem liberdade absoluta para pensar o que quiserem pensar e dizer o que quiserem dizer [...] [e] o homem superior pode ter certeza da liberdade somente se for dada a todos os homens.*⁸

E em um “Addendum on Aims” escrito em particular, Mencken declarou que

*Eu sou um libertário extremo e acredito na liberdade de expressão absoluta. [...] Sou contra prender homens por suas opiniões, ou, nessa questão, por qualquer outra coisa.*⁹

Parte da antipatia de Mencken pela reforma derivava de sua crença reiterada de que “todo governo é mau e que tentar melhorá-lo é em grande parte uma perda de tempo”. Mencken enfatizou esse tema na

⁷ Do *American Mercury*, fevereiro de 1925. Mencken, *Chrestomathy*, pp. 146–48.

⁸ Guy Fergue, ed., *Letters of HL Mencken* (Nova York: Knopf, 1961), pp. xiii, 189.

⁹ *Ibid.*

nobre e comovente peroração ao seu Credo, escrito para uma série de “What I Believe” em uma importante revista:

Eu acredito que todo governo é mau, pois todo governo deve necessariamente fazer guerra à liberdade, e que a forma democrática é tão ruim quanto qualquer uma das outras formas. [...]

Eu acredito na completa liberdade de pensamento e expressão — tanto para o homem mais humilde quanto para o mais poderoso, e na máxima liberdade de conduta que é consistente com a vida em sociedade organizada.

Eu acredito na capacidade do homem de conquistar seu mundo e descobrir do que ele é feito e como funciona.

Eu acredito na realidade do progresso. Eu —

Mas a coisa toda, afinal, pode ser colocada de forma muito simples. Eu acredito que é melhor dizer a verdade do que mentir. Eu acredito que é melhor ser livre do que ser escravo. E eu acredito que é melhor saber do que ser ignorante.¹⁰

Na medida em que se interessava por questões econômicas, Mencken, como corolário de suas visões libertárias, acreditava firmemente no capitalismo. Ele elogiou o hino de Sir Ernest Benn a uma economia de livre mercado e declarou que ao capitalismo “devemos [...] quase tudo o que passa sob o nome geral de civilização hoje”.

¹⁰ HL Mencken, “What I Believe”, *The Forum* 84 (setembro de 1930): 139.

Ele concordou com Benn que “nada que o governo faz é feito de forma tão barata e eficiente quanto a mesma coisa sendo feita pela iniciativa privada”.¹¹

Mas, de acordo com seu individualismo e libertarianismo, a devoção de Mencken ao capitalismo era ao livre mercado, e não ao estatismo monopolista que ele via governando a América na década de 1920.

Portanto, ele estava tão disposto quanto qualquer socialista a apontar o dedo para a responsabilidade dos Grandes Negócios pelo crescimento do estatismo. Assim, ao analisar a eleição presidencial de 1924, Mencken escreveu:

Os Grandes Negócios, ao que parece, estão a favor dele [Coolidge]. [...] O fato deve ser suficiente para fazer com que o judicioso o encare com certa desconfiança. Pois o Grande Negócio, na América [...] está francamente em andamento, dia após dia.

*[...] O Grande Negócio era a favor da Lei Seca, acreditando que um trabalhador sóbrio seria um escravo melhor do que um com algumas bebidas. Foi a favor de todos os roubos e extorsões grosseiros que aconteceram durante a guerra e lucrou com todos eles. Foi a favor de todo o estrangulamento grosseiro da liberdade de expressão que foi então empreendido em nome do patriotismo, e ainda é a favor.*¹²

¹¹ HL Mencken, “Babbitt as Philosopher” (review de Henry Ford, *Today and Tomorrow*, e Ernest JP Benn, *The Confessions of a Capitalist*), *The American Mercury* 9 (September 1926): 126–27. Veja também Mencken, “Capitalism”, *Baltimore Evening Sun*, 14 de janeiro de 1935, reimpresso em *Chrestomathy*, p. 294.

¹² HL Mencken, “Breathing Space”, *Baltimore Evening Sun*, 4 de Agosto de 1924; reimpresso em HL Mencken, *A Carnival of Buncombe* (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1956), pp. 83-84.

Quanto a John W. Davis, o candidato democrata, Mencken observou que se dizia que ele era um bom advogado — o que não era, para Mencken, uma recomendação favorável, uma vez que os advogados

são responsáveis por nove décimos das leis inúteis e viciosas que agora entulham os livros de estatutos, e por todos os males que acompanham a vã tentativa de aplicá-las. Todo juiz federal é advogado. Assim como a maioria dos congressistas.

Toda invasão dos direitos simples do cidadão tem um advogado por trás. Se todos os advogados fossem enforcados amanhã [...] estaríamos todos mais livres e seguros, e nossos impostos seriam reduzidos quase pela metade.

E o que é mais,

Dr. Davis é um advogado cuja vida foi dedicada a proteger os grandes empreendimentos dos Grandes Negócios. Ele costumava trabalhar para J. Pierpont Morgan, e ele mesmo disse que está orgulhoso do fato.

O Sr. Morgan é um banqueiro internacional, engajado em espremer nações que estão em dificuldades e em apuros. Suas operações são salvaguardadas para ele pelo efetivo dos Estados Unidos.

Ele foi um dos principais beneficiários da guerra tardia e ganhou milhões com isso. Os hospitais do Governo estão agora cheios de soldados de uma perna só que protegeram galantemente seus investimentos na época, e as escolas públicas estão

*cheias de meninos que protegerão seus investimentos amanhã.*¹³

De fato, a seguinte breve análise do acordo do pós-guerra combina a avaliação de Mencken sobre a influência determinante do Grande Negócio com a amargura de todos os individualistas na guerra e suas consequências:

Quando ele estava no Senado, o Dr. Harding era conhecido como um senador da Standard Oil — e a Standard Oil, como todos sabem, era fortemente contra nossa entrada na Liga das Nações, principalmente porque a Inglaterra comandaria a liga e estaria em posição de manter Americanos fora dos novos campos de petróleo no Oriente Próximo.

Os Morgans e seus aliados penhoristas, é claro, eram igualmente fortes a entrar, já que colocar o Tio Sam sob o casco inglês protegeria materialmente seus investimentos ingleses e outros estrangeiros.

*Assim, a questão se juntou, e na terça-feira seguinte à primeira segunda-feira de novembro de 1920, os Morgans, após seis anos de soberba **Geschäft** sob o anglomaniaco Woodrow, levaram uma surra.*¹⁴

Mas como resultado, continuou Mencken, os Morgans decidiram chegar a um acordo com o inimigo e, portanto, na Conferência de Lausanne de 1922-23, “os ingleses concordaram em deixar a Standard Oil se aglomerar nos campos de petróleo do Levante”, e JP Morgan visitou Harding na Casa Branca, após o que “Dr. Harding começou a

¹³ *Ibid.*

¹⁴ HL Mencken, “Next Year’s Struggle”, *Baltimore Evening Sun*, 11 de junho de 1923; reimpresso em Mencken, *A Carnival of Buncombe*, pp. 56–57.

ouvir uma voz da sarça ardente aconselhando-o a desconsiderar o preconceito dos eleitores que o elegeram e a levar os EUA a uma Grande Corte Internacional de Justiça”.¹⁵

Embora pouco conhecido em relação a Mencken, Albert Nock, mais do que qualquer outra pessoa, forneceu ao libertarianismo do século XX uma teoria positiva e sistemática. Em uma série de ensaios no *Freeman* de 1923 sobre “O Estado”, Nock baseou-se em Herbert Spencer e no grande sociólogo alemão e seguidor de Henry George, Franz Oppenheimer, cujo brilhante pequeno clássico, *The State*,¹⁶ acabara de ser reimpresso.

Oppenheimer havia apontado que o homem tenta adquirir riqueza da maneira mais fácil possível e que havia dois caminhos mutuamente exclusivos para obter riqueza. Um era o caminho pacífico de produzir algo e trocar voluntariamente esse produto pelo produto de outra pessoa; esse caminho de produção e troca voluntária Oppenheimer chamou de “meios econômicos”. O outro caminho para a riqueza era a expropriação coercitiva: a tomada do produto de outro pelo uso da violência. Isso Oppenheimer chamou de “meios políticos”. E a partir de sua investigação histórica sobre a gênese dos Estados Oppenheimer definiu o Estado como a “organização dos meios políticos”.

Portanto, concluiu Nock, o próprio Estado era mau, e sempre foi a estrada pela qual vários grupos podiam tomar o poder do Estado e usá-lo para se tornar uma classe exploradora ou dominante, às custas do restante da população governada ou sujeitada.

Nock, portanto, definiu o Estado como aquela instituição que “reivindica e exerce o monopólio do crime” sobre uma área territorial; “ele proíbe o assassinato privado, mas ele mesmo organiza assassinatos em escala colossal. Ele pune o roubo privado, mas ele mesmo coloca as mãos sem escrúpulos em qualquer coisa que queira.”¹⁷

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ Albert Jay Nock, *Our Enemy, the State* (1922; Nova York: William Morrow, 1935), pp. 162ss.

¹⁷ *Ibid.*

Em seu *magnum opus*, *Our Enemy, the State*, Nock expandiu sua teoria e a aplicou à história americana, em particular à formação da Constituição americana. Em contraste com os tradicionais adoradores conservadores da Constituição, Nock aplicou a tese de Charles A. Beard à história da América, vendo-a como uma sucessão de domínio de classe por vários grupos de empresários privilegiados, e a Constituição como um forte governo nacional trazido ao ser para criar e estender tal privilégio.

A Constituição, escreveu Nock,

capacitou uma centralização cada vez mais estreita do controle sobre os meios políticos. Por exemplo [...] muitos industriais podem ver a grande vantagem primária de poder estender suas oportunidades de exploração sobre uma área nacional de livre comércio cercada por uma tarifa geral.

[...] Qualquer especulador em títulos públicos depreciados estaria fortemente a favor de um sistema que pudesse lhe oferecer o uso dos meios políticos para trazer de volta seu valor de face.

Qualquer armador ou comerciante estrangeiro logo veria que seu pão estava amanteigado do lado de um Estado nacional que, se devidamente abordado, poderia emprestar-lhe o uso dos meios políticos por meio de um subsídio, ou poderia apoiar algum empreendimento de freebooting lucrativo, mas duvidoso, com “representações diplomáticas” ou com represálias.

Nock concluiu que esses interesses econômicos, em oposição à massa de agricultores da nação, “planejaram e executaram um *golpe de estado*, simplesmente jogando os Artigos da Confederação no lixo”.¹⁸

18

Ibid.

Enquanto a análise de classe de Nock-Oppenheimer se assemelha superficialmente à de Marx, e um Nockiano iria, como Lenin, olhar para toda ação do Estado em termos de “Quem? Qual?” (Quem está se beneficiando às custas de Qual?), é importante reconhecer as diferenças cruciais.

Pois embora Nock e Marx concordassem com as classes dominantes dos períodos despótico e feudal orientais em privilégio sobre os governados, eles discordariam na análise dos empresários no livre mercado.

Para Nock, classes antagônicas, os governantes e os governados, só podem ser *criadas pela* acessão ao privilégio do Estado; é o uso do instrumento do Estado que traz ao ser essas classes antagônicas.

Embora Marx concordasse nas eras pré-capitalistas, ele, é claro, também concluiu que empresários e trabalhadores estavam em antagonismo de classe entre si mesmo em uma economia de livre mercado, com empregadores explorando trabalhadores.

Para o Nockiano, empresários e trabalhadores estão em harmonia — como todos os demais — no livre mercado e na sociedade livre, e é somente por meio da intervenção do Estado que as classes antagônicas são criadas.¹⁹

¹⁹ Essa ideia de classes como sendo criadas pelos Estados era a ideia pré-marxista de classes; dois de seus primeiros teóricos foram os pensadores individualistas e libertários franceses do período pós-Restauração Napoleônica, Charles Comte e Charles Dunoyer.

Por vários anos após a Restauração, Comte e Dunoyer foram os mentores do Conde Saint-Simon, que adotou sua análise de classe; os saint-simonianos posteriores então a modificaram para incluir os empresários como exploradores de classe dos trabalhadores, e esta última foi adotada por Marx.

Estou em dívida com as pesquisas do professor Leonard Liggio sobre Comte e Dunoyer. Até onde eu sei, a única discussão deles em inglês, e tão inadequada, é Elie Halevy, *The Era of Tyrannies* (Garden City, NY: Doubleday and Co., 1965), pp. 21-60.

Assim, para Nock, as duas classes básicas a qualquer momento são as que dirigem o Estado e as que são dirigidas por ele: como disse certa vez o líder populista Sockless Jerry Simpson, “os assaltantes e os assaltados”.

Nock, portanto, cunhou os conceitos “poder do Estado” e “poder social”. “Poder social” era o poder sobre a natureza exercido por homens livres em relações econômicas e sociais voluntárias; o poder social era o progresso da civilização, seu aprendizado, sua tecnologia, sua estrutura de investimento de capital.

O “poder do Estado” era a expropriação coercitiva e parasitária do poder social em benefício dos governantes: o uso dos “meios políticos” para a riqueza. A história do homem, então, poderia ser vista como uma eterna corrida entre o poder social e o poder do Estado, com a sociedade criando e desenvolvendo novas riquezas, que mais tarde seriam apreendidas, controladas e exploradas pelo Estado.

Nock não estava mais feliz do que Mencken com o papel das grandes empresas na investida do século XX em direção ao estatismo. Já vimos sua cáustica visão de Beard em relação à adoção da Constituição. Quando o New Deal chegou, Nock só pôde bufar de desdém diante dos lamentos falsos sobre o coletivismo levantados em vários círculos empresariais:

É uma das poucas coisas divertidas em nosso mundo um tanto enfadonho que aqueles que hoje estão se comportando mais tremendamente em relação ao coletivismo e à ameaça Vermelha são os mesmos que bajularam, subornaram, lisonjearam e atormentaram o Estado a tomar cada e todos os passos sucessivos que levam direto ao coletivismo.

[...] Quem incitou o Estado a entrar no negócio de transporte marítimo, e aplaudiu a criação do

A crítica de Gabriel Kolko à teoria do Estado de Marx é feita a partir de uma perspectiva bastante semelhante. Gabriel Kolko, *The Triumph of Conservatism* (Glencoe, Ill.: The Free Press, 1963), pp. 287ss.

Conselho de Navegação? Quem incomodou o Estado para que criasse a Comissão de Comércio Interestadual e o Conselho Federal da Fazenda?

Quem fez o Estado entrar no negócio de transporte em nossas hidrovias? Quem está sempre incitando o Estado a “regulamentar” e “supervisionar” isso, aquilo e outros processos rotineiros da empresa financeira, industrial e comercial?

Quem tirou o casaco, arregaçou as mangas e suava sangue hora após hora para ajudar o Estado a construir os códigos da tão lamentada Lei de Recuperação Nacional?

Ninguém, exceto o mesmo Peter Schlemihl, que agora está meio fora de si sobre o espectro do coletivismo que se aproxima.²⁰

Ou, como Nock resumiu,

A verdade simples é que nossos empresários não querem um governo que deixe os negócios em paz. Eles querem um governo que possam usar. Ofereça-lhes um feito no modelo de Spencer, e eles veriam o país explodir antes de aceitarem.²¹

²⁰ Albert Jay Nock, “Imposter-Terms”, *Atlantic Monthly* (Fevereiro de 1936): 161–69.

²¹ Nock para Ellen Winsor, 22 de agosto de 1938. FW Garrison, ed., *Letters from Albert Jay Nock* (Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1949), p. 105.

CAPÍTULO 04.

O NEW DEAL E A EMERGÊNCIA DA VELHA DIREITA

Durante a década de 1920, então, os individualistas e libertários emergentes — os Menckens, os Nocks, os Villards e seus seguidores — eram geralmente considerados Homens da Esquerda.

Como a Esquerda em geral, eles se opuseram amargamente ao surgimento do Grande Governo na América do século XX, um governo aliado aos Grandes Negócios em uma rede de privilégios especiais, um governo ditando os hábitos pessoais de consumo dos cidadãos e reprimindo as liberdades civis, um governo que havia se alistado como um parceiro menor do imperialismo britânico para empurrar nações em todo o mundo.

Os individualistas se opunham a esse crescimento do monopólio do Estado, ao imperialismo, ao militarismo e às guerras estrangeiras, ao Tratado de Versalhes, impostos pelo Ocidente, e à Liga das Nações, e eram geralmente aliados aos socialistas e progressistas nessa oposição.

Tudo isso mudou, e mudou drasticamente, no entanto, com o advento do New Deal. Pois os individualistas viam o New Deal muito claramente como meramente a extensão lógica do Hooverismo e da Primeira Guerra Mundial: como a imposição de um governo fascista à economia e à sociedade, com uma Grandeza muito pior do que Theodore Roosevelt (“Roosevelt I” no rótulo de Mencken) ou Wilson ou Hoover jamais foram capazes de alcançar.

O New Deal, com seu florescente estado corporativo, administrado por Grandes Negócios e Grandes Sindicatos como seu parceiro júnior, aliado a intelectuais liberais corporativos e usando a retórica assistencialista, foi percebido por esses libertários como o fascismo chegando à América.

E assim seu espanto e amargura foram grandes quando descobriram que seus antigos aliados, e supostamente conhecedores, os socialistas e progressistas, em vez de se juntarem a esse *insight*,

correram para abraçar e até divinizar o New Deal, e formar sua vanguarda de apologistas intelectuais.

Esse abraço pela Esquerda foi rapidamente unânime quando o Partido Comunista e seus aliados aderiram ao desfile com o advento da Frente Popular em 1935. E a geração mais jovem de intelectuais, muitos dos quais haviam sido seguidores de Mencken e Villard, deixaram de lado seu individualismo para se juntar à “classe trabalhadora” e tomar sua parte como *Brain Trusters* e planejadores da aparentemente nova Utopia que estava tomando forma na América.

O espírito do ditado tecnocrático sobre o cidadão americano foi mais bem expresso no famoso poema de Rex Tugwell, cujas palavras deveriam ser gravadas com horror em todos os corações de “ala direita” em todo o país:

I have gathered my tools and my charts,

My plans are finished and practical.

I shall roll up my sleeves — make America over.

Apenas os poucos liberais *laissez-fairistas* viram a filiação direta entre o programa cartelista de Hoover e a cartelização fascista imposta pela NRA e AAA do New Deal, e poucos perceberam que a origem desses programas era especificamente tais planos coletivistas do Grande Negócio como o famoso Swope Plan, gerado por Gerard Swope, chefe da General Electric no final de 1931, e adotado pela maioria dos grandes grupos empresariais no ano seguinte.

Foi, de fato, quando Hoover se recusou a ir tão longe, denunciando o plano como “fascismo”, embora ele próprio tendesse nessa direção por anos, que Henry I. Harriman, chefe da Câmara de Comércio dos EUA, advertiu Hoover que os Grandes Negócios dariam seu peso a Roosevelt, que concordara em decretar o plano e, de fato, cumpriria seu acordo.

O próprio Swope, Harriman, e seu poderoso mentor, o financista Bernard M. Baruch, estavam de fato fortemente envolvidos tanto no alistamento quanto na administração da NRA e da AAA.¹

Os individualistas e liberais *laissez-fairistas* ficaram atordoados e amargurados, não apenas pela deserção em massa de seus antigos aliados, mas também pelo abuso que esses aliados agora acumulavam sobre eles como “reacionários”, “fascistas” e “neandertais”.

Por décadas, Homens de Esquerda, os individualistas, sem mudar nem um pingo de posição ou perspectiva, agora se viam amargamente atacados por seus antigos aliados como incivilizados “direitistas extremistas”.

Assim, em dezembro de 1933, Nock escreveu com raiva ao cômico Bernard Iddings Bell: “Eu vejo que agora eu sou classificado como um Tory. Você também — não é? Que tagarela e ignorante FDR deve ser! Fomos chamados de muitos nomes ruins, você e eu, mas esse leva o prêmio.”

O biógrafo de Nock acrescenta que “Nock achou estranho que um anunciado radical, anarquista, individualista, de imposto único e apóstolo de Spencer fosse chamado de conservador”.²

De ser o principal intelectual de sua época, Mencken foi rapidamente descartado por seus leitores como reacionário e *passé*, despreparado para lidar com a era da Depressão. Retirando-se do *Mercury* e, portanto, privado de um fórum nacional, Mencken só pôde ver sua criação cair nas mãos dos liberais do New Deal.

Nock, outrora o brilho das revistas mensais e das resenhas, virtualmente saiu da vista. Villard sucumbiu à atração do New Deal e, de qualquer forma, aposentou-se como editor do *Nation* em 1933, deixando esse jornal também em mãos solidamente liberais do New Deal.

¹ Ver Murray N. Rothbard, *America's Great Depression* (Princeton, NJ: D. Van Nostrand Co., 1963), pp. 245-51.

² Robert M. Crunden, *The Mind and Art of Albert Jay Nock* (Chicago: Henry Regnery, 1964), p. 172.

Restaram apenas casos isolados: assim, John T. Flynn, um jornalista econômico sensacionalista, escrevendo para a *Harper's* e a *New Republic*, criticou os Grandes Negócios e as origens monopolizadoras de medidas cruciais do New Deal como a RFC e a NRA.

Isolados e abusados, tratados pela Nova Administração {New Dispensation} como Homens da Direita, os individualistas não tiveram outra alternativa senão *tornar-se*, em efeito, direitistas e aliar-se aos conservadores, monopolistas, hooveristas etc., quem eles haviam previamente desprezado.

Foi assim que veio a ser a direita moderna, a “Velha Direita” em nossa terminologia: uma coalizão de fúria e desespero contra a enorme aceleração do Grande Governo trazida pelo New Deal. Mas o ponto intrigante é que, à medida que os grupos conservadores muito maiores e mais respeitáveis se levantaram contra o New Deal, a única retórica, as únicas ideias disponíveis para eles usarem eram precisamente as visões libertárias e individualistas que eles haviam desprezado anteriormente ou ignorado. Daí a adesão repentina, embora altamente superficial, desses republicanos e democratas conservadores às fileiras libertárias.

Assim, havia Herbert Hoover e os republicanos conservadores, aqueles que haviam feito tanto nos anos 20 e antes para pavimentar o caminho para o corporativismo do New Deal, mas que agora hesitavam fortemente em seguir todo o caminho.

O próprio Herbert Hoover de repente saltou para as fileiras libertárias com seu livro anti-New Deal de 1934, *Challenge to Liberty*, que levou o confuso e admirado Nock a exclamar: “Pense em um livro sobre tal assunto, por tal homem!” Um presciente Nock escreveu:

Qualquer um que mencione a liberdade pelos próximos dois anos será suposto a estar de alguma forma em dívida com o Partido Republicano, assim como qualquer um que a mencionou desde 1917 era

*suposto a ser um porta-voz dos destiladores e
cervejeiros.*³

Democratas conservadores como os ex-antiproibicionistas Jouett Shouse, John W. Davis e John J. Raskob, de Dupont, formaram a American Liberty League como uma organização anti-New Deal, mas isso foi apenas um pouco menos desagradável. Enquanto Nock escreveu em seu diário sobre sua desconfiança nas origens desonestas da Liga, ele já mostrou vontade de considerar uma aliança:

*A coisa pode, ocasionalmente, abrir caminho
para algo [...] um pouco mais inteligente e objetivo
do que a enfadonha enxurrada de propaganda. [...] Devo
averiguar isso [...] e se houver uma boa oportunidade,
darei uma mão.*⁴

De fato, os individualistas estavam em apuros com essa súbita ascensão de velhos inimigos como aliados. Do lado positivo, significou uma rápida aceleração da retórica libertária por parte de vários políticos influentes. E, além disso, não havia outros aliados políticos concebíveis disponíveis.

Mas, pelo lado negativo, a aceitação de ideias libertárias por Hoover, Liberty League, *et al.*, era claramente superficial e estava apenas no domínio da retórica geral; dadas suas verdadeiras preferências, nenhum deles teria aceitado o modelo spenceriano *de laissez-faire* para a América.

Isso significava que o libertarianismo, espalhado pelo país, permaneceria em um nível superficial e retórico e, além disso, mancharia todos os libertários, aos olhos dos intelectuais, com a acusação de duplicidade e súplica especial.

Em qualquer caso, porém, os individualistas não tinham para onde ir senão a uma aliança com os oponentes conservadores do New

³ Albert Jay Nock, *Journal of Forgotten Days* (Hinsdale, Ill.: Henry Regnery, 1948), p. 33.

⁴ *Ibid.*, pp. 44-45.

Deal. E assim HL Mencken, anteriormente a pessoa individualmente mais odiada da Direita da Esquerda da década de 1920, agora escrevia para a revista conservadora *Liberty* e concentrou suas energias na oposição ao New Deal e na agitação pela chapa de Landon na campanha de 1936.

E quando o jovem libertário Paul Palmer assumiu a editoria do *American Mercury* em 1936, Mencken e Nock assinaram alegremente como colunistas regulares em oposição ao regime do New Deal, com Nock praticamente como coeditor.

Recém-saído da publicação de *Our Enemy, the State*, Nock, em sua primeira coluna para o novo *Mercury*, muito astutamente apontou que o New Deal era uma continuação das duas coisas que toda a Esquerda odiava no estatismo da década de 1920: a Lei Seca e ajuda governamental às empresas.

Era como a Lei Seca porque, em ambos os casos, uma determinada minoria de homens “desejava fazer algo à América para seu próprio bem” e “ambos confiavam na força para alcançar seus objetivos”; era como a década de 1920 economicamente porque:

Coolidge fizera o possível para usar o governo para ajudar os negócios, e Roosevelt estava fazendo exatamente a mesma coisa. [...] Em outras palavras, a maioria dos americanos queria que o governo apenas os ajudasse; essa era a “tradição americana” de individualismo enrugado.⁵

Mas a tentativa foi inútil; aos olhos da maioria dos intelectuais e do público em geral, Nock, Mencken e os individualistas eram, simplesmente, “conservadores” e “direitistas extremistas”, e o rótulo pegou.

Em certo sentido, o rótulo “conservador” para Nock e Mencken era, e tinha sido, correto, como é para todos os individualistas, no sentido de que o individualista acredita nas diferenças humanas e, portanto, nas desigualdades.

⁵ Crunden, *Mind and Art*, pp. 164-165.

Essas são, com certeza, desigualdades “naturais”, que, no sentido jeffersoniano, surgiriam de uma sociedade livre como “aristocracias naturais”; e essas contrastam nitidamente com as desigualdades “artificiais” que as políticas estatais de casta e privilégio especial impõem à sociedade.

Mas o individualista precisa sempre ser anti-igualitário. Mencken sempre foi um “elitista” franco e alegre nesse sentido, e pelo menos tão fortemente contrário ao governo democrático igualitário quanto a todas as outras formas de governo.

Mas Mencken enfatizou que, como no livre mercado, “uma aristocracia precisa constantemente justificar sua existência. Em outras palavras, não deve haver conversão artificial de sua força atual em direitos perpétuos”.⁶

Nock chegou a esse elitismo gradualmente ao longo dos anos, e atingiu seu pleno florescimento no final da década de 1920. Dessa posição desenvolvida surgiu a brilhante e profética, embora completamente esquecida, *Theory of Education in the United States*, de Nock,⁷ que se originou das palestras de 1931 na Universidade da Virgínia.

Um defensor da educação clássica mais antiga, Nock repreendeu os típicos detratores conservadores das inovações educacionais progressivas de John Dewey por não entenderem o ponto principal. Esses conservadores atacaram a educação moderna por seguir as visões de Dewey ao mudar da educação clássica para uma proliferação de uma miríade de cursos profissionais e o que agora seria chamado de cursos “relevantes”, cursos de educação para motoristas, cestaria etc.

Nock apontou que o problema não estava nos cursos vocacionais *per se*, mas no compromisso cada vez mais acelerado nos Estados Unidos com o conceito de educação de *massa*. A educação clássica se limitava a uma pequena minoria, uma elite, da população jovem. E

⁶ Robert R. LaMonte e HL Mencken, *Men versus the Man* (Nova York: Henry Holt and Co., 1910), p. 73.

⁷ Nova York: Harcourt Brace, 1932.

apenas uma pequena minoria, de acordo com Nock, é realmente “educável” e, portanto, adequada para esse tipo de currículo.

Difundir a ideia de que *todos* devem ter ensino superior, no entanto, traria a grande massa de jovens ineducáveis para as escolas, e as escolas *necessariamente* teriam de se voltar para cursos de costura e motorista, para mera formação profissional, em vez de educação genuína.

Nock acreditava claramente, então, que as leis de frequência compulsória, bem como o novo grande mito de que todos devem se formar no ensino médio e na faculdade, estavam destruindo a vida da maioria dos jovens, forçando-os a empregos e ocupações para os quais não eram adequados e que eles não gostavam, e também destruindo o sistema educacional no processo.

É claro que, de uma perspectiva igualmente libertária (embora de uma perspectiva de um anarquista de “direita” em vez de “esquerda”), Nock estava antecipando uma posição muito semelhante à de Paul Goodman trinta a quarenta anos depois.

Embora revestido de retórica igualitária, a visão de Goodman condena igualmente o sistema atual, incluindo as leis de frequência compulsória, por forçar uma massa de crianças a entrar na escola quando deveriam estar trabalhando em empregos com propósito e relevantes.

Um dos aspectos mais contundentes da ideologia em desenvolvimento da Direita foi o foco nos perigos da crescente tirania do Executivo, e especialmente do Presidente, às custas do enfraquecimento do poder em todos os outros lugares da sociedade: no Congresso e no judiciário, nos estados e entre os cidadãos.

Cada vez mais o poder se concentrava no Presidente e no Poder Executivo; o Congresso estava sendo reduzido a um carimbo de decretos do Executivo, os estados a servidores da generosidade federal. As agências reguladoras substituíram seus próprios decretos arbitrários, ou “lei administrativa”, pelo processo normal e imparcial dos tribunais.

Repetidamente, a Liga da Liberdade e outros Direitistas martelaram a enorme ascensão do poder Executivo. Foi essa apreensão que levou à tempestade e à derrota do governo sobre o famoso plano de “embalar” a Suprema Corte em 1937, uma derrota arquitetada por

liberais assustados que anteriormente haviam concordado com toda a legislação do New Deal.

Gabriel Kolko, em seu brilhante *Triumph of Conservatism*, apontou o grave erro na historiografia liberal e da Velha Esquerda do suposto papel “reacionário” da Suprema Corte no final do século XIX e início do século XX ao derrubar a legislação regulatória.

A Corte sempre foi tratada como porta-voz dos interesses dos Grandes Negócios tentando obstruir medidas progressistas; na verdade, esses juízes eram crentes honestos no *laissez-faire* que tentavam bloquear medidas estatistas engendradas pelos interesses dos Grandes Negócios. O mesmo pode ser dito um dia dos “reacionários” Nove Velhos Homens que derrubaram a legislação do New Deal na década de 1930.

Um dos ataques mais brilhantes e influentes ao New Deal foi escrito em 1938 pelo conhecido escritor e editor Gareth Garrett. Garrett começou seu panfleto “A Revolução que foi” com uma nota surpreendentemente perceptiva: os conservadores, ele escreveu, estavam se mobilizando para tentar impedir que uma revolução estatista fosse imposta pelo New Deal; mas essa revolução já havia ocorrido.

Como Garrett colocou lindamente em suas frases de abertura:

Há aqueles que ainda pensam que estão segurando a passagem contra uma revolução que pode estar chegando. Mas eles estão olhando na direção errada. A revolução está atrás deles. Passou durante a Noite da Depressão, cantando canções para a liberdade.⁸

O New Deal, acusou Garrett, foi uma sistemática “revolução quanto a forma” das leis e costumes americanos. O New Deal não era, como superficialmente parecia ser, uma massa contraditória e caprichosa de erro pragmático.

⁸ Gareth Garrett, “The Revolution Was”, em *The People's Pottage* (Caldwell, Id.: Printers, 1953), p. 15.

Em uma situação revolucionária, erros e fracassos não são o que parecem. São andaimes. O erro não é revogado. É composto por uma lei mais longa, por mais decretos e regulamentos, por mais extensões da mão administrativa.

Como deLawd disse em The Green Pastures, quando você passa por um milagre você tem de passar por outro para cuidar dele, assim foi com o New Deal.

Cada milagre que passava, desse certo ou errado, tinha um resultado. O poder Executivo sobre a vida social e econômica da nação foi aumentado. Desenhe uma curva para representar a ascensão do poder executivo e procure por erros. Você não vai encontrá-los. A curva é consistente.⁹

O New Deal e os empresários estavam usando palavras em dois sentidos muito diferentes, acrescentou Garrett, quando cada um falava em preservar o “sistema americano de livre iniciativa privada”. Para os empresários, essas palavras “representam um mundo que está em perigo e pode ter que ser defendido”.

Mas para o New Deal elas “representam uma província conquistada”, e o New Deal tem a interpretação correta, pois o “poder último da iniciativa” passou do empreendimento privado para o governo.

Liderado por uma elite revolucionária de intelectuais, o New Deal centralizou o poder político e econômico no Executivo, e Garrett traçou esse processo passo a passo. Como consequência, do “poder último da iniciativa” ter passado do empreendimento privado para o governo, esse “tornou-se o grande capitalista e empreendedor. Inconscientemente, os

⁹*Ibid.*, pp. 16-17

negócios admitem o fato quando falam de uma economia mista, até mesmo a aceitam como inevitável.”¹⁰

¹⁰ *Ibid.*, pág. 72.

CAPÍTULO 05.

ISOLACIONISMO E O NEW DEAL ESTRANGEIRO

Durante a Primeira Guerra Mundial e a década de 1920, o “isolacionismo”, isto é, a oposição às guerras americanas e à intervenção estrangeira, era considerado um fenômeno de Esquerda, e mesmo os isolacionistas e revisionistas *laissez-faire* eram considerados “esquerdistas”.

A oposição ao sistema de Versalhes do pós-guerra na Europa era considerada liberal ou radical; os “conservadores”, por outro lado, eram os proponentes da guerra e da expansão americanas e do Tratado de Versalhes.

De fato, Nesta Webster, a inglesa que serviu como reitora da historiografia antisemita do século XX, fundiu a oposição ao esforço de guerra aliado com o socialismo e o comunismo como os principais males da época.

Da mesma forma, até meados da década de 1930, para a direitista Sra. Elizabeth Dilling, o pacifismo era, por si só, um mal “Vermelho”. Não apenas pacifistas de longa data como Kirby Page, Dorothy Detzer e Norman Thomas foram considerados “Vermelhos”; mas a Sra. Dilling também castigou o general Smedley D. Butler, ex-chefe do Corpo de Fuzileiros Navais e considerado um “fascista” pela Esquerda, por ousar acusar as intervenções do Corpo de Fuzileiros Navais na América Latina como uma “raquete de Wall Street”.

Não apenas o Comitê Nye de meados dos anos 30 deveria investigar os fabricantes de munições e a política externa dos EUA na Primeira Guerra Mundial, mas também antigos progressistas como os senadores Burton K. Wheeler e especialmente o *laissez-fairista* William E. Borah foram condenados como partes cruciais da difundida “Red Network” comunista.¹

E, no entanto, em poucos anos, a classificação do isolacionismo no espectro ideológico sofreria uma mudança repentina e dramática. No

¹ Elizabeth Dilling, *The Roosevelt Red Record and Its Background* (Chicago: Elizabeth Dilling, 1936).

final da década de 1930, o governo Roosevelt avançou rapidamente para a guerra na Europa e no Extremo Oriente.

Ao fazê-lo, e especialmente depois que a guerra eclodiu em setembro de 1939, a grande maioria dos liberais e da Esquerda “virou-se” drasticamente a favor da guerra e da intervenção estrangeira. Sem deixar rastro foi embora a visão da Velha Esquerda sobre os males do Tratado de Versalhes, o desmembramento aliado da Alemanha e a necessidade de revisão do tratado. Havia se ido a velha oposição ao militarismo americano e ao imperialismo americano e britânico.

Não apenas isso; mas para os liberais e para a Esquerda a guerra iminente contra a Alemanha e mesmo o Japão tornou-se uma grande cruzada moral, uma “guerra popular pela democracia” e contra o “fascismo” – superando no absurdo de sua retórica a própria apologia wilsoniana da Primeira Guerra Mundial que esses mesmos liberais repudiaram por duas décadas.

O presidente que estava arrastando a nação relutantemente para a guerra era agora elogiado e quase endeusado pela Esquerda, assim como, em retrospecto, todos os presidentes fortes (ou seja, ditatoriais) ao longo da história americana. Para os liberais e a Esquerda, o Panteão da América tornou-se agora, numa ladainha quase infinita, Jackson-Lincoln-Wilson-FDR.

Pior ainda foi a atitude desses novos intervencionistas em relação aos antigos amigos e aliados que continuavam a persistir em suas velhas crenças; estes últimos foram agora castigados e denunciados dia após dia, com extrema amargura e veneno, como “reacionários”, “fascistas”, “antissemitas” e “seguidores da linha de Goebbels”.²

Juntando-se com grande entusiasmo a essa campanha de difamação estava o Partido Comunista e seus aliados, desde a campanha de “segurança coletiva” da União Soviética no final da década de 1930 e novamente após o ataque nazista à Rússia em 22 de junho de 1941.

Antes e durante a guerra os comunistas ficaram encantados em assumir seu recém-descoberto papel de superpatriotas americanos, proclamando que “o comunismo é o americanismo do século XX” e que

² Para o registro macabro do flip-flop liberal, veja James J. Martin, *American Liberalism and World Politics*, 2 vols. (Nova York: Devin-Adair, 1964).

qualquer campanha por justiça social nos Estados Unidos deveria ficar em segundo plano em relação ao objetivo sagrado da vitória na guerra.

A única exceção para os comunistas nesse papel foi seu “período isolacionista” — que, novamente servindo às necessidades da União Soviética, durou desde a época do pacto Stalin-Hitler de agosto de 1939 até o ataque à Rússia dois anos depois.

A pressão sobre os liberais e progressistas que continuavam a se opor à guerra que se aproximava era incrivelmente amarga e intensa. Muitas tragédias pessoais resultaram. Charles A. Beard, ilustre historiador e mais eminente dos revisionistas, foi castigado impiedosamente pelos liberais, muitos deles seus ex-alunos e discípulos.

O Dr. Harry Elmer Barnes, o decano liberal dos revisionistas da Primeira Guerra Mundial (e mais tarde da Segunda Guerra Mundial), cuja coluna do nova-iorquino *World Telegram* “O Ponto de Vista Liberal” alcançou a eminência de Walter Lippmann, foi expulso de sua coluna sem a menor cerimônia em maio de 1940 pela pressão dos anunciantes pró-guerra.³

Típico do tratamento dispensado àqueles que se apegaram a seus princípios foi a purgação das fileiras do jornalismo liberal de John T. Flynn e Oswald Garrison Villard. Em sua coluna regular no *Nation*, Villard continuava a se opor ao “abominável militarismo” de Roosevelt e seu impulso para a guerra.

Para seu sofrimento, Villard foi forçado a sair da revista que ele serviu por muito tempo como editor distinto. Em sua “Despedida” na edição de 22 de junho de 1940, Villard declarou que “minha aposentadoria foi precipitada pelo abandono dos editores da firme oposição do *Nation* a todos os preparativos para a guerra, pois isso, em meu julgamento, foi a principal glória do seu grande e honroso passado.” Em carta à editora, Freda Kirchwey, Villard se perguntava como foi que

³ Clyde R. Miller, “Harry Elmer Barnes’ Experience in Journalism”, em *Harry Elmer Barnes: Learned Crusader*, A. Goddard, ed. (Colorado Springs, Colorado: Ralph Myles, 1968), pp. 702–04.

Freda Kirchwey, uma pacifista na última guerra, ávida em ver através da farsa e da hipocrisia, militante pelos direitos das minorias e dos oprimidos, havia agora dado as mãos a todas as forças de reação contra as quais o Nation havia lutado tão fortemente.

A resposta editorial de Kirchwey foi característica: escritos como os de Villard eram assustadores e “um perigo mais presente que o fascismo”, pois a política de Villard era “exatamente a política para a América que a propaganda nazista neste país apoia”.⁴

John T. Flynn, por sua vez, foi expulso de sua coluna “O dinheiro de outras pessoas” em novembro de 1940; a coluna aparecia continuamente na *New Republic* desde maio de 1933. Mais uma vez, os editores agora pró-guerra não podiam tolerar os contínuos ataques de Flynn aos preparativos de guerra e ao boom artificial induzido pelos gastos com armamento.

Nem os líderes libertários dos velhos tempos se saíram muito melhor. Quando o libertário e isolacionista Paul Palmer perdeu sua editoria do *American Mercury* em 1939, HL Mencken e Albert Jay Nock perderam sua oportunidade mensal de criticar o New Deal.

Com sua saída do holofote nacional, Mencken se aposentou da política e se dedicou à autobiografia e ao estudo da língua americana. Além de alguns ensaios no *Atlantic Monthly*, Nock só encontrou uma saída no isolacionista *Scribner's Commentator*, que faliu depois de Pearl Harbor e deixou Nock sem qualquer oportunidade de ser ouvido.

Enquanto isso, os discípulos pessoais de Nock, que constituíam a ala libertária do movimento de Henry George, sofreram um duro golpe quando seu discípulo notável, Frank Chodorov, foi demitido do cargo de diretor da Escola Henry George de Nova York por manter sua oposição à entrada da América na guerra.

⁴ Martin, *American Liberalism and World Politics*, pp. 1155-1156; Michael Wreszin, *Oswald Garrison Villard* (Bloomington: Indiana University Press, 1965), pp. 259-63.

Mas Nock conseguiu dar alguns golpes antes da troca da guarda no *Mercury*. Nock havia alertado que a guerra emergente na Europa era a velha história de imperialismos concorrentes, com os Liberais disponíveis, mais uma vez, para fornecer cobertura ideológica com slogans wilsonianos como “tornar o mundo um lugar seguro para a democracia”.

Nock comentou com desdém que “tornar o mundo um lugar seguro para os investimentos, privilégios e mercados dos EUA” expressava muito melhor a real intenção da próxima intervenção.

Assim, “depois da triste visão que os Liberais americanos fizeram de si mesmos vinte anos atrás”, eles estavam prontos mais uma vez “para nos salvar dos horrores da guerra e do militarismo [ao] mergulharmos na guerra e no militarismo”. Condenando a histeria em desenvolvimento sobre o Inimigo estrangeiro, Nock identificou o verdadeiro perigo para a liberdade em casa:

*Nenhuma política de Estado estrangeiro jamais nos perturbará, a menos que nosso governo nos coloque no caminho. Não corremos nenhum perigo de qualquer governo, exceto o nosso, e o perigo disso é muito grande; portanto, nosso próprio governo é o único a ser vigiado e mantido em rédea curta.*⁵

Os opositores da guerra não estavam apenas sendo excluídos dos jornais e organizações liberais, mas também de grande parte da mídia de massa. À medida que o governo Roosevelt se movia inexoravelmente em direção à guerra, grande parte do Establishment que havia sido repellido pela retórica de esquerda do New Deal avidamente fez as pazes com o governo e rapidamente se mudou para posições de poder.

Na famosa frase de Roosevelt, “Dr. New Deal” foi substituído por “Dr. Vencer a Guerra” e, à medida que as encomendas de armamentos se espalhavam, os elementos conservadores do Big Business estavam

⁵ Albert Jay Nock, “The Amazing Liberal Mind”, *American Mercury* 44, no. 176 (Agosto de 1938): 467-72.

de volta às rédeas: em particular, a Wall Street e o Eastern Establishment, os banqueiros e industriais, os interesses de Morgan, a Entente da Ivy League, todos retornaram alegremente aos bons e velhos tempos da Primeira Guerra Mundial e à batalha do Império Britânico contra a Alemanha.

A nova reconciliação foi tipificada pelo retorno a um alto cargo no governo do proeminente advogado de Wall Street Dean Acheson, agora no Departamento de Estado, que havia deixado seu cargo de subsecretário do Tesouro no início da década de 1930 em grande aborrecimento com a política monetária e esquemas fiscais de Roosevelt.

Ainda mais significativa foi a nomeação de FDR para ser Secretário de Guerra em junho de 1940 de um homem que praticamente encarnava o rico Establishment Oriental — o mentor de Acheson, Henry Lewis Stimson: um advogado republicano conservador, pró-guerra e imperialista de Wall Street próximo aos interesses de Morgan que havia sido um devoto seguidor de Teddy Roosevelt, Secretário de Guerra sob Taft e Secretário de Estado sob Hoover.

O fruto da nova política foi a famosa “blitz de Willkie” na convenção nacional republicana, na qual a indicação republicana de 1940 foi praticamente roubada dos favoritos antiguerra à presidência, o senador Robert A. Taft e Thomas E. Dewey.

Uma tremenda campanha de pressão de Wall Street, usando todos os dispositivos da mídia controlada pelo Leste e chantagem de delegados por banqueiros de Wall Street, levou à indicação o grande empresário desconhecido, mas seguramente pró-intervenção, Wendell Willkie.

Se os conservadores dos Grandes Negócios do Leste estavam solidamente de volta ao campo de Roosevelt no programa acordado de entrar na guerra, por que as forças intervencionistas conseguiram colocar o rótulo de “extrema direita” na posição anti-intervencionista ou “isolacionista”? Por duas razões.

Primeira, porque a Velha Esquerda e os órgãos oficiais do liberalismo haviam sido capturados pelas forças pró-guerra, que haviam expurgado com sucesso da mídia liberal todos aqueles que continuavam apegados aos seus princípios originais de liberalismo e esquerdismo

antiguerra. Os liberais pró-guerra puderam, assim, servir como apologistas intelectuais do governo Roosevelt e do Establishment Oriental, liderando este último na difamação dos isolacionistas como “reacionários”, “neandertais” e ferramentas dos nazistas.

E segunda, nem todos dos negócios entraram na fila pela guerra. Grande parte do capital do Centro-Oeste, não vinculado a investimentos na Europa e na Ásia, foi capaz de refletir os sentimentos isolacionistas do povo de sua região.

Os negócios do centro-oeste e das pequenas cidades eram, portanto, o reduto do sentimento isolacionista, e os anos pré-guerra viram uma luta poderosa entre os poderosos interesses do Leste e de Wall Street ligados a investimentos estrangeiros e mercados estrangeiros, e entre o capital do Centro-Oeste, que tinha poucos desses laços.

Não foi por acaso, por exemplo, que o *America First Committee*, a principal organização antiguerra, foi fundada por R. Douglas Stuart, então estudante de Yale, mas descendente da fortuna do Chicago Quaker Oats, ou que os principais apoiadores da organização foram o general Robert E. Wood, chefe da Sears Roebuck de Chicago, e o coronel Robert R. McCormick, editor do *Chicago Tribune*. Ou que o líder isolacionista no Senado, Robert A. Taft, veio da família principal de Cincinnati.

Mas os propagandistas orientais foram habilmente capazes de usar essa divisão para espalhar a imagem de sua oposição como limitados, provincianos, mesquinhos e reacionários do Meio-Oeste, não sintonizados como eles próprios com os grandes assuntos cosmopolitas da Europa e da Ásia.

Taft (que havia sido denunciado como um perigoso “progressista” pela Sra. Dilling apenas alguns anos antes) estava particularmente irritado ao ser demitido pela aliança Establishment-liberal-Esquerda como um ultraconservador.

A ocasião da análise crítica do senador Taft surgiu de um ensaio publicado pouco antes de Pearl Harbor, por um jovem Arthur Schlesinger Jr. (*Nation*, 6 de dezembro de 1941). Sempre pronto para colocar o rótulo de “empresarial” na oposição ao liberalismo,

Schlesinger atacou o Partido Republicano como reflexo de uma comunidade empresarial que se arrastava ao entrar na guerra.

O senador Taft, em uma refutação que apareceu na semana seguinte a Pearl Harbor (*Nation*, 13 de dezembro de 1941) corrigiu aguda e profundamente a visão de Schlesinger sobre o verdadeiro locus do “conservadorismo” dentro do Partido Republicano:

Nem o Sr. Schlesinger está correto ao atribuir a posição da maioria dos republicanos ao seu conservadorismo. Os membros mais conservadores do partido — os banqueiros de Wall Street, o grupo societário, nove décimos dos jornais plutocráticos e a maioria dos contribuintes financeiros do partido — são os que favorecem a intervenção na Europa.

A afirmação do Sr. Schlesinger de que a comunidade empresarial em geral tendia a favorecer o apaziguamento de Hitler é simplesmente falsa. [...]

Devo dizer sem dúvida que é o homem e a mulher comuns — o agricultor, o operário, exceto alguns líderes trabalhistas pró-britânicos e o pequeno empresário — que se opõem à guerra.

O partido da guerra é formado pela comunidade empresarial das cidades, pelos redatores de jornais e revistas, pelos comentaristas de rádio e cinema, pelos comunistas e pela intelectualidade universitária.⁶

Em suma, em muitos aspectos a luta era populista, entre a massa da população que se opunha à guerra e os grupos de elite no controle das alavancas nacionais do poder e da formação da opinião pública.

Assim, o impulso do New Deal em direção à guerra mais uma vez reorganizou o espectro ideológico e o significado de Esquerda e Direita

⁶ Citado em Martin, *American Liberalism and World Politics*, p. 1278.

na política americana. A esquerda e os oponentes liberais da guerra foram expulsos da mídia e dos jornais de opinião por seus antigos aliados e condenados como reacionários e neandertais.

Esses homens, assim como os velhos progressistas saudados pela Esquerda poucos anos antes (como os senadores Nye, LaFollette e Wheeler), viram-se forçados a uma nova aliança com republicanos *laissez-faire* do Meio-Oeste.

Condenados em todos os lugares como “ultraconservadores” e “Direitistas extremistas”, muitos desses aliados se viram se movendo “para a direita” ideologicamente bem como, movendo-se em direção ao *liberalismo laissez-faire* como única base de massa ainda aberta a eles.

De muitas maneiras, seu movimento para a direita foi uma profecia autorrealizável da Esquerda. Assim, sob os golpes de martelo do Establishment liberal de Esquerda, os velhos isolacionistas progressistas também se moveram para o *laissez-faire*.

Foi sob essa pressão que se completou o forjamento da “velha Direita”. E o feio papel do Partido Comunista como ponta de lança da campanha de difamação, compreensivelmente, transformou muitos desses progressistas não apenas em liberais clássicos, mas também em anticomunistas convictos e quase fanáticos.

Foi o que aconteceu com John T. Flynn e John Dos Passos, o que aconteceu até certo ponto com Charles A. Beard e o que aconteceu com antigos simpatizantes da União Soviética como John Chamberlain, Freda Utley e William Henry Chamberlin.

Em grande medida, foi seu desconfortável “Terceiro Campo” ou posição isolacionista sobre a guerra que iniciou trotskistas líderes como Max Schachtman e James Burnham no caminho para a cruzada anticomunista global posterior, e que levou o trotskista-pacifista Dwight MacDonald à sua amarga oposição à campanha de Henry Wallace de 1948.

O veneno dirigido contra os oponentes da guerra pela coalizão de guerra do Establishment liberal de esquerda foi quase inacreditável. Publicitários responsáveis acusaram regular e sistematicamente os isolacionistas de serem “fascistas” e membros de um “cinturão de transmissão nazista”.

Walter Winchell, no início de sua longa carreira como caluniador de todas as dissidências contra as cruzadas de guerra americanas (mais tarde foi um fervoroso defensor de Joe McCarthy e sempre, cedo e tarde, um fã devoto do FBI), foi levado a denunciar os oponentes da guerra.

Enquanto o líder comunista William Z. Foster denunciou os líderes isolacionistas General Wood e o Coronel Charles A. Lindbergh como “fascistas conscientes”, a publicista intervencionista Dorothy Thompson acusou o *America First Committee* de ser “Fascistas de Vichy” e o Secretário do Interior Harold C. Ickes, o valentão do governo Roosevelt, denunciou Wood e Lindbergh como “companheiros de viagem nazistas” e colocou o mesmo rótulo em seu velho amigo Oswald Garrison Villard.

E a *Time* e a *Life*, cujo editor Henry Luce foi um fervoroso defensor não apenas de nossa entrada na guerra, mas também do “Século Americano” que ele imaginou como surgindo após a guerra, rebaixou-se tanto a ponto de afirmar que as saudações de Lindbergh e do senador Wheeler à bandeira americana eram semelhantes à saudação fascista.

Uma organização que se tornou quase uma difamadora profissional dos isolacionistas foi a liberal-esquerdista *Friends of Democracy* do Rev. Leon M. Birkhead, que denunciou o *America First Committee* como uma “frente nazista! É um cinturão de transmissão por meio do qual os apóstolos do nazismo estão espalhando suas ideias antidemocráticas para milhões de lares americanos!”⁷

A opressão dos isolacionistas não se limitou à difamação ou perda de emprego. Em várias cidades, como Miami, Atlanta, Oklahoma City, Portland, Oregon, Pittsburgh e Filadélfia, o *America First Committee* achou difícil ou impossível obter salas para reuniões públicas.

Outra tática que foi usada sistematicamente antes, durante e imediatamente após a guerra foi a espionagem privada contra a Velha Direita por grupos intervencionistas. Esses agentes empregaram

⁷ Veja Wayne S. Cole, *America First* (Madison: University of Wisconsin Press, 1953), pp. 107-10.

fraudes, abusaram de confidências, roubaram documentos e publicaram descobertas sensacionalistas.

Às vezes, esses agentes agiam como agentes provocadores. O uso mais famoso de agentes secretos privados foi o dos *Friends of Democracy*, que enviaram Avedis Derounian para os grupos isolacionistas sob o nome de “John Roy Carlson”; o relatório de Carlson sobre suas aventuras foi publicado como o best-seller *Under Cover* por Dutton em 1943.

O livro de Carlson juntou isolacionistas, antissemitas e pró-nazistas, em um pot-pourri de culpa por associação, como constituindo o “submundo nazista da América.” *Under Cover* foi dedicado aos “homens e mulheres disfarçados de oficiais que, sem nome e despercebidos, estão lutando contra o inimigo comum da Democracia na frente militar no exterior e na frente psicológica em casa”, e o livro começou com uma citação de Walt Whitman:

Thunder on! Stride on, Democracy!

Strike with vengeful stroke!

Carlson e seus companheiros certamente estavam ávidos em seguir a ordem de Whitman.

Tão virulenta foi a campanha de difamação que no final da guerra John T. Flynn foi levado a escrever um panfleto angustiado em protesto chamado *The Smear Terror*. Era típico da época que, enquanto a baboseira de Carlson era um best-seller que recebeu uma avaliação sóbria e favorável nas páginas do *New York Times*, a refutação de Flynn só pudesse surgir como um panfleto impresso privadamente, desconhecido exceto pelo que agora seria chamado de “underground” de leitores de direita dedicados.

Uma das acusações mais comuns contra os isolacionistas foi a acusação de antissemitismo. Enquanto as fileiras da Velha Direita incluíam alguns antissemitas genuínos, os propagandistas pró-guerra dificilmente eram escrupulosos ou interessados em fazer distinções sutis; todos os isolacionistas foram simplesmente agrupados como antissemitas, apesar do fato de o *America First Committee*, por exemplo, incluir muitos judeus em sua equipe e escritório de pesquisa.

A situação era complicada pelo fato de que a grande maioria dos judeus americanos era indubitavelmente a favor da entrada americana

na guerra, e praticamente divinizou Franklin Roosevelt por entrar na guerra, como eles pensavam, para “salvar os judeus”.⁸

Judeus e organizações judaicas influentes ajudaram a agitar pela guerra e também a pressionar economicamente os oponentes da guerra. Esse próprio fato, é claro, serviu para amargar muitos isolacionistas contra os judeus e novamente criar uma espécie de profecia autorrealizável; esse ressentimento foi intensificado pelo tratamento histórico dispensado a qualquer isolacionista que ousasse sequer mencionar essas atividades dos judeus.

No início de 1942, o *Saturday Evening Post* publicou um artigo crítico dos judeus pelo pacifista liberal Quaker Milton Mayer, um ato que foi usado pelo Establishment para demitir o editor conservador e isolacionista Wesley N. Stout e toda a sua equipe editorial (que incluía Garet Garrett) e substituí-los por intervencionistas conservadores.

O caso mais famoso de críticas por acusações falsas de antissemitismo resultou do célebre discurso de Charles A. Lindbergh em *Des Moines*, em 11 de setembro de 1941. O mais popular e carismático de todos os oponentes da guerra e um homem essencialmente apolítico, Lindbergh havia sido submetido a abusos particulares pelas forças intervencionistas.

Filho de um congressista progressista de Minnesota que se opôs firmemente à entrada na Primeira Guerra Mundial, Lindbergh irritou particularmente as forças de guerra não apenas por seu carisma e popularidade, mas também por sua óbvia sinceridade e sua posição total contra ajuda de qualquer tipo à Grã-Bretanha e França.

Enquanto a maioria dos isolacionistas contemporizou, favorecendo alguma ajuda à Grã-Bretanha e se preocupando com um possível ataque alemão aos EUA, Lindbergh defendia clara e consistentemente a neutralidade absoluta e esperava uma paz negociada na Europa.

O assunto tornou-se ainda mais picante porque Lindbergh era de certa forma um “traidor de sua classe”, já que sua esposa, Anne

⁸ Na verdade, a devoção de Roosevelt em salvar os judeus era mínima, como pode ser visto em livros “revisionistas” recentes sobre o assunto, como Arthur D. Morse, *While Six Million Died* (Nova York: Random House, 1968).

Morrow, também uma ilustre oponente da guerra, era filha de um dos principais parceiros de Morgan e praticamente a única pessoa da sua família e seu círculo não entusiasmada com a guerra.

Depois de muitos meses de abuso incessante (por exemplo, o dramaturgo ultraintervencionista Robert E. Sherwood chamou Lindbergh de “nazista” nas páginas de agosto do *New York Times*), Lindbergh mencionou calmamente as forças específicas que estavam levando os Estados Unidos à guerra. É óbvio pelas suas memórias que o pobre, ingênuo e honesto Charles Lindbergh não tinha ideia da histeria que seria desencadeada quando ele apontou que

os três grupos mais importantes que pressionam este país para a guerra são os britânicos, os judeus e o governo Roosevelt. Por trás desses grupos, mas de menor importância, estão vários capitalistas, anglófilos e intelectuais que acreditam que seu futuro e o futuro da humanidade dependem da dominação do Império Britânico.

Também não ajudou Lindbergh que ele tenha acrescentado,

Não é difícil entender por que os judeus desejam a derrubada da Alemanha nazista. A perseguição que sofreram na Alemanha seria suficiente para fazer inimigos amargos de qualquer raça. Nenhuma pessoa com um senso de dignidade e humanidade pode tolerar a perseguição que a raça judaica sofreu na Alemanha.⁹

O abuso de Lindbergh era uma verdadeira torrente agora, com o secretário de imprensa da Casa Branca comparando o discurso à propaganda nazista, enquanto a *New Republic* conclamava a Associação Nacional de Emissoras a censurar todos os futuros

⁹ Citado em Wayne S. Cole, *America First: The Battle Against Intervention, 1940–1941* (Madison: University of Wisconsin Press, 1953), p. 144).

discursos de Lindbergh. O general assustado Robert E. Wood, chefe da America First, quase dissolveu a organização na hora.¹⁰

Calúnia, descrédito social, espionagem privada — essas não eram todas as dificuldades enfrentadas pela “Velha Direita” isolacionista. Assim que a guerra começou, o governo Roosevelt voltou-se para o braço secular para esmagar quaisquer resquícios de dissidência isolacionista.

Além do assédio rotineiro do FBI, isolacionistas como Laura Ingalls, George Sylvester Viereck e Ralph Townsend foram indiciados e condenados por serem agentes alemães e japoneses, respectivamente. William Dudley Pelley, junto com outros 27 isolacionistas, foi julgado

¹⁰ A reação perplexa de Lindbergh às críticas de seu discurso por isolacionistas de mentalidade mais política foi característica. Assim:

John Flynn [...] diz que não questiona a verdade do que eu disse em Des Moines, mas acha que era desaconselhável mencionar o problema judaico. É difícil para mim entender a atitude de Flynn. Ele sente tão fortemente quanto eu que os judeus estão entre as principais influências que empurram este país para a guerra.

[...] Ele está perfeitamente disposto a falar sobre isso entre um pequeno grupo de pessoas em particular. Mas aparentemente ele prefere nos ver entrar na guerra do que mencionar em público o que os judeus estão fazendo, não importa o quão tolerante e moderadamente seja feito.

Também sua conversa com Herbert Hoover:

Hoover me disse que sentiu que meu discurso em Des Moines foi um erro. [...] Eu disse a ele que sentia que minhas declarações tinham sido moderadas e verdadeiras. Ele respondeu que, quando você está na política há tempo suficiente, aprende-se a não dizer as coisas só porque são verdadeiras.

*(Mas afinal, não sou um político — e essa é uma das razões pelas quais não desejo ser um.) (Charles A. Lindbergh, **The Wartime Journals** of Charles A. Lindbergh [Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1970], pp. 541 e 546-47)*

e condenado em Indianápolis por “rebeldia” sob a Lei de Espionagem de 1917.

A infame Lei Smith de 1940 foi usada, primeiro para condenar 18 trotskistas de Minneapolis por conspiração por defender a derrubada do governo (para grande alegria do Partido Comunista), e depois se mover, no julgamento de rebeldia em massa de 1944, contra uma coleção de 26 panfletários isolacionistas de direita com a acusação de conspirar para causar insubordinação nas forças armadas.

A perseguição daqueles que foram universalmente descritos na imprensa como os “rebeldes indiciados” foi perseguida com grande zelo pelo Partido Comunista e seus aliados, a Velha Esquerda em geral, e picaretas Establishmentários como Walter Winchell.

Para desgosto da Esquerda e do Centro, o julgamento fracassou como resultado da vigorosa defesa legal, especialmente a defesa liderada pelo brilhante réu Lawrence Dennis, um importante intelectual isolacionista que geralmente, e com pouco fundamento, foi chamado de “principal fascista americano”.

A morte do Juiz do caso Eicher — um sinal para a Esquerda acusar ele de ter sido “assassinado” pela persistente defesa — deu a oportunidade para o governo desistir do caso, apesar da insistência da Esquerda para que a perseguição fosse retomada.¹¹

¹¹ Um relato excelente e detalhado do julgamento de rebeldia em massa pode ser encontrado no livro totalmente negligenciado de Maximilian St. George e Lawrence Dennis, *A Trial on Trial* (National Civil Rights Committee, 1946). St. George e Dennis foram astutos o suficiente para ver a ironia no fato de que “muitos dos réus, como anticomunistas fanáticos”, apoiaram abertamente a Lei Smith de 1940, sob a qual deveriam ser indiciados. “A moral”, acrescentou St. George e o “fascista” Dennis,

é um dos pontos principais deste livro: leis destinadas a prender uma multidão podem muito bem ser usadas por eles para prender os autores e defensores da lei. Este é apenas mais um bom argumento para as liberdades civis e a liberdade de expressão. (Ibid., p. 83)

Um paralelo particularmente impressionante desse julgamento de rebeldia em massa com o julgamento da conspiração de Chicago uma geração depois foi que o

Em suma, a Velha Direita estava compreensivelmente sombria ao contemplar a inevitável aproximação da guerra. Previa que a Segunda Guerra Mundial transformaria os Estados Unidos em um Estado Leviatã, em um coletivismo totalitário doméstico, com supressão das liberdades civis em casa, unido a um interminável imperialismo global no exterior, perseguindo o que Charles A. Beard chamou de política de “guerra perpétua por paz perpétua”.

Ninguém da Velha Direita viu essa visão da América vindoura com mais perspicácia do que John T. Flynn, em sua brilhante obra *We Go Marching*, escrita no meio da guerra que ele tanto fizera para evitar.

Depois de examinar a política e a economia do fascismo e do nacional-socialismo, Flynn viu sem rodeios o New Deal, culminando na sociedade de guerra, como a versão americana do fascismo, o “fascismo bom” em contraste sardônico com o “fascismo ruim” que supostamente tínhamos ido à guerra para erradicar.

Flynn viu que o New Deal havia finalmente estabelecido o estado corporativo que as grandes empresas ansiavam desde o final do século XIX. Os planejadores do New Deal, declarou Flynn,

estavam pensando em uma mudança em nossa forma de sociedade em que o governo iria se inserir na estrutura empresarial, não apenas como policial, mas como sócio, colaborador e banqueiro.

Mas a ideia geral era primeiro reordenar a sociedade, tornando-a uma economia planejada e coagida em vez de uma economia livre, em que os negócios seriam reunidos em grandes guildas ou uma imensa estrutura corporativa, combinando os elementos de auto-regência e supervisão governamental com um sistema nacional de

juiz Eicher, notavelmente hostil à defesa, fez com que Henry H. Klein, um advogado de um dos réus que havia se retirado do caso, fosse trazido de volta ao tribunal e preso por se retirar do caso sem a permissão do juiz. Ibid., pág. 404.

policciamento econômico para fazer cumprir esses decretos.

[...] Isso, afinal, não está muito longe do que os empresários vinham falando. [...] Estavam ansiosos para aceitar a supervisão do governo. [...] Os empresários diziam que o autogoverno ordenado nos negócios eliminaria a maioria das causas que infectavam o organismo com os germes das crises.¹²

A primeira grande tentativa do New Deal de criar tal sociedade foi incorporada na NRA e na AAA, modelada no estado corporativo fascista e descrita por Flynn como “dois dos mais poderosos motores de arregimentação minuciosa e abrangente já inventados em qualquer sociedade organizada.”

Esses motores foram saudados por aqueles supostamente contra a arregimentação: “Sindicatos e funcionários da Câmara de Comércio, corretores e banqueiros, comerciantes e seus clientes se juntaram em grandes desfiles em todas as cidades do país na aprovação rapsódica do programa”.¹³

Após o fracasso da NRA, o advento da Segunda Guerra Mundial restabeleceu esse programa coletivista, “uma economia sustentada por grandes fluxos de dívida e uma economia sob controle total, com quase todas as agências de planejamento funcionando com poder quase totalitário sob uma grande burocracia”.¹⁴ Após a guerra, Flynn profetizou, o New Deal tentaria expandir esse sistema para assuntos internacionais.

Prevedo que o governo federal manteria vastos gastos e controles após o fim da guerra, Flynn previu que a grande ênfase desse gasto seria militar, já que essa é a única forma de gasto governamental

¹² John T. Flynn, *As We Go Marching* (Garden City, NY: Doubleday, Doran and Co., 1944), pp. 193-194.

¹³ *Ibid.*, pág. 198.

¹⁴ *Ibid.*, pág. 201.

à qual os conservadores nunca se oporão e que os trabalhadores darão boas-vindas pela sua criação de postos de trabalho. “Assim, o militarismo é o único projeto grande e glamoroso de obras públicas sobre o qual uma variedade de elementos da comunidade pode entrar em acordo.”¹⁵

Assim, como parte deste estado de guarnição perpétua, o recrutamento também seria continuado de forma permanente. Flynn declarou:

Todos os tipos de pessoas são a favor disso. Numerosos senadores e representantes — da Direita e da Esquerda — expressaram seu propósito de estabelecer o treinamento militar universal quando a guerra terminar.

A indústria grande e glamorosa está aqui — a indústria do militarismo. E quando a guerra terminar, o país será questionado se deseja seriamente desmobilizar uma indústria que pode empregar tantos homens, criar tanta renda nacional quando a nação se depara com a probabilidade de um grande desemprego na indústria.

Todos os argumentos conhecidos, usados por tanto tempo e com tanto sucesso na Europa [...] serão espanados — a América com seus altos propósitos de regeneração do mundo deve ter o poder de sustentar seus magníficos ideais; a América não pode se dar ao luxo de ficar mole, e o Exército e a Marinha devem continuar em grande escala para fortalecer os tendões morais e físicos de nossa juventude; a América não ousa viver em um mundo de gângsteres e agressores sem manter todo o seu poder reunido [...] e acima, abaixo e ao redor desses

¹⁵*Ibid.*, pág. 207.

*sentimentos haverá a sedução sinistra da perpetuação da grande indústria que nunca pode conhecer uma depressão porque têm apenas um cliente — o governo americano para cujo bolso não há fundo.*¹⁶

Flynn previu infalivelmente que o imperialismo seguiria o rastro do militarismo:

Embarcados [...] numa carreira de militarismo, devemos, como qualquer outro país, encontrar os meios para quando a guerra terminar obtermos o consentimento do povo para os encargos que acompanham as bênçãos que confere aos seus grupos favorecidos e regiões.

*Resistência poderosa a isso sempre estará ativa, e os meios eficazes de combater essa resistência terão de ser encontrados. Inevitavelmente, tendo nos rendido ao militarismo como instrumento econômico, faremos o que outros países fizeram: manteremos vivos os medos de nosso povo das ambições agressivas de outros países e embarcaremos nós mesmos em empreendimentos imperialistas próprios.*¹⁷

Flynn observou que o intervencionismo e o imperialismo passaram a ser chamados de “internacionalismo”, de modo que qualquer um que se oponha ao imperialismo “é desdenhosamente chamado de isolacionista”. Flynn continuou:

O imperialismo é uma instituição sob a qual uma nação afirma o direito de tomar a terra ou pelo

¹⁶ Ibid., pág. 212.

¹⁷ Ibid., pp. 212-13.

menos controlar o governo ou os recursos de outro povo.

É uma afirmação de agressividade forte e ousada. É, claro, internacional no sentido de que a nação agressora cruza suas próprias fronteiras e entra nas fronteiras de outra nação.

[...] É internacional no sentido de que a guerra é internacional. [...] Isso é internacionalismo em certo sentido, em que todas as atividades de um agressor estão no cenário internacional. Mas é um internacionalismo maligno.¹⁸

Flynn então apontou que países como a Grã-Bretanha, que se envolveram em “extensa agressão imperialista” no passado, agora tentam usar as esperanças de paz mundial para preservar o status quo.

Este status quo é o resultado da agressão, é uma afirmação contínua de agressão, uma afirmação de internacionalismo maligno. Agora eles apelam para este outro tipo benevolente de internacionalismo para estabelecer uma ordem mundial na qual todos eles, todos unidos, preservarão um mundo que eles dividiram entre si.

[...] O internacionalismo benevolente é tomado pelos agressores como a máscara atrás da qual o internacionalismo maligno será perpetuado e protegido.

[...] Não vejo como qualquer pessoa atenta ao movimento dos negócios na América possa

¹⁸

Ibid., pág. 213.

duvidar de que estamos caminhando na direção tanto do imperialismo quanto do internacionalismo.¹⁹

O imperialismo, segundo Flynn, garantirá a existência de “inimigos” perpétuos:

Conseguimos adquirir bases em todo o mundo. [...] Não há parte do mundo onde possam surgir problemas onde não tenhamos algum tipo de base em que, se quisermos usar a pretensão, não possamos alegar que nossos interesses estão ameaçados.

Assim ameaçada, deve permanecer, quando a guerra terminar, uma discussão contínua nas mãos dos imperialistas por um vasto estabelecimento naval e um enorme exército pronto para atacar em qualquer lugar ou resistir a um ataque de todos os inimigos que seremos obrigados a ter.

Porque sempre o argumento mais poderoso para um grande exército mantido por razões econômicas é que temos inimigos. Devemos ter inimigos.²⁰

Uma economia planificada; militarismo; imperialismo — para Flynn o que tudo isso somava era algo muito próximo ao fascismo. Ele avisou:

O teste do fascismo não é a raiva contra os senhores da guerra italianos e alemães. O teste é quantos dos princípios essenciais do fascismo você aceita.

¹⁹ *Ibid.*, pág. 214.

²⁰ *Ibid.*, pp. 225-26.

[...] Quando se pode apontar o dedo aos homens ou aos grupos que clamam para a América o estado apoiado pela dívida, o estado corporativo autárquico, o estado empenhado na socialização do investimento e o governo burocrático da indústria e da sociedade, o estabelecimento e a instituição do militarismo como o grande e glamoroso projeto de obras públicas da nação e a instituição do imperialismo sob a qual ele se propõe a regular e governar o mundo e, junto com isso, propõe alterar as formas de governo para aproximar-se o máximo possível do governo irrestrito e absoluto — então você saberá que localizou o autêntico fascista.

O fascismo virá nas mãos de americanos perfeitamente autênticos [...] que estão convencidos de que o atual sistema econômico está naufragado [...] e que desejam comprometer este país com o domínio do estado burocrático;

Isto é, interferir nos assuntos dos estados e cidades; participar na gestão da indústria e finanças e agricultura; assumindo o papel de grande banqueiro e investidor nacional, emprestando bilhões todos os anos e gastando-os em todos os tipos de projetos por meio dos quais tal governo pode paralisar a oposição e obter apoio público; ordenando grandes exércitos e marinhas a custos esmagadores para apoiar a indústria da guerra e a preparação para a guerra que se tornará nossa maior indústria; e acrescentando a tudo isso as mais românticas aventuras de planejamento global, regeneração e dominação, tudo a ser feito sob a autoridade de um governo poderosamente centralizado, no qual o executivo manterá em vigor todos os poderes com o Congresso reduzido ao papel de uma sociedade de debates.

Aí está o seu fascista. E quanto mais cedo a América perceber esse fato terrível, mais cedo se armará para acabar com o fascismo americano disfarçado de campeão da democracia.²¹

Finalmente, Flynn advertiu que, embora o Partido Comunista fosse um defensor entusiástico desse novo método, seria um erro chamar a nova ordem de “comunismo”; será antes “uma forma muito gentil, delicada e agradável de fascismo que não pode ser chamada de fascismo porque será demasiado virtuosa e educada”. Em sua sentença final, Flynn proclamou eloquentemente que

meu único propósito é soar um alerta contra a estrada escura sobre a qual pisamos enquanto marchamos para a salvação do mundo e ao longo da qual cada passo que damos agora nos leva cada vez mais longe das coisas que queremos e das coisas que prezamos.²²

²¹ Ibid., pp. 252-53.

²² Ibid., pp. 255, 258.

CAPÍTULO 06.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O NADIR

O advento da Segunda Guerra Mundial trouxe a Velha Direita aos seus dias mais sombrios. Assediados, injuriados e perseguidos, os intelectuais e agitadores da Velha Direita, os libertários e os isolacionistas, dobraram suas barracas e desapareceram de vista. Embora seja verdade que os republicanos isolacionistas experimentaram um ressurgimento nas eleições de 1942, eles não eram mais apoiados por uma vanguarda ideológica.

O *America First Committee* rapidamente se dissolveu depois de Pearl Harbor e foi para a guerra — apesar dos apelos da maioria de seus militantes para continuar sendo um foco de oposição ao curso que estava tomando a nação. Charles Lindbergh abandonou totalmente a arena ideológica e política e juntou-se ao esforço de guerra.

Entre os intelectuais, em meio ao monólito da propaganda de guerra, não havia espaço ou audiência para visões libertárias ou antiguerra. Os líderes veteranos do libertarianismo foram privados de voz. HL Mencken havia se aposentado da política para escrever sua autobiografia encantadora e nostálgica. Albert Jay Nock encontrou todos os jornais e revistas fechados para sua caneta.

O principal discípulo de Nock, Frank Chodorov, havia sido destituído de seu cargo como diretor da Escola Henry George de Nova York por sua oposição à guerra. Oswald Garrison Villard foi praticamente excluído das revistas e forçado a se limitar a cartas para seus amigos; em uma delas, ele profetizou amargamente que “quando você e eu sairmos de cena, o país será chamado por algum branco pobre e barato como Harry Truman para salvar o mundo do bolchevismo e preservar a religião cristã”. Para a Velha Direita, aqueles eram tempos sombrios, e Villard estava pronto para escolher seu epitáfio:

He grew old in an age he condemned

Felt the dissolving throes

Of a Social order he loved

And like the Theban seer

*Died in his enemies' day*¹

Para a Velha Esquerda, em contraste, a Segunda Guerra Mundial foi uma era gloriosa, o cumprimento e a promessa de um Novo Amanhecer. Em todos os lugares, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, os ideais liberais do planejamento central, de uma nova ordem planejada composta por *Brain Trusters* e intelectuais liberais, pareciam ser a onda do futuro e do presente.

Nas faculdades e entre os formadores de opinião, qualquer visão conservadora parecia tão morta e ultrapassada quanto o dodô, confinada à lata de lixo da história. E ninguém ficou mais satisfeito com esse crescente coletivismo do New Deal do que o Partido Comunista. Sua nova linha de Frente Popular do final da década de 1930, uma linha que havia substituído suas antigas e duras visões revolucionárias, parecia mais do que justificada pelo glorioso nascimento da Nova Ordem.

Nas relações exteriores, os Estados Unidos marchavam de mãos dadas com a União Soviética em uma gloriosa guerra para derrotar o fascismo e expandir a democracia. Internamente, os comunistas, sob o comando de Earl Browder como líder, exultavam com sua recém-descoberta respeitabilidade; a linha browderiana, de chegar ao socialismo por meio de reformas cada vez maiores e mais centralizadoras do New Deal parecia estar funcionando de maneira gloriosa.

Os comunistas alardeavam que “o comunismo era o americanismo do século XX” e estavam na vanguarda do novo patriotismo — e de uma superidentificação com o Leviatã americano, estrangeiro e doméstico. Os comunistas desempenharam um papel estimulante, embora subordinado, no esforço de guerra, no planejamento da produção bélica, dando palestras de orientação nas forças armadas e pedindo a perseguição de todos os possíveis oponentes da guerra.

¹ Michael Wreszin, *Oswald Garrison Villard* (Bloomington: Indiana University Press, 1965), p. 271.

Earl Browder até parecia encontrar um ouvido disposto na Casa Branca. Em seu papel como líderes do CIO, os comunistas reprimiram severamente qualquer tentativa de greve ou agitação pelos direitos civis que pudesse desviar qualquer energia da gloriosa guerra. De fato, os sonhos dos comunistas eram tão inebriantes que eles assumiram a liderança na defesa de um compromisso permanente de não greve mesmo depois da guerra. Como disse Earl Browder:

[D]eclaramos francamente que estamos prontos para cooperar para que o capitalismo funcione efetivamente no período pós-guerra. [...] Nós, comunistas, opomo-nos a permitir uma explosão do conflito de classes em nosso país quando a guerra terminar [...] estamos agora estendendo a perspectiva de unidade nacional por muitos anos no futuro.²

Um grito eloquente contra essa atmosfera de guerra surgiu, em um brilhante romance anti-New Deal publicado após a guerra por John Dos Passos, um radical e individualista ao longo da vida que havia sido empurrado da “extrema Esquerda” para a “extrema Direita” pela marcha da guerra e do estatismo corporativo na América. Dos Passos escreveu:

Em casa organizamos bancos de sangue e defesa civil e imitamos o resto do mundo montando campos de concentração (só que os chamamos de centros de realocação) e enfiando neles cidadãos americanos de ascendência japonesa (Pearl Harbor a data que viverá na infâmia) sem benefício de habeas corpus. [...]

O presidente dos Estados Unidos falou como um democrata sincero e os membros do Congresso também. Na administração havia crentes devotos da

² Art Preis, *Labor's Giant Step* (Nova York: Pioneer Publishers, 1964), p. 221

liberdade civil. “Agora estamos ocupados lutando uma guerra; vamos implantar todas as quatro liberdades mais tarde”, disseram eles. [...]

A guerra é um tempo de Césares.

O presidente dos Estados Unidos era um homem de grande coragem pessoal e suprema confiança em seus poderes de persuasão. Ele não poupou um momento, voou para o Brasil e Casablanca, Cairo para negociar no nível dos líderes; em Teerã, o triunvirato sem pedir licença a ninguém chegou a se intrometer na história; sem consultar seus eleitores, reformulou a geografia, dividiu o maldito globo e deixou de fora as liberdades.

E o povo americano deveria dizer obrigado pelo século do Homem Comum entregue para realocação atrás de arame farpado, então Deus o ajude.

Nós aprendemos. Houve coisas que aprendemos a fazer, mas não aprendemos, apesar da Constituição e da Declaração de Independência e dos grandes debates em Richmond e Filadélfia, como colocar o poder sobre a vida dos homens nas mãos de um homem e fazer com que ele o use com sabedoria.³

Foi nessa atmosfera política e ideológica sufocante que me tornei politicamente consciente. Economicamente, eu era conservador desde a oitava série, e o contato exclusivo com liberais e esquerdistas no

³ John Dos Passos, *The Grand Design* (Boston: Houghton Mifflin, 1949), pp. 416-418.

ensino médio e na faculdade só serviu para aguçar e intensificar esse compromisso.

Durante a Segunda Guerra Mundial, eu era estudante de graduação na Universidade de Columbia e parecia ao meu espírito conservador e libertário em desenvolvimento que não havia esperança nem aliados ideológicos em nenhum lugar do país. Em Columbia, em Nova York em geral, e na imprensa intelectual havia apenas o monólito de Centro-Esquerda alardeando a Nova Ordem.

A opinião no campus variava de liberais social-democratas a comunistas e seus aliados, e parecia haver pouco a escolher entre eles. Além dos garotos da fraternidade e dos atletas que talvez tenham sido instintivamente conservadores, mas não tinham interesse em política ou ideologia, eu parecia estar totalmente sozinho.

Correu o boato de que havia, de fato, um outro “Republicano” no campus; mas ele era um estudante de inglês interessado apenas em assuntos literários, e por isso nunca entramos em contato. Ao meu redor, a Esquerda-Liberal ecoava o mesmo horror: “Nós somos o governo, então por que você é tão negativo sobre a ação do governo?” “Devemos *aprender* com Hitler, aprender sobre o planejamento da economia.”

E meu tio, um membro de longa data do Partido Comunista, disse condescendentemente ao meu pai conservador que ele estaria seguro no mundo do pós-guerra, “desde que ficasse quieto sobre política”. A Nova Ordem realmente parecia próxima.

Mas justamente quando os dias eram mais sombrios, e exatamente quando o desespero parecia a ordem do dia para os oponentes do estatismo e do despotismo, indivíduos e pequenos grupos se agitavam, sem que eu ou qualquer outra pessoa soubesse, nas profundezas das catacumbas, pensando e escrevendo para manter viva a tênue chama da liberdade.

Os libertários veteranos se viram forçados a encontrar um lar obscuro entre os conservadores publicitários da “extrema Direita”. O idoso Albert Jay Nock, agora com 70 anos, encontrou um lar no Conselho Econômico Nacional do veterano isolacionista de direita Merwin K. Hart; na primavera de 1943, vários amigos ricos induziram

Hart a criar o *Economic Council Review of Books*, que Nock escreveu e editou durante a guerra.

Frank Chodorov, expulso da Henry George School, ganhava uma vida precária ao fundar o mensal *Analysis*, jornal de um homem só soberbamente escrito, em 1944, publicado em um loft sujo na parte baixa de Manhattan.

Lá, Chodorov começou a aplicar e expandir a análise nockiana do Estado, e trabalhou em um complemento teórico econômico para o histórico *Our Enemy, the State*, de Nock, uma obra que Chodorov publicou em forma mimeografada encadernada logo após o fim da guerra.⁴

John T. Flynn encontrou um lar com o antigo grupo de direita, o Comitê para o Governo Constitucional, e sua ramificação, *America's Future, Inc.*

O Publicitário Veterano Garet Garrett expulso do *Saturday Evening Post* foi capaz de fundar uma obscura publicação trimestral de um homem só, *American Affairs*, publicada como uma parte menor das operações da organização estatística dos negócios americanos, a National Industrial Conference Board.

Na área de Los Angeles, Leonard E. Read, gerente geral da Câmara de Comércio de Los Angeles, foi convertido ao credo libertário do *laissez-faire* por William C. Mullendore, chefe da Commonwealth Edison Company, enquanto Raymond Cyrus Hoiles, anarcocapitalista editor do diário *Santa Ana Register* (e mais tarde editor de uma série de “Jornais da Liberdade”), reimprimiu as obras do economista francês libertário do século XIX, Frédéric Bastiat.

E, à Esquerda, o ex-Trotskyista que se tornou anarco-pacifista Dwight Macdonald fundou a mensal *Politics* praticamente sozinho, que incansavelmente criticou a guerra e seu estatismo concomitante.

O que estava destinado a ser o empreendimento jornalístico de “direita” mais duradouro lançado durante a guerra foi o semanal *Human Events* de Washington, fundado em 1944 como um boletim informativo

⁴ Frank Chodorov, *The Economics of Society, Government, and State* (Nova York: Analysis Associates, 1946).

de quatro páginas com um artigo de análise de quatro páginas eventualmente anexado.

O *Human Events* foi fundado por três veteranos isolacionistas e libertários conservadores: Frank Hanighen, coautor do mais famoso livro antimilitarista da década de 1930, *The Merchants of Death*; Felix Morley, ilustre escritor e ex-presidente do Quaker Haverford College; e o empresário de Chicago Henry Regnery.

Mas, sem dúvida, o mais importante para o ressurgimento do libertarianismo no pós-guerra foi os vários livros publicados durante a guerra, livros que foram amplamente ignorados e esquecidos na época, mas que ajudaram a construir as bases para um renascimento do pós-guerra.

Três dos livros, todos publicados em 1943, foram escritos por mulheres singularmente independentes, obstinadas e individualistas. A roteirista Ayn Rand produziu o romance *The Fountainhead*, um hino ao individualismo que foi recusado por uma série de editoras e finalmente publicado pela Bobbs-Merrill.

Em grande parte ignorado na época, *The Fountainhead* tornou-se um best-seller constante e “subterrâneo” ao longo dos anos, espalhando-se amplamente de boca em boca entre seus leitores. (O romance foi recusado pelos editores sob a alegação de que seu tema era muito “controverso”, seu conteúdo muito intelectual e seu herói obstinado muito antipático para ter possibilidades comerciais.⁵)

Do semi-isolamento em sua casa em Danbury, Connecticut, Rose Wilder Lane, que havia sido membra do Partido Comunista na década de 1920, publicou *The Discovery of Freedom*,⁶ um poema em prosa eloquente e cantado em comemoração à história da liberdade e do capitalismo de livre mercado.

O terceiro importante livro libertário de guerra escrito por uma mulher foi escrito por Isabel Paterson, que deixou sua marca como autora de vários romances do estilo melindrosa na década de 1920 e que

⁵ Veja o adorável esboço biográfico de Barbara Branden em Nathaniel Branden, *Who Is Ayn Rand?* (Nova York: Paperback Library, 1964), pp. 158ss.

⁶ (Nova York: John Day, 1943).

foi colunista regular de longa data do Nova-Iorquino *Herald-Tribune Review de Livros*. Sua obra de não-ficção *The God of the Machine* foi um evento excêntrico, mas importante no pensamento libertário.

O livro foi uma série de ensaios, alguns túrgidos e marcados pelo uso intrusivo de analogias da engenharia elétrica em assuntos sociais; mas esses ensaios foram marcados por lampejos de insights e análises brilhantes.

Particularmente importantes foram seus capítulos sobre a promoção estatal do monopólio após a Guerra Civil, sua demonstração da impossibilidade da propriedade “pública” e sua defesa do padrão-ouro.

Os dois capítulos de maior impacto entre os libertários foram “O Humanitário com sua Guillhotina”, uma brilhante crítica ao “fazer o bem” e sua consequência, a ética de bem estar; e “Nosso Sistema Educacional Japonizado”, no qual a Sra. Paterson fez uma crítica filosófica da educação progressista, uma crítica que ajudaria a inflamar a reação contra o progressismo na era pós-guerra.

Assim, a Sra. Paterson explicou eloquentemente a interconexão do assistencialismo, parasitismo e coerção da seguinte forma:

*O que um ser humano pode realmente fazer por outro? Ele pode dar de seus próprios fundos e seu próprio tempo sempre que queira. Mas ele não pode conceder faculdades que a natureza negou, nem dar sua própria subsistência sem se tornar ele mesmo dependente. Se ele ganha o que dá, ele deve ganhar **primeiro**. [...]*

*Mas supondo que ele não tenha meios próprios e ainda imagine que ele tenha feito de “ajudar os outros” tanto seu objetivo **principal** quanto seu modo normal de vida, o que é a doutrina central do credo humanitário, como ele deve fazer isso? [...]*

Se o objetivo primário do filantropo, sua justificativa para viver, é ajudar os outros, seu bem

final requer que outros passem necessidades. Sua felicidade é o reverso de sua miséria. Se ele deseja ajudar a “Humanidade”, toda a humanidade deve estar em necessidade.

O humanitário deseja ser um motor principal na vida dos outros. Ele não pode admitir nem a ordem divina nem a ordem natural, pela qual os homens têm o poder de ajudar a si mesmos. O humanitário se coloca no lugar de Deus.

*Mas ele é confrontado por dois fatos estranhos; primeiro, que o competente não necessita de sua assistência; e segundo, que a maioria das pessoas [...] positivamente não quer o “bem feito” pelo humanitário. [...] Claro que o que o humanitário realmente propõe é que **ele** faça o que ele acha que é bom para todos. É neste ponto que o humanitário monta sua guilhotina.*

Que tipo de mundo o humanitário contempla como dando-lhe pleno alcance? Só poderia ser um mundo cheio de filas de pão e hospitais, em que ninguém conservasse o poder natural de um ser humano de se ajudar ou de resistir a que lhe fizessem coisas. E esse é precisamente o mundo que o humanitário organiza quando consegue o que quer.

[...] Só há um caminho, e é pelo uso do poder político em sua maior extensão. Assim, o humanitário sente a maior gratificação quando visita ou ouve falar de um país em que todos estão restritos a cartões de racionamento.

Onde a subsistência é distribuída, o desideratum foi alcançado, de necessidade geral e

*um poder superior para “aliviá-la”. O humanitário em teoria é o terrorista em ação.*⁷

Igualmente importante, e igualmente obscura na época, foi a publicação da última grande obra de Albert Nock, sua autobiografia intelectual, *Memoirs of a Superfluous Man*.⁸ Em *Memoirs*, Nock expandiu e teceu temas de seus livros anteriores sobre história, teoria, cultura e Estado, e ao longo de toda a obra havia um pessimismo intensificado sobre as perspectivas de uma adoção generalizada do libertarianismo que era muito compreensível para os tempos em que ele escreveu. A Lei de Gresham — o mau substituindo o bom — funcionava inevitavelmente, ele sentia, no campo da cultura e das ideias, assim como no campo da cunhagem e do dinheiro. À medida que marchávamos para a nova barbárie, a natureza teria que seguir seu curso.⁹

Enquanto isso, no campo da economia, parecia que os keynesianos e os planejadores econômicos estavam varrendo tudo à sua frente. O mais distinto dos economistas do *laissez-faire*, Ludwig von Mises, que esteve na linha de frente do mundo econômico no continente durante a adolescência e a década de 20, foi amplamente esquecido na esteira da “Revolução Keynesiana” do final da década de 1930.

E essa negligência veio embora Mises tenha ganhado fama entre os economistas de língua inglesa durante o início da década de 1930, precisamente com base em sua teoria dos ciclos econômicos que atribuía a Grande Depressão à intervenção do governo.

⁷ Isabel Paterson, *The God of the Machine* (Nova York: GP Putnam's Sons, 1943), pp. 240–42.

⁸ (Nova York: Harper and Bros., 1943).

⁹ Para a recepção de *Memoirs*, ver Robert M. Crunden, *The Mind and Art of Albert Jay Nock* (Chicago: Henry Regnery, 1964), pp. 189-191; para as opiniões apreciativas de Nock sobre os livros de Lane e Paterson, veja *Selected Letters of Albert Jay Nock*, FJ Nock, ed. (Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1962), pp. 145–51.

Um refugiado dos nazistas, Mises havia publicado um gigantesco tratado *laissez-faire* sobre economia em Genebra em 1940, um livro que se perdeu em meio às tempestades gêmeas da marcha em direção ao coletivismo no pensamento econômico e do holocausto da Segunda Guerra Mundial.

Emigrando para Nova York em 1940, Mises, desprovido de um cargo acadêmico, conseguiu escrever e publicar dois livros durante a guerra. Ambos eram trabalhos altamente importantes que, novamente, causaram pouco ou nenhum impacto no mundo acadêmico.

O curto *Bureaucracy de Mises*¹⁰ ainda é um dos melhores tratamentos da natureza da burocracia e da nítida divergência inerente entre a administração com fins lucrativos e a administração sem fins lucrativos, ou burocrática.

O *Omnipotent Government*¹¹ de Mises ganhou algum reconhecimento acadêmico como a declaração mais importante da posição antimarxista de que a essência da Alemanha nazista não era o reflexo dos grandes negócios, mas uma variante do socialismo e do coletivismo.

(Em Colúmbia, naqueles dias, o *Omnipotent Government* estava sendo lido como o antípoda da obra marxista muito popular de Franz Neumann sobre o nazismo, *Behemoth*.)

Mas o trabalho libertário da guerra que estava destinado a ter de longe o maior impacto imediato não foi o de Mises, mas o de seu mais proeminente seguidor austríaco de livre mercado, Friedrich A. Hayek.

Hayek emigrou para a Inglaterra no início da década de 1930, para lecionar na London School of Economics, e teve um impacto considerável sobre os economistas mais jovens, além de alcançar proeminência nos círculos intelectuais ingleses, e entre filósofos emigrados ilustres na Inglaterra como Karl Popper e Michael Polanyi.

Foi, talvez, essa proeminência na Inglaterra que ajudou a explicar o enorme sucesso popular e acadêmico de *The Road to Serfdom*, de

¹⁰ (New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1944).

¹¹ (New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1944).

Hayek.¹² Pois certamente não era o estilo de Hayek, fortemente germânico em vez de brilhante, e muito menos legível do que Mises, que havia perseguido um tema semelhante. Talvez os intelectuais, fartos de anos de propaganda pró-estatista e pró-planejamento, estivessem maduros para uma declaração do outro lado da moeda.

Seja lá qual for o motivo, *The Road to Serfdom* atingiu os círculos intelectuais dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha como um sucesso de bilheteria. Sua principal tese era que o socialismo e o planejamento central eram incompatíveis com a liberdade, o estado de direito ou a democracia.

Os regimes nazista e fascista foram considerados um aspecto desse coletivismo moderno, e Hayek delineou de forma reveladora as grandes semelhanças entre o planejamento estatista da República de Weimar e o programa econômico posterior de Hitler. A altamente elogiada social-democracia da República de Weimar era apenas um fascismo em embrião.¹³

O Road to Serfdom causou impacto em todos os níveis de opinião. Os jornais de Hearst publicaram o livro, saudando seu ataque ao socialismo. Tornou-se obrigatório em praticamente todos os cursos universitários, como estabelecendo o caso do “outro lado” (embora, na verdade, fosse pouco consistente em suas visões *de laissez-faire*).

Os intelectuais ingleses ficaram tão perturbados que duas tentativas de refutação de Hayek pelos social-democratas foram impressas às pressas: o injurioso *Road to Reaction*, de Hermann Finer, e o *Plan or No Plan*, de Barbara Wootton (ao qual Mises replicaria que os economistas do livre mercado favoreciam o planejamento de cada homem para *si mesmo*).

E o trabalho de Hayek teve um efeito incalculável em converter ou ajudar a converter muitos intelectuais socialistas às fileiras

¹² (University of Chicago Press, 1944).

¹³ É intrigante que a análise de Hayek da social-democracia como totalitarismo e fascismo em embrião fosse muito semelhante, embora com uma retórica muito diferente, à crítica do marxista inglês R. Palme Dutt nos dias radicais anteriores ao advento da Linha de Frente Popular, é claro. Cf. R. Palme Dutt, *Fascism and Social Revolution* (Nova York: International Publishers, 1934).

individualistas e capitalistas. John Chamberlain, um dos principais escritores e críticos de Esquerda da década de 1930 e autor do famoso *Farewell to Reform*, encontrou sua conversão ao individualismo conservador muito acelerada pelo livro, e Chamberlain contribuiu com o prefácio de *The Road to Serfdom*.

F.A. Harper, professor de economia agrícola de livre mercado em Cornell, viu redobrada sua dedicação às visões libertárias. E Frank S. Meyer, um dos principais teóricos do Partido Comunista, membro de seu comitê nacional e diretor de sua Escola dos Trabalhadores em Chicago, achou perturbadoramente convincente o retrato de Hayek da incompatibilidade entre socialismo e liberdade.

É uma nota de rodapé irônica e fascinante para a história ideológica de nosso tempo que *The Road to Serfdom* teve uma de suas resenhas mais simpáticas no *Communist New Masses* — uma resenha que constituiu uma das últimas contribuições de Frank Meyer ao movimento comunista. E certamente esses foram apenas alguns exemplos do impacto vital do trabalho de Hayek.

Mas esse impacto, e mesmo o impacto das ondas mais silenciosas feitas por outras obras libertárias durante a guerra, foi visível apenas como um sucesso de época. Não *parecia* haver nenhum resultado duradouro, nenhum tipo de movimento para emergir dos dias sombrios em que o credo libertário havia caído. Na superfície, quando a guerra chegou ao fim, parecia haver tão pouca esperança como sempre para a causa individualista e de livre mercado como havia tido durante a guerra.

CAPÍTULO 07.

O RENASCIMENTO PÓS-GUERRA I: LIBERTARIANISMO

Por um tempo, o clima ideológico do pós-guerra parecia ser o mesmo de durante a guerra: o internacionalismo, o estatismo, a adulação do planejamento econômico e do estado centralizado, eram galopantes em todos os lugares.

Durante o primeiro ano do pós-guerra, 1945-46, ingressei na Columbia Graduate School, onde a atmosfera intelectual era opressivamente apenas mais do mesmo. No início de 1946, os veteranos voltaram da guerra, e a atmosfera no campus estava repleta de planos inebriantes e ilusões de várias alas da Velha Esquerda.

A maioria dos veteranos havia se juntado ao recém-formado Comitê de Veteranos Americanos (AVC), um grupo confinado aos veteranos da Segunda Guerra Mundial com a grande esperança de substituir a velha e reacionária Legião Americana e os Veteranos de Guerras Estrangeiras.

Durante esses anos, o AVC no campus foi dividido entre os social-democratas à direita e os comunistas e seus aliados à esquerda, e essas facções definiram os parâmetros do debate político no campus. Foi nessa atmosfera sufocante que percebi pela primeira vez que não estava totalmente sozinho; que havia algo como um “movimento” libertário, por menor e embrionário que fosse.

Um jovem professor de economia da Brown University começou a lecionar em Columbia no outono de 1946: George J. Stigler, que mais tarde se tornaria um membro distinto da livre mercadista “Escola de Chicago” de economia.

Alto, espirituoso, seguro de si, Stigler entrou em uma enorme aula de teoria dos preços e começou a confrontar os diversos esquerdistas ao dedicar suas duas primeiras palestras a um ataque ao controle de aluguéis e a uma refutação das leis do salário-mínimo.

Ao sair da sala de aula, Stigler era cercado por círculos em movimento de alunos espantados e desnorteados, argumentando contra

seu ponto de vista que lhes parecia ter sido retirado diretamente da Era Neandertal.

É claro que fiquei encantado; aqui estava finalmente um ponto de vista de livre mercado com substância intelectual, e não simplesmente expresso nos tons lúgubres e confusos da Hearst Press! O professor Stigler nos encaminhou um panfleto (já há muito esgotado e *até hoje* um dos poucos estudos sobre controle de aluguéis) escrito em conjunto por ele e outro jovem economista do livre mercado, Milton Friedman, “Telhados ou Tetos?” e publicado por uma organização chamada Foundation for Economic Education (FEE), em Irvington-on-Hudson, Nova York.

Stigler explicou que ele e Friedman publicaram o panfleto com essa roupagem obscura porque “ninguém mais o publicaria”. Encantado, escrevi para o panfleto para obter informações sobre a organização; e por meio desse ato eu tinha involuntariamente “entrado” no movimento libertário.

A FEE foi fundada em 1946 por Leonard E. Read, que por muitos anos foi seu presidente, governante, formador do editorial, arrecadador de fundos e luz guia. Naqueles anos e por muitos anos depois, a FEE serviu como foco principal e centro aberto para a atividade libertária nos Estados Unidos.

Não apenas praticamente todos os libertários proeminentes no país que já estão na meia-idade ou mais serviram uma vez ou outra em sua equipe; mas por suas atividades, a FEE serviu como o primeiro farol para atrair inúmeros jovens libertários para o movimento.

Sua primeira equipe se concentrou em um grupo de economistas agrícolas de livre mercado liderados pelo Dr. FA (“Baldy”) Harper, que havia vindo de Cornell, e que já havia escrito um panfleto antiestatista, “A Crise do Livre Mercado,” para o National Industrial Conference Board, para quem Leonard Read trabalhou depois de deixar a Câmara de Comércio de Los Angeles.

Entre os jovens economistas vindos de Cornell para a FEE com Harper estavam os doutores Paul Poirot, William Marshall Curtiss, Ivan Bierly e Ellis Lamborn. Vindo para a FEE de Los Angeles junto com Read estava o Dr. V. Orval Watts, que havia sido o economista da Câmara de Los Angeles.

Uma das figuras importantes, mas desconhecidas, do movimento libertário do início do pós-guerra foi Loren (“Red”) Miller, que havia sido ativo em movimentos de reforma municipal em Detroit e em outros lugares.

Em Kansas City, Miller juntou-se a William Volker, chefe da William Volker Company, uma importante distribuidora de móveis por atacado para os estados do oeste, na luta contra a corrupta máquina Pendergast. O carismático Miller foi aparentemente essencial na conversão de muitos reformadores municipais em todo o país ao *laissez-faire*; estes incluíam Volker e seu sobrinho e herdeiro Harold W. Luhnnow.¹

Luhnnow, agora chefe da Volker Company e do William Volker Charities Fund de seu tio, era um isolacionista ativo antes da guerra. Agora ele se tornara um defensor ativo da FEE e estava particularmente ansioso para promover a causa quase totalmente negligenciada dos estudos libertários.

Outro convertido da Red Miller foi o jovem gênio administrativo Herbert C. Cornuelle, que, por um curto período, foi vice-presidente executivo da FEE. Após a morte de Volker em 1947, Luhnnow começou a mudar a orientação do Volker Fund de instituições de caridade convencionais de Kansas City para promover bolsas de estudos libertárias e *laissez-faire*.

Ele iniciou esforços valentes no final da década de 1940 para obter cargos acadêmicos de prestígio para os líderes da Escola Austríaca de economia, Ludwig von Mises e FA Hayek. O melhor que pôde fazer por Mises, que estava definhando em Nova York, era encontrar para ele um cargo de “Professor Visitante” na Escola de Negócios da Universidade de Nova York. Mises também se tornou um membro de equipe de meio período da FEE.

Luhnnow teve mais sucesso com Hayek, conseguindo uma cátedra no recém-criado Comitê de Pensamento Social da Universidade de Chicago — depois que o departamento de economia de Chicago rejeitou um acordo semelhante.

¹ Sobre William Volker, veja Herbert C. Cornuelle, “Mr. Anonymous”: *The Story of William Volker* (Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1951).

Em ambos os casos, no entanto, a universidade se recusou a pagar qualquer salário a esses eminentes estudiosos. Pelo resto de suas carreiras na academia americana, os salários de Mises e Hayek foram pagos pelo William Volker Fund. (Depois que o Fundo entrou em colapso em 1962, a tarefa de financiar o cargo de Mises na NYU foi assumida por Read e um consórcio de empresários.)

Após alguns anos atuando sozinho no Volker Fund, Harold Luhnnow decidiu expandir a atividade do Fundo de estímulo à bolsas de estudos conservadoras e libertárias, e Herb Cornuelle passou da FEE para o Volker Fund como seu primeiro oficial de contatos.

Após uma breve agitação política contra o controle de aluguéis, Read decidiu manter a FEE como uma organização puramente educacional. Durante sua primeira década, a FEE publicou panfletos de funcionários e outros, muitos dos quais foram reunidos em uma série em forma de livro, *Essays on Liberty*; mas provavelmente mais importante foi seu papel como um centro aberto para o movimento, em seu patrocínio de seminários, reuniões e saraus, e em sua hospitalidade a libertários visitantes e iniciantes.

Foi na e através da FEE que conheci ou descobri todos os canais anteriormente “subterrâneos” do pensamento e expressão libertária: os livros publicados durante a guerra, os Nockianos (o próprio Nock havia morrido no verão de 1945) e as atividades contínuas de John T. Flynn e Rose Wilder Lane (que sucedeu a Nock como editor da *Economic Council Review of Books*) e *Human Events*.

Foi no meio deste novo e emocionante meio social que eu emergi depois de minha antiga, mas vaga, “Câmara do Conservadorismo do Comércio” {Chamber of Commerce Conservatism} e me tornei um libertário *laissez-fairista* intransigente e “doutrinário”,² acreditando que nenhum homem e nenhum governo tinha o direito de agredir a pessoa ou propriedade de outro homem.

Foi também nesse período que me tornei um “isolacionista”. Durante os anos em que eu estava me tornando cada vez mais “conservador” economicamente, eu tinha desenvolvido pouco ou

² N. do T.: Aqui, há uma concepção distinta da usual de “doutrinário”, por doutrinário se quer expressar, aqui, alguém que é rígido e inflexível sobre suas ideias.

nenhum pensamento independente sobre questões estrangeiras; eu estava literalmente satisfeito em tirar meu pensamento de política externa dos editoriais do bom e cinzento *New York Times*.

Agora tinha ficado claro para mim, no entanto, que o “isolacionismo” nas relações exteriores era apenas a contrapartida estrangeira do governo estritamente limitado dentro das fronteiras de cada nação.

Uma das influências mais importantes sobre mim foi Baldy Harper, cuja hospitalidade tranquila e gentil para com os jovens recém-chegados atraiu muitos de nós ao puro credo libertário que ele defendia e exemplificava — um credo ainda mais eficaz por enfatizar os aspectos filosóficos da liberdade ainda mais do que o estritamente econômico.

Outro foi Frank Chodorov, que conheci na FEE e, assim, descobri sua soberbo jornal *Analysis*. Mais do que qualquer força isolada, Frank Chodorov — aquele nobre, corajoso, sincero e espontâneo gigante de homem que não se comprometeu nem um pinga em suas eloquentes denúncias de nosso inimigo, o Estado — foi minha entrada para o libertarianismo intransigente.

A primeira vez que me deparei com o trabalho de Frank foi um verdadeiro — e infinitamente emocionante — choque cultural. Eu estava na livraria da Universidade de Columbia um dia em 1947, quando, em meio a uma série de panfletos usuais stalinistas, trotskistas etc., um panfleto estava estampado em letras vermelhas com o título: “Tributação é Roubo”, de Frank Chodorov.³ Apenas isso.

Ao ver aquelas palavras brilhantes e irrefutáveis, minha visão ideológica nunca mais poderia ser a mesma. O que mais, de fato, era a tributação senão um ato de roubo? E ficou claro para mim que não havia como definir tributação de uma forma que não fosse aplicável também ao tributo cobrado por uma quadrilha de ladrões.

Chodorov começou seu panfleto afirmando que havia apenas duas posições morais alternativas básicas sobre o Estado e a tributação. A primeira sustenta que “as instituições políticas derivam da 'natureza do homem', assim, gozando de uma divindade vicária”, ou que o Estado

³ Frank Chodorov, *Taxation Is Robbery* (Chicago: Human Events Associates, 1947), reimpresso em Chodorov, *Out of Step* (Nova York: DevinAdair, 1962).

é “a pedra angular das integrações sociais”. Os adeptos desta posição não têm dificuldade em favorecer a tributação.

As pessoas do segundo grupo “defendem a primazia do indivíduo, cuja própria existência está em sua reivindicação de direitos inalienáveis”; eles acreditam que “na cobrança compulsória de taxas e encargos o Estado está apenas exercendo o poder, sem nenhuma referência à moralidade”. Chodorov sem hesitar se colocou neste segundo grupo:

Se presumirmos que o indivíduo tem um direito indiscutível à vida, devemos admitir que ele tem um direito semelhante ao gozo dos produtos de seu trabalho. A isso chamamos de direito de propriedade.

O direito absoluto à propriedade decorre do direito original à vida porque um sem o outro não tem significado; os meios para a vida precisam ser identificados para com a própria vida.

Se o estado tem um direito prévio sobre os produtos do trabalho de alguém, seu direito à existência é condicional [...] nenhum tipo de direito prévio pode ser estabelecido, exceto declarando o estado o autor de todos os direitos.

*[...] Nós nos opomos à tomada de nossa propriedade pela sociedade organizada, assim como fazemos quando uma unidade singular da sociedade comete o ato. Neste último caso, sem hesitação, chamamos o ato de roubo, um **malum in se**.*

Não é a lei que em primeira instância define o roubo, é um princípio ético, e isso a lei pode violar, mas não substituir. Se pelas necessidades da vida aquiescemos à força da lei, se por longo costume perdemos de vista a imoralidade, o princípio foi

*obliterado? Roubo é roubo, e nenhuma quantidade de palavras pode transformá-lo em outra coisa.*⁴

A ideia de que os impostos são simplesmente um pagamento por serviços sociais prestados recebeu apenas desprezo de Chodorov:

*A tributação pelos serviços sociais sugere uma troca equitativa. Sugere um **quid pro quo**, uma relação de justiça. Mas a condição essencial da troca, que seja realizada voluntariamente, está ausente da tributação; seu próprio uso da compulsão remove a tributação do campo do comércio e a coloca diretamente no campo da política.*

Os impostos não podem ser comparados aos devidos pagos a uma organização voluntária por serviços como se espera da membresia, porque a opção de retirada não existe.

*Ao se recusar a trocar, pode-se negar o lucro, mas a única alternativa ao pagamento de impostos é a prisão. A sugestão de equidade na tributação é espúria. Se recebemos alguma coisa pelos impostos que pagamos, não é porque queremos; é forçado sobre nós.*⁵

Sobre o princípio da “capacidade de pagar” da tributação, Chodorov observou acidamente: “O que é senão a regra do salteador de tomar onde é melhor tomar?” Ele concluiu incisivamente: “Não pode haver um imposto bom ou justo; todo imposto baseia-se na compulsão.”⁶

⁴ Chodorov, *Out of Step*, pág. 217.

⁵ *Ibid.*, pp. 228-29.

⁶ *Ibid.*, pp. 237, 239.

Ou tome outra manchete que gritou para mim *da Analysis* de Chodorov: NÃO COMPRE TÍTULOS! Em uma época em que os títulos de poupança do governo estavam sendo vendidos universalmente como um símbolo de patriotismo, isso também foi um choque. No artigo, Chodorov concentrou-se na imoralidade básica, não apenas na instabilidade fiscal do processo federal de pagamento de impostos e títulos.

É típico de Frank Chodorov que sua consistência, sua própria presença, tenha exposto os muito mais numerosos grupos de “livre-iniciativa” como servidores de seu tempo ou mesmo como os charlatães que tendiam a ser.

Enquanto outros grupos conservadores pediam uma redução da carga tributária, Chodorov pediu sua abolição; enquanto outros alertavam para o crescente peso da dívida pública, Chodorov sozinho — e magnificamente — exigia seu *repúdio* como o único curso moral.

Pois se a dívida pública é pesada e imoral, então o repúdio total é a melhor e mais moral maneira de se livrar dela. Se os detentores de títulos, como parecia claro, estavam vivendo coercitivamente do pagador de impostos, essa expropriação legalizada teria que ser encerrada o mais rápido possível.

O repúdio, escreveu Chodorov,

“pode ter um efeito salutar na economia do país, já que a diminuição da carga tributária deixa mais para os cidadãos usufruírem. O mercado torna-se, nessa medida, mais saudável e mais vigoroso.”

Além disso,

*“O repúdio se recomenda também porque enfraquece a fé no Estado. Até que o ato seja esquecido pelas gerações seguintes, as promessas do Estado encontram poucos crentes; sua credibilidade é quebrada.”*⁷

⁷ *Ibid.*, pág. 2.

Quanto ao argumento de que comprar títulos é a expressão patriótica do público de apoio à guerra, Chodorov retrucou que o verdadeiro patriota daria, não emprestaria, dinheiro para o esforço de guerra.

Como discípulo de Albert Jay Nock e além disso como um oponente intransigente e consistente do poder e privilégio do Estado, Frank Chodorov estava profundamente ciente do abismo entre ele e os grupos antissocialistas e da livre iniciativa comuns. Ele apontou a diferença brilhantemente em seu “Socialismo por Padrão”:

A causa da propriedade privada foi defendida por homens que não tinham interesse nela; sua principal preocupação sempre foi com a instituição do privilégio que cresceu ao lado da propriedade privada.

Eles começam definindo propriedade privada como qualquer coisa que possa ser obtida por lei; assim, eles colocam sua astúcia no controle da máquina legislativa, de modo que as leis emergentes lhes permitem lucrar às custas dos produtores.

Eles falam sobre os benefícios da competição e trabalham para práticas monopolistas. Eles exaltam a iniciativa individual e apoiam limitações legais a indivíduos que possam desafiar sua ascendência.

Em suma, servem ao Estado, o inimigo da propriedade privada, porque lucram com seus esquemas. Sua única objeção ao Estado é sua inclinação para invadir sua posição privilegiada ou estender privilégios a outros grupos.⁸

8

Frank Chodorov, *One Is a Crowd* (Nova York: Devin-Adair, 1952), pp. 93-94.

Especificamente, Chodorov apontou que, se os grupos de “livre iniciativa” sinceramente favorecessem a liberdade, eles pediriam a abolição de: tarifas, cotas de importação, manipulação de dinheiro pelo governo, subsídios a ferrovias, companhias aéreas e transportadoras e subsídios aos preços agrícolas.

Os únicos subsídios que esses grupos atacarão, acrescentou, são aqueles “que não podem ser capitalizados” no valor das ações corporativas, como esmolas para veteranos ou para aqueles que estão desempregados.

Tampouco se opõem à tributação; por um lado, os detentores de títulos do governo não podem atacar o imposto de renda e, por outro, os interesses do licor se opõem à abolição dos impostos sobre os alambiques porque então “qualquer fazendeiro poderia abrir uma destilaria”. E acima de tudo,

o militarismo é, sem dúvida, o maior desperdício de todos, além de ser a maior ameaça à liberdade do indivíduo, e, no entanto, é mais tolerado do que combatido por aqueles cujos corações sangram pela liberdade, de acordo com sua literatura.⁹

Foi em grande parte por meio de Chodorov e do *Analysis* que descobri Nock, Garrett, Mencken e outros gigantes do pensamento libertário. Na verdade, foi Chodorov quem deu a esse jovem e ávido autor sua primeira chance de ser impresso — além de cartas à imprensa — em uma encantada resenha de *Chrestomathy, de HL Mencken*, na edição de agosto de 1949 da *Analysis*.

Foi também minha primeira descoberta de Mencken, e fiquei permanentemente deslumbrado com seu brilhante estilo e sagacidade; e passei muitos meses devorando o máximo de HLM que pude colocar em minhas mãos. E como resultado do meu artigo, comecei a fazer resenhas de livros para Chodorov por alguns meses.

⁹ *Ibid.*, pág. 95.

O inverno de 1949-50, de fato, testemunhou os dois eventos intelectuais mais emocionantes e devastadores de minha vida: minha descoberta da economia “austríaca” e minha conversão ao anarquismo individualista.

Eu havia passado pelo Columbia College e pela escola de pós-graduação em economia da Columbia, pelo meu exame de Ph.D. oral na primavera de 1948, e nenhuma vez eu tinha ouvido falar de economia austríaca, exceto como algo que havia sido integrado ao corpo principal da economia por Alfred Marshall sessenta anos antes.

Mas descobri na FEE que Ludwig von Mises, de quem eu tinha ouvido falar apenas como tendo argumentado que o socialismo não podia calcular economicamente, estava dando um seminário aberto contínuo na Universidade de Nova York.

Comecei a participar do seminário semanalmente, e o grupo se tornou uma espécie de ponto de encontro informal para pessoas orientadas para o livre mercado na cidade de Nova York. Eu também tinha ouvido falar que Mises havia escrito um livro cobrindo “tudo” em economia, e quando seu *Human Action* foi publicado naquele outono, veio como uma revelação genuína.

Embora sempre tenha gostado de economia, nunca consegui encontrar um lar confortável na teoria econômica: tendia a concordar com as críticas institucionalistas de keynesianos e matemáticos, mas também com as críticas destes últimos aos institucionalistas. Nenhum sistema positivo parecia fazer sentido ou permanecer unido.

Mas em *Human Action* de Mises encontrei a economia como uma arquitetura soberba, um edifício poderoso com cada bloco de construção relacionado e integrado uns aos outros. Ao lê-lo, tornei-me um “austríaco” e Misesiano dedicado, e li o máximo de economia austríaca que pude encontrar.

Embora eu fosse um economista e agora tivesse encontrado um lar na teoria austríaca, minha motivação básica para ser um libertário nunca foi econômica, mas moral. É verdade que a doença da maioria dos economistas é pensar apenas em termos de uma “eficiência” fantasma e acreditar que eles podem então fazer pronunciamentos políticos como puros técnicos sociais isentos de valores, divorciados da ética e do reino moral.

Embora eu estivesse convencido de que o livre mercado era mais eficiente e traria um mundo muito mais próspero do que o estatismo, minha maior preocupação era moral: a percepção de que a coerção e agressão de um homem sobre outro era criminosa e iníqua, e deveria ser combatida e abolida.

Minha conversão ao anarquismo foi um simples exercício de lógica. Eu me envolvia continuamente em discussões amigáveis sobre *laissez-faire* com amigos liberais da pós-graduação. Embora condenasse a tributação, eu ainda achava que a tributação era necessária para fornecer proteção policial e judicial e apenas para isso.

Certa noite, dois amigos e eu tivemos uma de nossas longas discussões habituais, aparentemente inúteis; mas desta vez, quando eles foram embora, senti que, pela primeira vez, algo vital havia sido dito. Ao relembrar a discussão, percebi que meus amigos, como liberais, haviam lançado o seguinte desafio à minha posição *de laissez-faire*:

Eles: *Qual é a base legítima para o seu governo laissez-faire, para essa entidade política confinada apenas à defesa de pessoas e propriedades?*

Eu: *Bem, as pessoas se reúnem e decidem estabelecer tal governo.*

Eles: *Mas se “o povo” pode fazer isso, por que não pode fazer exatamente a mesma coisa e se reunir para escolher um governo que vai construir siderúrgicas, barragens, etc.?*

Percebi em um piscar de olhos que a lógica deles era impecável, que o governo *laissez-faire* era logicamente insustentável e que ou eu tinha que me tornar um liberal ou avançar para o anarquismo. Eu me tornei um anarquista.

Além disso, vi a total incompatibilidade dos insights de Oppenheimer e Nock sobre a natureza do Estado como conquista, com a vaga base do “contrato social” que eu vinha postulando para um governo *laissez-faire*. Vi que o único contrato *genuíno* tinha que ser o

de um indivíduo dispor ou usar especificamente sua própria propriedade.

Naturalmente, o anarquismo que eu havia adotado era individualista e de livre mercado, uma extensão lógica do *laissez-faire*, e não o comunalismo confuso que marcou a maior parte do pensamento anarquista contemporâneo.

Além de Mencken e da economia austríaca, comecei a devorar toda a literatura anarquista individualista que consegui encontrar — felizmente, como nova-iorquino, estava perto de duas das melhores coleções anarquistas do país, em Columbia e na Biblioteca Pública de Nova York.

Percorri as fontes não apenas por interesse acadêmico, mas também para me ajudar a definir minha própria posição ideológica. Encantei-me particularmente com *Liberty*, de Benjamin R. Tucker, a grande revista anarquista individualista publicada por quase três décadas na última parte do século XIX.

Fiquei particularmente encantado com a lógica incisiva de Tucker, seu estilo claro e lícido e sua dissecação implacável de numerosos “desvios” de sua linha particular. E Lysander Spooner, o advogado constitucionalista anarquista e associado de Tucker, encantou-me por seu brilhante insight sobre a natureza do Estado, sua devoção à moralidade e à justiça, e sua formulação de injúrias anarquistas em um delicioso estilo jurídico.

A carta de Spooner a *Grover Cleveland* descobri ser uma das maiores demolições do estatismo já escritas.¹⁰ E para meu próprio desenvolvimento pessoal, achei a seguinte passagem em *No Treason de Spooner* decisiva para confirmar e fixar permanentemente meu ódio ao Estado. Eu estava convencido de que ninguém poderia ler essas linhas maravilhosamente claras sobre a natureza do Estado e permanecer inabalável:

¹⁰ Lysander Spooner, *A Letter to Grover Cleveland, On His False Inaugural Address, the Usurpations and Crimes of Lawmakers and Judges, and the Consequent Poverty, Ignorance and Servitude of the People* (Boston: Benjamin R. Tucker, 1886).

O fato é que o governo, como um salteador, diz a um homem: “Seu dinheiro ou sua vida”. E muitos, se não a maioria, dos impostos são pagos sob a compulsão dessa ameaça.

O governo, de fato, não embosca um homem em um lugar solitário, salta sobre ele da beira da estrada e, segurando uma pistola em sua cabeça, começa a fuçar seus bolsos. Mas o roubo não deixa de ser um roubo por causa disso, e é muito mais covarde e vergonhoso.

O salteador assume unicamente para si a responsabilidade, o perigo e o crime de seu próprio ato. Ele não finge que tem qualquer direito legítimo ao seu dinheiro, ou que pretende usá-lo em seu próprio benefício. Ele não finge ser nada além de um ladrão.

Ele não adquiriu a insolência suficiente para professar ser apenas um “protetor”, e que recebe o dinheiro dos homens contra a vontade deles, apenas para capacitá-lo a “proteger” aqueles viajantes apaixonados, que se sentem perfeitamente capazes de se proteger, ou não apreciam seu peculiar sistema de proteção. Ele é um homem muito sensato para fazer profissões como essas.

Além disso, tendo recebido seu dinheiro, ele o deixa como você deseja que ele faça. Ele não insiste em segui-lo na estrada, contra a sua vontade; assumindo ser seu legítimo “soberano”, por conta da “proteção” que ele lhe oferece.

Ele não continua “protegendo” você ordenando que você se curve e o sirva; exigindo que você faça isso e proibindo você de fazer aquilo; roubando-lhe mais dinheiro com a frequência que ele

achar para seu interesse ou prazer fazê-lo; e marcando você como um rebelde, um traidor e um inimigo de seu país, e abatendo você sem piedade, se você contestar sua autoridade ou resistir a suas exigências.

Ele é cavalheiro demais para ser culpado de tais imposturas e vilanias como essas. Em suma, ele não tenta, além de roubá-lo, torná-lo seu logro ou seu escravo.¹¹

O anarquismo, de fato, estava no ar em nosso pequeno movimento naqueles dias. Meu amigo e colega estudante de Mises, Richard Cornuelle, irmão mais novo de Herb, foi meu primeiro, e disposto, convertido.

O fermento anarquista também estava fermentando nada mais nada menos do que na FEE. Ellis Lamborn, um dos membros da equipe, estava se referindo abertamente a si mesmo como um “anarquista”, e Dick sorridente relatou de sua própria estadia na FEE que estava “tendo crescente dificuldade em lidar com os argumentos dos anarquistas”.

Dick também relatou com prazer que, em meio a uma longa discussão sobre como chamar esse credo puramente libertário recém-descoberto — “libertário”, “voluntário”, “individualista”, “verdadeiro liberal” etc. — esse membro pioneiro da equipe interveio, com seu sotaque do Centro-Oeste: “Ô Inferno, 'anarquista' é bom o suficiente para mim.”

Outro importante membro da equipe, FA Harper, em uma de minhas visitas a Irvington, puxou suavemente uma cópia de *The Law of Love and the Law of Violence*, de baixo de sua mesa e, assim, me apresentou à variante pacifista absoluta do anarquismo.

De fato, havia rumores de que quase toda a equipe da FEE havia se tornado anarquista nessa época, com exceção do próprio Sr. Read — e que até ele estava à beira do precipício. O mais próximo que Read

¹¹ Lysander Spooner, *No Treason* (Larkspur, Colo.: Pine Tree Press, 1966), p. 17.

chegou publicamente do precipício foi em seu panfleto “Estudantes da Liberdade”, escrito em 1950.

Depois de expor a necessidade de manter a violência do governo estritamente limitada à defesa da pessoa e da propriedade, Read confessou que mesmo esses limites propostos o deixaram com duas perguntas reveladoras para as quais não conseguira encontrar respostas satisfatórias.

Primeira, “pode a violência ser instituída, independentemente de quão oficial ou quão limitada em intensão seja, sem gerar violência fora da oficialidade e além da limitação prescrita?”

E segunda,

Não é, a limitação do governo, exceto por períodos relativamente curtos, impossível? Os instintos predatórios de alguns homens, que o governo se propõe a suprimir, não aparecerão eventualmente nos agentes escolhidos para suprimir?

Esses instintos, talvez, sejam companheiros inseparáveis do poder. [...] Se há criminosos entre nós, o que os impede de ganhar e usar o poder do governo?¹²

Não é coincidência, de fato, que a influência tolstoiana, o contraste da “lei do amor” com a “lei da violência” que constitui o governo, apareça como leitmotiv ao longo do ensaio.¹³

¹² Leonard E. Read, *Students of Liberty* (Irvington-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1950), p. 14.

¹³ “O dia em que começaram as mentiras” de Read, escrito por volta do mesmo período, começa explicitamente com uma citação de Tolstói e é escrito como uma crítica tolstoiana de organizações que reprimem ou violam a consciência de membros individuais. Ver “On That Day Began Lies”, *Essays on Liberty* (Irvington-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1952), vol. 1, pp. 231–52.

O idílio libertário na FEE chegou ao fim abruptamente em 1954, com a publicação do livreto de Leonard Read *Government—An Ideal Concept*. O livro causou ondas de choque reverberando nos círculos libertários, pois com este trabalho Read voltou decisivamente para o campo pró-governo. Read havia abandonado a liderança do campo anarcocapitalista, que poderia ter sido seu, a fim de assumir os porretes para a Velha Ordem.

Antes da publicação desse livro, nenhum dos numerosos ensaios da FEE jamais havia dito uma única palavra em louvor ao governo; todo o seu impulso tinha sido em oposição à ação ilegítima do governo. Embora o anarquismo nunca tenha sido explicitamente defendido, todo o material da FEE foi *consistente* com um ideal anarquista, porque a FEE nunca defendeu positivamente o governo ou declarou que era um ideal nobre. Mas agora essa tradição tinha sido liquidada.

Inúmeras cartas e longos manuscritos chegaram à FEE em protesto de amigos anarquistas de todo o país. Mas Read ficou indiferente;¹⁴ entre os anarquistas, clamou-se que Leonard havia literalmente “se vendido”, e as fofocas diziam que um fator importante no retrocesso de Leonard foi um relatório objetivo e completo sobre a

¹⁴ Um dos manuscritos de protesto que circulavam entre os libertários na época foi escrito pelo Sr. Mercer Parks. Parques escreveu,

Defender o uso de coerção para cobrar quaisquer impostos relutantes alegando que o governo “está apenas desempenhando seu papel próprio de defender seus membros” [...] é evasivamente inconsistente com as crenças publicadas dos membros da equipe da FEE. Então, coerção não é mais coerção, diz este ensaio. Mas a coerção é sempre coerção se usa a força para obrigar alguém a fazer algo de vontade comprometida. Não importa se o imposto é justo ou desigual, se for tirado de uma pessoa relutante pela força ou ameaças de força pelo governo, não importa se for apenas um centavo, é garantido pelo uso da coerção. (Mercer H. Parks, “*In Support of Limited Government*” [ms. não publicado, 5 de março de 1955])

Um triste comentário sobre o tamanho e a influência dos anarcocapitalistas na época é o fato de que críticas como as de Parks não puderam ser publicadas por falta de qualquer tipo de canal, fora da FEE, para a publicação de escritos libertários.

FEE por uma organização que estudou e resumiu institutos e fundações para potenciais contribuintes de negócios.

A organização havia chamado a FEE convincentemente de organização “Tory anarquista” ou “Anarquista de ala direita”, e o boato era que Leonard estava reagindo com medo do efeito do rótulo “anarquista” sobre as delicadas sensibilidades dos ricos contribuintes da FEE.

A publicação do livro de Read pela FEE também teve um impacto duradouro na produtividade e na bolsa de estudos da FEE. Pois até este ponto, uma das regras de trabalho era que nada fosse publicado sob o selo da FEE exceto com o consentimento unânime da equipe — assegurando assim que a preocupação tolstoiana com a consciência individual seria preservada em oposição à sua supressão e deturpação por uma organização social qualquer.

Mas aqui, apesar da forte e praticamente unânime oposição da equipe, Read rompeu com arrogância esse pacto social e foi em frente e publicou seu elogio ao governo sob o imprimatur da FEE. Foi essa atitude que lançou um lento, mas longo e constante declínio da FEE como um centro de produtividade e pesquisa libertária, bem como um êxodo da FEE de todos os seus melhores talentos, liderados por FA Harper.

Read havia prometido a Harper no início da FEE em 1946 que a organização se tornaria um instituto ou centro de estudos libertários avançados. Essas esperanças agora estavam brilhando, embora Read mais tarde negasse seu fracasso ao chamar serenamente a FEE de “ensino médio da liberdade”.

O inverno de 1949-50 foi realmente importante para mim, e não apenas porque me converti ao anarquismo e à economia austríaca. Minha adoção da economia austríaca e minha participação no seminário de Mises determinaram o curso de minha carreira por muitos anos.

Herb Cornuelle, agora do William Volker Fund, sugeriu no outono de 1949 que eu escrevesse um livro didático para universitários resumindo o *Human Action* de Mises de uma forma adequada para estudantes.

Como Mises não me conhecia na época, ele sugeriu que eu escrevesse um capítulo de amostra; Eu escrevi um capítulo sobre

dinheiro durante o inverno, e a aprovação de Mises levou o Volker Fund a me dar uma doação de vários anos para um livro austríaco — um projeto que acabou virando uma bola de neve em um tratado de grande escala sobre economia austríaca, *Man, Economy and State*, no qual comecei a trabalhar no início de 1952. Assim começou minha associação com o William Volker Fund, que continuou por uma década, e incluiu trabalho de consultoria para o fundo como revisor e analista de livros, periódicos e manuscritos.

De fato, quando a FEE deixou de cumprir sua grande promessa de produtividade e erudição, o Volker Fund começou a assumir a frente. Herb Cornuelle logo deixou o Fundo para lançar uma carreira brilhante na alta administração industrial — um ganho para a indústria, mas uma grande perda para o movimento libertário.

Seu lugar na Volker (que agora havia se mudado de Kansas City para Burlingame, Califórnia) foi ocupado por seu irmão mais novo, Dick, e logo outros oficiais de ligação foram adicionados, à medida que o conceito único do Volker Fund tomou forma.

Esse conceito envolvia não apenas o subsídio de estudos conservadores e libertários — conferências, bolsas de estudo, distribuição de livros para bibliotecas e, eventualmente, publicação direta de livros —, mas também a concessão de fundos a acadêmicos individuais, em vez da técnica usual da fundação de conceder fundos *en masse* a organizações do Establishment e universidades (como o Social Science Research Council).

Conceder fundos a indivíduos significava que o Volker Fund tinha de ter uma equipe de contatos muito maior do que fundos que eram muitas vezes maiores do que seu tamanho comparativamente modesto (aproximadamente US\$ 17 milhões).

E assim o Volker Fund acabou acrescentando Kenneth S. Templeton Jr., um jovem historiador que ensina na Kent School, Connecticut; FA. Harper, um dos êxodos da FEE; Dr. Ivan R. Bierly, aluno de doutorado de Harper em Cornell e mais tarde na FEE; e H. George Resch, recém-formado no Lawrence College e especialista em revisionismo da Segunda Guerra Mundial.

Trabalhando dentro do paradigma prescrito do velho Sr. Volker de filantropia anônima, o Volker Fund nunca cortejou ou recebeu muita

publicidade, mas suas contribuições foram vitais para promover e reunir um grande corpo de acadêmicos libertários, revisionistas e conservadores.

No campo do revisionismo, o Fundo desempenhou um papel essencial no financiamento do gigantesco projeto de Harry Elmer Barnes para uma série de livros sobre o revisionismo da Segunda Guerra Mundial.

No início dos anos 1950, toda essa atividade libertária forçou a opinião dominante a se sentar e prestar atenção. Em particular, em 1948, Herb Cornuelle e o William Volker Fund ajudaram a Spiritual Mobilization, uma organização direitista sediada em Los Angeles liderada pelo reverendo James W. Fifield, a estabelecer uma revista mensal, *Faith and Freedom*.

Cornuelle instalou William Johnson, um libertário que havia sido seu assistente na Marinha, como editor da nova revista. Chodorov, que fundiu sua *Analysis* na *Human Events* em março de 1951 e se mudou para Washington para se tornar editor associado desta última publicação, começou a escrever uma coluna regular para *Faith and Freedom*, “Along Pennsylvania Avenue”.

Em 1953, apareceu o primeiro reconhecimento mainstream do novo movimento libertário, na forma de um livro vituperante de um jovem ministro metodista denunciando os “extremistas” nas igrejas protestantes.

O livro de Ralph Lord Roy, *Apostles of Discord: A Study of Organized Bigotry and Disruption on the Fringes of Protestantism*,¹⁵ foi uma tese escrita sob o sumo sacerdote do liberalismo de esquerda no Seminário Teológico da União em Nova York, Dr. John C. Bennett.

Este trabalho fazia parte de um gênero popular da época que poderia ser chamado de “isca-extremista”, no qual o “centro vital” evidentemente adequado e correto é defendido contra extremistas de todos os tipos, mas principalmente direitistas.

Assim, Roy, dedicando um capítulo superficial para atacar protestantes pró-comunistas, passou o resto do livro em vários tipos de

¹⁵ (Boston: Beacon Press, 1953).

direitistas, a quem dividiu em dois grupos malignos: Apóstolos do Ódio e Apóstolos da Discórdia.

No um pouco menos ameaçador Ministério da Discórdia (junto com pró-comunistas e vários direitos) estava, no capítulo 12, “Deus e os ‘libertários’”, colocado por algum motivo entre aspas. Mas, aspas ou não, sob ataque ou não, pelo menos ganhamos atenção geral, e suponho que deveríamos ter ficado gratos por sermos colocados na categoria Discórdia em vez de Ódio.

Roy denunciou a “fachada” intelectual da Mobilização Espiritual e sua *Faith and Freedom*, assim como a FEE, Nock e Chodorov. Seu tratamento foi bastante preciso, embora o Volker Fund tenha conseguido passar despercebido a sua atenção; no entanto, sua inclusão da FEE sob o protestantismo foi altamente tensa, baseada apenas no fato de que Leonard Read era membro do comitê consultivo da Mobilização Espiritual.

Também atacado no capítulo de Roy foi *Christian Economics (CE)*, um tabloide bimestral de livre mercado editado pelo veterano Howard E. Kershner, que criou a Christian Freedom Foundation e começou a publicar o *CE* em 1950.

Kershner tinha sido um representante para o programa de ajuda alimentar de Herbert Hoover após a Primeira Guerra Mundial, e um amigo de longa data de seu colega Quaker. Trabalhando como colunista no escritório *da CE em Nova York* estava o jornalista econômico de longa data Percy L. Greaves Jr., que estava se tornando um fiel seguidor de Ludwig von Mises no seminário de Mises.

Antes de vir para Nova York para se juntar à *CE* em 1950, Percy foi um dos principais funcionários do Comitê Nacional Republicano em Washington e foi o conselheiro minoritário do senador Brewster de Maine e do comitê de investigação do Congresso de Pearl Harbor.

Essa experiência fez de Percy um dos mais destacados revisionistas de Pearl Harbor no país. Percy era um raro exemplo de alguém com experiência política e interesse em estudos econômicos. Ainda em Washington em 1950, ele pensou seriamente em concorrer ao Senado dos Estados Unidos por Maryland nas primárias republicanas.

Como esse acabou sendo o ano em que o aparentemente inexpugnável senador Millard E. Tydings perdeu para o desconhecido John Marshall Butler por causa da batalha de Joe McCarthy contra ele, Percy poderia muito bem ter se tornado senador naquele ano em vez de Butler.

Como resultado, e por causa de seu comportamento geral, nosso grupo no seminário de Mises se referiu carinhosamente a Percy como “o senador”.

Um aspecto gratificante de nossa ascensão a alguma proeminência é que, pela primeira vez em minha memória, nós, “o nosso lado”, capturamos uma palavra crucial do inimigo. Outras palavras, como “liberal”, foram originalmente identificadas com libertários *laissez-fairistas*, mas foram capturadas por estatistas de esquerda, forçando-nos na década de 1940 a nos chamarmos de liberais “verdadeiros” ou “clássicos”.¹⁶

“Libertários”, em contraste, há muito era simplesmente uma palavra educada para anarquistas de esquerda, isto é, para anarquistas antipropriedade privada, seja da variedade comunista ou da sindicalista. Mas agora nós a havíamos assumido, e mais apropriadamente do ponto de vista da etimologia; já que éramos defensores da liberdade individual e, portanto, do direito do indivíduo à sua propriedade.

Alguns libertários, como Frank Chodorov, continuaram a preferir a palavra “individualista”. De fato, o que Frank considerava seu maior legado para a causa foi a fundação da educacional Sociedade Intercollegiate de Individualistas.

Frank dedicou uma edição especial da *Analysis* de outubro de 1950 a “O projeto de 50 anos” para retomar a vida intelectual do estatismo predominante na América. Chodorov atribuiu a “transmutação do caráter americano de individualista para coletivista”

¹⁶ Outra palavra capturada pelos estatistas foi “monopólio”. Do século XVII ao XIX, “monopólio” significava simplesmente a concessão de privilégio exclusivo pelo Estado para produzir ou vender um produto. No final do século XIX, no entanto, a palavra havia se transformado virtualmente em seu oposto, passando a significar, em vez disso, a obtenção de um preço no livre mercado que era, em certo sentido, “muito alto”.

a organizações da virada do século XX como a Intercollegiate Socialist Society; era preciso um antípoda para educar e resgatar a juventude universitária, o futuro do país.

Chodorov reformulou sua abordagem em “Para os filhos de nossos filhos” para um público mais amplo na edição de 6 de setembro de 1950 de *Human Events*. Como resultado, a Intercollegiate Society of Individualists foi fundada em 1953, com a ajuda de uma doação de US\$ 1.000 de J. Howard Pew da Sun Oil, naqueles dias o principal contribuinte para as causas da Old Right, e com a ajuda da lista de discussão da FEE.

Após o primeiro ano nos escritórios da *Human Events*, Chodorov transferiu a sede do ISI para a Foundation for Economic Education, quando deixou a *Human Events* no verão de 1954 para assumir suas funções como editor de uma nova revista mensal, *The Freeman*, publicada pela FEE.

CAPÍTULO 08.

RENASCIMENTO PÓS GUERRA II: POLÍTICA E POLÍTICA EXTERNA

No campo da política direta, parecia claro que havia apenas um lugar para aqueles de nós não totalmente desiludidos com a ação política: a “extrema direita” do Partido Republicano.

Era a extrema direita, particularmente bem representada na Câmara, e incluindo homens como o deputado Howard H. Buffett de Omaha, o deputado Ralph W. Gwinn de Nova York, Frederick C. Smith de Ohio e HR Gross de Iowa (praticamente o único do grupo que resta agora), que eram solidamente isolacionistas e se opunham à guerras e intervenções estrangeiras, e aproximadamente livres de mercado e libertários em assuntos domésticos.

Eles eram, por exemplo, firmemente contrários ao recrutamento, que foi realizado por uma coalizão de liberais e o que costumava ser chamado de conservadores e internacionalistas “iluministas”.

A extrema-direita também incluiu o *Chicago Tribune*, do coronel McCormick, ao qual eu assinei com prazer por um tempo, e que continuou um excelente denunciante anti-Wall Street e anti-intervencionista, bem como artigos contínuos em nome da libertação nacional dos galeses e escoceses da Inglaterra odiada por McCormick.

O senador Taft era a principal figura política dessa ala do partido, mas a confusão — então e desde então — veio da devoção filosófica de Taft ao compromisso como um bem em si. Como resultado, Taft estava sempre comprometendo e “vendendo” a causa individualista: o livre mercado interno e a não intervenção no exterior.

Na linguagem da época, então, Taft estava realmente na “extrema esquerda” da extrema direita dos republicanos, e suas rendições de princípio eram constantemente lançadas contra nós pelos liberais: “Ora, até mesmo o senador Taft favorece” ajuda à educação, ou defesa de Chiang, ou qualquer outra coisa.

De qualquer forma, rapidamente me identifiquei com os republicanos de direita assim que me tornei politicamente ativo no final da Segunda Guerra Mundial. Juntei-me ao *Young Republican Club of*

New York, onde escrevi um relatório de campanha em 1946 atacando o *Office of Price Administration* (OPA) e os controles de preços, e tomei o lado do *laissez-faire* em uma série de debates internos sobre o futuro do Partido Republicano.

Era uma posição minoritária solitária, especialmente entre os YRs, que eram em grande parte advogados oportunistas que procuravam lugar e patrocínio dentro da máquina de Dewey. (Bill Rusher, que mais tarde se tornou editor da *National Review*, era naqueles dias um republicano Dewey regular com os YRs.)

No entanto, meu entusiasmo foi ilimitado quando os republicanos, em grande parte conservadores, varreram o Congresso em 1946. Finalmente, o socialismo e o internacionalismo iria ser revertido. Um dos meus primeiros escritos publicados foi uma carta “Aleluia” que enviei ao *New York World-Telegram* comemorando a gloriosa vitória.

No entanto, um verme maligno logo apareceu na maçã; fiel à sua natureza comprometedora, Bob Taft entregou a liderança da política externa no Senado ao isolacionista renegado Arthur Vandenberg, agora um herói do circuito *New York Times-Easternment* do Leste. (O rumor amargo na direita era que Vandenberg tinha sido literalmente seduzido a mudar sua posição de política externa por uma amante inglesa.) a Guerra Fria, o empréstimo à Grã-Bretanha, o Plano Marshall e a ajuda à Grécia e à Turquia, para assumir o antigo papel imperial britânico e esmagar a revolução grega.

Outro duro golpe para a causa da Velha Direita no Partido Republicano foi a nomeação de Tom Dewey para a presidência em 1948, Dewey agora sendo um representante do establishment internacionalista, estatista e “esquerdista” de Wall Street Oriental.

Dewey recusou-se a defender o histórico conservador do 80º Congresso contra as zombarias de Harry Truman por serem a favor de “não fazer nada” (na verdade, eles já haviam feito demais). Eu não podia apoiar Dewey para presidente, e fui o único nortista em Columbia a se juntar ao de curta-duração Clube de Estudantes por Thurmond, baseando meu apoio no programa descentralista de direitos dos estados de Strom Thurmond.

Taft e os taftistas eram isolacionistas e, portanto, muito mais anti-intervencionistas e, portanto, anti-imperialistas do que Henry Wallace

na campanha de 1948. A prova desse fato é que o próprio Wallace e a maior parte de seu Partido Progressista apoiaram nossa aventura imperial coreana em nome da “segurança coletiva” dois anos depois, enquanto os republicanos de extrema direita isolacionistas constituíam a única oposição política à guerra.¹

O fato mais importante a ser percebido sobre a Velha Direita no pós-guerra é que ela se opôs firme e firmemente tanto ao imperialismo americano quanto ao intervencionismo no exterior e seu corolário no militarismo interno.

Foi vigorosamente contra o recrutamento como sendo muito pior do que outras formas de regulação estatal; pois o recrutamento, como a escravidão, recrutou a “propriedade” mais preciosa do recruta – sua própria pessoa e ser.

Dia após dia, por exemplo, o veterano publicitário John T. Flynn, agora palestrante e escritor do conservador *America's Future, Inc.* — um derivado do Comitê para o Governo Constitucional — investiu contra o militarismo e o alistamento. E isso apesar de seu crescente apoio à Guerra Fria no exterior.

Até o semanário de Wall Street, o *Commercial and Financial Chronicle*, publicou um longo ataque ao recrutamento. E Frank Chodorov, elogiando em sua *Analysis* um panfleto publicado pelo Conselho Nacional Contra o Recrutamento, escreveu que “o Estado não pode intervir nos assuntos econômicos da sociedade sem construir sua máquina coercitiva, e isso, afinal, é militarismo. O poder é o correlato da política”.

Na política externa, foram os republicanos de extrema direita, que eram particularmente fortes na Câmara dos Deputados, que lutaram firmemente contra o recrutamento, a OTAN e a Doutrina Truman.

Considere, por exemplo, o representante de Omaha Howard Buffett, gerente de campanha do senador Taft no meio-oeste em 1952, um dos mais “extremistas” dos extremistas, um homem que

¹ Para uma interpretação revisionista de Henry Wallace como internacionalista, ver Leonard Liggio e Ronald Radosh, “Henry A. Wallace and the open door”, em *Cold War Critics*, Thomas Paterson, ed. (Chicago: Quadrangle, 1971), pp. 76-113.

consistentemente recebeu uma classificação zero de avaliadores liberais de congressistas como a ADA e *New Republic*, e a quem o *Nation* caracterizou naquela época como “um jovem capaz cujas ideias se fossilizaram tragicamente”.

Conheci Howard como um libertário genuíno, consistente e atencioso. Atacando a Doutrina Truman no plenário do Congresso, Buffett declarou:

Mesmo que fosse desejável, a América não é forte o suficiente para policiar o mundo pela força militar. Se essa tentativa for feita, as bênçãos da liberdade serão substituídas por coerção e tirania em casa.

Nossos ideais cristãos não podem ser exportados para outras terras por dólares e armas. [...] Não podemos praticar o poder e a força no exterior e manter a liberdade em casa. Não podemos falar de cooperação mundial e praticar política de poder.²

Também em 1947, o deputado George Bender de Ohio, que seria o gerente de plenário de Taft em 1952 e mais tarde o sucessor de Taft no Senado, manteve uma bateria de críticas à Doutrina Truman. Atacando o corrupto governo grego e as eleições fraudulentas que o mantinham no poder, Bender declarou:

Acredito que o programa da Casa Branca é uma reafirmação da crença do século XIX na política de poder. É um refinamento da política adotada pela primeira vez após o Tratado de Versalhes em 1919, projetada para cercar a Rússia e estabelecer um “Cordão Sanitário” em torno da União Soviética.

² *Congressional Record*, 80º Congresso, First Session, 18 de março de 1947, p. 2217.

É um programa que aponta para uma nova política de intervencionismo na Europa como corolário da nossa Doutrina Monroe na América do Sul. Que não haja engano sobre as implicações de longo alcance deste plano.

Assim que tivermos dado o passo histórico de enviar ajuda financeira, peritos militares e empréstimos à Grécia e à Turquia, estaremos irrevogavelmente comprometidos com um curso de ação do qual será impossível desistir.

Mais e maiores demandas se seguirão. Maiores necessidades surgirão nas muitas áreas de atrito no mundo.³

Bender, além disso, foi um dos poucos defensores de Henry Wallace no Congresso quando Wallace falou no exterior em oposição à Doutrina Truman. Em resposta a ataques como a denúncia do deputado Deweyista Kenneth Keating a Wallace por “traição” e aos ataques de Winston Churchill a Wallace por expressar sua oposição no exterior.

Bender respondeu que se Churchill podia tentar iniciar a Guerra Fria ao falar em nome dos Estados Unidos, Wallace certamente poderia tentar evitar essa guerra ao falar em nome da Europa. Lançando uma crítica geral à política externa de Truman em junho de 1947, Bender acusou:

O Sr. Truman instou o Congresso a autorizar um programa de colaboração militar com todos os ditadores mesquinhos e com os não tão mesquinhos da América do Sul.

³ *Congressional Record, 80º Congress, First Session* 28 de março de 1947, pp. 2831–32. Veja em particular Leonard P. Liggio, “Why the Futil Crusade?” *Left and Right* 1, nº1. (primavera, 1965): 43-44.

Truman apresentou um projeto de lei que autorizaria os Estados Unidos a assumir o controle do armamento da América do Sul em uma escala muito além daquela envolvida na doação de US\$ 400.000.000 para a Grécia e a Turquia.

O Sr. Truman continuou sua campanha pelo treinamento militar universal em tempos de paz nos Estados Unidos.

Mas o controle militar dentro do país faz parte do emergente programa Truman. O governo Truman está usando todos os seus recursos de propaganda na tentativa de fazer com que o povo americano aceite essa ideia.

Sim; o governo Truman está ocupado em sua tentativa de vender a ideia de controle militar ao povo da América. E de mãos dadas com a campanha de propaganda vão as reuniões secretas de mobilização industrial.

Este é o tipo de coisa que está acontecendo atrás de portas trancadas no Edifício do Pentágono, sobre o qual o povo dos Estados Unidos [sic] aprende apenas por acidente.

Esta é uma parte do emergente programa Truman [...] uma parte de toda a doutrina Truman de retirar os recursos dos Estados Unidos em apoio a todos os governos reacionários do mundo.⁴

Enquanto o próprio Senador Taft vacilava e fazia concessões em assuntos externos, especialmente em relação à China e ao apoio de

⁴ *Congressional Record, 80º Congress, First Session, 6 de junho de 1947, pp. 6562-63. Citado em Liggio, “Why the Futile Crusade?” págs. 45-46.*

Chiang, o deputado Bender não vacilou. Alertando o Congresso da “intensa pressão” do Lobby da China em maio de 1947, Bender acusou

*que a Embaixada da China aqui teve a arrogância de invadir nosso Departamento de Estado e tentar dizer ao nosso Departamento de Estado que a Doutrina Truman comprometeu nosso governo e este Congresso a apoiar totalmente o atual governo fascista chinês.*⁵

Até o próprio Taft assumiu uma postura geralmente isolacionista e anti-intervencionista. Assim, o senador se opôs ao Plano Marshall, pela razão de que “conceder ajuda à Europa apenas forneceria aos comunistas mais argumentos contra a política 'imperialista' dos Estados Unidos”.

Além disso, Taft declarou que, se os países da Europa Ocidental decidissem incluir comunistas em seus governos, isso seria uma prova de que o capitalismo competitivo não havia sido aprovado na Europa, que, ao contrário, era dominada por cartéis e privilégios.

Particularmente louvável foi a coragem de Taft em se recusar a ser carimbado pelos liberais trumanistas e intervencionistas republicanos para favorecer as medidas da Guerra Fria em resposta à “tomada de poder” comunista na Tchecoslováquia em 1948 – um “golpe” que na verdade consistiu na renúncia de membros direitistas do Gabinete tcheco, deixando um governo de esquerda no poder.

Taft negou veementemente que a Rússia tivesse quaisquer planos para iniciar uma agressão ou conquistar território adicional: a influência russa, apontou Taft, “tem sido predominante na Tchecoslováquia desde o fim da guerra. Os comunistas estão apenas consolidando sua posição na Tchecoslováquia, mas não houve agressão militar”.

O senador Taft também se opôs à criação da OTAN na Guerra Fria em 1949. Ele alertou que

a formação de um grande exército em torno da Rússia, da Noruega à Turquia e ao Irã, pode produzir

⁵ *Ibid.*, pp. 46-47.

o medo da invasão da Rússia ou de alguns dos países satélites considerados pela Rússia como essenciais para a defesa de Moscou.

A OTAN, advertiu Taft, violou todo o espírito da Carta da ONU:

Um empreendimento da nação mais poderosa do mundo de armar metade do mundo contra a outra metade vai muito além de qualquer “direito de defesa coletiva se ocorrer um ataque armado”. Viola todo o espírito da Carta das Nações Unidas.

[...] O Pacto do Atlântico se move exatamente na direção oposta aos propósitos da carta e faz uma farsa de esforços adicionais para garantir a justiça internacional por meio do direito e da justiça. Ela necessariamente divide o mundo em dois campos armados.

[...] Este tratado, portanto, significa inevitavelmente uma corrida armamentista, e corridas armamentistas no passado levaram à guerra.⁶

Em um debate com o senador John Foster Dulles, descendente de Wall Street e dos interesses Rockefeller, em julho de 1949, Taft afirmou que “não posso votar em um tratado que, na minha opinião, fará muito mais para provocar uma terceira guerra mundial do que jamais fará para manter a paz do mundo”.

Mesmo na Ásia, Taft, em janeiro de 1950, opôs-se à política de Truman de fornecer ajuda ao exército francês para reprimir a revolução nacional indo-chinesa; ele também advertiu que não apoiaria qualquer compromisso de apoiar Chiang em uma guerra contra a China, e pediu a remoção de Chiang, seus burocratas e seu exército de ocupação em

⁶ Robert A. Taft, *A Foreign Policy for Americans* (Nova York: Doubleday & Co., 1951), pp. 89-90, 113. Citado em Liggio, "Why the Futile Crusade?" págs. 49-50.

Formosa, a fim de permitir ao povo de Formosa um voto livre em seus própria autodeterminação:

[Da forma que] eu entendo, o povo de Formosa, se autorizado a votar, provavelmente votaria para estabelecer uma república independente de Formosa.

[...] Se, na conferência de paz, for decidido que Formosa seja estabelecida como uma república independente, certamente temos os meios para forçar a rendição de Formosa pelos nacionalistas.⁷

Além disso, no início de 1950, muitos republicanos internacionalistas juntaram-se aos isolacionistas para desferir um duro golpe em nossa crescente intervenção na Ásia – uma derrota da conta de ajuda de US\$ 60 milhões do governo Truman para a Coreia do Sul por um voto.

Foi geralmente aceito pelos oponentes que a ajuda ao regime de Rhee era um completo desperdício e que a Coréia estava além do interesse de defesa americano. O historiador Tang Tsou observou que “este foi o primeiro grande revés no Congresso para a administração no campo da política externa desde o fim da guerra”.⁸

Foram apenas os esforços do deputado Walter Judd (R., Minn.), veterano internacionalista, ex-missionário na China e líder do lobby da China no Congresso, que induziram a Câmara, em uma mudança fatal, a reverter sua decisão.

A Guerra da Coréia foi a última grande resistência do isolacionismo antiguerra da Velha Direita. Esta foi uma época em que praticamente toda a Velha Esquerda, com exceção do Partido

⁷ Robert A. Taft, “Hang On’ To Formosa: Hold Until Peace Treaty with Japan Is Signed,” *Vital Speeches* 16, no. 8 (1 de fevereiro de 1950): 236-37. Citado em Liggio, “Por que a Cruzada Fútil?” pág. 52.

⁸ Tang Tsou, *America's Failure in China, 1941-50* (Chicago: University of Chicago Press, 1963), pp. 537-38. Citado em Liggio, “Por que a Cruzada Fútil?” pág. 53.

Comunista e da IF Stone, se rendeu à mística global das Nações Unidas e sua “segurança coletiva contra a agressão”, e apoiou a agressão imperialista de Truman naquela guerra.

O fato de que a ONU foi e continua sendo uma ferramenta dos Estados Unidos foi pouco considerado. Até mesmo Corliss Lamont apoiou a posição americana na Coréia, juntamente com praticamente toda a liderança do Partido Progressista. Apenas os republicanos de extrema direita se opuseram corajosamente à guerra.

Howard Buffett, por exemplo, estava convencido de que os Estados Unidos eram os grandes responsáveis pela erupção do conflito na Coréia, pois o senador Stiles Bridges (R., NH) lhe dissera que o almirante Roscoe Hillenkoeter, chefe da CIA, tinha testemunhado em segredo perante o Comitê de Serviços Armados do Senado no início da guerra.

Por sua indiscrição ao testemunhar, o almirante Hillenkoeter logo foi demitido pelo presidente Truman e foi pouco ouvido novamente em Washington. Pelo resto de sua vida, Buffett realizou uma cruzada para que o Congresso desclassificasse o testemunho de Hillenkoeter, mas sem sucesso.

Buffett me lembrou com prazer nos últimos anos que IF Stone havia enviado a ele uma nota calorosa, elogiando-o por sua liderança no Congresso na oposição ao conflito coreano.

Em retrospecto, é lamentável que Howard não tenha seguido o sentimento de Stone e se movido para estabelecer uma aliança Esquerda-Direita contra a guerra - embora, como eu disse, houvesse muito pouco sentimento de Esquerda em oposição.

O senador Taft atacou a intervenção de Truman na Coréia; ele insistiu que a Coreia não era vital para os Estados Unidos, que a intervenção poderia ser interpretada como uma ameaça à segurança do bloco soviético, e que a “ação policial” violava a Carta da ONU e era um engrandecimento inconstitucional dos poderes de guerra da União Soviética. o presidente.

“Se o presidente pode intervir na Coreia sem a aprovação do Congresso”, Taft acusou, “ele pode ir à guerra na Malásia ou na Indonésia ou no Irã ou na América do Sul”.

Em contraste, o *Nation* e o *New Republic*, que anteriormente criticavam a Doutrina Truman e a Guerra Fria, agora se uniram com entusiasmo. Esses dois jornais liberais denunciaram o *Chicago Tribune* de Taft e do coronel McCormick por se juntarem aos comunistas em seu “derrotismo”, em oposição à guerra.

A campanha selvagem contra a reeleição de Taft em 1950 foi a ocasião de um ataque maciço a Taft feito pelo liberalismo organizado, com o governo Truman atacando o isolacionismo de Taft e a suposta brandura em relação à União Soviética.

O *New Republic*, em sua análise da votação no Congresso de 4 de setembro, saudou os democratas por seu histórico de votos “anticomunistas” em relações exteriores (87%); O senador Taft, por outro lado, teve apenas 53% de pontuação para a *New Republic*, enquanto isolacionistas mais consistentes como o senador Kenneth Wherry (R., Nebraska) tiveram apenas 23% de pontuação “anticomunista”.

E a *New Republic* observou com amargura a consistência do isolacionismo de Taft e da devoção “legalista” à não agressão e ao direito internacional:

*Historicamente, tem havido uma afinidade de trabalho entre isolacionistas e legalistas - o primeiro atacou o acordo de destruidores de Roosevelt de 1941 como belicista, o último como ditadura. Há sinais de que esta coalizão está novamente apertando.*⁹

Na abertura do novo Congresso, no início de 1951, as forças isolacionistas, lideradas pelos senadores Wherry e Taft, lançaram um ataque à guerra apresentando uma resolução proibindo o presidente de enviar tropas ao exterior sem a aprovação prévia do Congresso.

Eles atacaram a recusa de Truman em aceitar um cessar-fogo ou concordar com a paz na Coréia, e alertaram que os Estados Unidos não

⁹ “The Hoover Line Grows”, *New Republic* 124 (15 de janeiro de 1951): 7. Citado em Liggio, “Why the Futile Crusade?” pág. 57.

tinham tropas suficientes para uma guerra terrestre estagnada no continente asiático. Taft também atacou a afirmação do presidente do direito de usar armas atômicas e enviar tropas para fora do país por sua própria autoridade.

Um intrigante ataque à política externa do senador Taft foi lançado pelo altamente influente liberal de guerra McGeorge Bundy. Bundy expressou preocupação de que a sólida vitória na reeleição de Taft indicasse apoio popular para limitar o poder do executivo de levar os Estados Unidos ao conflito sem sanção do Congresso. Como diz Leonard Liggio,

A preferência de Taft por negociações em vez de desperdício de sangue em intervenções militares pareceu a Bundy como um fracasso em afirmar a liderança global dos Estados Unidos contra o comunismo e como uma atitude defeituosa de dúvida, desconfiança e medo em relação ao propósito nacional dos Estados Unidos no mundo.¹⁰

Bundy declarou que a busca da paz pelo estadista normal deve ser descartada e substituída pelo detentor do poder que aplica a diplomacia e o poder militar em uma luta permanente contra o comunismo mundial em guerras limitadas alternadas com períodos limitados de paz.

Daí Bundy criticou Taft por “apaziguar” em se opor ao cerco da União Soviética por alianças militares e a intervenção na Coréia e, finalmente, pela disposição de Taft de se comprometer com a China comunista a fim de nos livrarmos do desastre coreano.

Bundy também discordou fortemente de Taft sobre o lançamento deste último de um debate aberto sobre a Guerra da Coréia. Pois Taft denunciara a ideia de apoio inquestionável ao presidente em aventuras militares:

Qualquer um [que] ousasse sugerir críticas ou mesmo um debate aprofundado [...] era ao mesmo

¹⁰ Liggio, “Why the Futile Crusade?” pág. 57.

tempo tachado de isolacionista e sabotador da unidade e da política externa bipartidária.¹¹

Bundy, ao contrário, denunciou a ideia de qualquer recriminação ou mesmo questionamento público das decisões dos formuladores de políticas executivas, pois o público meramente reagia *ad hoc* a determinadas situações sem estar comprometido com a concepção rígida dos formuladores de políticas sobre o propósito nacional.¹²

O último famoso impulso político isolacionista da Velha Direita veio em um Grande Debate que se seguiu à nossa derrota esmagadora nas mãos dos chineses no final de 1950, uma derrota na qual os chineses expulsaram as forças americanas da Coreia do Norte.

A administração Truman teimosamente se recusou a reconhecer as novas realidades e fazer a paz na Coreia com base no paralelo 38, condenando assim as tropas americanas a anos de pesadas baixas.

Em resposta, dois conhecidos estadistas isolacionistas, Herbert Hoover e Joseph P. Kennedy, proferiram discursos sucessivos e obviamente coordenados em dezembro de 1950, pedindo a evacuação americana da Coreia e o fim da guerra na Ásia.

Em 12 de dezembro, o ex-embaixador Kennedy observou a continuidade de décadas de sua própria posição antiguerra isolacionista e declarou:

Desde o início não tive paciência com uma política que, sem o devido respeito aos nossos recursos – humanos e materiais – assumiria compromissos no exterior que não poderíamos cumprir.

¹¹ *Congressional Record*, 82º Congress, First Session, 5 de janeiro de 1951, p. 55.

¹² McGeorge Bundy, “The Private World of Robert Taft”, *The Reporter*, 11 de dezembro de 1951; Bundy, “Appeasement, Provocation, and Policy”, *The Reporter*, 9 de janeiro de 1951. Ver Liggio, “Why the Futile Crusade?” págs. 57-60.

Como embaixador em Londres em 1939, eu tinha visto a loucura disso quando os britânicos assumiram um compromisso com a Polônia que eles não podiam cumprir e ainda não cumpriram – um compromisso que os levou à guerra.

Eu naturalmente me opus ao comunismo, mas disse que se partes da Europa ou da Ásia se tornarem comunistas ou mesmo se o comunismo for imposto a elas, não podemos impedi-lo. Em vez disso, devemos ter certeza de nossa força e não a desperdiçar em batalhas que não podem ser vencidas.

Mas onde estamos agora? Começando com a intervenção nas eleições italianas e a ajuda financeira e política à Grécia e à Turquia, expandimos nossos programas políticos e financeiros em uma escala quase inacreditável.

Bilhões foram gastos no plano Marshall, outros bilhões na ocupação de Berlim, Alemanha Ocidental e Japão. A ajuda militar foi despejada na Grécia, Turquia, Irã, nações do Pacto do Atlântico Norte, Indochina Francesa, e agora na Coreia estamos travando a quarta maior guerra de nossa história.

O que temos em troca desse esforço? Amigos? Temos muito menos amigos do que tínhamos em 1945. [...]

Engajar esses vastos exércitos [dos países comunistas] no continente europeu ou asiático é temerário, mas essa é a direção para a qual nossa política vem tendendo.

Essa política é suicida. Não nos tornou amigos nos maus momentos. Manteve nosso

armamento espalhado pelo globo. Ele escolheu um campo de batalha e ameaça escolher outros impossivelmente removidos de nossas fontes de suprimento. Não conteve o comunismo.

Por nossos métodos de oposição, ele solidificou o comunismo, onde de outra forma o comunismo poderia ter gerado dissensões internas. Nossa política hoje é política e moralmente falida.

Kennedy concluiu que a única alternativa era a América abandonar toda a política de intervenção global e adotar o isolacionismo mais uma vez:

Não vejo outra alternativa senão ter a coragem de lavar essa política e começar com os fundamentos que defendi há mais de cinco anos. [...]

Um primeiro passo na busca dessa política é sair da Coréia - na verdade, sair de todos os pontos da Ásia que não planejamos manter em nossa própria defesa.

Tal política significa que no Pacífico escolheremos nossos próprios campos de batalha se formos forçados a lutar e não os determinarmos por considerações políticas e ideológicas que não têm relação com nossa própria defesa.

O próximo passo na prossecução desta política é aplicar o mesmo princípio à Europa. Hoje é inútil falar em poder segurar a linha do Elba ou a linha do Reno. Por que deveríamos desperdiçar recursos valiosos ao fazer tal tentativa?

[...] Despejar armas e homens em uma aventura militar quixotesca não faz o menor sentido. O que ganhamos ficando em Berlim? Todo mundo

sabe que podemos ser expulsos no momento em que os russos decidirem nos expulsar. [...]

Os bilhões que desperdiçamos nesses empreendimentos poderiam ter sido usados com muito mais eficácia neste hemisfério e nos mares que o cercam. [...]

As pessoas dirão, no entanto, que esta política não conterà o comunismo. Nossa política atual fará isso? Podemos conter a Rússia comunista, se ela optar por marchar, por uma linha de batalha distante no meio da Europa?

A verdade é que nossa única esperança real é manter a Rússia, se ela decidir marchar, do outro lado do Atlântico e tornar o comunismo muito caro para ela tentar cruzar os mares.

Pode ser que a Europa por uma década ou uma geração ou mais se torne comunista. Mas, ao fazê-lo, pode romper-se como uma força unificada. O comunismo ainda tem que provar a seus povos como um governo que vai conseguir para eles uma maneira melhor de viver.

Quanto mais gente ele tiver que governar, mais necessário será que os governantes se justifiquem perante os governados. Quanto mais povos estiverem sob seu jugo, maiores são as possibilidades de revolta.

Além disso, parece certo de que o comunismo espalhado pela Europa não se contentará em ser governado por um punhado de homens no Kremlin. Tito na Jugoslávia já está demonstrando este fato. Mao na China provavelmente não aceitará suas ordens de Stalin. [...]

Após essa previsão altamente profética – muito ridicularizada na época – do inevitável colapso do monólito comunista internacional, Kennedy corajosamente acrescentou:

Esta política será, naturalmente, criticada como apaziguamento. Nenhuma palavra é usada de forma mais equivocada. É apaziguamento retirar-se de compromissos imprudentes [...] e deixar claro exatamente como e pelo que você vai lutar?

Se é sábio do nosso interesse não assumir compromissos que ponham em risco a nossa segurança, e isso é apaziguamento, então sou a favor de apaziguamento.

Lembro-me muito bem do tempo precioso comprado por Chamberlain em Munique. Aplaudi essa compra então; eu aplaudiria hoje. Hoje, no entanto, enquanto evitamos uma Munique, estamos nos aproximando perigosamente de outra Dunkirk. Pessoalmente, eu escolheria escapar do último.

E Kennedy concluiu, sobre a atual bagunça na Ásia e nas relações exteriores em geral:

Metade deste mundo nunca se submeterá ao ditado da outra metade. Os dois só podem concordar em morar um ao lado do outro porque para um absorver o outro fica muito caro.

Uma atitude de realismo como essa está, eu afirmo, de acordo com nossas tradições históricas. Nós nunca quisemos fazer parte dos arranhões de outras pessoas.

Hoje nós os temos e exatamente porque ninguém parece saber. O que temos a ganhar ao apoiar a política colonial francesa na Indochina ou

alcançar os conceitos de democracia do Sr. Syngman Rhee na Coréia?

Devemos agora enviar os fuzileiros navais para as montanhas do Tibete para manter o Dalai Lama em seu trono? Podemos fazer bem em cuidar de nossos negócios e interferir apenas quando alguém ameaçar nossos negócios e nossas casas.

A política que sugiro, além disso, nos dá uma chance econômica de manter nossas cabeças acima da água. Durante anos, defendi a necessidade de não nos sobrecarregarmos com dívidas desnecessárias.

Não há maneira mais segura de destruir a base do empreendimento americano do que destruir a iniciativa dos homens que o fazem. [...] Aqueles que se lembram de 1932 sabem muito facilmente os perigos que podem surgir de dentro quando nosso próprio sistema econômico não funciona.

Se o enfraquecermos com gastos generosos em nações estrangeiras ou em guerras estrangeiras, corremos o risco de precipitar outro 1932 e de destruir o próprio sistema que estamos tentando salvar.

Um Atlas, cujas costas estão curvadas e cujas mãos estão ocupadas segurando o mundo, não tem braços para levantar para lidar com sua própria defesa.

Aumente seus fardos e você o esmagará. [...] Esta é a nossa postura atual. [...] As sugestões que faço [...] iriam [...] conservar vidas americanas para fins americanos, não as desperdiçar nas colinas

*geladas da Coreia ou nas planícies devastadas pela guerra da Alemanha Ocidental.*¹³

Oito dias depois, Herbert Hoover apoiou o discurso de Kennedy com um de sua autoria na rede nacional de rádio. Embora se recusando a ir tão longe quanto Kennedy, e de fato atacando o “apaziguamento” e o “isolacionismo” e desprezando os medos de “Dunkirks”, Hoover insistiu:

Devemos encarar o fato de que comprometer as esparsas forças terrestres das nações não comunistas em uma guerra terrestre contra essa massa de terra comunista seria uma guerra sem vitória, uma guerra sem um terminal bem-sucedido.

*Qualquer tentativa de fazer guerra à massa comunista por invasão de terras, através das areias movediças da China, Índia ou Europa Ocidental, é pura loucura. Esse seria o cemitério de milhões de meninos americanos e terminaria no esgotamento deste Gibraltar da civilização ocidental.*¹⁴

É instrutivo observar as reações do liberalismo organizado à tese de Kennedy-Hoover, uma posição defendida pelo senador Taft. Juntamente com a administração Truman e republicanos orientados para Wall Street, como o governador Dewey e John Foster Dulles, a *Nation* e a *New Republic* passaram a chamar a atenção para esses ilustres líderes de direita. A *Nation* acusou:

A linha que eles estão estabelecendo para seu país deve fazer os sinos soarem no Kremlin como nada desde o triunfo de Stalingrado. Na verdade, a

¹³ Joseph P. Kennedy, “The Present Policy is Politically and Morally Bankrupt”, *Vital Speeches* 17, no. 6 (1º de janeiro de 1951): 170–73.

¹⁴ Herbert Hoover, “Our National Politics in this Crisis”, em *ibid.*, pp. 165-167.

linha adotada pelo Pravda é que o ex-presidente não levou o isolacionismo longe o suficiente.

E a *New Republic* resumiu a posição isolacionista como sustentando que a Guerra da Coréia “foi criação não de Stalin, mas de Truman, assim como Roosevelt, não Hitler, causou a Segunda Guerra Mundial”. E no desejo de Taft, Hoover e Kennedy de aceitar as ofertas soviéticas de negociar a paz, a *New Republic* viu uma

oposição que não viu nada de alarmante na conquista da Europa por Hitler (e que claramente morderia a isca). Stalin, depois de levantar a aposta, como fez com Hitler, e varrer a Ásia, seguiria em frente até que o caucus stalinista na torre do Tribune trouxesse triunfante a primeira edição comunista do Chicago Tribune.

A *New Republic* foi particularmente insistente no fato de que os isolacionistas

condenaram a participação dos EUA na Coréia como inconstitucional e estabeleceram que os únicos fundos disponíveis para o envio de tropas ao exterior deveriam ser os fundos necessários para facilitar o desencarceramento das forças dos EUA agora na Coréia.¹⁵

Uma das pessoas a quem o *New Republic* sem dúvida se referia como parte do “caucus stalinista” no valentemente isolacionista *Chicago Tribune* do Coronel McCormick era George Morgenstern, redator editorial do *Tribune* e autor do primeiro grande, e ainda o

¹⁵ “Hoover's Folly”, *Nation* 171, n.º. 27 (30 de dezembro de 1950): 688; “Korea: Will China Fight the UN?” *New Republic* 123 (20 de novembro de 1950): 5–6; “Podemos Salvar a Paz Mundial?” *New Republic* 124 (1 de janeiro de 1951): 5 e 15 de janeiro de 1951, p. 7. Citado em Liggio, “Why the Futile Crusade?” pág. 56.

basilar, trabalho revisionista sobre Pearl Harbor, *Pearl Harbor: História de uma Guerra Secreta*.¹⁶

Durante a Guerra da Coréia, Morgenstern publicou um artigo empolgante, resumindo o século do imperialismo americano, no semanário de direita de Washington, *Human Events*, então aberto ao material isolacionista, mas que se tornou, desde a renúncia de Felix Morley, um tabloide apologista para a belicista Nova Direita. Morgenstern escreveu:

No final do século 19, os Estados Unidos começaram a se agitar com os impulsos do imperialismo e do altruísmo que trabalharam para o mal de tantos estados pujantes.

O sinistro espanhol forneceu um saco de pancadas adequado. Dois dias antes de McKinley ir ao Congresso com uma mensagem altamente enganosa que era um convite aberto à guerra, o governo espanhol concordou com as exigências de um armistício em Cuba e da mediação americana.

Não havia uma boa razão, mas havia guerra de qualquer maneira. Terminamos a guerra com algumas dependências caras, mas isso foi suficiente para intoxicar os precursores daqueles que agora desmaiam ao ver a frase “liderança mundial”.

McKinley testemunhou que em sessões solitárias de joelhos à noite ele foi guiado para a percepção de que devemos “eivar, civilizar e cristianizar” os filipinos.

Ele afirmou que a guerra trouxe novos deveres e responsabilidades “que devemos cumprir e cumprir como se torna uma grande nação cujo

¹⁶ (Nova York: Devin-Adair, 1947).

crescimento e carreira desde o início o Governante das Nações escreveu claramente como alto comando e promessa de civilização”.

Esse tipo de absurdo exaltado é familiar a qualquer um que mais tarde assistiu às racionalizações evangélicas de Wilson para intervir na guerra europeia, de Roosevelt prometendo o milênio [...] de Eisenhower valorizando a “cruzada na Europa” que de alguma forma azedou, ou de Truman, Stevenson, Paul Douglas ou o New York Times pregando a guerra santa na Coréia. [...]

Uma propaganda generalizada estabeleceu um mito de inevitabilidade na ação americana: todas as guerras eram necessárias, todas as guerras eram boas.

O ônus da prova recai sobre aqueles que afirmam que os Estados Unidos estão em melhor situação, que a segurança americana foi reforçada e que as perspectivas de paz mundial foram aprimoradas pela intervenção americana em quatro guerras em meio século.

A intervenção começou com o engano de McKinley; termina com o engano de Roosevelt e Truman.

Talvez tivéssemos uma política externa racional [...] se os americanos pudessem ser levados a perceber que a primeira necessidade é a renúncia à mentira como instrumento de política externa.¹⁷

¹⁷

George Morgenstern, “The Past Marches On”, Human Events (22 de abril de 1953).

CAPÍTULO 09.

RENASCIMENTO PÓS GUERRA III: LIBERTÁRIOS E POLÍTICA EXTERNA

Um dos ataques mais brilhantes e contundentes à política externa da Guerra Fria nesta época veio da caneta do veterano conservador e publicitário Garet Garrett. Em seu panfleto “A Ascensão do Império”, publicado em 1952, Garrett começou declarando: “Atravessamos a fronteira entre a República e o Império”.

Vinculando sua tese com seu panfleto da década de 1930, “A Revolução que se foi” denunciando o advento do despotismo executivo doméstico e estatista dentro da forma republicana sob o New Deal, Garrett viu mais uma vez uma “revolução dentro da forma” da velha república constitucional:

Depois que o presidente Truman, sozinho e sem o consentimento ou conhecimento do Congresso, declarou guerra ao agressor coreano, a 11.000 quilômetros de distância, o Congresso tolerou sua usurpação de seu poder constitucional exclusivo de declarar guerra.

Mais do que isso, seus partidários políticos no Congresso argumentavam que, no caso moderno, aquela sentença da Constituição que conferia ao Congresso o poder único de declarar guerra era obsoleta. [...]

Os partidários de Truman argumentaram que no caso coreano seu ato foi defensivo e, portanto, dentro de seus poderes como Comandante-em-Chefe. Nesse caso, para torná-lo constitucional, ele foi legalmente obrigado a pedir ao Congresso uma declaração de guerra depois. Isso ele nunca fez.

Durante uma semana, o Congresso confiou nos jornais para obter notícias da entrada do país na

guerra; então o presidente chamou alguns de seus líderes à Casa Branca e contou-lhes o que havia feito. [...]

Alguns meses depois, Truman enviou tropas americanas para a Europa para se juntar a um exército internacional, e não só o fez sem uma lei, sem sequer consultar o Congresso, mas também desafiou o poder do Congresso de detê-lo.¹

Garrett observou que o Comitê de Relações Exteriores do Senado pediu ao Departamento de Estado que estabelecesse a posição do poder executivo sobre os poderes do presidente para enviar tropas ao exterior. O Departamento de Estado declarou que

“A doutrina constitucional foi amplamente moldada por necessidades práticas. O uso do poder do Congresso para declarar guerra, por exemplo, caiu em suspenso porque as guerras não são mais declaradas antecipadamente”

Garrett acrescentou que “César podia ter dito isso ao Senado romano” e que essa declaração “é uma previsão das intenções executivas, uma manifestação da mente executiva, um desafio mortal ao princípio parlamentar”.

Quais eram, então, as marcas do Império? O primeiro requisito, declarou Garrett, era que “o poder executivo do governo fosse dominante”. Pois

o que o Império precisa acima de tudo no governo é um poder executivo que possa tomar decisões imediatas, como uma decisão no meio da noite do

¹ Gareth Garrett, *The People's Pottage* (Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1953), pp. 122-123.

presidente de declarar guerra ao agressor na Coréia.²

Nos anos anteriores, acrescentou, supunha-se que a função do Congresso era falar pelo povo americano. Mas agora

é o Presidente, à frente do Governo Executivo, que diz: “Falo pelo povo” ou “Tenho um mandato do povo”. [...] Agora muito mais do que o Congresso, o Presidente atua diretamente sobre as emoções e paixões do povo para influenciar seu pensamento.

Assim como ele controla o Governo Executivo, ele controla a maior máquina de propaganda do mundo. O Congresso não tem nenhum aparato de propaganda e se encontra continuamente sob pressão das pessoas que foram movidas a favor ou contra algo pelas ideias e material de pensamento difundido no país pelos escritórios administrativos em Washington.

Os poderes do Executivo são engrandecidos pela delegação do Congresso, pela contínua reinterpretação da linguagem da Constituição, pelo surgimento de um grande número de agências administrativas dentro do Executivo, pela usurpação e como corolário natural da intervenção do país mais e mais em assuntos externos.

Uma segunda marca da existência do Império, continuou Garrett, é que “a política doméstica se torna subordinada à política externa”. Foi o que aconteceu com Roma e com o Império Britânico. Também está acontecendo conosco, pois

à medida que convertemos a nação em um estado de guarnição para construir a máquina de guerra mais terrível que já foi imaginada na terra, toda política

² *Ibid.*, pág. 129

doméstica está fadada a ser condicionada por nossa política externa.

A voz do governo está dizendo que se nossa política externa falhar, estaremos arruinados. É tudo ou nada. Nossa sobrevivência como nação livre está em perigo.

Isso torna as coisas simples, pois nesse caso não há política interna que não deva ser sacrificada às necessidades da política externa – até mesmo a liberdade.

[...] Se o custo de defender não apenas a nós mesmos, mas todo o mundo não-russo ameaça destruir nossa solvência, ainda assim devemos continuar.³

Garrett concluiu,

Não podemos mais escolher entre a paz e a guerra. Abraçamos a guerra perpétua. [...] Onde e quando o agressor russo atacar, na Europa, na Ásia ou na África, devemos encontrá-lo.

Estamos tão comprometidos com a Doutrina Truman, por exemplos de nossa intenção, pelo destacamento global de nossas forças armadas e por compromissos formais como o Tratado do Atlântico Norte e o Pacto do Pacífico.

E, além disso,

Deixe que seja uma questão de sobrevivência, e quão relativamente sem importância se tornarão as políticas domésticas – pegue, por exemplo, os

³

Ibid., pág. 139

direitos de propriedade privada, quando, e se necessário, toda propriedade privada pode ser confiscada; ou naquilo que tange a liberdade individual, quando, e se necessário, todo o trabalho pode ser recrutado. [...] A mente americana já está condicionada.

Garrett então - ele mesmo profeticamente - apontou para a percepção profética aguda de um editorial do *New York Times* de 31 de outubro de 1951, ao detalhar as mudanças permanentes na vida americana causadas pela Guerra da Coréia. Escreveu o *Tempo*:

Estamos embarcando em uma mobilização parcial para a qual já foram disponibilizados cerca de cem bilhões de dólares.

Fomos obrigados a ativar e expandir nossas alianças a um custo final de cerca de vinte e cinco bilhões de dólares, pressionar pelo rearmamento de antigos inimigos e espalhar nossas próprias forças em bases militares em todo o mundo.

Finalmente, fomos forçados não apenas a manter, mas a expandir o recrutamento e a pressionar por um sistema de treinamento militar universal que afetará a vida de toda uma geração.

O esforço produtivo e a carga tributária decorrentes dessas medidas estão mudando o padrão econômico dessa terra.

O que não é tão claramente entendido, aqui ou no exterior, é que essas não são medidas temporárias para uma emergência temporária, mas sim o início de um novo status militar para os Estados Unidos, que parece certo de que estará conosco por muito tempo.

Garrett, endossando esse insight, acrescentou sarcasticamente que “provavelmente nunca antes em qualquer história, uma previsão tão terrível poderia ter sido feita nesse nível de tom” – tom possibilitado pelo mito de que esse novo estado de coisas “não era a colheita de nossos política externa, mas Jeová agindo por meio dos russos para nos afligir — e ninguém mais era responsável.”⁴

Uma terceira marca do Império, continuou Garrett, é a “ascendência da mente militar”. Garrett observou que o grande símbolo da mente militar americana é o Edifício do Pentágono em Washington, construído durante a Segunda Guerra Mundial, como uma “previsão de guerra perpétua”.

Lá no Pentágono, “é concebida a estratégia global; lá, ninguém sabe como, chega-se às estimativas de quanto vai custar; e ao seu redor está nossa própria cortina de ferro.” O Pentágono permite que o público conheça apenas as informações que ele deseja que ele aprenda;

Todo o resto está marcado como “classificado” ou “restrito”, em nome da segurança nacional, e o próprio Congresso não pode obtê-lo. É assim que deve ser, é claro; os segredos mais importantes do Império são segredos militares.

Garrett passou a citar a crítica devastadora de nosso estado de guarnição pelo general Douglas MacArthur:

Falar de ameaça iminente à nossa segurança nacional através da aplicação de força externa é pura bobagem. [...] De fato, faz parte dos padrões gerais de política equivocada que nosso país esteja agora voltado para uma economia de armas que foi criada em uma psicose de histeria de guerra induzida artificialmente e alimentada por uma incessante propaganda de medo.

4

Ibid., pp. 140-41.

Embora essa economia possa produzir uma sensação de aparente prosperidade no momento, ela repousa sobre uma base ilusória de total falta de confiabilidade e cria em nossos líderes políticos quase um medo maior da paz do que o medo da guerra.

Garrett então interpreta essa citação da seguinte forma:

A guerra torna-se um instrumento de política interna. [...] [O governo pode] aumentar ou diminuir o ritmo dos gastos militares, pois os planejadores decidem que o que a economia precisa é de um pouco mais de inflação ou um pouco menos.

[...] E se estava previsto que quando o Executivo resolver controlar a economia passará a ter um interesse no poder da inflação, agora podemos perceber que ele passará também a ter uma espécie de interesse proprietário na instituição da guerra perpétua.⁵

Uma quarta marca do Império, continuou Garrett, é “um sistema de nações satélites”. Falamos apenas de “satélites” russos e com desprezo, mas “falamos de nossos próprios satélites como aliados e amigos ou como nações amantes da liberdade”. O significado de satélite é um “guarda contratado”. Como Garrett observa:

Quando as pessoas dizem que perdemos a China ou que se perdermos a Europa será um desastre, o que querem dizer? Como poderíamos perder a China ou a Europa, já que nunca nos pertenceram? O que eles querem dizer é que perdemos ou podemos perder a tutela de pessoas dependentes que atuam como guarda externo.

⁵ *Ibid.*, pp. 148–49

Armado com uma vasta gama de satélites, descobrimos então que “para qualquer um deles nos envolver na guerra é necessário apenas que o Poder Executivo em Washington decida que sua defesa é de alguma forma essencial para a segurança dos Estados Unidos”.

O sistema teve suas origens no Lend-Lease Act de 1941. Garrett conclui que o Centro Imperial é permeado pelo medo de ficar sozinho no mundo, sem satélites.

O medo finalmente assume a fase de uma obsessão patriótica. É mais forte do que qualquer partido político. [...] A convicção básica é simples. Não podemos ficar sozinhos.

Uma economia capitalista, embora possua metade do poder industrial do mundo inteiro, não pode defender seu próprio hemisfério. Pode ser capaz de salvar o mundo; sozinho ele não pode salvar a si mesmo. Deve ter aliados.

Felizmente, é capaz de comprá-los, suborná-los, armá-los, alimentá-los e vesti-los; pode nos custar mais do que podemos pagar, mas devemos tê-los ou perecer.⁶

A marca final do Império é “um complexo de vaidade e medo”. Aqui Garrett vai direto ao cerne da psicologia imperial. Por um lado, vangloriando-se:

O povo do Império [...] é poderoso. Eles realizaram trabalhos prodigiosos. [...] Então devem ter sentido como aqueles que viveram a grandeza que era Roma. Assim se sentiram os britânicos enquanto governavam o mundo. Então agora os americanos se sentem.

⁶

Ibid., pp. 150, 155.

À medida que assumimos responsabilidades políticas ilimitadas em todo o mundo, enquanto bilhões em múltiplos de dez são votados para a intenção global sempre em expansão, há apenas desprezo por quem diz: “Não somos infinitos”. A resposta é: “O que queremos fazer, isso é o que podemos fazer”.

Mas, além de se vangloriar, há o medo.

Medo do bárbaro. Medo de ficar sozinho. [...] Chega um momento em que a própria guarda, ou seja, seu sistema de satélites, é fonte de medo. Os satélites geralmente são dotados de vontade e quanto mais você confia neles, mais dotados de vontade e exigentes eles são.

Há, portanto, o medo de ofendê-los. [...] Como eles vão se comportar quando o teste chegar? — quando eles enfrentarem [...] a terrível realidade de se tornar o campo de batalha europeu onde a segurança dos Estados Unidos será defendida? Se vacilarem ou falharem, o que será das armas que lhes fornecemos?⁷

Tendo concluído que agora temos todas as marcas do Império, Garrett aponta que os Estados Unidos, como os impérios anteriores, se sentem “prisioneiros da história”. Os americanos se sentem de alguma forma obrigados a desempenhar seu suposto papel no cenário mundial. Pois além do medo está a “segurança coletiva” e para além disso está “um pensamento maior”. Resumidamente:

É a nossa vez.

Nossa vez de fazer o quê?

⁷ *Ibid.*, pp. 155-57.

Nossa vez de assumir as responsabilidades de liderança moral no mundo.

Nossa vez de manter um equilíbrio de poder contra as forças do mal em todos os lugares – na Europa, Ásia e África, no Atlântico e no Pacífico, por ar e por mar – o mal, neste caso, é o bárbaro russo.

Nossa vez de manter a paz do mundo.

Nossa vez de salvar a civilização.

Nossa vez de servir a humanidade.

Mas esta é a linguagem do Império. O Império Romano nunca duvidou de que era o defensor da civilização. Suas boas intenções eram paz, lei e ordem. O Império Espanhol acrescentou a salvação.

O Império Britânico acrescentou o nobre mito do fardo do homem branco. Acrescentamos liberdade e democracia. No entanto, quanto mais isso pode ser adicionado a ele, mais ainda é a mesma linguagem. A linguagem do poder.⁸

Garrett termina seu esplêndido trabalho pedindo a reconquista do “terreno perdido” da liberdade e do republicanismo da tirania executiva e do Império. Mas, como ele apontou, devemos encarar o fato

que o custo de salvar a República pode ser extremamente alto. Poderia ser relativamente tão alto quanto o custo de criá-la em primeiro lugar, cento e setenta e cinco anos atrás, quando o amor

⁸

Ibid., pp. 158-59.

pela liberdade política era uma paixão poderosa e as pessoas estavam dispostas a morrer por isso. [...]

[D]aceleração causará um choque terrível. Quem dirá: “Agora?” Quem está disposto a enfrentar as realidades sombrias e perigosas da deflação e da depressão? [...]

Sem dúvida, o povo sabe que pode ter sua República de volta se quiser o suficiente para lutar por ela e pagar o preço. O único ponto é que nenhum líder apareceu ainda com a coragem de fazê-los escolher.⁹

Não menos entusiástica foi a devoção à paz e a oposição à Guerra da Coréia e ao militarismo por parte da ala mais estreitamente libertária do movimento da Velha Direita.

Assim, Leonard Read publicou um poderoso panfleto, “Conscience on the Battlefield” (1951), no qual se imaginava como um jovem soldado americano morrendo em um campo de batalha na Coréia e engajado em um diálogo com sua própria consciência. A Consciência informa ao soldado que

embora em muitos aspectos você tenha sido uma pessoa excelente, o registro mostra que você matou muitos homens – tanto coreanos quanto chineses – e também foi responsável pela morte de muitas mulheres e crianças durante esta campanha militar.

O soldado responde que a guerra foi “boa e justa”, que “temos que parar a agressão comunista e a escravização das pessoas por ditadores”. A consciência lhe pergunta:

“Você matou essas pessoas como um ato de autodefesa? Eles estavam ameaçando sua vida ou

⁹ Ibid., pp. 173-74.

sua família? Eles estavam em suas costas, prestes a escravizá-lo?

O soldado novamente responde que estava servindo à inteligente política externa dos EUA, que antecipa as ações de nossos inimigos derrotando-os primeiro no exterior.

A Consciência de Read então responde:

Governos e afins são simplesmente frases, meras abstrações atrás das quais as pessoas muitas vezes procuram esconder suas ações e responsabilidades. [...]

No Templo do Julgamento no qual você está prestes a entrar, apenas Princípios provavelmente serão observados. É quase certo que você não encontrará lá nenhuma distinção entre nacionalidades ou entre raças. [...]

Uma criança é uma criança, com tanto direito a uma oportunidade de Autorrealização quanto você. Tirar uma vida humana — em qualquer idade ou de qualquer cor — é tirar uma vida humana.

[...] De acordo com suas noções, ninguém é responsável pela morte dessas pessoas. No entanto, eles foram destruídos. Aparentemente, você espera que arranjos coletivos como “o exército” ou “o governo” levem sua culpa.¹⁰

Sobre a culpa, a Consciência acrescenta que

¹⁰ Leonard F. Read, *Conscience on the Battlefield* (Irvington-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1951), pp. 8–11. É indicativo da decadência do movimento libertário mais antigo e da FEE que o panfleto de Read nunca tenha sido incluído nos *Essays on Liberty* da FEE e tenha sido autorizado a desaparecer rapidamente de circulação.

não pode haver distinção entre aqueles que atiram e aqueles que auxiliam o ato — quer o ajudem atrás das linhas, fabricando a munição, ou submetendo-se ao pagamento de impostos pela guerra.

Além disso, a culpa pareceria ainda maior por parte daqueles que recorreram ao poder coercitivo do governo para fazer com que você sacrificasse sua casa, sua fortuna, sua chance de autorrealização, sua vida — nenhum dos quais sacrifícios eles mesmos fazem ou parecem dispostos a fazer.

Ao apresentar seu panfleto, Read escreveu: “A guerra é o maior inimigo da liberdade e o inimigo mortal do progresso econômico”. Apoiando essa visão estava o líder libertário FA “Baldy” Harper, em um panfleto da FEE, “Em Busca da Paz”, publicado no mesmo ano. Lá Harper escreveu:

Acusações de pacifismo provavelmente serão lançadas contra qualquer um que em tempos difíceis levante qualquer questão sobre a corrida para a guerra. Se o pacifismo significa abraçar o objetivo da paz, estou disposto a aceitar o encargo.

Se isso significa opor-se a toda agressão contra os outros, estou disposto a aceitar a acusação também. Agora é urgente no interesse da liberdade que muitas pessoas se tornem “pacificadores [...]”

Assim, a nação vai para a guerra, e enquanto a guerra está acontecendo, o verdadeiro inimigo [a ideia de escravidão] — há muito esquecido e camuflado pelos processos da guerra — cavalga para a vitória em ambos os campos.

[...] Outra evidência de que na guerra o ataque não é direcionado ao inimigo real é o fato de que parece que nunca sabemos o que fazer com a “vitória [...]”

Os “povos libertados devem ser fuzilados, ou todos colocados em campos de prisioneiros, ou o quê? A fronteira nacional deve ser movida? Haverá mais destruição da propriedade dos derrotados? Ou o que?

[...] Nem as ideias de [Karl Marx] podem ser destruídas hoje pelo assassinato ou suicídio de seu principal expoente, ou de quaisquer milhares ou milhões de devotos.

[...] Muito menos as ideias de Karl Marx podem ser destruídas pelo assassinato de vítimas inocentes da forma de escravidão que ele defendia, sejam eles recrutados em exércitos ou vítimas pegadas no caminho da batalha.¹¹

Harper então acrescentou que a Rússia deveria ser o inimigo, porque nosso inimigo era o comunismo.

Mas se é necessário que abracemos todas essas medidas socialistas-comunistas para combater uma nação que as adotou – porque elas adotaram essas medidas – por que combatê-las? Por que não se juntar a eles em primeiro lugar e salvar todo o derramamento de sangue?

[...] Não há sentido evocar em nossas mentes um ódio violento contra pessoas que são vítimas do

¹¹ FA Harper, *In Search of Peace* (Irvington-on-Hudson, NY: Foundation for Economic Education, 1951), pp. 3, 23-25; reimpresso pelo *Institute for Humane Studies*, 1971.

comunismo em alguma nação estrangeira, quando os mesmos grillhões governamentais estão nos tornando servis às forças não liberais em casa.

Dean Russell, outro membro da equipe da FEE, acrescentou à barragem antimilitarista.

Aqueles que defendem a “perda temporária” de nossa liberdade para preservá-la permanentemente estão defendendo apenas uma coisa: a abolição da liberdade.

Para combater uma forma de escravidão no exterior, eles defendem uma forma de escravidão na terra natal! Por melhores que sejam suas intenções, essas pessoas são inimigas da sua liberdade e da minha liberdade; e eu os temo muito mais do que temo qualquer potencial ameaça russa à minha liberdade.

Esses patriotas sinceros, mas altamente emocionais, são claros e apresentam ameaças à liberdade; os russos ainda estão a milhares de quilômetros de distância.¹²

Os russos só nos atacariam, destacou Russell, “por uma de duas razões: medo de nossas intenções ou retaliação aos nossos atos”. O medo dos russos seriam

evaporados se puxássemos nossas tropas e compromissos militares de volta ao Hemisfério Ocidental e os mantivéssemos aqui. [...] Enquanto mantivermos tropas nas fronteiras da Rússia, pode-se esperar que os russos ajam da mesma forma que agiríamos se a Rússia estacionasse tropas na

¹² Dean Russell, “The Conscription Idea”, *Ideas on Liberty* (Maio de 1955): 42.

Guatemala ou no México - mesmo que esses países quisessem que os russos entrassem!

Dean Russell concluiu sua crítica à política externa americana:

Não vejo mais lógica em lutar contra a Rússia pela Coreia ou Mongólia Exterior do que lutar contra a Inglaterra por Chipre ou contra a França por Marrocos.

[...] Os fatos históricos do imperialismo e as esferas de influência não são razões suficientes para justificar a destruição da liberdade dentro dos Estados Unidos, transformando-nos em um estado de guarnição permanente e estacionando recrutas em todo o mundo. Estamos rapidamente nos tornando uma caricatura da coisa que professamos odiar.

Minha própria reação ao início da Guerra da Coreia foi apaixonada e amargurada, e escrevi uma filípica para um amigo liberal incompreensível que acredito que se sustenta muito bem à luz dos anos que se seguiram:

Venho para enterrar a Liberdade, não para elogiá-la; como eu poderia elogiá-lo quando o nobre Brutus — a social-democracia — floresceu? [...] O que tínhamos sob o regime da Liberdade?

Mais ou menos, tínhamos liberdade para dizer o que quiséssemos, trabalhar onde quiséssemos, poupar e investir capital, viajar para onde quiséssemos, tínhamos paz. Essas coisas estavam muito bem no seu tempo, mas agora temos a social-democracia.

[...] A social-democracia tem o alistamento militar obrigatório, para que todos possamos lutar pela paz duradoura e pela democracia em todo o mundo, racionamento, controle de preços, alocação

[...] do trabalho, para que todos possamos servir a sociedade em nossas melhores capacidades, impostos pesados, finanças inflacionárias, mercados negros [...] “expansão econômica” saudável.

O melhor de tudo é que teremos uma guerra permanente. O problema, como todos sabemos, com as guerras anteriores é que elas terminaram tão rapidamente. [...] Mas agora parece que esse erro foi corrigido.

Podemos [...] proclamar como nosso objetivo a ocupação da Rússia por vinte anos para realmente educar seu povo nos princípios gloriosos de nossa própria social-democracia.

E se realmente queremos lutar pela democracia, vamos tentar ocupar e educar a China por algumas gerações. Isso deve nos manter ocupados por um tempo.

Na última guerra, fomos prejudicados por alguns obstrucionistas, isolacionistas, antediluvianos, que resistiram a medidas salutaras como a retirada de todo o trabalho e capital e o planejamento total da mobilização por políticos, economistas e sociólogos benevolentes.

Mas sob nossa configuração de guerra permanente, podemos facilmente levar esse programa adiante. Se alguém se opuser, podemos acusá-lo de prestar auxílio e confortar os comunistas. Os democratas já acusaram o obstrucionista reacionário [senador] Jenner (R., Indiana) de “seguir a linha stalinista”.

Sim, os obstrucionistas estão derrotados. A social-democracia tem pouco a temer deles. Quem

quer que tenha sido o gênio que concebeu a ideia de guerra permanente, você tem que dar crédito a ele.

Podemos esperar por períodos de Unidade Nacional, de quintuplicação da Renda Nacional, etc. Há uma pequena mosca na pomada que alguns obstrucionistas podem mencionar - os meninos que realmente estão lutando podem ter algumas objeções.

Mas podemos corrigir isso com uma campanha “Verdade” de US\$ 300 bilhões liderada, digamos, por Archibald MacLeish, para que eles saibam pelo que estão lutando.

E temos de impor sacrifícios equivalentes no país, para que nossos meninos saibam que as coisas são quase tão difíceis dentro do país. [...]

Aí está. Os contornos do admirável mundo novo do socialismo democrático. A liberdade é um preço barato a pagar. Espero que você goste.¹³

¹³ A única resposta do meu amigo liberal foi se perguntar por que eu tinha escrito para ele uma carta que soava como a declaração de “alguma organização empresarial”.

CAPÍTULO 10.

RENASCIMENTO PÓS GUERRA IV: ÚLTIMAS PALAVRAS DA VELHA DIREITA

Além de serem opositores ferrenhos da guerra e do militarismo, a Velha Direita do período pós-guerra tinha uma honestidade rude e quase libertária também nos assuntos domésticos. Quando uma greve ferroviária nacional surgiu, foi o liberal Harry Truman que propôs convocar os grevistas para o exército e forçá-los a continuar trabalhando, e foi o senador Taft quem liderou a oposição a esse movimento como sendo escravidão.

A *National Association of Manufacturers* (NAM), naqueles dias antes de o liberalismo empresarial-corporativo a conquistar em nome de uma “parceria do governo e da indústria”, adotou uma linha firme de *laissez-faire*. O economista de sua equipe, Noel Sargent, acreditava no livre mercado, e o decano da economia do *laissez-faire*, Ludwig von Mises, era um dos consultores da NAM.

Naqueles dias, a NAM era em grande parte orientada para os pequenos negócios e, de fato, várias organizações de pequenos empresários formavam a base empresarial para a direita organizada. De fato, foi nos altos escalões da NAM que Robert Welch aprendeu as visões anti-Establishment que mais tarde irromperam na John Birch Society.

Mas mesmo naqueles primeiros dias, os dias estavam contados para a NAM enquanto organização de *laissez-faire*. A primeira grande reviravolta ocorreu na primavera de 1947, depois que uma maioria republicana conservadora conquistou ambas as casas do Congresso em uma revolta em massa de eleitores contra o Fair Deal, e parcialmente em reação contra o poder do sindicalismo trabalhista.

A NAM, desde o início da Lei Wagner, havia se comprometido, ano após ano, a revogar a lei e, portanto, a revogar os privilégios especiais que a Lei Wagner dava à organização sindical. Quando o 80º Congresso foi aberto no inverno de 1946, a NAM, que agora finalmente teve sua chance de ser bem-sucedida na revogação da Lei Wagner, mudou de posição em uma batalha dramática, na qual os liberais corporativos do *Big Business* derrotaram os velhos *laissez-fairistas*,

liderados por BE Hutchinson da Chrysler, que também era um dos principais administradores da FEE.

A NAM, à beira de uma vitória significativa *do laissez-faire* nas relações trabalhistas, voltou-se completamente e pediu simplesmente a ampliação dos poderes da *National Labor Relations Board* (NLRB) para regular os sindicatos e os negócios -- uma noção que logo tomou forma na Lei Taft-Hartley.

Foi a Lei Taft-Hartley que completou o processo da Lei Wagner de domesticar e privilegiar o sindicalismo industrial e trazer o novo movimento sindical para a acolhedora parceria júnior com as Grandes Empresas e o Grande Governo que conhecemos tão bem hoje. Mais uma vez, Taft, em oposição aos puristas e à “extrema” direita no Congresso, desempenhou um papel comprometedor.

Uma coisa na qual a Velha Direita se especializou foi na denúncia muckracking anti-Establishment. As colunas Hearst do Westbrook Pegler foram um exemplo importante.¹ Mas particularmente agradável foi a denúncia anti-Wall Street do *Chicago Tribune* sob o comando do coronel McCormick.

Pois o *Tribune* entendeu a situação claramente e concentrou-se no establishment anglófilo de Wall Street que administrava e ainda administra este país, e foi destemido em continuar expondo essa elite dominante. Os arquivos antigos do *Chicago Tribune* são uma rica fonte de informação para o historiador anti-Establishment.²

Um exemplo é uma série de artigos de William Fulton e outros no *Tribune*, de 15 a 31 de julho de 1951, do que poderíamos chamar de “Revisionismo de Rhodes Scholar”, em que os jornalistas traçaram a

¹ Curiosamente, todas as deliciosas exposições de Franklin e Eleanor Roosevelt por Pegler, que causaram tanto choque e horror entre os liberais na época, agora se mostraram corretas – com Pegler, é claro, nunca recebendo crédito dos historiadores por seu pioneiro jornalismo.

² Para o único exemplo que conheço de uma atitude apreciativa em relação à denúncia da direita por um historiador da Nova Esquerda, veja G. William Domhoff, *The Higher Circles: The Governing Class in America* (New York: Random House, 1970), pp. 281 -308.

influência do anglófilo Rhodes Scholar nos órgãos de criação de política externa no governo dos EUA.

O título da série era “O Objetivo de Rhodes: Retornar os EUA ao Império Britânico”. Nomeados como Estudiosos de Rhodes estavam os principais “internacionalistas” americanos como Dean Rusk, George McGhee, Stanley K. Hornbeck, W. Walton Butterworth, Prof. Bernadotte E. Schmitt, Ernest A. Gross (um estudante de Oxford, embora não estritamente um estudioso de Rhodes), idem Henry R. Luce, Clarence K. Streit, Frank Aydelotte e muitos outros, incluindo vínculos com o Conselho de Relações Exteriores, as Fundações Carnegie e Rockefeller, e o *New York Times* e o *Herald-Tribune*.

Uma das peças mais sofisticadas de denúncias direitistas nessa época foi realizada pelo Comitê Reece da Câmara para investigar fundações isentas de impostos durante 1953-54.

Formado por conservadores líderes como o advogado René Wormser (irmão de Felix E. Wormser, Secretário do Interior de Eisenhower) e Norman Dodd, o Comitê Reece concentrou-se em supostas ligações comunistas e também liberais e socialistas com as grandes fundações: Rockefeller, Carnegie, Ford, etc.

Mas, além disso, o Comitê atacou as grandes fundações por invariavelmente patrocinarem estudos empíricos e quantitativamente orientados nas ciências sociais e, assim, levar essas disciplinas a uma promoção “científica” da “liberdade de valor” em tecnocrática e espúria negligência do qualitativo e do ético.

Aqui, o Comitê Reece, seguindo as críticas perspicazes do empirismo e cientificismo liberais feitas por F.A. Hayek e pelo sociólogo conservador Albert H. Hobbs da Universidade da Pensilvânia, encontrou uma falha extremamente importante na nova ciência social do pós-guerra, mas as visões foram enterradas em uma avalanche de vitupério na imprensa do establishment.

O homem das fundações no comitê, obstruindo seus propósitos e em aliança silenciosa com a Casa Branca de Eisenhower, era o deputado

Wayne Hays (D., Ohio), um apoiador de Truman e mais tarde um democrata apoiador de Lyndon Johnson.³

Algumas das declarações de cientistas sociais dissidentes e anti-quantitativas do comitê fazem uma leitura fascinante à luz da redescoberta pela Nova Esquerda nos últimos anos de uma visão crítica da ciência social empirista e pseudo-“liberta de valores”. Assim, o sociólogo da Universidade da Pensilvânia, James HS Bossard, escreveu ao Comitê Reece:

Por alguns anos, tenho considerado com crescente apreensão o desenvolvimento do que

³ Um valioso resumo do trabalho do Comitê pode ser encontrado em um livro de seu conselheiro geral, René A. Wormser, *Foundations: Their Power and Influence* (Nova York: Devin-Adair, 1958).

Alguns dos cabeçalhos de seção de Wormser são instrutivos: “Política nas Ciências Sociais”, “A Exclusão do Dissidente”, “Cientismo Fomentado por Fundações”, “Os ‘Engenheiros Sociais’ e a ‘Mania de Apuração de Fatos’”, “Pesquisa em Massa -Integração e Conformidade.”

Wormser relata que as fundações conseguiram forçar o comitê a demitir dois funcionários particularmente experientes no início da investigação. Esses dois homens eram de orientação libertária: meu amigo George B. DeHuszar, próximo ao pessoal do *Chicago Tribune*; e o economista vienense Dr. Karl Ettinger, amigo de Ludwig von Mises.

Os estudos incompletos de Ettinger teriam investigado padrões de doação em apoio de fundações de faculdades, bem como um levantamento do controle dos periódicos eruditos como instrumento de poder e suas relações com as fundações, e um estudo dos intertravamentos entre fundações, instituições de pesquisa, e governo.

Para saber mais sobre o Comitê Reece, veja as Audiências Antes do Comitê Especial para Investigar Fundações Isentas de Impostos e Organizações Comparáveis, Câmara dos Representantes, 83º Congresso, 2ª sessão, Partes 1 e 2 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1954).

Para uma crítica conservadora do cientificismo naquela época, veja Albert H. Hobbs, *Social Problems and Scientism* (Pittsburgh: Stackpole Co., 1953).

chamei de escola computômetra de pesquisa em ciências sociais.

*Com isso quero dizer a coleta de dados sociais detalhados e sua manipulação por todas as técnicas estatísticas disponíveis. [...] Meu próprio interesse está mais no desenvolvimento de insights qualitativos. Isso está de acordo com meu juízo da natureza do processo vital, que não pode ser reduzido a fórmulas estatísticas, mas que é um complexo de relações ricamente diversificado.*⁴

Em uma carta tipicamente contundente, o sociólogo de Harvard Pitirim A. Sorokin afirmou que as fundações discriminam em favor da pesquisa empírica e “discriminam muito as formas teóricas, históricas e outras de pesquisa não empírica”, auxiliadas e incentivadas pela discriminação em nome da matemática e modelos mecânicos, “ou outras variedades imitativas da assim chamada sociologia das ciências naturais”.

Os resultados desta ciência social têm sido na maioria dos casos “perfeitamente infrutíferos e quase estéreis” ou mesmo em alguns casos, “bastante destrutivos moral e mentalmente para esta Nação”.⁵

Havia na obra do Comitê Reece, no entanto, uma grave contradição interna, que a longo prazo provavelmente foi mais destrutiva de seu trabalho do que todos os ataques de Wayne Hays.

Esse foi o fato de que os conservadores e quase libertários do comitê estavam empunhando o braço coercitivo do governo -- o comitê do Congresso -- para perturbar fundações privadas [...] e por qual motivo? Em grande parte porque as fundações supostamente defendiam o controle do governo sobre organizações privadas!

E o Comitê Reece acabou defendendo restrições governamentais às fundações privadas; em suma, o Comitê clamou por mais controles

⁴ *Hearings*, pág. 1188.

⁵ *Ibid.*, pág. 1191. Ver também as observações do sociólogo de Harvard Carle C. Zimmerman, em *ibid.*, pp. 1193-1194.

governamentais sobre instituições privadas pelo pecado de defender controles governamentais sobre instituições privadas!

O resultado foi apenas lançar a tendência moderna para uma regulamentação cada vez mais rígida das fundações, mas de forma alguma foram capazes de mudar sua tendência ideológica ou metodológica.

Outra peça fascinante de denúncia e análise combinada nesta época foi um livro grande e extenso do repórter do *Chicago Tribune* Frank Hughes, *Prejudice and the Press*.⁶ O livro de Hughes foi um longo ataque à “Comissão” corporativa-liberal para a Liberdade de Imprensa, que havia sido amplamente financiada por Henry Luce e liderada por Robert M. Hutchins.⁷

A “Comissão”, que publicara seu relatório em 1947, clamava por uma imprensa “livre” no sentido moderno de “responsável”; em contraste, Hughes respondeu com uma afirmação retumbante da *Bill of Rights* e do “antiquado” ideal americano de liberdade de imprensa. Hughes apontou que a ideia básica dos liberais modernos é

*tornar a imprensa “relatável” ou “responsável” perante a sociedade ou a comunidade, o que [...] só pode significar para o governo. [...] Se liberdade significa alguma coisa, liberdade de imprensa é estar livre do governo.*⁸

O grande divisor de águas, o evento único que mais marcou o falecimento da antiga direita isolacionista, foi a derrota do senador Taft por Eisenhower na tomada de Wall Street da indicação presidencial de 1952.

⁶ (Nova York: Devin-Adair, 1950).

⁷ A “comissão” privada incluía intelectuais liberais como Zechariah Chafee Jr., William E. Hocking, Harold Lasswell, Reinhold Niebuhr, George Schuster, Robert Redfield, Charles E. Merriam e Archibald MacLeish; e o empresário Beardsley Ruml e o advogado John Dickinson.

⁸ Hughes, *Prejudice and the Press*, p. 5.

Com os democratas vulneráveis, 1952 foi finalmente uma chance para a Velha Direita alcançar o domínio no cenário nacional. Mas a derrota de Taft no ultrajante roubo de Eisenhower da indicação, juntamente com a morte do grande senador no ano seguinte, acabou com a Velha Direita como uma facção significativa do Partido Republicano.

Com efeito, também serviu para acabar com minha própria identificação com o republicanism e com a “extrema direita” no espectro político.

Eu não estive ativo no *Young Republican Club* desde a decepção da indicação de Dewey em 1948, mas eu ainda era um membro, e Ronnie Hertz, um amigo meu libertário, exercia alguma influência no clube como chefe de seu comitê de almoço no centro da cidade, para o qual convidamos palestrantes isolacionistas e libertários.

Eu não era um entusiasta de Taft em nenhuma escala absoluta, por causa de seus repetidos compromissos e “vendas” em assuntos domésticos e estrangeiros, e na reunião calorosa do clube que votou pelo endosso presidencial, na qual Taft ganhou uma minoria considerável, Ronnie e eu demos nossos dois votos para o senador Everett Dirksen (R., Ill.).

Naquele dia mais inocente, Dirksen ainda não havia conquistado seu posto de supremo oportunista político; em vez disso, sob a égide do *Chicago Tribune*, ele tinha um histórico de votação solidamente “extremista”, incluindo um dos poucos votos contra o alistamento.

Mas na própria convenção importante, eu estava, é claro, a favor de Taft e ainda mais em oposição à tomada esquerdista – liberal corporativista – de Wall Street, que conquistou na crista de uma campanha ultrajante da imprensa, sugerindo que Taft havia “roubado” as delegações do sul.

Quando Taft foi enganado na nomeação, eu de uma vez saí do Partido Republicano, para nunca mais voltar. Na eleição, apoiei Stevenson, em grande parte como a única maneira de tirar o incubo de Wall Street das costas do Partido Republicano.

É importante notar que a ala direita republicana da década de 1960, a direita Goldwater-Buckley, não tinha conexão com a antiga direita de Taft, nem mesmo organizacionalmente.

Assim, Barry Goldwater era ele mesmo um delegado por Eisenhower no Arizona; o senador geral Pat Hurley, conservador belicista, era um homem de Eisenhower do Novo México; os dois anciões do Lobby da China eram anti-Taft: o deputado Walter Judd (R., Minn.) sendo a favor de Eisenhower e o senador William Knowland (R., Califórnia) sendo um defensor do governador Earl Warren, que foi decisivo em lançar seu apoio a Ike na questão da delegação sulista.

Richard Nixon também foi fundamental no acordo da Califórnia, e tanto Nixon quanto Warren seguiram para suas cabíveis recompensas. E, além disso, a famosa questão da delegação sulista não era o que superficialmente parecia.

As delegações de Taft no Sul eram em grande parte negras, daí seu nome de “Black and Tan”, e eram lideradas pelo veterano republicano negro Perry Howard, do Mississippi, enquanto as delegações de Eisenhower, os representantes dos empresários suburbanos brancos “progressistas” do Futuro republicano do sul, eram conhecidos apropriadamente como os Lilywhites.

Enquanto isso, observemos o retrato amargo, mas preciso, da derrota de Taft pelo repórter Chesly Manly, do *Chicago Tribune*, dois anos depois, como um exemplo também do estilo muckraking direitista:

Os bancos de Nova York, ligados às grandes corporações do país por laços financeiros e diretorias interligadas, exerceram sua poderosa influência sobre as grandes delegações não comprometidas de Eisenhower.

Eles fizeram isso de forma mais sutil, mas não menos eficaz, do que em 1940, quando capturaram a convenção republicana para Willkie. Tendo obtido enormes lucros com ajuda externa e encomendas de armamentos, os banqueiros e os chefes das corporações se entendiam perfeitamente.

A influência de Wall Street foi mais frutífera na delegação da Pensilvânia [...] e na de Michigan. [...] Arthur Summerfield, membro do comitê nacional

de Michigan e o maior revendedor Chevrolet do mundo, foi recompensado por entregar a maior parte da delegação de Michigan como gerente de campanha de Eisenhower e mais tarde como seu chefe dos correios.

Charles E. Wilson, presidente da General Motors Corporation, que tinha forte influência na delegação de Michigan, tornou-se secretário de Defesa.

Winthrop W. Aldrich, chefe do Chase National Bank e conhecido dos irmãos Rockefeller, o líder de Wall Street, estava em Chicago puxando fios para Eisenhower, e seu trabalho foi recompensado com uma nomeação como embaixador na Grã-Bretanha.⁹

Com a eleição de Eisenhower, a velha ala direita do Partido Republicano começou a desaparecer de cena. Mas o senador Taft teve um último momento de glória.

No último discurso sobre política externa proferido antes de sua morte, Taft atacou a hegemonia da política externa que começava a ser exercida pelo secretário de Estado John Foster Dulles,¹⁰ o epítome do belicismo global e do anticomunismo, o homem que veio do topo da firma jurídica de Wall Street, Sullivan e Cromwell, e foi um advogado de longa data para os interesses Rockefeller.

Nesse discurso, proferido em 26 de maio de 1953, Taft nivelou às políticas de Dulles a mesma crítica que fizera às políticas semelhantes de Harry Truman: o sistema de alianças e ajuda militar mundial era “a

⁹ Chesly Manly, *The Twenty-Year Revolution: From Roosevelt to Eisenhower* (Chicago: Henry Regnery Company, 1954), pp. 20-21.

¹⁰ A mancha da família Dulles na política externa americana incluía o irmão de John Foster, Allen, que chefiava a CIA, e sua irmã Eleanor, na mesa da Ásia do Departamento de Estado.

antítese completa da Carta da ONU”. uma ameaça à segurança russa e chinesa e, além disso, sem valor para a defesa dos Estados Unidos.

Taft, em particular, concentrou seu fogo na política nascente de Dulles no Sudeste Asiático. Ele estava especialmente preocupado porque os Estados Unidos estavam aumentando para 70% seu apoio aos custos da luta do regime fantoche francês na Indochina contra as forças revolucionárias de Ho Chi Minh. Taft temia -- com grande presciência! -- que a política de Dulles, após a derrota inevitável do imperialismo francês na Indochina, levasse à sua eventual substituição pelo imperialismo americano e -- para Taft a pior de todas as possibilidades -- ao envio de forças americanas ao Vietnã para combater os guerrilheiros.

Taft Declarou:

Nunca senti que deveríamos enviar soldados americanos para o continente asiático, que incluía, é claro, a China propriamente dita e a Indochina, simplesmente porque estamos tão em desvantagem numérica na luta por uma guerra terrestre no continente asiático que isso traria exaustão completa, mesmo se conseguíssemos vencer. [...]

Então hoje, como desde 1947 na Europa e 1950 na Ásia, estamos realmente tentando armar o mundo contra a Rússia comunista, ou pelo menos fornecer toda a ajuda que possa ser útil para eles se oporem ao comunismo.

Essa política de unir o mundo livre contra o comunismo em tempo de paz será uma política prática de longo prazo? Sempre fui cético em relação à viabilidade militar da OTAN.

[...] Sempre senti que não deveríamos tentar combater a Rússia no campo do continente europeu

*mais do que deveríamos tentar combater a China no continente asiático.*¹¹

Nos meses imediatamente após a morte de Taft, o apoio americano aos exércitos franceses e de seu governo fantoche no Vietnã foi grandemente aumentado por Dulles, mas enquanto Dulles e Nixon instavam o bombardeio americano das forças de Ho Chi Minh, o próprio Eisenhower, que havia sido muito influenciado por sua breve mas profunda associação com Taft durante e após a campanha de 1952, ouviu os apoiadores de Taft em seu gabinete como George Humphrey e decidiu não usar as forças americanas diretamente no Vietnã sem o consentimento prévio do Congresso.

Seguindo esse princípio taftiano, o governo Eisenhower permitiu que o Grande Debate no Senado, bem como a oposição da Grã-Bretanha, o impedisse de uma aventura imediata no Vietnã. O ex-isolacionista Alexander Wiley (R., Wisconsin) resumiu os sentimentos da maioria dos republicanos do Senado quando declarou: “Se a guerra vier sob este governo, pode muito bem ser o fim do Partido Republicano”.

E o senador Lyndon B. Johnson (D., Tex.) resumiu a visão dos democratas dizendo que se opunha a “enviar soldados americanos para a lama e o esterco da Indochina em uma onda de derramamento de sangue para perpetuar o colonialismo e a exploração pelo homem branco na Ásia”.¹²

Como resultado dessas pressões, e desafiando a Dulles, Nixon e ao Pentágono, o presidente Eisenhower avançou em direção ao Acordo de Genebra de 1954; a intervenção total americana no Vietnã foi adiada misericordiosamente, embora infelizmente não abandonada permanentemente. Na morte, a influência do senador Robert Taft na

¹¹ Robert A. Taft, “United States Foreign Policy: Forget United Nations in Korea and Far East”, *Vital Speeches* 19, no. 17 (15 de junho de 1953): 530–31. Veja também Leonard P. Liggio, “Why the Futile Crusade?” *Left and Right* 1, n° 1 (primavera, 1965): 60-62.

¹² Bernard B. Fall, *The Two Vietnams* (Nova York: Frederick A. Praeger, 1963), pp. 227-28. Veja também Liggio, “Why the Futile Crusade?” pág. 62.

política externa americana foi maior, ao menos momentaneamente, do que jamais fora em vida.

CAPÍTULO 11

DECLÍNIO DA VELHA DIREITA

Após a morte de Taft e enquanto a política externa de Eisenhower começava a assumir os contornos dullesianos congelados de permanente armamento em massa e a ameaça de “retaliação nuclear maciça” em todo o globo, comecei a notar que o sentimento isolacionista começava a desaparecer, até mesmo entre os antigos compatriotas libertários e isolacionistas que deveriam saber melhor.

Velhos amigos que costumavam zombar da “ameaça russa” e declararam que o Inimigo era Washington, DC agora começaram a murmurar sobre a “conspiração comunista internacional”.

Percebi que os jovens libertários que chegavam às fileiras estavam cada vez mais infectados com a mentalidade da Guerra Fria e nunca tinham ouvido falar da alternativa isolacionista. Jovens libertários se perguntavam como eu defendia uma “política externa comunista”.

Nessa atmosfera emergente, a obra de não-ficção do romancista Louis Bromfield de 1954, *Um Novo Padrão para um Mundo Cansado*,¹ um panfleto contundente em nome do capitalismo de livre mercado e de uma política externa pacífica, começou a parecer anacrônico e quase não teve impacto na direita da época.

Bromfield acusou:

Além do esgotamento trágico de nossos jovens, sejam eles convocados para dois dos melhores anos de suas vidas ou mutilados, mortos ou presos, a grandiosa política de “contenção” significa um imenso e constante esgotamento em termos de dinheiro.

E mais:

¹ (Nova York: Harper and Bros., 1954)

Um dos grandes fracassos de nossa política externa em todo o mundo decorre do fato de que nos permitimos ser identificados em todos os lugares com as pequenas nações europeias colonial-imperialistas velhas, condenadas e apodrecidas que uma vez impuseram a grande parte do mundo o padrão de exploração e dominação econômica e política.

Este fato está no cerne do nosso fracasso em ganhar o apoio e a confiança das nações e povos outrora explorados que agora estão em rebelião e revolução em todas as partes do mundo, mas especialmente na Ásia.

Não demos a esses povos uma escolha real entre as práticas do imperialismo comunista russo ou do comunismo e as de um mundo verdadeiramente democrático em que o individualismo, o capitalismo americano e a livre iniciativa são os próprios pilares da independência, economia sólida, liberdade e bons padrões de vida.

Aparecemos a esses próprios povos [...] no papel de imperialistas coloniais [...] e de apoiadores em quase todos os casos dos velhos impérios europeus apodrecidos. [...]

Nenhum desses povos rebeldes e que estão despertando irá, em seus corações ou mesmo superficialmente, confiar em nós ou cooperar de alguma forma enquanto permanecermos identificados com o sistema econômico colonial da Europa; que representa, mesmo em seu padrão capitalista, os últimos resquícios do feudalismo.

[...] Não podemos aparecer para esses povos asiáticos no papel de amigos e benfeitores enquanto estamos ao mesmo tempo financiando, tentando

restaurar o poder e até fornecendo armas às próprias forças dos impérios coloniais moribundos, contra os quais eles estão em rebelião.

Isso é exatamente o que estamos fazendo na Indochina, em Hong Kong e em outras partes do mundo sob uma política confusa baseada no passado condenado e não no inevitável padrão dinâmico do futuro.

Deixamos esses povos que despertam sem escolha a não ser recorrer ao conforto russo e comunista e às promessas de utopia.

Tornamos possível em todos os lugares [...] aos comunistas [...] criar a impressão de que o que era na verdade apenas uma intensa afirmação do nacionalismo é realmente uma libertação comunista, planejada e realizada por influência comunista. [...]

Estamos jogando a política de um mundo desaparecido, tentando cega e estupidamente cercar e conter o que não pode ser contido, bloqueando a livre troca de mercadorias e mantendo o mundo em constante alvoroço fazendo alianças e instalando base militares em todos os lugares. É um padrão antigo de política de poder.²

Novamente sobre a Ásia:

A batalha na Indochina envolve inúmeros [...] indochineses que odeiam a dominação francesa. [...] No entanto, há mesmo aqueles, principalmente nas forças armadas dos EUA, que, se ousassem, advogariam a convocação de meninos americanos de

²

Louis Bromfield, *A New Pattern for a Tired World* (Nova York: Harper and Bros., 1954), pp. 49-55.

Ohio, Iowa, Kansas e outros lugares e enviá-los para essa luta onde eles ou a própria nação não têm lugar próprio e onde a nossa intervenção só pode nos causar danos trágicos a longo prazo . [...]

[A Coreia] pode muito bem provar não ser a nação heroica martirizada que os sentimentais fizeram dela, mas apenas o albatroz em volta do nosso pescoço que pode nos levar cada vez mais fundo em complicações trágicas e guerras futuras.

Porque não temos nenhuma razão real para estar na Coréia, a não ser, como todos os asiáticos suspeitam, por razões de poder e exploração.

Dizer que um país tão remoto e insignificante como a Coréia é nossa primeira linha de defesa é dizer que cada nação em todas as partes do mundo também são nossa “primeira linha de defesa” – uma concepção que é obviamente fantástica e grotesca beirando a megalomania. [...]

Nossa ocupação permanente da Coréia para manter artificialmente sua independência econômica e política é um ato contra toda a tendência da revolução mundial e as forças irresistíveis de nossos tempos.

[...] Devemos ficar na Coréia indefinidamente e eventualmente nos aposentar e aceitar a derrota ou envolver a nós e ao mundo em uma guerra que pode muito bem ser para nós e certamente será para toda a Europa o fim da linha.

[...] A situação coreana [...] não será resolvida até que nos retiremos inteiramente de uma área na qual não temos o direito de estar e deixarmos

os povos dessa área resolverem seus próprios problemas.³

Bromfield concluiu que toda a nossa política externa não valia “a tortura ou a vida de um recruta relutante, mesmo que não fosse a mais perigosa e destrutiva das políticas para a paz e o bem-estar do mundo”.⁴

Nesse período de deslize da devoção à paz, em uma direta sobre a qual o livro de Bromfield teve pouco impacto, decidi tentar reafirmar a tradição mais antiga da política externa no movimento libertário-conservador.

Em abril de 1954, William Johnson elaborou uma edição totalmente isolacionista e pacífica da *Faith and Freedom* que foi um dos últimos suspiros intelectuais da direita isolacionista-libertária.

A edição incluiu um artigo de Garet Garrett, “The Suicidal Impulse”, que continuou sua análise de “The Rise of Empire”. Garrett declarou que o Império Americano havia construído “a mais terrível máquina de matar que a humanidade já conheceu”, que estávamos brandindo nosso “imenso estoque de bombas atômicas”, que havia tropas e bases aéreas americanas em todo o mundo e que havia “de vez em quando uma declaração de um eminente militar americano dizendo que a Força Aérea Americana está preparada para lançar bombas na Rússia com a maior facilidade, em alvos já selecionados.”

Garrett concluiu que “o fascínio da liderança mundial canalizou um feitiço fatal. A ideia de impor a paz universal ao mundo pela força é uma fantasia bárbara”.⁵

Também incluído na edição de *Faith and Freedom* estava Ernest T. Weir, o industrial de direita que rebentou os sindicatos da década de 1930, isolacionista da Segunda Guerra Mundial e chefe da *National Steel Corporation* de Pittsburgh.

³ *Ibid.*, pp. 60-63.

⁴ *Ibid.*, pág. 75.

⁵ Garet Garrett, “The Suicidal Impulse”, *Faith and Freedom* 5, no. 8 (Abril de 1954): 6.

Weir, o Cyrus Eaton da década de 1950, vinha invadindo o país e publicando panfletos pedindo uma paz negociada com a União Soviética e a China comunista e o fim da Guerra Fria. Em seu artigo, “Leaving Emotions Out of Foreign Policy”, Weir declarou que

temos de aceitar o fato de que não é a missão dos Estados Unidos sair fazendo cobranças pelo mundo para livrá-lo de nações ruins e sistemas ruins de governo.

*Devemos nos reconciliar com o fato de que sempre haverá nações ruins e sistemas ruins e que nossa tarefa é criar alguma base além da guerra na qual possamos viver no mundo.*⁶

Minha própria contribuição para a questão foi “The Real Aggressor”, sob o pseudônimo de “Aubrey Herbert”, em que tentei estabelecer uma base libertária para uma política externa isolacionista e pacífica, e pedi coexistência pacífica, desarmamento conjunto, retirada da OTAN e da ONU, e reconhecimento da China comunista, bem como livres trocas com todos os países.

Para nossa tristeza, tanto o Sr. Weir e eu fomos enganados na Social-Democrata *New Leader* de William Henry Chamberlin. O fato da crescente influência de Chamberlin na direita intelectual era sintomático de sua acelerada decadência.

Ex-companheiro de viagem comunista na década de 1930, Chamberlin parecia capaz de mudar seus princípios à vontade, escrevendo assiduamente tanto para o *Wall Street Journal* quanto para a *New Leader*, apoiando a economia de livre mercado na primeira publicação e o estatismo na segunda.

Ele também foi capaz de escrever um livro⁷ louvando o isolacionismo e o pacto de Munique para a Segunda Guerra Mundial,

⁶ Ernest T. Weir, “Leaving Emotions Out of Foreign Policy”, *ibid.*, p. 8.

⁷ William Henry Chamberlin, *America’s Second Crusade* (Chicago: Henry Regnery, 1950).

ao mesmo tempo em que denuncia os atuais isolacionistas e oponentes da Guerra Fria como “apaziguadores” e proponentes de “outra Munique”.

Mas, em um sentido, esse novo Chamberlin era consistente; pois ele fazia parte daquela crescente legião de ex-comunistas e ex-companheiros de viagem jornalistas que encabeçaram a frente ideológica da Guerra Fria e da cruzada mundial anticomunista.

Em seu artigo “Appeasement on the Right”,⁸ Chamberlin acusou que o artigo de Weir “poderia ter aparecido no *Nation*, talvez até no *Masses and Mainstream*”; quanto ao meu artigo, eu havia estabelecido “um plano para a política dos Estados Unidos feito sob medida para as especificações do Kremlin”.

Foi a primeira vez que fui acusado de ser isca comunista, embora não fosse a última, e para um “extremista de direita” confesso essa acusação foi um choque. Quando respondi na *New Leader* e notei que o próprio Chamberlin havia saudado o apaziguamento e Munique pouco tempo antes, Chamberlin respondeu de maneira característica:

*que Ernest Weir havia sido saudado recentemente no Trybuna Ludu de Varsóvia, e que talvez eu em breve “recebesse [meu] reconhecimento apropriado da mesma fonte ou de uma fonte similar”.*⁹

⁸ William Henry Chamberlin, “Appeasement on the Right”, *New Leader* (17 de Maio de 1954).

⁹ *Ibid.*, pág. 21; carta de Aubrey Herbert e resposta de Chamberlin, *ibid.*, 21 de junho de 1954, p. 29. Tanto quanto sei, o prêmio polonês nunca chegou.

Quanto à esquerda doméstica desmoralizada e sangrenta, uma das poucas peças de reconhecimento da direita anti-imperialista foi no *New York Compass* de 2 de janeiro de 1952, secundado pelo *National Guardian* de 9 de janeiro de 1953, ambos elogiando um excelente artigo de Gareth Garrett no *Wall Street Journal*. Garrett atacou a política externa imperialista bipartidária e denunciou todos os candidatos presidenciais, incluindo Taft, por apoiá-la.

Logo depois, assinei para substituir Chodorov como colunista mensal da *Faith and Freedom* e em Washington, e mês após mês, até o final de 1956, martelei o estatismo do governo Eisenhower. Preocupado com a crescente adesão ao militarismo e à Guerra Fria na direita, eu particularmente repreendi essas tendências.

Ao pedir a retirada das Nações Unidas, exortei-os a reconhecer a realidade e admitir a China como membro; apelando ao neutralismo e ao isolacionismo, manifestei a esperança de um neutralismo no exterior e de uma Alemanha neutralista e pacificamente reunificada; atacando a expansão permanente dos Estados Unidos para além de nossas costas, pedi a concessão de independência ao Havaí, Alasca e Porto Rico, em vez de incorporá-los como estados permanentes.

No início de 1956, ataquei o governo Eisenhower por torpedear a segunda conferência de Genebra e suas esperanças de apaziguamento e desarmamento: primeiro, apresentando uma demanda pela reunificação alemã sob a OTAN como nossa principal demanda na conferência; e segundo, retirando nossa antiga demanda por desarmamento e inspeção simultâneos assim que os russos concordaram com nossa própria posição, e mais tarde substituindo a proposta demagógica de Ike por “céus abertos”.

Alguns meses depois, eu critiquei duramente a direita por saltar em defesa do instrutor de treinamento dos fuzileiros navais que brutalmente levou seis homens a sepulturas aquáticas em uma marcha da morte sem sentido na Ilha Parris. Como é, eu perguntei, que apenas os liberais de esquerda se levantaram para defender a liberdade contra a brutalidade e o militarismo?

Meu emaranhado mais grave com a direita pró-guerra veio em uma série de debates no início de 1955 sobre lutar ou não por Formosa, uma questão que se agigantou naquele ano.

Na minha coluna de março pedi a retirada de Formosa, ataquei a lógica maníaca que exigia uma série interminável de bases para “proteger nossas bases anteriores”, e perguntei como *nos* sentiríamos se os chineses estivessem ocupando e fortificando uma ilha a três milhas da *nossa* costa?

Além disso, saudei o apelo à paz feito recentemente pelo herói da direita da guerra, Douglas MacArthur, e também elogiei o deputado

Eugene R. Siler (R., Ky.) por pegar o velho bastão isolacionista e votar contra a resolução de carta branca do Congresso de 29 de janeiro sobre Formosa porque ele havia prometido a seus eleitores que nunca ajudaria a “por seus garotos em guerra em solo estrangeiro”.

Este artigo precipitou um debate com um colega colunista na *Faith and Freedom*, William S. Schlamm, outro líder das novas tendências da direita, e ex-editor de resenhas de livros da então importante revista intelectual de direita, a *Freeman*.

Schlamm era um homem típico da Nova Direita: anteriormente um importante comunista alemão e editor do *Die Rote Fahne*, Schlamm agora dedicava sua carreira a estimular o entusiasmo pelo esmagamento de seus antigos camaradas, em casa e no exterior.

Em seu zelo pela cruzada mundial anticomunista, eu nunca pude – e ainda não posso – detectar um pingão de devoção à liberdade na visão de mundo de Schlamm. O que ele estava fazendo na *Faith and Freedom* para começar?

Quando a *National Review* foi fundada no final de 1955, Schlamm tornou-se seu editor de resenhas de livros e, por um tempo, seu principal teórico; mais tarde, ele retornaria à Alemanha e ganharia um grande número de seguidores populares por uma política externa ultra rígida contra o Oriente.

Schlamm e eu tivemos uma série de dois debates – “Fight for Fromosa – or Not?” – nas edições de maio e junho da *Faith and Freedom*. Acusei-o de defender a guerra preventiva e lembrei aos nossos leitores que não tínhamos sido atacados nem pela Rússia nem pela China, e que uma guerra mundial significaria a destruição total da civilização.

E por que, perguntei, como já havia feito naquelas colunas, os conservadores pró-guerra, supostamente dedicados à superioridade do capitalismo sobre o comunismo, com sede de um confronto imediato, implicitamente concedem que o tempo está do lado do sistema comunista?

Reafirmei então que certamente qualquer libertário deve considerar que “o inimigo” não é o comunismo russo, mas qualquer invasão de nossa liberdade pelo Estado; desistir de nossa liberdade para

“preservar” é apenas sucumbir à dialética orwelliana de que “liberdade é escravidão”.

Quanto à posição de Schlamm de que já havíamos sido “atacados” pelo comunismo, aponte a distinção crucial entre ataque *militar* e ataque “ideológico”, uma distinção com a qual o libertário, com toda a sua filosofia baseada na diferença entre agressão violenta e persuasão não-violenta, deve ser particularmente sintonizado.

Minha perplexidade deveria ter sido resolvida ao perceber que o Sr. Schlamm era a coisa mais distante de um “libertário”. Também pedi negociações realistas com o mundo comunista, que resultariam no desarmamento atômico e bacteriológico mútuo.

Mais importante na tentativa de conter os esforços da multidão de guerra para assumir o controle da direita foi o temível Frank Chodorov. Acabou sendo uma tragédia para a causa libertária que Frank liquidasse sua magnífica *analysis* no início dos anos 1950 e a fundisse em *Human Events*, onde então atuou como editor associado. Frank também foi meu antecessor como colunista da *Faith and Freedom* em Washington.

No verão de 1954, Frank assumiu a editoria da *Freeman*, o principal órgão da direita intelectual, anteriormente um periódico semanal e agora reduzido a mensal emitido pela *Foundation for Economic Education*.

Em seu editorial de setembro da *Freeman* (“The Return of 1940?”) Chodorov proclamou que a velha divisão isolacionista-intervencionista entre conservadores e libertários estava mais uma vez entrando em jogo.

“Os libertários já estão debatendo entre si sobre a necessidade de adiar a luta pela liberdade até que a ameaça do comunismo, ao estilo de Moscou, tenha sido removida, mesmo pela guerra.”

Frank apontou as consequências de nossa entrada na Segunda Guerra Mundial: uma enorme carga de dívidas, uma estrutura tributária gigantesca, um íncubo permanente de recrutamento, uma enorme burocracia federal, a perda de nosso senso de liberdade e independência pessoal.

“Tudo isso”, concluiu Frank,

os “isolacionistas” de 1940 previram. Não porque fossem dotados de algum dom de previsão, mas porque conheciam a história e não negavam sua lição: que durante a guerra o Estado adquire o poder à custa da liberdade, e que por causa de seu desejo insaciável por poder o Estado é incapaz de desistir de nada disso. O Estado nunca abdica.¹⁰

Qualquer outra guerra seria infinitamente pior e talvez destruiria o mundo no processo.

O editorial de Chodorov atraiu uma refutação do infatigável Willi Schlamm, e os dois debateram a questão da guerra nas páginas da *Freeman* de novembro de 1954. A refutação de Chodorov, “A War to Communize America”, foi sua última grande reafirmação da posição isolacionista da Velha Direita.

Chodorov começou,

Estamos novamente sendo instruídos a ter medo. Como era antes das duas guerras mundiais, é agora; os políticos falam em termos assustadores, os jornalistas inventam linhas de susto, e até os vizinhos estão pegando o grito: o inimigo está às portas da cidade; devemos cingir-nos para a batalha. Caso você não saiba, o inimigo desta vez é a URSS.¹¹

Chodorov centrou-se na questão do recrutamento, já que “para travar uma guerra com a Rússia em solo estrangeiro”, admitiram os intervencionistas, exigia essa forma de escravidão. “Eu não acho que uma única divisão poderia ter sido criada usando o sistema de voluntários para a aventura coreana.”

E se o povo americano não quer lutar em tais guerras, com que direito eles devem ser “compelidos a lutá-las?” E: “Dizem-nos que

¹⁰ Frank Chodorov, “The Return of 1940?” *Freeman* (setembro de 1954): 81.

¹¹ Frank Chodorov, “A War to Communize America”, *Freeman* (November 1954): 171.

devemos temer os russos. Tenho mais medo daqueles que, como seus antepassados, nos obrigariam contra nossa vontade a lutar contra os russos. Eles têm o complexo de ditador.”¹²

Chodorov então reiterou que qualquer outra guerra acabaria com qualquer liberdade que tivéssemos, que a escravidão a um senhor americano não era melhor do que a escravidão a algum senhor estrangeiro: “Por que ir à guerra por [o] privilégio” de escolher um ou outro?

Quanto a nós mesmos sermos invadidos, não havia possibilidade real de tal coisa acontecer. A única coisa que tínhamos a temer na situação atual era “a histeria do medo” ela mesma. A única maneira de remover esse medo de ambos os lados, concluiu Chodorov, era “abandonar nossos compromissos militares globais” e voltar para casa.

Quanto à suposta ameaça russa à Europa Ocidental se nos retirarmos, “seria difícil para os europeus se caíssem nas mãos dos soviéticos; mas não pior do que se precipitássemos uma guerra em que seus lares se tornassem o campo de batalha.”¹³

E se esses países, de fato, desejam o comunismo, então “nossa presença na Europa é uma interferência impertinente nos assuntos internos desses países; deixe-os se tornarem comunistas se quiserem.”¹⁴

Infelizmente, pouco depois Chodorov foi destituído do cargo de editor; homem de teimosa independência e integridade, Chodorov não se submeteria a nenhuma forma de castração mental.

Com a partida de Chodorov, Leonard Read poderia retornar à sua política de longa data de nunca se envolver em controvérsias políticas ou ideológicas diretas, e a *Freeman* começou a afundar no pântano de desuso inócuo em que permanece até hoje.

Chodorov estava agora privado de uma saída libertária, sua grande voz se calou; e essa perda foi finalizada pela trágica doença que atingiu em 1961 e na qual Frank passou os últimos anos de sua vida.

¹² *Ibid.*, pág. 172.

¹³ *Ibid.*, pág. 174.

¹⁴ *Ibid.*, pág. 173.

Agravando a tragédia foi sua traição ideológica por amigos íntimos como o jovem William F. Buckley, que Frank descobriu como escritor enquanto editava a *Human Events* (e que em uma recente troca de “Firing Line” com Karl Hess ousou mencionar o nome do morto Chodorov como uma sanção libertária por sua própria postura pró-guerra).

Ainda mais comovente é a história da Sociedade *Intercollegiate of Individualists*, que Frank fundou em 1952 como um “projeto de cinquenta anos” para conquistar os campi universitários do estatismo e em direção ao individualismo.

Em 1956, o ISI deixou os escritórios da FEE para assumir a sede na Filadélfia. A escolha de Frank para sucedê-lo como chefe do ISI, E. Victor Milione, desde então levou o ISI diretamente para o campo tradicionalista-conservador, até o ponto -- na época da morte de Frank no final de 1966 -- de mudar o nome da ideia de Chodorov ao “Instituto de Estudos Intercolégiais”.

Parece que o nome “individualista” estava incomodando empresários conservadores, aos quais evocava visões dos rebeldes da Nova Esquerda. Ah, liberdade! Que crimes são cometidos em teu nome!¹⁵

Outro golpe grave no isolacionismo e na Velha Direita foi a perda da *Human Events*. Desde o início, os três proprietários da *Human Events* foram Felix Morley, o teórico; Frank Hanighen, o jornalista; e Henry Regnery, o financiador.

Antes e durante a Segunda Guerra Mundial, todos eram isolacionistas, mas depois da guerra Hanighen, seguido por Regnery, começou a pular na onda anticomunista e pró-intervencionista, para grande resistência de Morley.

Morley, que em sua autobiografia prestou grande homenagem à influência de Nock, zombou da ênfase de seus colegas no caso Hiss.

¹⁵ A ideia da mudança de nome surgiu no outono de 1960 com Bill Buckley, mas Chodorov nunca aceitou a mudança. Até quase a data da morte de Chodorov Milione estava disposto a fazer a ruptura e, assim, simbolizar outra aquisição pela Nova Direita de Buckley. George H. Nash, *The Conservative Intellectual Movement in America since 1945* (Nova York: Basic Books, 1976), p. 390.

Uma vez que Franklin Roosevelt, guiado por Harry Hopkins, trouxe uma “vitória comunista”, declarou Morley, “parecia tolice se preocupar com as maquinações de alguns companheiros de viagem como acusados de vira-casacas comunistas”.

Além da ideologia, Hanighen foi particularmente motivado por grana, ele:

acreditava que o caso Hiss seria sensacional, como de fato foi, e que poderíamos aumentar muito nossa circulação explorando-o, como também as acusações arrebatadoras do senador McCarthy.

Ele provavelmente estava certo, já que depois que eu saí, a pequena publicação cresceu rapidamente ao embarcar na onda anticomunista.¹⁶

Finalmente, a divisão veio em fevereiro de 1950, devido à insistência de Hanighen de que a *Human Events* apoiasse totalmente a intervenção americana em favor do regime de Chiang Kai-shek agora entrincheirado em Taiwan.

Regnery ficou do lado de Hanighen, e assim Morley foi comprado por seus parceiros. Fazendo uma retrospectiva nessa separação forçada, Morley concluiu:

Em retrospecto, vejo este episódio como sintoma do que veio a dividir o movimento conservador nos Estados Unidos. Frank e Henry, em

¹⁶ Felix Morley, *For the Record* (South Bend, Ind.: Regnery Gateway, 1979), p. 430. Em um relato mais nítido e menos suave do intervalo escrito para uma celebração do 30º aniversário da Human Events, Morley escreveu que Hanighen estava começando a considerá-lo “suave com o comunismo”.

Felix Morley, “The Early Days of Human Events,” *Human Events* (27 de abril de 1974): 26, 28, 31. Citado em Nash, *Conservative Intellectual Movement*, pp. 124-125.

seus caminhos separados, passaram a se associar com a extrema direita no Partido Republicano.

Minha posição permaneceu essencialmente “libertária”, embora seja com grande relutância que eu ceda a velha terminologia de “liberal” aos socialistas.

Eu fui, e continuo sendo, fortemente contra a centralização do poder político, pensando que esse processo acabará por destruir nossa república federal, se é que já não o fez.

A investidura de poder no HEW [o Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar] é comprovadamente ruim, mas sua concentração no Pentágono e na CIA é pior porque a autoridade é muitas vezes oculta e exercida de forma encoberta.

A falha em verificar qualquer um dos extremos significa financiamento contínuo do déficit e consequente inflação que, com o tempo, pode ser fatal para o sistema de livre iniciativa.¹⁷

Morley, um amigo de Bob Taft, havia sido escalado para um alto cargo no Departamento de Estado se Taft se tornasse presidente em 1953; Mas não era para acontecer.

Mas em meados da década de 1950 a batalha pelo isolacionismo da Velha Direita ainda não estava completamente perdida. Assim, no final de 1955, *For America*, um importante grupo de ação política de direita liderado pelo reitor da Faculdade de Direito de Notre Dame, Clarence Manion, emitiu sua plataforma política.

Dois de seus principais pilares de política externa eram “Abolir o Alistamento Obrigatório” e “Não Entre em Guerras Estrangeiras, a

¹⁷ Morley, *For the Record*, p. 437. Morley presta homenagem ao fato de que Regnery, apesar dessas críticas, ficou feliz em publicar seu livro.

menos que a segurança dos Estados Unidos seja diretamente ameaçada”. Nem uma palavra sobre a libertação de países comunistas, ou sobre parar o comunismo em todo o mundo.

Quanto ao nosso pequeno grupo libertário, os anarquistas de direita Robert LeFevre e Thaddeus Ashby conseguiram ganhar o controle, por um curto mas glorioso tempo, do Congresso da Liberdade de direita, liderado pelo Washingtoniano Arnold Kruckman.

Em 24 de abril de 1954, LeFevre e Ashby conseguiram fazer passar no Congresso uma plataforma libertária, pedindo especificamente a abolição do alistamento obrigatório, o “rompimento de nossa aliança com nações estrangeiras” e a abolição de toda ajuda externa.

A plataforma declarava: “Condenamos a guerra que perdemos na Coreia e nos opomos à intervenção americana na guerra na Indochina”. Direitistas mais ortodoxos, no entanto, conseguiram recuperar o controle do Congresso no ano seguinte.

O último grande suspiro político da direita isolacionista veio na luta pela Emenda Bricker, o principal plano de política externa dos republicanos conservadores durante o primeiro mandato de Eisenhower.

O senador John W. Bricker (R., Ohio) foi o malfadado candidato de direita à presidência em 1948, e foi o sucessor natural de Taft após a morte de seu colega de Ohio. A Emenda de Bricker à Constituição foi projetada para evitar a ameaça de tratados internacionais e acordos executivos se tornarem a lei suprema do país e substituir leis internas anteriores ou disposições da Constituição.

Estabeleceu que nenhum tratado ou acordo executivo contrário à Constituição ou que não seja feito em conformidade com ela terá qualquer força; e que nenhum tratado ou acordo executivo entrará em vigor como direito interno, exceto por legislação interna que teria sido válida na ausência do acordo.

A favor da Emenda havia uma bateria de grupos de direita: veteranos e organizações patrióticas, a *American Farm Bureau Federation*, a *Chamber of Commerce*, *Pro America*, a *National Small Business Association*, a *Conference of Small Business Organizations*, o *National Economic Council* de Merwin K. Hart, o *Committee for*

Constitutional Government, a *Freedom Clubs, Inc.* do Rev. Fifield, e grandes partes da *American Bar Association*.

O principal oponente da Emenda foi o governo Eisenhower, em particular o secretário de Estado Dulles e o procurador-geral Herbert Brownell, habilmente apoiados pelas forças do liberalismo organizado: os *Americans for Democratic Action*, a *AFL, B'nai B'rith*, o *American Jewish Congress*, a *American Association for the United Nations* e os *United World Federalists*.

A votação calorosa da Emenda Bricker ocorreu no Senado dos Estados Unidos em fevereiro de 1954, com a Emenda sendo derrotada severamente. Enquanto a esmagadora maioria dos republicanos de direita votou a favor da Emenda, houve algumas deserções significativas, incluindo William Knowland e Alexander Wiley (R., Wisconsin), um ex-isolacionista que estava desempenhando o iníquo “papel de Vandenberg” como presidente da Comitê de Relações Exteriores no que poderia ter sido o último Senado controlado pelos republicanos.¹⁸

É indicativo do declínio posterior da Velha Direita que a Emenda Bricker foi embora correndo e desaparecendo totalmente nos conselhos de direita, para nunca mais se ouvir falar dela. Em particular, a Nova Direita, que começou a emergir em vigor após 1955, foi capaz de enterrar a Emenda Bricker, bem como o sentimento isolacionista que ela incorporava, em alguma forma de “buraco de memória” orwelliano.

Se a Emenda Bricker foi a última campanha de pressão isolacionista da Velha Direita, a chapa de terceiros de 1956 foi sua última encarnação política direta. Eu ansiava por um terceiro partido da Velha Direita desde a vergonhosa convenção republicana de 1952, e alguns taftistas tentaram lançar um Partido da Constituição, nomeando

¹⁸ Sobre a luta da Emenda de Bricker, ver Frank E. Holman, *Story of the “Bricker” Amendment (The First Phase)* (New York: Committee for Constitutional Government, 1954). Holman, um ex-presidente da *American Bar Association*, era um líder nas forças para a emenda.

Incluídos como apêndices do livro estavam declarações pró-Emenda de Bricker do veterano individualista e isolacionista Samuel Pettingill, Clarence Manion, Garet Garrett e Frank Chodorov.

Douglas MacArthur naquele mesmo outono, apenas para lamentar que não havia tempo suficiente e que 1956 seria o Ano.

Discussões e movimentos de terceiros por velhos direitistas descontentes começaram no final de 1955, e numerosos partidos conservadores, partidos da Constituição e “Novos” partidos surgiram em vários estados. Mas havia muito pouca organização, dinheiro ou conhecimento político nessas tentativas, e nenhum dos principais líderes de direita endossou seus esforços.

Eu mesmo estive envolvido em duas tentativas de terceiros em Nova York, um minúsculo Partido da Constituição e um Partido Independente maior, liderado por um homem idoso chamado Dan Sawyer. Lembro-me nitidamente de um grande comício realizado pelos *Independents* no início de 1956.

Um orador de destaque foi Kent Courtney, de Nova Orleans, que com sua esposa, Phoebe, foi o principal fundador do novo partido. Uma característica particular foi um velho cavalheiro pitoresco, cujo nome me escapa, parecendo um coronel estereotipado do Kentucky, que mancou até a arquibancada.

O Coronel, embora morasse no Texas (por isso acredito que fosse) proclamou-se um fundador desconhecido da ciência das pesquisas de opinião pública e que havia sido o conselheiro das pesquisas de opinião do presidente Coolidge. (E se Hoover apenas o tivesse ouvido! [...])

De qualquer forma, o Coronel nos assegurou, do fundo de seu know-how de opinião pública, que *qualquer* democrata certamente derrotaria Eisenhower nas eleições de 1956. Tal era a perspicácia da liderança dos terceiros. Sem surpresa, o Partido Independente de Nova York não realizou mais reuniões.

O Partido da Constituição de Nova York teve vida ainda mais curta. Mais uma vez, participei de apenas uma reunião “em massa”, presidida por um jovem advogado chamado Ed Scharfenberger em um pequeno restaurante de Manhattan.

Scharfenberger me deu a entender que eu poderia ajudar a escrever a plataforma do partido, mas algo me dizia que o partido não duraria muito para este mundo. O grande ponto de discussão do Partido da Constituição foi sua conexão com uma mini-rede de grupos da

Constituição chefiada pelo partido no Texas, que realmente entrou na votação e apresentou alguns candidatos.

Meu próprio candidato a presidente em 1956 foi o governador Bracken Lee, de Utah, que certamente era a coisa mais próxima de um libertário na vida política.

De fato, poucos outros governadores defenderam a revogação do imposto de renda, venderam faculdades estaduais para empresas privadas, recusaram subsídios federais para rodovias, denunciaram a previdência social, pediram a saída da ONU ou declararam a ajuda externa como sendo inconstitucional.

Na verdade, um terceiro partido entrou em andamento, mas mais uma vez começou muito tarde, em meados de setembro do ano eleitoral, e assim pôde entrar nas urnas em apenas alguns estados. O Novo Partido, em uma Convenção da Direita dos Estados, nomeou T. Coleman Andrews da Virgínia para presidente e o ex-representante Thomas H. Werdel (R., Califórnia) para vice-presidente.

Andrews tornou-se um herói anti-impostos servindo por vários anos como Comissário da Receita Federal de Eisenhower, e depois renunciando para derrubar o país para revogar a Décima Sexta Emenda (imposto de renda).

Apoiei firmemente a chapa Andrews-Werdel, cujo charme não era a ausência de qualquer apelo por uma cruzada anticomunista mundial. A Emenda Bricker, a oposição à ajuda externa e a retirada da ONU eram a extensão de seu programa de relações exteriores, e o mesmo poderia ser dito sobre os partidos da Constituição.

Andrews-Werdel atingiu seu pico na Virgínia e na Louisiana, onde obtiveram cerca de 7% dos votos, levando um condado -- Prince Edward na Virgínia -- enquanto J. Bracken Lee recebeu mais de 100.000 votos em Utah em uma corrida independente para presidente em seu Estado natal.

Enquanto eu apoiava Andrews-Werdel, deixei claro para meus leitores da *Faith and Freedom* que entre os dois principais candidatos eu era a favor de Adlai Stevenson. O motivo principal não era, como em 1952, punir os republicanos de esquerda por assumirem o partido.

Pressagiando minha posterior carreira política, minha principal razão foi a posição decididamente mais pró-paz que Stevenson estava

tomando: especificamente em seu pedido pela abolição dos testes de bombas H, bem como em sua sugestão de que abolíssemos o alistamento obrigatório. Isso foi o suficiente para me empurrar em uma direção Stevensoniana.

Logo após a eleição, Bill Johnson, que sempre elogiou minhas colunas, voou para o leste para me informar que eu estava sendo dispensado como colunista de Washington. Por quê? Porque seus leitores de ministros protestantes chegaram à conclusão de que eu era um “comunista”. Acusado de isca comunista novamente, e desta vez de “libertários”!

Protestei que, mês após mês, havia consistentemente atacado o governo e defendido o indivíduo; como isso poderia ser “comunista”? As linhas foram apertando. A própria *Faith and Freedom* desmoronou pouco depois (*não*, devo me apressar a acrescentar, por causa da minha demissão). Bill Johnson se juntou a Dick Cornuelle na operação do Volker Fund.

O desaparecimento da *Faith and Freedom* e de sua organização controladora, Spiritual Mobilization (SM), foi sintoma do grave declínio da ala libertária da Velha Direita na segunda metade da década de 1950.

Em meio à mais grave crise do libertarianismo -- e da Velha Direita -- desde a Segunda Guerra Mundial, a Spiritual Mobilization, em vez de fornecer liderança nesses tempos tempestuosos, voltou-se para o que só pode ser chamado de falatório místico neo-budista.

Em meados da década de 1950, o reverendo Fifield havia passado a operação diária da SM para Jim Ingebretsen, um libertário e velho amigo de Leonard Read que havia sido funcionário da Câmara de Comércio.

Assim que ele assumiu as rédeas da SM, no entanto, ele -- e o resto do influente grupo SM -- caiu sob a influência carismática do gnômico místico neo-budista inglês, Gerald Heard.

Heard, que gostava de pensar em suas obscuras elucubrações como exigências da “ciência”, já havia convertido Aldous Huxley e Christopher Isherwood ao misticismo Heardiano (foi Heard quem forneceu o modelo para o guru que converteu o sofisticado herói de Huxley ao misticismo em *Eyeless in Gaza*).

Heard havia se estabelecido em um retiro oferecido por um patrono de negócios em uma propriedade chamada Idyllwild na área de Los Angeles; e lá ele organizou retiros para todos os empresários libertários da Velha Direita, antes ativos.

Em particular, Heard, tagarelando sobre o “Growing Edge” e o paranormal, organizou sessões místicas que incluíam experimentos com “cogumelos loucos” alucinógenos e até LSD. É fascinante que Heard e sua equipe fossem do tipo proto-Timothy Leary – um salto incongruente para uma forma refinada, mas altamente debilitante, de “contracultura” de direita.

Uma coisa que o mergulho nesse absurdo conseguiu, é claro, foi convencer os participantes de que liberdade, estatismo, economia, política e até ética não eram realmente importantes; que a única coisa que realmente contava eram os avanços na “consciência” espiritual pessoal.

Embora presumivelmente não tenha sido projetado para esse fim, essa foi uma bela maneira de destruir um movimento ideológico ativo. Todos os participantes foram contaminados de uma forma ou de outra. Thaddeus Ashby, que se tornara editor assistente da *Faith and Freedom*, influenciou Johnson, e Gerald Heard obteve uma coluna regular lá, todos os meses emitindo pronunciamentos incompreensíveis como os de Confúcio.

(Uma coluna típica começava: “As pessoas me perguntam, Sr. Heard, haverá guerra? E eu respondo: ‘Você já leu *A vida da abelha*’ de Maeterlinck?” – tenho certeza de que é uma resposta muito útil a questão da política externa.)

Ashby acabou abandonando completamente a ideologia libertária e perseguindo o cogumelo louco no México e o caminho bizarro do Yoga Tântrico. O entusiasmo de Bill Mullendore pela liberdade enfraqueceu. E Ingebretsen foi influenciado a ponto de entrar praticamente em permanente recuo.

As contribuições empresariais caíram drasticamente, apesar de uma tentativa desesperada de última hora de transformar a *Faith and Freedom* em um órgão exclusivamente antisindical, e o Rev. Fifield,

que dirigira a SM desde a década de 30, renunciou em 1959, parecendo essa a pena de morte para uma organização outrora ativa e importante.¹⁹

Até Leonard Read foi afetado, e o flerte de Read às beiradas do grupo Growing Edge só poderia acelerar a deterioração constante da FEE. Leonard sempre teve um traço místico; assim, ele tratou todos os recém-chegados à FEE com um monólogo de uma hora no sentido de que “os cientistas me dizem que se você pudesse explodir um átomo do tamanho desta sala e depois entrar nele, você ouviria uma bela música”. (Deixei de perguntar a ele se seria Bach ou Beethoven.)

Aparentemente, esse absurdo foi bem aceito por muitos devotos da FEE. É claro que não poderia ser aceito por Frank Chodorov, um homem pé-no-chão que gostava de discutir ideias e questões reais. Não é de admirar que Chodorov tenha durado tão pouco tempo em uma atmosfera tão intelectualmente estultificante.

Enquanto isso, a *vida social libertária* na cidade de Nova York era um empreendimento humilde. Não havia jovens libertários em Nova York depois que Dick Cornuelle se mudou para o oeste, e os poucos que existiam — que não incluíam anarquistas — aglomeravam-se em torno do Seminário Mises na Universidade de Nova York.

Um caminho para fora do deserto surgiu no final de 1953, quando conheci no seminário um grupo brilhante de jovens e jovens libertários; a maioria era então do último ano do secundário, e um deles, Leonard Liggio, estava no segundo ano em Georgetown.

Parte desse grupo formou o Cobden Club no *Bronx High School of Science* e o grupo como um todo se reuniu como ativistas na campanha Jovens por Taft em 1952. A conversão desse grupo ao anarquismo foi uma simples questão de lógica libertária, e todos nos tornamos amigos rapidamente, formando um grupo altamente informal chamado Círculo Bastiat, em homenagem ao economista *laissez-faire* *francês do século XIX*.

¹⁹ Para uma discussão esclarecedora do misticismo que reinou na Mobilização Espiritual no final da década de 1950, veja Eckard Vance Toy, Jr., “Ideology and Conflict in American Ultraconservatism, 1945–1960” (Ph.D. diss., University of Oregon, 1965.), pp. 156-90.

Tínhamos discussões intermináveis sobre teoria política libertária e eventos atuais, cantávamos e compusemos músicas, brincamos sobre como seríamos tratados pelos “futuros historiadores”, brindamos ao dia da futura vitória e jogamos jogos de tabuleiro até altas horas. Aqueles eram tempos verdadeiramente alegres.

Quando os encontrei pela primeira vez, o Círculo havia, após a derrota de Taft, formado a ala libertária de uma coalizão conservadora-libertária que constituía os *Students for America*; na verdade, os garotos do Círculo controlavam totalmente o ramo do Leste da SFA, enquanto seu presidente, Bob Munger, um conservador com conexões políticas de direita, controlava o Oeste.

Infelizmente, no entanto, apenas Munger teve acesso ao financiamento e, quando foi convocado ao exército pouco depois, o SFA se desfez. A partir de então, continuamos ao longo da década de 1950 como um grupo isolado, embora brincalhão, em Nova York.

Em meados da década de 1950, a Velha Direita estava desmoralizada politicamente com Taft morto, a Emenda Bricker derrotada e o republicanismo de Eisenhower triunfante, enquanto intelectualmente o desvanecimento da Velha Direita deixava um vácuo: o *Freeman* estava, para todos os fins, acabado, a FEE estava em declínio, Chodorov estava incapacitado, Garrett morto e Felix Morley, por seu persistente isolacionismo, foi expulso da *Human Events* que ele ajudou a fundar. A *Faith and Freedom* e a *Spiritual Mobilization* também estavam mortas.

Finalmente, a morte do coronel McCormick em abril de 1955 privou o isolacionismo e sua base no centro-oeste de sua voz mais importante e dedicada, como o editor que moldou a *Chicago Tribune*. A essa altura, não havia literalmente nenhum meio de publicação libertário ou isolacionista disponível.

O tempo estava maduro para o preenchimento do vácuo, para a tomada desse continente perdido e exército perdido, e para sua mobilização por um homem e um grupo que pudesse fornecer inteligência, loquacidade, erudição, dinheiro e *know-how* político para capturar a ala direita por uma causa muito diferente e por tambores muito diferentes. Chegara a hora de Bill Buckley e da *National Review*.

CAPÍTULO 12.

NATIONAL REVIEW E

O TRIUNFO DA NOVA DIREITA

Garet Garrett deu as cartas: ao se referir ao triunfo do New Deal e depois do Império Americano, ele resumiu a estratégia: “revolução quanto a forma”.

A Nova Direita não se incomodava, não levantava resistência possível, dirigindo um ataque frontal aos velhos ídolos: ao falecido senador Taft, à Emenda Bricker, ou aos velhos ideais de individualismo e liberdade.

Em vez disso, eles ignoraram alguns, abandonaram outros e alegaram vir a cumprir os ideais gerais do individualismo em uma nova e superior “fusão” de liberdade e tradição ordenada.

Como, especificamente, a ação foi feita? Por um lado, atingindo-nos em nosso ponto mais vulnerável: a praga do anticomunismo. Pois a acusação de isca comunista veio facilmente para todos nós, mesmo para os mais libertários.

Em primeiro lugar, havia as terríveis lembranças da Segunda Guerra Mundial: a maneira como o Partido Comunista adotou alegremente o manto de patriotas de guerra, de “americanismo do século XX”, e descaradamente difamou todos os oponentes da guerra como agentes de Hitler.

Os conservadores e ex-isolacionistas liberais dificilmente mal poderiam esquecer e perdoar; e, portanto, quando a Guerra Fria começou, quando a “grande coalizão patriótica” dos EUA e da Rússia se desfez, foi difícil para a Velha Direita resistir à tentação de se vingar, de transformar os agentes de uma potência estrangeira poder manchar de volta seus antigos algozes.

Ademais, cegos pelo ódio à Rússia como potência intervencionista, acreditávamos erroneamente que o repúdio aos frutos da aliança russa, incluindo Teerã e Ialta, era em si mesmo um repúdio à Segunda Guerra Mundial.

Infelizmente, não percebemos – como mais posteriores historiadores da Nova Esquerda apontaram – que a Guerra Fria e a

intervenção na Segunda Guerra Mundial eram parte integrante do mesmo desenvolvimento: que uma era a consequência inevitável da outra, e que ambas eram parte integrante do imperialismo americano desenfreado.

Mas o problema ainda era mais profundo do que isso. Pois nosso principal problema era nossa visão simplista do espectro político-ideológico. Todos nós assumimos que havia dois polos: um polo de “esquerda” do comunismo, do socialismo e do governo total; e um polo “direito” do libertarianismo e do anarquismo individualista.

À esquerda do centro estavam os liberais e os social-democratas; à direita do centro eram os conservadores. A partir desse espectro simplista concluímos, primeiro, que os conservadores, por mais divergentes que fossem, eram nossos aliados “naturais” e, segundo, que havia pouca diferença real entre liberais e comunistas.

Por que não distorcer um pouco a verdade e usar o cacete anticomunista para atingir os liberais, especialmente por que os liberais haviam se entrincheirado no poder e estavam governando o país? Havia uma tentação que poucos de nós podiam resistir.

O que não percebemos completamente na época era que não foram os comunistas e socialistas que haviam inventado o estatismo ou o governo Leviatã, que este último já existia há séculos, e que o atual consenso liberal-conservador em desenvolvimento e, em particular, o triunfo do liberalismo era um recuo ao velho despótico *ancien régime*.

Esse *ancien régime* foi a Velha Ordem contra a qual os movimentos libertários e *laissez-faire* dos séculos XVIII e XIX surgiram como uma oposição revolucionária: uma oposição em nome da liberdade econômica e da liberdade individual. Jefferson, Cobden e Thoreau enquanto antepassados nossos eram ancestrais em mais de uma maneira; pois tanto nós como eles lutávamos contra um estatismo mercantil que estabelecia o despotismo burocrático e monopólios corporativos na terra natal e travava guerras imperiais no exterior.

Mas se o socialismo e o liberalismo são recuos ao velho conservadorismo europeu, então fica claro que é o conservadorismo estatista – agora unido ao liberalismo e à social-democracia – que ainda é, e não apenas em 1800, o maior inimigo da liberdade.

E se liberais e comunistas soam parecidos, isso não significa, como pensávamos na época, que os liberais de alguma forma se tornaram criptocomunistas; pelo contrário, era um sinal de que os comunistas haviam se tornado liberais!

Mas para nós essa análise – a ser desenvolvida por Leonard Liggio – ainda estava longe no futuro. Durante as décadas de 1940 e 1950, nos engajamos alegremente na acusação de pessoas como iscas comunistas. Minha própria posição era caracteristicamente libertária: eu distinguia entre a isca comunista “compulsória”, usando o poder do Estado para reprimir comunistas e esquerdistas, o que eu rejeitava, e a isca comunista “voluntária” por organizações e grupos privados, que eu apoiava.

O primeiro incluiu os processos do Smith Act, o McCarran Act e as inquisições do HUAC. Outro de meus pontos cegos é que eu não percebia a prática impossibilidade de manter estritamente separadas as iscas nacionais e estrangeiras; era psicologicamente e politicamente impossível perseguir ou prejudicar comunistas ou esquerdistas na terra natal, ao mesmo tempo em que se seguia uma política de paz, neutralidade e amizade com países comunistas no exterior. E os cruzados anticomunistas globais conheciam essa verdade muito bem.

Desde o início do pós-guerra, os principais portadores do contágio anticomunista foram os intelectuais ex-comunistas e ex-esquerdistas. Em um clima de crescente desilusão com a propaganda estúpida da Segunda Guerra Mundial, os ex-comunistas atingiram o mundo intelectual e político como uma bomba, formando cada vez mais a ponta de lança da cruzada anticomunista, nacional e estrangeira.

Sofisticados, mundanos, polemistas veteranos, eles estiveram lá: para os americanos ingênuos e sem fôlego, os ex-esquerdistas eram como viajantes de uma terra desconhecida e, portanto, aterrorizante, retornando com histórias autênticas de horror e advertência.

Já que eles, com seu conhecimento especial, sabiam, e já que levantaram as terríveis advertências, quem éramos nós para negar essa verdade? O fato de que “ex-esquerdistas” [“ex-es”] tentaram ao longo da história freneticamente expiar sua culpa e seu medo de terem desperdiçado suas vidas por meio da tentativa de denegrir e exterminar

seu antigo amor – esse fato foi perdido para nós, assim como para a maior parte da América.

Desde o final da guerra, os “ex-esquerdistas” estavam em toda parte na direita, provocando medo, apontando o dedo, ansiosos para perseguir ou exterminar quaisquer comunistas que pudessem encontrar, na terra natal e no exterior.

Vários “ex-esquerdistas” de gerações mais antigas da época pré-guerra eram proeminentes. Um deles era George E. Sokolsky, colunista do *New York Sun*, que havia sido comunista no início da década de 1920.

Particularmente proeminente na direita foi o Dr. JB Matthews, principal companheiro de viagem comunista do início da década de 1930, que no final daquela década era investigador-chefe do *Dies Committee*; Matthews faria uma fortuna com seus famosos "arquivos de cartões" [card files], uma coleção gigantesca de nomes do "fronte comunista" que ele usaria para vender seus serviços como X9 para indústrias e organizações; agradável e erudito, Matthews havia se convertido do socialismo em parte por ler o *Socialismo* de Mises.

Mas o primeiro casamento libertário-isca vermelha foi realizado logo após o fim da guerra pelo veterano irascível Isaac Don Levine, que fundou uma revista mensal pouco conhecida chamada *Plain Talk*, que apresentava uma curiosa mistura de filosofia política libertária e ferozes denúncias de supostos “vermelhos” na América.

Foi particularmente curioso porque Don Levine nunca, antes ou depois daquele empreendimento de curta duração, jamais demonstrou qualquer interesse pela liberdade ou pelo libertarianismo. Quando o *Plain Talk* fechou, Don Levine mudou-se para a Alemanha Ocidental para atuar na política *revanchista* dos grupos *émigré* do *Leste Europeu*.

Plain Talk desapareceu depois de vários anos para dar lugar ao semanário *Freeman* em 1950, um empreendimento muito mais ambicioso e mais bem financiado que, no entanto, nunca alcançou a influência ou o número de leitores da posterior *National Review*.

Mais uma vez, este foi um empreendimento de coalizão libertário-conservador-isca-vermelha. Os coeditores eram dois escritores e jornalistas veteranos: Henry Hazlitt, economista *laissez-faire*, mas nunca isolacionista; e John Chamberlain, um homem de instintos

libertários e ex-isolacionista, mas um ex-esquerdista profundamente marcado por uma célula comunista que lhe fora desagradável na revista *Time*.¹

E assim a causa isolacionista nunca foi bem representada no *Freeman*; ademais, Willi Schlamm mais tarde entrou como editor do livro, e Chamberlain trouxe Forrest Davis profundamente antilibertário para ser um terceiro coeditor. Davis, junto com Ernest K. Lindley, havia escrito a apologia oficial do governo Roosevelt para Pearl Harbor, e depois se tornou um ghostwriter para Joe McCarthy.²

Foram, em verdade, McCarthy e o “McCarthyismo” que forneceram o principal catalisador para transformar a base de massa da direita do isolacionismo e quase-libertarianismo em simples anticomunismo.

Antes de McCarthy lançar sua famosa cruzada em fevereiro de 1950, ele não estava particularmente associado à ala direita do Partido Republicano; pelo contrário, seu histórico era mais liberal e centrista, estatista, do que libertário.

Deve-se lembrar que as iscas vermelhas e a caça às bruxas anticomunista foram lançadas pelos liberais e, mesmo depois que McCarthy surgiu, foram os liberais que foram os mais eficazes nesse jogo.

Final, foi a administração liberal Roosevelt que aprovou o Smith Act, que foi então usado contra trotskistas e isolacionistas durante a Segunda Guerra Mundial e contra os comunistas depois da guerra; foi o governo liberal Truman que processou Alger Hiss e os Rosenberg — e que lançou a Guerra Fria; foi o eminentemente liberal Hubert

¹ Don Levine tinha sido escalado para ser um coeditor, mas foi expulso antes do empreendimento começar porque ele enfureceu os financiadores da *Freeman* ao atacar Merwin K. Hart em *Plain Talk* como sendo “antissemita” (leia-se: antissionista).

² Sua peça mais famosa escrita por fantasmas foi o famoso ataque de McCarthy ao registro do general George Marshall – um ataque, significativamente, que começou durante a Segunda Guerra Mundial, ignorando assim deliberadamente o registro negro de Marshall em Pearl Harbor.

Humphrey que impôs uma cláusula na Lei McCarran de 1950 ameaçando pôr em campos de concentração os “subversivos”.

De fato, os historiadores da Nova Esquerda Steinke e Weinstein mostraram que o próprio McCarthy aprendeu sua isca-vermelha com ninguém menos que a santa figura social-democrata Norman Thomas. Durante a campanha de 1946, McCarthy concorreu pela primeira vez ao Senado contra o grande líder isolacionista Robert LaFollette Jr.

Enquanto McCarthy fazia algumas iscas vermelhas com o isolacionista ainda-consistente LaFollete nas eleições primárias, McCarthy era até então um internacionalista padrão, ou Vandenberg, republicano, com alguns endossos dissidentes da ideia de negociar a paz com a União Soviética.

Então, em 26 de agosto de 1946, Norman Thomas, falando em um piquenique anual do Partido Socialista de Wisconsin, provocou o candidato democrata ao Senado, Howard J. McMurray. Thomas, em particular, acusou McMurray de ser endossado pelo *Daily Worker*, uma acusação que McCarthy avidamente pegou para si algumas semanas depois. McCarthy tinha colocado o freio nos dentes; ele aprendeu como fazer com um veterano das lutas mortíferas da esquerda.³

A cruzada de McCarthy efetivamente transformou a base de massa da direita, trazendo para o movimento uma massa de católicos urbanos da costa leste. Antes de McCarthy, os recrutas da direita eram o Centro-Oeste isolacionista, cheio de pequenas cidades, os típicos leitores da velha *Chicago Tribune*.

Em contraste com a antiga base, o interesse do novo eleitorado católico urbano pela liberdade individual era, no mínimo, negativo; pode-se dizer que seu principal interesse político era acabar com a blasfêmia e a pornografia no país e matar comunistas no país e no exterior.

Em certo sentido, o surgimento subsequente de Bill Buckley e sua *National Review*, altamente catolicizada, refletiu esse influxo e

³ Sobre este episódio instrutivo, ver John Steinke e James Weinstein, “McCarthy and the Liberals”, em *For a New America: Essays in History and Politics from Studies on the Left, 1959–1967*, James Weinstein and David Eakins, eds. (Nova York: Random House, 1970), pp. 180-93.

transformação em massa. Certamente não é por acaso que o primeiro surgimento de Buckley na cena política foi ser coautor (com seu cunhado, L. Brent Bozell, um convertido ao catolicismo) do principal trabalho pró-McCarthy, *McCarthy and His Enemies* (1954).

À bandeira de McCarthy também afluíram o bando cada vez mais poderoso de ex-comunistas e ex-esquerdistas: notadamente, George Sokolsky, um importante conselheiro de McCarthy, e JB Matthews, que foi investigador-chefe de McCarthy até pisar em muitos dedos ao denunciar o suposta massiva “infiltração” do clero protestante pelo Partido Comunista.

Não vendo esse processo de transformação em ação na época, eu mesmo era um entusiasta de McCarthy. Havia duas razões básicas. Uma delas foi que, enquanto McCarthy estava empregando a arma de um comitê governamental, a grande maioria de suas vítimas não eram cidadãos particulares, mas funcionários do governo: burocratas e oficiais do Exército.

A maior parte das iscas-vermelhas de McCarthy foi, portanto, “voluntária” em vez de “compulsória”, uma vez que as pessoas atacadas eram, como funcionárias do governo, passíveis de ataques de um ponto de vista libertário.

Além disso, dia após dia, tais órgãos do establishment como o *New York Times* continuavam nos dizendo que McCarthy estava “derrubando a moral do poder executivo”; o que mais um libertário poderia esperar? E “derrubando a moral do Exército” para começar! Que perfume para um antimilitarista!

Recentemente, tive a oportunidade de ver mais uma vez, depois de todos esses anos, o filme de Emile D'Antonio sobre as audiências de censura McCarthy, *Point of Order*. Vendo isso com um antigo membro do Círculo que também havia abandonado a direita há muito tempo, ficamos curiosos sobre como reagiríamos; pois nenhum de nós havia realmente repensado o episódio de McCarthy, morto há muito tempo.

Em poucos minutos, estávamos torcendo mais uma vez, embora de uma maneira bem diferente, por aquele símbolo determinado da caça às bruxas. Pois o filme começou com McCarthy apontando como premissa básica algum mapa maluco dos Estados Unidos com a “conspiração comunista internacional” movendo-se em uma série de

flechas coordenadas contra os Estados Unidos. (Foi para todo o mundo como uma edição dos anos 50 do Harvard *Lampoon*, satirizando uma absurda “ameaça” militar.)

Mas o ponto crucial é que os adversários do Exército e do Senado de McCarthy nunca contestaram esse axioma absurdo; e uma vez dado o axioma, a lógica implacável de McCarthy era impecável. Como Steinke e Weinstein apontam, McCarthy não inventou a caça às bruxas e a isca comunista. “Nem, como muitos liberais reclamam, ele abusou ou fez mau uso de uma ferramenta útil; ele simplesmente a levou à sua conclusão lógica.”

Na verdade, ele pegou a própria criação dos liberais e a voltou contra eles, e também contra os inchados oficiais do Exército Leviatã; e vê-los receber pelo menos uma medida de retribuição, ver os liberais e centristas içados em seu próprio petardo, era realmente doce. Nas palavras de Steinke e Weinstein, McCarthy

*montou no monstro com muita força, virando-o contra seus criadores, e eles, percebendo finalmente que sua criação estava fora de controle, tentaram em defesa flácida se voltar contra ele.*⁴

Como um pouco de corroboração pessoal, lembro-me perfeitamente da reação de um conhecido próximo, um velho menchevique russo, membro da Federação Social-Democrata Russa e anticomunista veterano, quando o movimento de McCarthy começou.

Ele estava positivamente alegre e apoiou ardentemente a cruzada McCarthy; foi só mais tarde, quando "foi longe demais" que o velho menchevique sentiu que McCarthy tinha de ser abandonado.

Mas havia outra razão para meu próprio fascínio pelo fenômeno McCarthy: seu populismo. Pois os anos 50 foram uma época em que o liberalismo – agora chamado com precisão de “liberalismo corporativo” – triunfou e parecia estar permanentemente no comando.

⁴ *Ibid.*, pág. 180.

Tendo agora conquistado os assentos do poder, os liberais haviam desistido de seu verniz radical dos anos 30 e agora estavam se acomodando ao prazer aconchegante de seu poder e privilégios.

Era uma aliança confortável de Wall Street, Grandes Empresas, Grandes Governos, Grandes Sindicatos e intelectuais liberais da Ivy League; parecia-me que, embora a longo prazo essa aliança profana só pudesse ser derrubada pela educação de uma nova geração de intelectuais, que a curto prazo a única esperança de desalojar essa nova elite dominante era um curto-circuito populista.

Em suma, havia uma necessidade vital de apelar diretamente às massas, emocionalmente, até demagogicamente, *sobre as cabeças* do establishment: da Ivy League, da mídia de massa, dos intelectuais liberais, da estrutura partidária republicano-democrata.

Esse apelo poderia ser feito – especialmente naquele período de nenhuma oposição organizada – apenas por um líder carismático, um líder que pudesse fazer um apelo direto às massas e, assim, minar a elite dominante e formadora de opinião; em suma, por um curto-circuito populista.

Pareceu-me que era isso que McCarthy estava tentando fazer; e que foi em grande parte esse apelo, a sensação ilimitada de que não havia audácia da qual McCarthy não era capaz, que assustou os liberais, que, do lado oposto da cerca, também viram que o único perigo para seu governo era em tal agitação de emoções populistas.⁵

Meu próprio gracejo na época, que resumia grosseiramente essa posição, era que, em contraste com os liberais, que aprovavam os “fins” de McCarthy (expulsão de comunistas de cargos e empregos), mas desaprovavam seus meios radicais e demagógicos, eu mesmo aprovava

⁵ É precisamente esse tipo de análise que tornou muitos membros astutos da Nova Esquerda em certo sentido simpatizantes do movimento de George Wallace dos últimos anos.

Pois embora o programa Wallaceite possa ser questionável, sua análise do establishment e sua exploração do sentimento da classe média contra a elite dominante que os oprime ganham da Nova Esquerda uma quantidade considerável de simpatia.

seus meios (ataque radical à estrutura de poder da nação), mas não necessariamente seus fins.

Certamente não é por acaso que, com seu poder consolidado e um apelo populista, seu único medo, os intelectuais liberais, começou a pressionar fortemente por sua proclamação do “fim da ideologia”.

Daí sua afirmação de que a ideologia e as doutrinas obstinadas não eram mais valiosas ou viáveis, e sua celebração ardente do recém-descoberto consenso americano. Com tantos inimigos e por tais razões, era difícil para mim não ser um “McCarthyista”.

A principal expressão dessa celebração do consenso combinada com o medo recém-descoberto da ideologia e do populismo foi a coleção de Daniel Bell, *The New American Right* (1955). Essa coleção também foi significativa ao reunir ex-radicais (Bell, Seymour Martin Lipset, Richard Hofstadter, Nathan Glazer) junto com um “conservador” liberal antipopulista (Peter Viereck), nesse consenso pró-elitista e antipopulista.

Também digna de nota é a dedicação do livro a SM Levitas, editor-executivo da Social Democrata *New Leader*, a publicação que vinculou os “responsáveis” iscadores-vermelhos e liberais ao consenso do pós-guerra da Guerra Fria.⁶

O auge de minhas atividades populistas e McCarthyistas ocorreu durante o auge da turbulência McCarthyistas, no furor sobre as atividades de Roy Cohn e S. David Schine.

Foi logo após a fundação do Círculo Bastiat, e os jovens do Círculo, em sua capacidade de líderes dos *Students for America* ainda em funcionamento, foram convidados a discursar em um enorme jantar de testemunho dado a Roy Cohn após sua expulsão forçada do Comitê McCarthy no Hotel Astor em Nova York em 26 de julho de 1954.

⁶ Daniel Bell, ed., *The New American Right* (Nova York: Criterion Books, 1955). O livro foi atualizado oito anos depois, com novos capítulos adicionados a partir da perspectiva do início dos anos 1960. Daniel Bell, ed., *The New American Right: Expanded and Updated* (Garden City, NY: Doubleday Anchor, 1963). De uma perspectiva posterior, fica claro que este foi um livro protoneoconservador, Bell, Glazer e Lipset tornando-se neocons proeminentes nas décadas de 1970 e 1980.

Os principais oradores foram líderes McCarthyistas como Godfrey P. Schmidt, Coronel Archibald Roosevelt, George Sokolsky, Alfred Kohlberg, Bill Buckley e Rabi Benjamin Schultz. Mas o discurso que mais aplaudiu, e que ganhou uma notoriedade considerável, foi o breve discurso de um dos membros do nosso Círculo (George Reisman), que eu havia escrito.

O discurso perguntou por que a intensidade do ódio contra Cohn e McCarthy pelos intelectuais liberais; e respondeu que uma ameaça contra os comunistas no governo também era sentida como uma ameaça contra os “socialistas e New Deals, que dirigem nossa vida política nos últimos vinte e um anos e ainda a dirigem!” O discurso concluiu com um apelo populista empolgante que

Como bem colocou o Chicago Tribune, o Caso Roy Cohn é o Caso Dreyfus americano. Assim como Dreyfus foi redimido, Roy Cohn também será redimido quando o povo americano retomar seu governo da aliança criminosa de comunistas, socialistas, New Dealers e republicanos Eisenhower-Dewey.

O rabino Schultz, presidindo o jantar, referiu-se com cautela aos aplausos tumultuosos ao discurso de Reisman como um “grande júri fugitivo”, e os aplausos e o discurso foram mencionados nos relatos do *New York Journal-American*, do *New York Herald-Tribune*, a coluna de Jack Lait no *New York Mirror*, o *New York World-Telegram and Sun*, a coluna de Murray Kempton no *New York Post* e a revista *Time*.

Particularmente irritado foi o comentarista de rádio veterano liberal e “atraído pelos extremistas”, George Hamilton Combs. Combs alertou que “a semelhança entre essa multidão e seus membros opostos da extrema esquerda é surpreendentemente próxima. Esta era uma versão direitista da multidão da convenção de Henry Wallace, a convenção do Partido Progressista de 48.”

Particularmente interessante é o fato de que as agora notórias linhas finais do discurso foram consagradas na contribuição de Peter Viereck para o livro de Daniel Bell, “*The Revolt Against the Elite*”. Viereck viu a fraseologia de Reisman como uma perigosa “explosão de

democracia direta” que “vem direto da retórica esquerdista dos velhos populistas e progressistas, uma retórica sempre incitando o povo a retirar “‘seu’ governo dos poderes conspiradores”. Precisamente.

Viereck também explicou que ele se referia a “democracia direta”, “nossa tradição ralé de Tom Paine, jacobinismo e de partidos populistas do Centro-Oeste”, que “é o governo por referendo e petição em massa, como o Comitê McCarthyista dos Dez Milhões de”.

Sendo “imediate e impetuosa”, a democracia direta “facilita a revolução, a demagogia e o controle do pensamento robespierriano” – em contraste, suponho, ao “controle do pensamento” elitista mais silencioso, porém mais difundido, do liberalismo corporativo.⁷

Como eu não conseguia entender a interação das iscas vermelhas interiores e estrangeiras que estavam em ação no movimento McCarthy, fiquei perplexo quando McCarthy, após sua ultrajante censura do Senado no final de 1954, passou a gritar pela guerra em nome do Chiang Kai-shek na Ásia. Por que essa reviravolta?

Ficou claro que as forças da Nova Direita por trás de McCarthy estavam agora convencidas de que as iscas vermelhas do país, irritando o establishment de centro-direita, tornaram-se contraproducentes, e que de agora em diante a ênfase total deve ser em pressionar pela guerra contra o comunismo no exterior.

Em retrospecto, fica claro que uma grande força para essa virada foi a figura sinistra do milionário importador do Extremo Oriente, Alfred Kohlberg, um grande apoiador de McCarthy que lhe forneceu grande parte de seu material e se gabou de sua posição como decano do poderoso “Lobby da China” em nome de Chiang Kai-shek.

Embora um fracasso no curto prazo, o movimento McCarthy fez seu trabalho de mudar todo o foco da direita de preocupações libertárias, antiestatistas e isolacionistas para um foco e concentração na suposta “ameaça” comunista.

Um desvio dos assuntos internos para os estrangeiros não apenas consolidaria a direita; mas também não atrairia nenhuma oposição real

⁷ Peter Viereck, “Revolt Against the Elite”, em *New American Right*, Bell, ed., pp. 97–98, 116.

de liberais e republicanos internacionalistas que, afinal, haviam começado a Guerra Fria para começo de conversa.

O colapso de curto prazo do movimento de McCarthy foi claramente devido, além disso, à falta de qualquer tipo de *organização* McCarthyista.

Havia dirigentes, havia apoio da imprensa, havia uma grande base de massas, mas não havia canais de organização, nem vínculos intermediários, seja em jornais de opinião ou de organizações populares mais diretas, entre os dirigentes e a base. No final de 1955, William F. Buckley e seu recém-formado semanário, *National Review*, começaram a remediar essa carência.

Em 1951, quando Bill Buckley entrou em cena pela primeira vez com seu *God and Man at Yale*, ele gostava de se referir a si mesmo como “libertário” ou mesmo às vezes como “anarquista”; pois naqueles primeiros dias o principal mentor ideológico de Buckley era Frank Chodorov, e não, como logo se tornaria, o notório Whittaker Chambers.

Mas mesmo naqueles primeiros dias “libertários”, havia um problema que tornava seu libertarianismo apenas uma retórica falsa: a cruzada anticomunista global. Assim, tomemos um dos primeiros esforços de Buckley, “Uma Visão de um Jovem Republicano”, publicado na *Commonwealth*, 25 de janeiro de 1952.

Buckley começou o artigo de maneira absolutamente libertária, afirmando que o inimigo é o Estado e endossando a visão de Herbert Spencer de que o Estado é “gerado da agressão e pela agressão”. Buckley também contribuiu com excelentes citações de individualistas importantes do passado, como H.L. Mencken e Albert Jay Nock, e criticou o Partido Republicano por não oferecer nenhuma alternativa real ao florescimento do estatismo.

Mas então, no restante do artigo, ele desistiu do argumento, pois ali pairava a suposta ameaça soviética, e todos os princípios libertários tiveram de ficar de lado pelo resto do artigo. Assim, Buckley declarou que a “agressividade até agora invencível da União Soviética” ameaça iminentemente a segurança americana e que, portanto, “temos que aceitar o Grande Governo por enquanto – pois nem uma guerra ofensiva nem defensiva pode ser travada [...] exceto por meio de uma burocracia totalitária dentro de nossas costas.”

Em suma, uma burocracia totalitária deve ser aceita enquanto a União Soviética existir (presumivelmente por sua suposta ameaça de nos impor uma burocracia totalitária?). Em consequência, Buckley concluiu que todos nós devemos apoiar “as extensas e produtivas leis tributárias que são necessárias para apoiar uma vigorosa política externa anticomunista”, bem como “grandes exércitos e forças aéreas, energia atômica, inteligência central, conselhos de produção de guerra e a centralização do poder em Washington – mesmo com Truman no comando de tudo.”⁸

Assim, mesmo em sua forma mais libertária, mesmo antes de Buckley aceitar as leis do governo grande e da moralidade como fins em si mesmos, a pretensa “fusão” da *National Review* entre liberdade e ordem, entre individualismo e anticomunismo, era uma farsa – o individualista e o anticomunista.

A parte libertária da fusão era estritamente retórica, para ser guardada para teorização abstrata e discurso pós-jantar. As estranhas do Novo Conservadorismo foram a mobilização do Grande Governo para a cruzada mundial contra o comunismo.

E assim, quando a *National Review* foi fundada com muita experiência e financiamento no final de 1955, a revista foi uma reunião para dirigir a recém-transformada direita por parte de dois grupos: todos os veteranos jornalistas e intelectuais ex-comunistas e os novos grupos de católicos mais jovens cujo objetivo principal era o anticomunismo.

Assim, o tema central e orientador para ambos os grupos nesta Coalizão Profana foi a extirpação do comunismo, internamente e particularmente no exterior. Destacam-se na nova revista os principais ex-esquerdistas: James Burnham, ex-trotskista; Frank S. Meyer, anteriormente no comitê nacional do Partido Comunista e chefe de sua escola de treinamento em Chicago; o ex-líder comunista alemão William S. Schlammer; Dr. JB Matthews; o ex-esquerdista Max Eastman; o ex-comunista Ralph DeToledano; o ex-professor teórico comunista alemão Karl Wittfogel; John Chamberlain, um importante intelectual de esquerda dos anos trinta; ex-companheiro de viagem Eugene Lyons;

⁸ William F. Buckley, Jr., “A Young Republican’s View”, *Commonweal* 55, no. 16 (25 de janeiro de 1952): 391-93.

o ex-comunista Will Herberg; o ex-espião comunista Whittaker Chambers; e um monte de outros.

A ala católica consistia em duas partes. Um era um grupo encantador, mas ineficaz, de monarquistas e autoritários europeus mais velhos ou de orientação europeia: por exemplo, o erudito austríaco Erik von Kuehnelt-Leddihn; o poeta Roy Campbell; o carlista pró-espanhol Frederick Wilhelmsen; e o inglês Sir Arnold Lunn.

Lembro-me de uma noite uma discussão acalorada em uma reunião conservadora sobre os respectivos méritos dos Habsburgos, Stuarts, Bourbons, Carlistas, a Coroa de Santo Estêvão e a Coroa de São Venceslau; e qual monarquia deve ser restaurada primeiro.

Quaisquer que fossem os méritos da posição monárquica, esse não era um argumento relevante para a tradição americana, muito menos para o cenário cultural e político americano da época. Em retrospecto, Buckley manteve esse grupo como um enfeite exótico, como uma contrapartida intelectual de seu próprio jet-set social?

A outra ala dos católicos mais jovens era muito mais importante para os propósitos da nova revista. Esses eram os anticomunistas americanos mais jovens, mais proeminentemente os vários membros da família Buckley (que em proximidade e estilo de vida parecia uma versão de direita dos Kennedy), que incluía a princípio o cunhado de Buckley e colega de quarto de faculdade, L. Brent Bozell; e o então discípulo favorito de Buckley mais tarde se tornou esquerdista, Garry Wills.

Completando a aura católica na *National Review* estava o fato de que dois de seus principais editores se converteram ao catolicismo: Frank Meyer e o cientista político Willmoore Kendall.

Foi a essência da *National Review* como um órgão anticomunista que explicava ser uma coalizão de ex-stalinistas e trotskistas e católicos mais jovens, e levou os observadores a comentar sobre a curiosa ausência de protestantes americanos (que, é claro, tinham sido a base da Velha Direita) do coração da Nova Direita Buckleyista.⁹

⁹ Assim, veja George H. Nash, *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945* (Nova York: Basic Books, 1976), p. 127; e Samuel

Nesse agrupamento formidável, mas profundamente estatista, o interesse pela liberdade individual era mínimo ou negativo, sendo amplamente confinado a algumas das resenhas de livros de John Chamberlain e a qualquer momento em que Frank Meyer conseguisse sair da defesa de uma guerra total contra a União Soviética. bloco.

O interesse pela economia de livre mercado era mínimo e em grande parte retórico, confinado a peças ocasionais de Henry Hazlitt, que por sua vez nunca foi isolacionista e endossava a política externa linha-dura da revista.

Em retrospectiva, devemos agora perguntar se um dos principais objetivos *da National Review* desde seu início era transformar a direita de um movimento anticomunista isolacionista em um movimento belicista global; e, particularmente, se todo o esforço foi ou não, em essência, uma operação da CIA.

Agora sabemos que Bill Buckley, durante os dois anos anteriores à criação *da National Review*, era reconhecidamente um agente da CIA na Cidade do México, e que o sinistro E. Howard Hunt era seu comandante. Sua irmã Priscilla, que se tornou editora-chefe da *National Review*, também estava na CIA; e outros editores James Burnham e Willmoore Kendall tinham pelo menos sido destinatários da generosidade da CIA no Congresso anticomunista para a liberdade cultural.

Além disso, Burnham foi identificado por duas fontes confiáveis como consultor da CIA nos anos após a Segunda Guerra Mundial.¹⁰ Além disso, Garry Wills relata em suas memórias do movimento conservador que Frank Meyer, de quem era próximo na época, estava convencido de que a revista era uma operação da CIA. Com seu faro leninista para intrigas, Meyer deve ser considerado uma testemunha importante.

Além disso, era uma prática padrão na CIA, pelo menos naqueles primeiros anos, que ninguém jamais se demitisse da CIA. Um amigo

Francis, "Beautiful Losers: The Failure of American Conservatism", *Chronicles* (Maio de 1991): 16.

¹⁰ Veja Nash, *Conservative Intellectual Movement*, p. 372.

meu que ingressou na Agência no início da década de 1950 me disse que se, antes da idade da aposentadoria, ele fosse mencionado como tendo deixado a CIA para outro emprego, eu deveria desconsiderá-lo, pois seria apenas uma cobertura para continuação do trabalho da Agência.

Nesse depoimento, o argumento para a *NR* ser uma operação da CIA torna-se ainda mais forte. Também sugestivo é o fato de um personagem ainda mais sinistro que E. Howard Hunt, William J. Casey, aparecer em momentos-chave do estabelecimento do Nova sobre a Velha Direita.

Foi Casey quem, como advogado, presidiu a incorporação da *National Review* e organizou os detalhes da expulsão de Felix Morley da *Human Events*.

De qualquer forma, em retrospecto, fica claro que os libertários e os antigos direitistas, inclusive eu, cometeram um grande erro ao endossar a isca comunista interna, uma isca comunista que provou ser a principal porta de entrada para a completa transformação da ala da Direita Original.

Devíamos ter ouvido com mais atenção a Frank Chodorov e sua posição esplendidamente libertária sobre a isca comunista interna: “Como se livrar dos comunistas no governo? Fácil. Apenas abolir esse empregos.”¹¹

O que importava eram os empregos e seu funcionamento, não a qualidade das pessoas que por acaso os ocupavam. Mais detalhadamente, Chodorov escreveu:

E agora chegamos à caça aos espões – que é, na realidade, um julgamento por heresia. O que é que perturba os inquisidores? Eles não perguntam aos suspeitos:

Você acredita no Poder? Você adere à ideia de que o indivíduo existe para a glória do Estado?

¹¹ Frank Chodorov, “Trailing the Trend”, *Analysis* 6, nº. 6 (Abril de 1950): 3. Citado em Hamilton, “Introduction”, p. 25.

[...] Você é contra os impostos, ou aumentaria até que absorvam toda a produção do país? [...] Você se opõe ao princípio do alistamento obrigatório? Você é a favor de mais “ganhos sociais” sob a égide de uma burocracia ampliada? Ou você defenderia o desmantelamento da vala pública na qual esses burocratas se alimentam? Em suma, você nega o Poder?

Tais perguntas podem ser embaraçosas para os investigadores. As respostas podem trazer à tona uma semelhança entre suas ideias e propósitos e os do suspeito. Eles também adoram o Poder.

Dadas as circunstâncias, eles se limitam a uma pergunta: você é membro do Partido Comunista? E isso significa: vocês se alinham com a filial de Moscou da igreja?

A adoração ao poder é atualmente sectária entre linhas nacionalistas. [...] Cada nação guarda sua ortodoxia. [...] Onde o Poder é alcançável, a disputa entre seitas rivais é inevitável. [...] A guerra é a apoteose do Poder, a expressão máxima da fé e da solidariedade de sua realização.¹²

E Frank também escreveu:

O caso contra os comunistas envolve um princípio de importância transcendente. É o direito de estar errado. A heterodoxia é uma condição necessária de uma sociedade livre. [...]

¹² Frank Chodorov, “The Spy-Hunt”, analysis 4, n.º. 11 (setembro de 1948): 1–2. Reimpresso em Chodorov, *Out of Step* (Nova York: Devin-Adair, 1962), pp. 181-183.

O direito de escolha [...] é importante para mim, pois a liberdade de seleção é necessária ao meu senso de personalidade; é importante para a sociedade, pois somente a partir da justaposição de ideias podemos esperar aproximar-nos do ideal de verdade.

Sempre que escolho uma ideia ou a classifico como “certa”, insinuo a prerrogativa de outra pessoa de rejeitar essa ideia e rotulá-la de “errada”. Invalidar o direito dele é invalidar o meu. Isto é, devo tolerar o erro se quiser preservar minha liberdade de pensamento. [...]

Se os homens são punidos por aderirem ao comunismo, vamos parar por aí? Uma vez que negamos o direito de estar errado, colocamos um vício na mente humana e colocamos a tentação de virar a manivela nas mãos da crueldade.¹³

Enquanto o anticomunismo foi a raiz central da decadência da Velha Direita e da substituição por seu oposto estatista na *National Review*, havia outra força importante na transformação da direita americana, especialmente ao viciar seu libertarianismo “doméstico” e até mesmo sua devoção retórica à liberdade individual.

Este foi o súbito surgimento de Russell Kirk como líder do Novo Conservadorismo, com a publicação de seu livro *The Conservative Mind* em 1953. Kirk, que se tornou um colunista regular da *National Review* assim que foi fundada, causou sensação com seu livro e rapidamente foi adotado como o queridinho conservador do “centro vital”.

Na verdade, antes de Buckley se tornar proeminente como o principal porta-voz conservador da mídia, Russell Kirk era o conservador mais proeminente. Após o lançamento de seu livro, Kirk

¹³ Frank Chodorov, “How to Curb the Commies”, *analysis* 5, n.º. 7 (maio de 1949): 2.

começou a fazer discursos em todo o país, muitas vezes em um amigável “centro vital” em conjunto com Arthur Schlesinger Jr.

Pois Kirk era muito mais aceitável para o liberalismo corporativo do “centro vital” do que a Velha Direita. Desprezando qualquer traço de individualismo ou economia rigorosa de livre mercado, Kirk estava bastante próximo do conservadorismo de Peter Viereck; para Kirk, o grande governo e o estatismo doméstico eram perfeitamente aceitáveis, desde que estivessem imersos em algum tipo de tradição burkeana e desfrutassem de uma estrutura cristã.

De fato, ficou claro que a sociedade ideal de Kirk era uma nobreza inglesa ordenada, governada pela Igreja Anglicana e proprietários *tory* em feliz conjunto.¹⁴

Aqui não havia individualismo inflamado, nenhum traço de populismo ou radicalismo para perturbar as classes dominantes ou o establishment intelectual liberal. *Aqui* estava finalmente um direitista com quem os liberais, embora não concordassem exatamente, podiam travar um diálogo acolhedor.

Foi Kirk, de fato, quem trouxe as palavras “Conservadorismo” e “Novo Conservadorismo” à aceitação geral na direita. Antes disso, libertários bem-informados odiavam a palavra, e com razão; pois não eram os conservadores o antigo inimigo, os *Tories* dos séculos XVIII e XIX e reacionários supressores da liberdade individual, os antigos campeões da Velha Ordem do Trono e Altar contra os quais os liberais dos séculos XVIII e XIX lutaram tão valentemente?

E assim os liberais clássicos e individualistas mais antigos resistiram amargamente ao termo: Ludwig von Mises, um liberal clássico, desprezou o termo; F.A. Hayek insistiu em chamar a si mesmo de “Velho Whig”; e quando Frank Chodorov foi chamado de “conservador” nas páginas da *National Review*, ele escreveu uma carta

¹⁴ Kirk também seguiria outros líderes da *National Review* no catolicismo uma década depois.

indignada declarando: “Quanto a mim, vou dar um soco no nariz de quem me chamar de conservador. Eu sou um radical.”¹⁵

Antes de Russell Kirk, a palavra “conservador”, remetendo a reação e à Velha Ordem, era uma palavra difamatória da esquerda aplicada à direita; foi somente depois de Kirk que a direita, incluindo a nova *National Review*, apressou-se em abraçar esse termo anteriormente odiado.

A influência kirkiana logo ficou evidente nas reuniões de jovens de direita. Lembro-me de uma reunião em que, para minha consternação, um certo Gridley Wright, um líder aristocrático do conservadorismo do campus de Yale, declarou que a verdadeira luta ideológica de nossos dias, entre esquerda e direita, não tinha nada a ver com economia de livre mercado ou liberdade individual contra o estatismo.

A verdadeira luta, declarou ele, era o cristianismo contra o ateísmo, e as boas maneiras contra a grosseria e a ganância materialista: a ganância materialista, por exemplo, dos povos famintos da Índia que tentavam ganhar uma renda, um pouco de subsistência.

Era fácil, é claro, para um homem rico de Yale, cujo pai era dono de uma grande parte de Montana, condenar a “ganância materialista” dos pobres; era a isso a que direita estava chegando?

Russell Kirk também conseguiu alterar nosso panteão histórico de heróis. Mencken, Nock, Thoreau, Jefferson, Paine e Garrison foram condenados como racionalistas, ateus ou anarquistas, e foram substituídos por reacionários e antilibertários como Burke, Metternich, De Maistre ou Alexander Hamilton.¹⁶

¹⁵ Carta à *National Review* 2, nº. 20 (6 de outubro de 1956): 23. Citado em Hamilton, “Introduction”, p. 29.

¹⁶ O próprio Kirk nunca igualou o sucesso de *The Conservative Mind*. Suas colunas posteriores na *National Review* limitaram-se em grande parte a ataques às loucuras da educação progressista. Para ser justo, o trabalho de Nash revela que Kirk era realmente um isolacionista da Velha Direita durante a Segunda Guerra Mundial; sua mudança para o Novo Conservadorismo no início dos anos 1950 permanece um mistério. Nash, *Conservative Intellectual Movement*, pp. 70-76.

Com seu formidável conjunto de anticomunistas e tradicionalistas católicos, a *National Review* rapidamente assumiu a liderança e a direção da Nova Direita, que rapidamente remodelou à sua própria imagem.

A linha “oficial” da *National Review* era o que veio a ser chamado de “fusionista”, cujos principais praticantes eram Meyer e Buckley; O “fusionismo” enfatizou o domínio do anticomunismo e da ordem cristã, com certeza, mas manteve alguma retórica libertária em um nível subordinado.

A importância da retórica libertária e da Velha Direita era em grande parte política; pois teria sido difícil para a *National Review* liderar um renascimento político conservador neste país sob o manto da monarquia e da Inquisição.

Sem o fusionismo, a transformação da direita não poderia ter ocorrido dentro da forma e poderia ter alienado grande parte da base de massa da direita. Muitos dos outros intelectuais da *National Review* estavam, em contraste, impacientes com quaisquer concessões à liberdade.

Estes incluíam o tradicionalismo *tory* de Kirk; as várias alas dos monarquistas; e a chamada aberta de Willmoore Kendall para a supressão da liberdade de expressão. O grande impulso de Kendall, editor da *National Review* por muitos anos, foi sua visão de que é direito e dever da “maioria” da comunidade – como incorporada, digamos, no Congresso – suprimir qualquer indivíduo que perturbe aquela comunidade com doutrinas radicais.

Sócrates, opinou Kendall, não apenas *deveria* ter sido morto pela comunidade grega, mas era dever moral obrigatório dela *matá-lo*.

Kendall, aliás, foi sintomático da mudança de atitude em relação à Suprema Corte da Velha Direita para a Nova. Uma das principais doutrinas da Velha Direita era a defesa do papel da Suprema Corte em proibir incursões do Congresso e do Executivo contra a liberdade individual; mas *agora* a Nova Direita, tipificada por Kendall, atacava amargamente a Suprema Corte dia após dia, e para quê? Justamente por fingir defender a liberdade do indivíduo contra as incursões do Congresso e do Executivo.

Assim, a Velha Direita sempre atacou duramente as doutrinas judiciais de Felix Frankfurter, que era considerado um monstro da esquerda por minar o papel ativista da Suprema Corte ao declarar como inconstitucionais várias extensões do poder do governo; mas agora Kendall e a *National Review* estavam liderando a direita na saudação de Frankfurter precisamente por essa colocação permissiva do *imprimatur* judicial em quase todas as ações do governo federal.

Ao permanecer no mesmo lugar, Felix Frankfurter passou de vilão a herói da direita recém-transformada, enquanto agora tais ativistas libertários como os juízes Black e Douglas que recebiam o abuso da direita.

Era cada vez mais estranho o mundo de direita no qual eu estava habitando. Foi de fato o venerável Alexander Bickel, discípulo de Frankfurter na Faculdade de Direito de Yale, que converteu o jovem professor Robert Bork de libertário em jurista majoritarista.

No polo oposto dos ultras católicos, mas um com eles em se opor à liberdade e ao individualismo, estava James Burnham, que desde o início da *National Review* tem sido seu estrategista político residente frio, inflexível e amoral e maquiavélico.

Burnham, cuja coluna na *National Review* se intitulava “A Terceira Guerra Mundial”, era a principal potência da revista e estrategista anticomunista global. Em uma vida inteira de escritos políticos, James Burnham mostrou apenas um interesse um pouco fugaz de positivo na liberdade individual: e isso foi um apelo na *National Review* pela legalização dos fogos de artifício!

Na frente mais diretamente política, a *National Review* obviamente precisava de um “fusionista” para seu estrategista político, para a orientação direta do conservadorismo como movimento político. Ele encontrou esse estrategista em seu editor, o ex-jovem republicano deweyista Bill Rusher.

Um brilhante organizador político, Rusher conseguiu, no final da década de 1950, assumir o controle do *College Young Republicans* e, em seguida, da *National Young Republican Federation*.

Liderando um grupo chamado “Sindicato”, Rusher conseguiu controlar as *National Young Republications* desde então. Em 1959, a

National Review organizou a fundação do *Young Americans for Freedom* na propriedade de Bill Buckley em Sharon, Connecticut.

Young Americans for Freedom logo cresceu para muitos milhares de pessoas, e tornou-se, de fato, o braço colegiado de jovens ativistas do complexo político da *National Review*.

Infelizmente, a maior parte dos jovens libertários da época permaneceu solidamente no movimento conservador; indiferentes à traição da política externa da Velha Direita, esses jovens libertários e semi-libertários serviram bem aos propósitos da *National Review* emprestando o verniz da retórica libertária a empreendimentos como *Young Americans for Freedom*.

Assim, a Declaração de Sharon fundadora do *Young Americans for Freedom* foi sua única abordagem remotamente próxima do libertarianismo; suas atividades reais sempre se limitaram ao anticomunismo, incluindo a tentativa de interdição do comércio com os países comunistas – e ultimamente foram expandidas para tentar reprimir legalmente as rebeliões estudantis de esquerda.

Mas o verniz libertário foi fornecido não apenas pelo título e por partes da Declaração de Sharon, mas também pelo fato de que o primeiro presidente da *Young Americans for Freedom*, Robert M. Schuchman, era um anticomunista libertário que já esteve próximo do velho Círculo Bastiat.

Mais típico da base de massa da juventude conservadora foi o considerável contingente de Sharon que se opôs ao título da nova organização, porque, segundo eles, “liberdade é uma palavra de esquerda”. Teria sido muito mais sincero, embora menos politicamente astuto, se a nobre palavra *liberdade* tivesse sido deixada de fora do título da *Young Americans for Freedom*.

No final da década de 1950, Barry Goldwater havia sido escolhido como o líder político da Nova Direita, e foi Rusher e a camarilha da *National Review* que inspiraram o movimento Draft Goldwater e Youth for Goldwater em 1960.

O manifesto ideológico de Goldwater de 1960, *The Conscience of a Conservative*, foi escrito por Brent Bozell como *ghostwriter*, que escreveu artigos inflamados na *National Review* atacando a liberdade

mesmo como um princípio abstrato e defendendo a função do Estado na imposição e aplicação de credos morais e religiosos.

Seu capítulo de política externa, “A Ameaça Soviética”, era um apelo mal disfarçado para uma guerra ofensiva total contra a União Soviética e outras nações comunistas.

O movimento Goldwater de 1960 foi um aquecimento para o futuro; e quando Nixon foi derrotado na eleição de 1960, Rusher e *National Review* lançaram uma campanha bem coordenada para capturar o Partido Republicano para Barry Goldwater em 1964.

Foi essa mudança drástica para a guerra total e generalizada que achei mais difícil de engolir. Durante anos, eu me considerei politicamente um “extremista de direita”, mas essa identificação emocional com a direita estava se tornando cada vez mais difícil.

Ser aliado político do senador Taft era uma coisa; ser aliado de estatistas que ansiavam por uma guerra total contra a Rússia era outra bem diferente. Durante os primeiros cinco anos de sua existência, percorri os círculos da *National Review*.

Conheci Frank Meyer como analista do William Volker Fund e, através de Meyer, conheci Buckley e o restante da equipe editorial. Participei de almoços, comícios e coquetéis da *National Review*, e escrevi um bom número de artigos e resenhas de livros para a revista.

Mas quanto mais eu circulava entre essas pessoas, maior era o meu horror, porque percebi com crescente certeza que o que eles queriam acima de tudo era uma guerra total contra a União Soviética; sua fanática belicosidade não se contentaria com menos.

É claro que os Novos Direitistas da *National Review* nunca se atreveriam a admitir esse objetivo maluco em público, mas o objetivo sempre seria astutamente implícito. Nos comícios de direita, ninguém torcia nem um pouco pelo livre mercado, se esse item menor fosse mencionado; o que realmente agitava os animais eram os apelos demagógicos dos líderes da *National Review* para a vitória total, a destruição total do mundo comunista. Foi isso que tirou as massas de direita de seus assentos.

Foi o editor da *National Review*, Brent Bozell, que trombeteou, em um comício de direita: “Eu preferiria destruir não apenas o mundo

inteiro, mas todo o universo até a estrela mais distante, em vez de deixar o comunismo viver”.

Foi o editor da *National Review*, Frank Meyer, quem me disse uma vez: “Tenho uma visão, uma grande visão do futuro: uma União Soviética totalmente devastada”. Eu sabia que essa era a visão que realmente animava o novo conservadorismo.

Frank Meyer, por exemplo, teve a seguinte discussão com sua esposa, Elsie, sobre a estratégia de política externa: Devemos lançar a bomba H em Moscou e destruir a União Soviética *imediatamente* e sem avisar (Frank), ou devemos dar aos soviéticos regime de 24 horas para cumprir um ultimato de demissão (Elsie)?

Enquanto isso, o sentimento isolacionista ou antiguerra desapareceu totalmente das publicações ou organizações de direita, à medida que os direitistas se apressaram em seguir a liderança da *National Review* e suas florescentes organizações políticas e ativistas.

A morte do Coronel McCormick, da *Chicago Tribune*, e a expulsão de Felix Morley da *Human Events* significaram que esses periódicos de massa cruciais ficariam atrás da nova linha pró-guerra. Harry Elmer Barnes, o líder e promotor do revisionismo da Segunda Guerra Mundial, de alguma forma conseguiu publicar um excelente artigo sobre Hiroshima na *National Review*, mas, além disso, descobriu que o interesse conservador pelo revisionismo, proeminente após a Segunda Guerra Mundial, havia acabado e se tornou hostil.¹⁷

Pois, como William Henry Chamberlin havia descoberto, a analogia de Munique era poderosa para ser usada contra os oponentes do novo impulso de guerra; além disso, qualquer questionamento da intervenção americana na cruzada de guerra anterior inevitavelmente lança dúvidas sobre seu papel atual, muito menos sobre a agitação da Nova Direita por uma guerra ainda mais fervorosa.

¹⁷ Harry Elmer Barnes, “Hiroshima: Assault on a Beaten Foe,” *National Review* 5, no. 19 (10 de Maio de 1958): 441-43. Ver Murray N. Rothbard, “Harry Elmer Barnes as Revisionist of the Cold War”, em *Harry Elmer Barnes: Learned Crusader*, A. Goddard, ed. (Colorado Springs, Colorado: Ralph Myles, 1968), pp. 314-38.

Editores de direita como Henry Regnery e Devin-Adair perderam o interesse em obras isolacionistas ou revisionistas. De vez em quando, alguns libertários que não se calaram sobre o impulso de guerra ou até mesmo se juntaram a ele expressaram sua oposição e preocupação; mas só podiam fazê-lo em correspondência privada. Não havia outra saída disponível.¹⁸

Particularmente vergonhosa foi a recusa da *National Review* em dar ao grande John T. Flynn uma saída para sua oposição à Guerra Fria. O corajoso veterano Flynn, que, curiosamente, defendeu Joe McCarthy, opôs-se amargamente à ênfase da Nova Direita em uma cruzada militar global.

No outono de 1956, Flynn submeteu um artigo à *National Review* atacando a cruzada da Guerra Fria e acusando, como fizera na década de 1940, que o militarismo era uma “máquina de criar empregos”, cujo objetivo não era defender, mas reforçar “o sistema econômico com empregos para soldados e empregos e lucros nas fábricas de munições”.

Apresentando números para gastos militares inchados entre o início da guerra de Roosevelt em 1939 e 1954, Flynn argumentou que a economia não consistia mais em um “setor socialista” e um “setor capitalista”.

Em vez disso, advertiu Flynn, havia apenas a “raquete” dos gastos militares, “com o soldado-político no meio – desconhecendo o caldo infernal da guerra, impostos e dívidas”.

O governo Eisenhower, Flynn acusou, não era melhor do que seus predecessores democratas; o governo está gastando US\$ 66 bilhões por ano, a maioria indo para a “assim chamada 'segurança nacional'” e apenas uma “pequena fração” gasta nas “funções legítimas do governo”.

Seguiu-se um intercâmbio fascinante entre Buckley e Flynn. Rejeitando o artigo de Flynn em uma carta em 22 de outubro de 1956, Buckley teve a audácia absoluta de dizer a esse veterano anticomunista que ele não entendia a natureza da ameaça militar soviética, e

¹⁸ Assim, veja as cartas no final da década de 1950 de Roland W. (“Rollie”) Holmes, e do Dr. Paul Poirot da equipe da FEE, em Toy, “Ideology and Conflict”, pp. 206-207.

condescendentemente o aconselhou a ler o último livro polêmico de William Henry Chamberlin, o ganha pão da *National Review* descrevendo “a diferença na natureza da ameaça representada pelos comunistas e pelos nazistas”.

Tentando adoçar a pílula, Buckley enviou a Flynn US\$ 100 junto com a nota de rejeição. No dia seguinte, Flynn devolveu os US\$ 100, acrescentando sarcasticamente que estava “muito agradecido” a Buckley pela “pequena palestra”.

Dessa forma, Buckley usou o mesmo argumento para privar Flynn de um meio de publicação que Bruce Bliven e os liberais da guerra haviam empregado ao expulsar Flynn da *New Republic* na década de 1940.

Em ambos os casos, Flynn foi acusado de ignorar a suposta ameaça estrangeira aos Estados Unidos e, em ambos os casos, a tentativa de resposta de Flynn foi enfatizar que a verdadeira ameaça às liberdades americanas era o militarismo, o socialismo e o fascismo no país, impostos em nome do combate a uma suposta ameaça estrangeira.

Flynn negou a existência de uma ameaça militar soviética e advertiu profeticamente que o poder executivo do governo estava prestes a nos envolver em uma guerra inútil na Indochina.¹⁹

Praticamente o único eco publicado da Velha Direita foi um livro do formidável Felix Morley que, no curso de condenar o New Deal moderno e a destruição pós-New Deal do federalismo por um governo central forte, atacou duramente o império americano em desenvolvimento e existente e militarismo.²⁰

Enquanto isso, a imagem que a *National Review* tinha de mim era a de um purista libertário adorável, embora utópico, que, no entanto,

¹⁹ Sobre a rejeição de Buckley ao artigo de Flynn, ver Ronald Radosh, *Prophets on the Right: Profiles of Conservative Critics of American Globalism* (Nova York: Simon and Schuster, 1975), pp. 272-73; e Radosh, “Preface”, em John T. Flynn, *As We Go Marching* (Nova York: Free Life Editions, 1973), pp. xiv–xv.

²⁰ Felix Morley, *Freedom and Federalism* (Chicago: Henry Regnery, 1959), especialmente os capítulos “Democracy and Empire”, “Nationalization through Foreign Policy” e “The Need for an Enemy”.

deve ser mantido estritamente confinado a propor a *economia do laissez-faire*, à qual a *National Review* tinha uma espécie de apego retórico residual.

Houve até rumores de que eu me tornaria colunista econômico da *National Review*. Mas, acima de tudo, eu deveria ficar de fora dos assuntos políticos e deixar para os ideólogos belicistas da *National Review* a corajosa tarefa do mundo real de me defender das depredações do comunismo mundial e me permitir o luxo de inventar utopias sobre combate a serviços privados contra incêndios. Eu estava cada vez mais relutante em desempenhar esse tipo de papel castrado.

CAPÍTULO 13.

INÍCIO DA DÉCADA DE 1960: DA DIREITA À ESQUERDA

Minha ruptura total com a *National Review* e com a direita, meu divórcio emocional final de pensar em mim mesmo como um direitista ou um aliado da direita, ocorreu por volta de 1960. O rompimento foi precipitado pela visita de Khrushchev aos Estados Unidos no final de 1959.

Durante os entorpecidos anos Eisenhower do final da década de 1950, quando as relações exteriores estavam em um impasse congelado e quando a esquerda americana havia praticamente desaparecido, era fácil *não* colocar a questão da paz na vanguarda da consciência.

Mas a visita de Khrushchev foi, para mim, um sinal emocionante e bem-vindo de uma possível distensão, de uma ruptura no dique da Guerra Fria, de um movimento significativo para acabar com a Guerra Fria e alcançar a coexistência pacífica.

Por isso, entusiasticamente favoreci a visita; mas, ao mesmo tempo, a *National Review* ficou histérica com a mesma possibilidade e, em conjunto com a ainda secreta John Birch Society, tentou desesperadamente estimular o sentimento público para atrapalhar a visita.

O clamor da Nova Direita continuou em oposição à conferência de cúpula do início de 1960, que eu esperava que se baseasse na boa vontade da visita anterior de Khrushchev.

Fiquei particularmente irritado com o argumento demagógico usado pela *National Review* de que não devemos apertar a mão do sangrento açougueiro da Ucrânia (Khrushchev); em uma amarga troca de cartas com Buckley, apontei que a *National Review* sempre reverenciou Winston Churchill e estava orgulhosa de apertar sua mão, embora Churchill fosse responsável por muito mais massacres (na Primeira e Segunda Guerras Mundiais) do que Khrushchev jamais havia feito.

Não era um argumento calculado para agradar à *National Review*: o libertarianismo ameaçava se expandir da discussão sobre departamentos de bombeiros para a guerra e a paz!

A essa altura, o movimento libertário de Nova York estava praticamente reduzido a dois: Leonard Liggio e eu; e eu estava ainda mais isolado do que quando a década havia começado, pois agora toda a direita havia sido capturada de dentro por seu antigo inimigo: a guerra e a intervenção global.

O antigo Círculo Bastiat havia desaparecido por atrito, pois alguns membros deixaram a cidade para a pós-graduação e outros se renderam às bajulações da Nova Direita. E quaisquer libertários que permanecessem em bolsões isolados em todo o país estavam entorpecidos demais para oferecer qualquer resistência à maré da Nova Direita.

Era hora de agir; e politicamente, minha ruptura total com a direita veio com o movimento Stevenson de 1960. Em 1956 eu tinha sido a favor de Stevenson contra Eisenhower, mas apenas parcialmente por sua posição de paz superior; outra razão foi tentar depor a “esquerda” republicana para permitir que a Velha Direita retomasse o partido.

Emocionalmente, eu ainda era um direitista que ansiava por um terceiro partido de direita. Mas agora a isca do terceiro estava morta; a Direita era massivamente partidária de Goldwater. E, além disso, a posição corajosa de Stevenson sobre o incidente do U-2 – sua indignação por Eisenhower ter arruinado a conferência de cúpula ao se recusar a fazer não apenas uma rotina, mas um pedido de desculpas moralmente exigido pela incursão do espião U-2 sobre a Rússia – me fez um Stevensoniano.

Politicamente, eu tinha deixado de ser um direitista. Eu havia determinado que a questão crucial era a paz ou a guerra; e que nessa questão o único movimento político viável era a ala “esquerda” do Partido Democrata. Ao seguir consistentemente uma estrela antiguerra e isolacionista, eu havia mudado – ou melhor, *havia sido mudado* – de republicano de direita para democrata de esquerda.

Foi, é claro, uma grande reviravolta emocional para os “libertários de direita”; e até onde eu sei, apenas três de nós pularam o

muro para a emocional Democracia de esquerda: eu, Leonard Liggio e o ex-membro do Círculo Ronald Hamowy, que havia feito pós-graduação na Universidade de Chicago.

Eu não era politicamente ativo na campanha para a indicação de Stevenson, mas uma estranha concatenação de eventos me levou a um papel de destaque entre os Stevensonianos em Nova York.

Depois que Kennedy foi capaz de rejeitar a campanha de Stevenson para a indicação na convenção democrata, vi um pequeno anúncio no *New York Post* para um movimento de Compromisso por Stevenson: uma tentativa de Stevensonianos particularmente amargurados de tentar forçar Kennedy a prometer que o faria Secretário de Estado.

Ao ir à reunião, que incluía o eventualmente famoso gerente de campanha Dave Garth, de repente me vi como líder de uma nova organização política: a Liga dos Democratas Stevensonianos (LSD), chefiada pelo carismático John R. Kuesell, que logo tornou-se proeminente no movimento Reformista Democrata em Nova York.¹

Resistimos em nome do compromisso por Stevenson o máximo que pudemos; e então, quando ele não se manifestou, tomamos nossa posição firmemente por Kennedy contra Richard Nixon, uma figura política que eu sempre rejeitei como (a) um “esquerdista” republicano, (b) um oportunista e (c) um belicista, se não, no entanto, ao menos um belicista tão consistente e dedicado quanto era a Nova Direita.²

Um incidente divertido simbolizou minha mudança política da direita para a esquerda, enquanto continuava a promover o libertarianismo. Usando meu chapéu de extrema direita, publiquei uma carta no *Wall Street Journal* exortando os conservadores genuínos a não

¹ Coincidentemente, um dos líderes da Liga, o economista Art Carol, tornou-se nos últimos anos um libertário *laissez-faire* e agora lidera o movimento libertário na Universidade do Haváí.

² Sobre Nixon, havia uma divisão na *National Review*; os tipos mais pragmáticos e oportunistas, como Buckley, Rusher e Burnham, foram ardentemente por Nixon assim que a indicação foi garantida; mas os tipos com mais princípios, como Meyer e Bozell, sempre foram relutantes.

votarem em Richard Nixon, para permitir que os conservadores recuperassem o controle do Partido Republicano.

Quando Kuesell viu a carta, ele concluiu razoavelmente que eu era algum tipo de espião de direita no LSD e estava pronto para me expulsar da organização. Entrando para vê-lo, estava preparado para dar-lhe uma palestra de uma hora sobre libertarianismo, sobre minha virada da direita para a esquerda, e assim por diante.

Como aconteceu, eu só consegui tirar algumas palavras da minha boca. “Sabe”, comecei, “sou um [...] ‘libertário’.” Kuesell, sempre rápido no ponto, interrompeu imediatamente. “Não diga mais nada”, disse ele, “também sou um libertário”. Ele imediatamente me mostrou um panfleto que havia escrito no ensino médio, *Quo Warranto?*, desafiando o governo sobre seu direito de interferir na vida e na propriedade das pessoas.

Como a palavra e o conceito de libertário mal eram palavras comuns, especialmente naquela época, fiquei totalmente surpreso. A partir de então, Kuesell e eu trabalhamos juntos no LSD até que ele morreu após o início do governo Kennedy.

Essa experiência confirmou minha visão de que a democracia de esquerda, em vez do republicanismo de direita, era agora o campo natural para aliados libertários.

Como um dos teóricos da Liga dos Democratas Stevensonianos, tornei-me chefe de seu Comitê de Assuntos Nacionais e Internacionais e, como tal, consegui escrever e impulsionar uma plataforma para a Liga que era totalmente libertária, pois me concentrava nas liberdades civis e na oposição à guerra e ao alistamento obrigatório.

Enquanto isso, o próprio libertarianismo era essencialmente isolado e “subterrâneo”. Harry Elmer Barnes pôde publicar seu apelo ao revisionismo de todas as guerras mundiais, incluindo a Guerra Fria, apenas nas páginas da obscura revista pacifista de esquerda *Liberation* durante 1958 e 1959; com base nisso, iniciei uma correspondência e uma amizade com Barnes que durou até o fim de sua vida.

Em Chicago, os ex-membros do Circle Bastiat, Ron Hamowy e Ralph Raico, ajudaram a fundar um novo trimestral estudantil, *New Individualist Review*, no início de 1961, que rapidamente se tornou o jornal teórico de destaque do momento conservador estudantil; no

entanto, todo o seu *modus operandi* era um compromisso com a já ultrapassada aliança conservadora libertária. Portanto, não poderia servir como órgão libertário, especialmente no domínio crucial da política externa.

Ron Hamowy, no entanto, conseguiu publicar no *NIR* uma crítica contundente à Nova Direita, da *National Review*, seu conservadorismo e seu belicismo, em um debate com Bill Buckley. Hamowy, pela primeira vez na imprensa, apontou a traição da Velha Direita nas mãos de Buckley e da *National Review*. Hamowy resumiu sua crítica às doutrinas da *National Review*:

Elas podem ser resumidas como: (1) uma política externa beligerante que pode resultar em guerra; (2) uma supressão das liberdades civis domésticas; (3) uma devoção ao imperialismo e a uma forma polida de supremacia branca; (4) uma tendência à união da Igreja e do Estado; (5) a convicção de que a comunidade é superior ao indivíduo e que a tradição histórica é um guia muito melhor do que a razão; e (6) um apoio bastante morno à economia livre.

Eles desejam, em essência, substituir um grupo de mestres por outros (eles mesmos). Eles não desejam tanto limitar o Estado quanto controlá-lo.

Alguém tenderia a descrever essa devoção a um estatismo hierárquico e belicoso e essa oposição fundamental à razão humana e à liberdade individual como uma espécie de corporativismo sugestivo de Mussolini ou Franco, mas vamos nos contentar em chamá-lo de “conservadorismo dos velhos tempos”, o conservadorismo não do heroico bando de libertários que fundou a anti-New Deal Right, mas do conservadorismo tradicional que sempre foi inimigo do verdadeiro liberalismo, o conservadorismo do Egito faraônico, da Europa Medieval, de Metternich

e do czar, de James II , e a Inquisição; e Luís XVI, da cremalheira, do parafuso de dedo, do chicote e do pelotão de fuzilamento.

Eu, por exemplo, não me importo muito com uma filosofia que durante séculos se dedicou a pisotear os direitos do indivíduo e glorificar o Estado tenha seu antigo nome de volta.³

Buckley, de maneira característica, respondeu enfatizando a primazia da suposta ameaça soviética e zombou dos libertários “portadores das tábuas”: “Há espaço em qualquer sociedade”, escreveu Buckley,

para aqueles cuja única preocupação é guardar as tábuas; mas que eles percebam que é apenas por causa da disposição dos conservadores de se sacrificar para resistir ao inimigo, que eles são capazes de desfrutar de seu monaquismo e continuar seus pequenos seminários ocupados sobre se devem ou não desmunicipalizar os lixeiros.⁴

Igualmente característico, Buckley concluiu acusando Hamowy (incorretamente, se isso importa) de ser um membro do Comitê para uma Política Nuclear Sana (SANE). (Um piadista do lado de Buckley escreveu na época: “Ouvi dizer que Ron Hamowy está in-SANE.”)⁵ Em sua refutação brilhante, Hamowy declarou:

³ Ronald Hamowy, “National Review”: Critique and Response”, *New Individualist Review* 1, no. 3 (novembro de 1961): 6–7.

⁴ William F. Buckley, Jr., “Three Drafts of an Answer to Mr. Hamowy,” *ibid.*, p. 9.

⁵ Na verdade, participei de uma reunião do SANE nessa época, em minha busca por um movimento de paz de esquerda, e me recusei a participar, rejeitando-o

Pode parecer ingrato da minha parte, mas devo me recusar a agradecer ao Sr. Buckley por salvar minha vida. É, além disso, minha convicção que se seu ponto de vista prevalecer e que se ele persistir em sua ajuda não solicitada, o resultado quase certamente será minha morte (e a de dezenas de milhões de outros) em uma guerra nuclear ou minha prisão iminente como um “não-Americano”.⁶

Por causa da divisão da política externa libertário-conservadora na *New Individualist Review*, no entanto, os editores concordaram entre si, como resultado do furor em torno do debate Hamowy-Buckley, que nunca mais *qualquer* declaração sobre política externa seria publicada na revista. Não havia, portanto, ainda nenhuma saída de publicação para uma posição isolacionista-libertária.

No início de 1962, meus últimos laços foram cortados com qualquer coisa que pudesse ser interpretada como a direita organizada. O William Volker Fund, com o qual estive associado por mais de uma década, e que silenciosamente, mas efetivamente serviu como o principal incentivador e promotor de estudos conservadores e libertários, de repente e literalmente entrou em colapso, e caminhou para a virtual dissolução.

Um dos ex-membros libertários da equipe do Volker Fund (Dr. Ivan R. Bierly) tornou-se um calvinista fundamentalista convencido da necessidade de uma ditadura calvinista de elite, que governaria o país,

por sua moderação, sua concentração em questões tão importantes, mas superficiais, como testes nucleares e sua notória isca comunista.

Ficou claro para mim que o SANE não se opunha realmente à Guerra Fria e certamente não ao imperialismo americano. A essa altura, é claro, eu já havia cedido até mesmo as provocações voluntárias das iscas comunistas; pois se os comunistas se opõem às armas nucleares e à guerra atômica, então por que não se juntar a eles e a qualquer outro na oposição a esses males? Já que a Nova Direita favoreceu essas medidas, não era ela um inimigo maior do que os comunistas?)

⁶ Hamowy, “National Review”: Critique and Response”.

acabaria com a pornografia e prepararia os Estados Unidos para o (literal) Armagedom, que supostamente deveria chegar em uma geração.

Bierly conseguiu convencer Harold Luhnnow, o chefe do Fundo, de que ele estava cercado em sua equipe por uma nefasta conspiração ateísta-anarquista-pacifista. Como resultado, o presidente dissolveu o Fundo um dia em um ataque de ressentimento.⁷

O colapso do William Volker Fund teve consequências ainda mais fatídicas e dolorosas do que pareciam à primeira vista. De acordo com os termos de seu estatuto, o Fundo deveria acabar se autoliquidando e, assim, no inverno de 1961-62, o Volker Fund decidiu pegar seus US\$ 17 milhões em ativos e liquidá-los transferindo-os para uma nova organização, o *Institute for Humane Studies* (IHS), um think-tank acadêmico libertário a ser liderado por Baldy Harper.

Pela primeira vez, então, uma organização de pesquisa libertária teria dinheiro e não teria que gastar suas energias lutando por fundos. Quando o Sr. Luhnnow teve sua repentina mudança de opinião antes que a decisão fosse finalizada, e fechou o fundo, a IHS, com Harper no comando, de repente estava nas ruas como uma organização de pesquisa libertária pura e adorável sem financiamento. Pelo resto de sua vida, Baldy Harper lutou no papel de chefe do IHS.

Isolados como estávamos em Nova York, e tendo rompido com a direita, Leonard Liggio e eu tivemos muito tempo para reexaminar nossas premissas básicas, especialmente em relação ao nosso lugar no espectro ideológico.

A liderança foi tomada por Liggio, um jovem historiador brilhante com um conhecimento notavelmente enciclopédico da história, europeia e americana. Na verdade, Leonard sempre foi mais astuto do que eu em relação à *National Review*.

⁷ Houve uma tentativa um tanto incerta de reviver o Volker Fund sobre a nova base ideológica, mas aparentemente o presidente começou a se sentir repellido ou assustado com a nova tendência, e o Fundo cessou toda a atividade. Por causa dos compromissos de publicação, a esplêndida série de livros Volker Fund na Van Nostrand continuou a ser publicada em 1964.

Quando saiu o primeiro número da *NR*, com um artigo do notório “Senador de Formosa”, William F. Knowland, Liggio resolveu não ter nada a ver com a revista.⁸

Em primeiro lugar, começamos a repensar as origens da Guerra Fria à qual nos opusemos por tanto tempo; lemos a obra monumental de DF Fleming, *The Cold War and its Origins*, e os livros seminais do fundador da historiografia da Nova Esquerda, William Appleman Williams, *The Tragedy of American Diplomacy* (1959) e *The Contours of American History* (1961).

Concluimos assim que nosso antigo isolacionismo sofria de uma fraqueza fatal: a aceitação implícita da premissa básica da Guerra Fria de que havia *uma* “ameaça” russa, que Stalin havia sido parcialmente responsável pela Guerra Fria ao se engajar em uma expansão agressiva na Europa e Ásia, e que Roosevelt havia se envolvido em uma maléfica “venda” em Yalta.

Concluimos que tudo isso era parte de um mito; que, ao contrário, a Rússia não havia se expandido agressivamente, sua única “expansão” tendo sido o resultado inevitável e desejável de reverter a invasão alemã. Que, de fato, os Estados Unidos (com a ajuda da Grã-Bretanha) foram os únicos responsáveis pela Guerra Fria, em uma contínua perseguição e agressão contra uma União Soviética cuja política externa havia sido quase patética em seu anseio por paz com o Ocidente a praticamente qualquer preço.

Começamos a perceber que, mesmo na Europa Oriental, Stalin não havia imposto regimes comunistas até que os Estados Unidos os pressionassem lá e lançassem a Guerra Fria por vários anos. Também começamos a ver que, longe de Roosevelt “se vender” a Stalin em Yalta e nas outras conferências de guerra,⁹ que a “venda” foi o contrário.

⁸ A ligação da Knowland presumivelmente refletiu a influência generalizada de Alfred Kohlberg, lobista da China e um amigo próximo da revista.

⁹ A situação em Yalta envolvia território da Europa Oriental que não era nosso para controlar; é claro que não toleramos o acordo monstruoso de enviar prisioneiros de guerra anticomunistas mantidos pelos alemães de volta ao bloco soviético contra sua vontade, nem endossamos a expulsão em massa de alemães da Polônia ou da Tchecoslováquia.

Vimos como Stalin, na vã esperança de buscar a paz com um implacavelmente agressivo e imperialista Estados Unidos da América, repetidamente vendeu o movimento comunista mundial: afundando os comunistas da Grécia em um acordo de venda com Churchill; impedindo que os guerrilheiros comunistas da Itália e da França assumissem o poder no final da guerra; e tentando o seu melhor para afundar os movimentos comunistas da Iugoslávia e da China.

Nos últimos casos, Stalin tentou forçar Tito e Mao a entrarem em regimes de coalizão sob seus inimigos; e foi apenas o fato de terem chegado ao poder por suas próprias armas e não na esteira do exército soviético que lhes permitiu assumir o poder mandando Stalin para o inferno.

Em suma, chegamos à conclusão de que a análise mais astuta dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e do movimento comunista foi a dos trotskistas; longe de se expandir vigorosamente na Europa e na Ásia, Stalin, havia se dedicado apenas à segurança nacional da União Soviética e tentado ao máximo afundar os movimentos comunistas mundiais em uma vã tentativa de apaziguar o agressor *americano*.

Que Stalin queria apenas segurança nacional e a ausência de regimes antissoviéticos em suas fronteiras foi demonstrado pelos desenvolvimentos contrastantes na Polônia e na Finlândia; na Polônia, o anti-sovietismo agressivo forçou Stalin a assumir o controle total.

Na Finlândia, em contraste, surgiu o grande estadista Paasikivi, que impulsionou uma política de agrarismo conservador em casa e paz e amizade com a União Soviética nas relações exteriores; nesse ponto Stalin estava perfeitamente satisfeito em deixar a Finlândia em paz e retirar o exército soviético.

Em contraste com as políticas uniformemente pacíficas e vitimistas da União Soviética, vimos os Estados Unidos usando a Segunda Guerra Mundial para substituir e ir além da Grã-Bretanha como a grande potência imperial do mundo; estacionando suas tropas em todos os lugares, pretendendo controlar e dominar nações e governos em todo o mundo.

Durante anos, os EUA também tentaram reverter o poder soviético na Europa Oriental; e sua política externa era particularmente

dedicada a suprimir movimentos revolucionários e pró-comunistas em todos os países do mundo subdesenvolvido.

Vimos também que a União Soviética sempre pressionou pelo desarmamento, e que foram os EUA que resistiram a ele, particularmente nas ameaçadoras armas de destruição em massa da era nuclear.

Não *havia* “ameaça” russa; a ameaça à paz do mundo, na Europa, na Ásia e em todo o globo era o Leviatã dos Estados Unidos. Durante anos, conservadores e libertários discutiram sobre as ameaças “externas” (russas) e “internas” (Washington) à liberdade individual, com libertários e isolacionistas concentrando-se no último e conservadores no primeiro.

Mas agora nós — Leonard e eu — estávamos realmente libertados; as escamas caíram de nossos olhos; e vimos que a “ameaça externa” também emanava de Washington, DC

Leonard e eu éramos agora “democratas de esquerda” de fato em política externa. Mas ainda mais: estávamos impacientes. Por que SANE foi tão cuidadoso em *não* discutir o imperialismo? Por que claramente favoreceu os EUA sobre a União Soviética?

Agora não procurávamos apenas um movimento isolacionista; estávamos procurando um movimento anti-imperialista, um movimento que se concentrasse no Império Americano como a grande ameaça à paz e, portanto, à liberdade do mundo. Esse movimento ainda não existia.

Além de nossa reavaliação das origens e da natureza da Guerra Fria, engajamo-nos em uma reavaliação completa de todo o espectro ideológico “esquerda-direita” em perspectiva histórica.

Pois estava claro para nós que o conservadorismo europeu de trono e altar que havia conquistado a direita era o estatismo de forma virulenta e despótica; e, no entanto, apenas um imbecil poderia chamar essas pessoas de “esquerdistas”.

Mas isso significava que nosso velho paradigma simples do continuum “comunista de esquerda/governo total [...] direita/nenhum governo”, com liberais à esquerda do centro e conservadores à direita do centro, estava totalmente incorreto.

Portanto, fomos enganados em nossa visão básica do espectro e em toda a nossa concepção de nós mesmos como naturalmente de “extrema direita”. Deve ter havido uma falha fatal na análise.

Mergulhando de volta na história, nos concentramos na realidade de que nos séculos XVIII e XIX, liberais, radicais e revolucionários do *laissez-faire* constituíam a “extrema esquerda”, enquanto *nossos* antigos inimigos, os conservadores, os adoradores do trono e do altar, constituíam o inimigo de direita.

Leonard Liggio então apresentou a seguinte análise profunda do processo histórico, que adotei.

Primeiro, e dominante na história, veio a Velha Ordem, o *ancien régime*, o regime de castas e status congelado, de exploração por uma classe dominante guerreira, feudal ou despótica, usando a igreja e o sacerdócio para enganar as massas para aceitar sua regra. Isso era puro estatismo; e esta era a “direita”.

Então, na Europa Ocidental dos séculos XVII e XVIII, surgiu um movimento de oposição liberal e radical, nossos velhos heróis, que defendiam um movimento revolucionário popular em nome do racionalismo, liberdade individual, governo mínimo, livre mercado e livre comércio, paz internacional, e separação entre Igreja e Estado – e em oposição ao Trono e Altar, à monarquia, à classe dominante, à teocracia e à guerra. Esses – “nosso povo” – eram a esquerda, e quanto mais pura sua visão libertária, mais “extrema” de esquerda eles eram.

Até aqui, tudo bem, e nossa análise ainda não era tão diferente de antes; mas o que dizer do socialismo, aquele movimento nascido no século XIX que sempre havíamos insultado como a “extrema esquerda”? Onde isso se encaixava?

Liggio analisou o socialismo como um confuso movimento de meio-termo, influenciado historicamente *tanto* pela esquerda libertária e individualista quanto pela direita conservadora-estatista.

Da esquerda individualista, os socialistas tiraram os *objetivos* da liberdade: o definhamento do Estado, a substituição do governo dos homens pela administração das coisas (um conceito cunhado pelos libertários *do laissez-faire franceses do início do século XIX*, Charles Comte e Charles Dunoyer), a oposição à classe dominante e a busca por sua derrubada, o desejo de estabelecer a paz internacional, uma

economia industrial avançada e um alto padrão de vida para a massa do povo.

Da direita conservadora os socialistas adotaram os *meios* para tentar atingir esses objetivos: coletivismo, planejamento estatal, controle comunitário do indivíduo. Mas isso colocou o socialismo no *meio* do espectro ideológico.

Também significava que o socialismo era uma doutrina instável e autocontraditória, fadada a se desfazer rapidamente na contradição interna entre seus meios e seus fins. E nessa crença fomos fortalecidos pela antiga demonstração de meu mentor Ludwig von Mises de que o planejamento central socialista simplesmente não pode operar uma economia industrial avançada.

O movimento socialista, historicamente, também sofreu ideológica e organizacionalmente de uma contradição interna semelhante: com os social-democratas, de Engels a Kautsky e Sidney Hook, mudando inexoravelmente para a *direita* para aceitar e fortalecer o aparato do Estado e se tornarem apologistas de “esquerda” do Estado Corporativo.

Enquanto outros socialistas, como Bakunin e Kropotkin, se deslocaram para a *esquerda* em direção ao polo individualista e libertário. Ficou claro, também, que o Partido Comunista nos Estados Unidos havia tomado, nos assuntos internos, o mesmo caminho “para a direita” – daí a semelhança que os “extremistas” incitadores de vermelhos há muito discerniam entre comunistas e liberais.

Na verdade, a mudança de tantos ex-comunistas da esquerda para a direita conservadora agora parecia não ser uma mudança muito grande; pois eles haviam sido pró-Grande Governo na década de 1930 e patriotas “americanos do século XX” na década de 1940, e agora *ainda eram* patriotas e estatistas.

De nossa nova análise do espectro, derivamos vários corolários importantes. Um foi o fato de que a aliança entre libertários e conservadorismo parecia, no mínimo, não ser mais “natural” do que a aliança mais antiga durante as décadas de 1900 e 1920 entre libertários

e socialistas. As alianças agora pareciam depender do contexto histórico dado.¹⁰

Em segundo lugar, o antigo medo intenso do socialismo marxista parecia desordenado; pois os conservadores há muito ignoravam a demonstração de Mises sobre o inevitável colapso do planejamento socialista e agiam como se uma vez que um país se tornasse socialista, isso era o fim, que o país estava condenado e o processo irreversível.

Mas se a nossa análise – e a de Mises – estiver correta, então o socialismo deveria desmoronar antes que muitos anos se passassem, e muito mais rapidamente do que a Velha Ordem, que teve a capacidade de durar inalterada por séculos.

Com certeza, no início da década de 1960, já tínhamos visto o desenvolvimento inspirador da Iugoslávia, que após sua ruptura com Stalin evoluiu rapidamente para longe do socialismo e do planejamento central e na direção do livre mercado, um curso que o resto da Europa Oriental e até a Rússia soviética já começava a emular.

E, no entanto, em contraste, vimos para nosso desgosto que mesmo os mais economicamente orientados da Nova Direita estavam tão envolvidos em seu anticomunismo histórico que se recusaram a saudar ou mesmo reconhecer o colapso do socialismo na Europa Oriental.

Esse ponto cego estava obviamente relacionado com a recusa de longa data dos conservadores em reconhecer a ruptura corolária do monólito stalinista internacional dentro do movimento comunista; pois esses dois insights teriam enfraquecido muito a campanha de histeria característica da direita contra o mundo comunista supostamente invencível e em constante expansão — uma expansão que, aos seus olhos, só poderia ser detida por uma guerra nuclear.

¹⁰ O espectro relevante irá, é claro, diferir de acordo com as questões críticas que podem estar em jogo em diferentes situações históricas. Assim, embora próximos um do outro no espectro ideológico sobre a questão do estatismo e do governo centralizado, o individualista está em polos opostos do anarquista de esquerda Bakunin-Kropotkin em questões como igualitarismo e propriedade privada.

Além disso, nossa análise foi muito reforçada por nos familiarizarmos com o trabalho de revisionismo doméstico de um empolgante grupo de historiadores que estudaram com William Appleman Williams na Universidade de Wisconsin. O próprio Williams, em *The Contours of American History*, os alunos de Williams que fundaram o *Studies on the Left* em 1959, e particularmente o trabalho do aluno de Williams Gabriel Kolko em seu monumental *Triumph of Conservatism* (1963), mudaram nossa visão do passado americano do século XX, e, portanto, da gênese e natureza do atual sistema americano.

Deles aprendemos que todos nós, crentes no livre mercado, erramos ao acreditar que de alguma forma, no fundo, os grandes empresários eram realmente a favor do *laissez-faire*, e que seus desvios a ele, obviamente claros e notórios nos últimos anos, eram ou “vendas” de princípios por conveniência ou o resultado de lavagem cerebral e infusão de culpa nesses empresários por intelectuais liberais.

Esta é a visão geral da Direita; na notável frase de Ayn Rand, o Big Business é “a minoria mais perseguida da América”. Minoria perseguida, de fato! Com certeza, houve muitas acusações contra as grandes empresas e suas conexões íntimas com o grande governo no velho McCormick *Chicago Tribune* e especialmente nos escritos de Albert Jay Nock; mas foi necessária a análise de Williams-Kolko, e particularmente a investigação detalhada de Kolko, para retratar a verdadeira anatomia e fisiologia da cena americana.

Como Kolko apontou, todas as várias medidas de regulação federal e estatismo de bem-estar social, começando no período progressista, que tanto a esquerda quanto a direita sempre acreditaram ser um movimento de massa *contra as* grandes empresas, não são apenas apoiadas ao máximo pelas grandes empresas em na atualidade, mas foram por ela originados com o próprio propósito de passar de um mercado livre para uma economia cartelizada.

Sob o disfarce de regulamentos “contra o monopólio” e “para o bem-estar público”, o Big Business conseguiu conceder para si cartéis e privilégios através do uso do governo.

Quanto aos intelectuais liberais, seu papel tem sido servir como “liberais corporativos”, como tecelões de desculpas sofisticadas para

informar às massas que os governantes do estado corporativo americano estão governando em nome do “bem comum” e do “bem-estar geral”.

O papel do intelectual liberal corporativo em justificar os caminhos do Estado moderno para o homem é precisamente equivalente à função do padre nos despotismos orientais que convenceram as massas de que seu imperador era onisciente e divino.

Liggio e eu também nos concentramos novamente no problema crucial dos países subdesenvolvidos. Viemos a perceber que as revoluções no Terceiro Mundo não eram apenas em nome da independência nacional contra o imperialismo, mas também, e conjuntamente, contra os monopolistas de terra feudais em nome da propriedade justa de suas terras pelo campesinato há muito oprimido.

Os verdadeiros crentes na justiça e na propriedade privada, concluímos, deveriam favorecer a expropriação das terras roubadas e conquistadas da Ásia e da América Latina pelos camponeses que, em qualquer tipo de teoria libertária, eram e ainda são seus próprios e justos proprietários.

E, no entanto, tragicamente, apenas os comunistas apoiaram os movimentos camponeses; os “livres empreendedores” americanos ou nativos, quando não ignoraram completamente o problema crucial da terra, invariavelmente e tragicamente caíram do lado dos latifundiários opressores em nome da “propriedade privada”.

Mas a propriedade “privada” desses proprietários monopolistas é “privada” apenas em virtude da conquista do Estado, roubo e concessões de terras; e qualquer crente genuíno nos direitos de propriedade privada deve, então, ficar do lado dos camponeses para recuperar suas terras.

Os camponeses do mundo não são socialistas ou comunistas; instintivamente, são individualistas e libertários, consumidos por uma paixão perfeitamente compreensível de reclamar o direito de possuir suas próprias terras.

A revolução de Zapata no México e o movimento Reis Tijerina no Sudoeste são apenas os exemplos mais claros da luta profundamente

libertária dos camponeses para defender ou recuperar seus títulos justos de propriedade do saque e conquista nas mãos do governo central.¹¹

Isolados e sozinhos, Leonard Liggio e eu, no entanto, partimos para o que parecia ser uma tarefa tripla sobre-humana: fazer avançar o minúsculo e disperso movimento libertário e anarcocapitalista; converter esses libertários pelo menos a uma posição solidamente isolacionista; e, finalmente, tentar também convertê-los à nossa recém-descoberta perspectiva anti-imperialista e “esquerda” ou “esquerda-direita”.

Na frente libertária, havia um brilhante raio de esperança: o anarquista pacifista-individualista (que se autodenomina “autarquista”) Robert LeFevre havia estabelecido uma Escola da Liberdade nas Montanhas Rochosas do Colorado em 1956, para fornecer cursos intensivos de verão de duas semanas sobre a filosofia da liberdade.

LeFevre já havia trabalhado em Nova York para o Conselho Econômico Nacional de Merwin K. Hart, chegando a vice-presidente, e então, em 1954, mudou-se para Colorado Springs para ser editor da página editorial do diário anarcocapitalista de Colorado Springs, o *Gazette-Telegraph* de RC Hoiles.

Ao longo dos anos, desde 1956, LeFevre construiu um histórico notável de conversão de muitas pessoas, e especialmente jovens, ao credo libertário. E assim, lentamente, em todo o país, um crescente quadro libertário, formado pela Freedom School, estava surgindo. Como um pacifista dedicado, LeFevre obviamente se opôs ao movimento de guerra da Nova Direita, e disse isso em um folheto de 1964, *Those Who Protest*.

Com a ajuda de uma base de graduados da Freedom School, conseguimos reconstruir um pequeno círculo em Nova York, desta vez dedicado à análise “esquerda-direita”. Havia Edward C. Facey, Robert J. Smith, que havia sido influenciado pelo Volker Fund e pela Freedom School, e Alan Milchman, a quem conseguimos converter de seu cargo de diretor do Brooklyn College YAF.

¹¹ Para uma história definitiva da revolução de Zapata, incidentalmente deixando claros seus objetivos libertários, ver John Womack, Jr., *Zapata and the Mexican Revolution* (Nova York: Knopf, 1969).

E então houve a “primeira geração” do movimento de jovens libertários da Universidade do Kansas, liderado por Bob Gaskins e David Jackman. Gaskins e Jackman foram anarquistas, mas politicamente foram *laissez-fairistas* de “direita” e editavam uma revista chamada *The Standard*.

Quando Gaskins e Jackman se mudaram para Nova York no final de 1962, conseguimos convertê-los para nossa perspectiva, e o resultado foi uma edição inteira focada no assunto da paz no *The Standard*, de abril de 1963, que incluía reimpressões antiguerra de Chodorov, Mises e outros, e um artigo de minha autoria, “Guerra, Paz e Estado”, que expandiu grandemente e fundamentou mais firmemente minha antiga derivação advinda do *Faith and Freedom* do isolacionismo e anti-imperialismo da teoria libertária.

No inverno de 1963-1964, LeFevre organizou um longo curso de inverno e primavera no Colorado para preparar o caminho para transformar a Freedom School em um Rampart College. Para o “Phrontistery” reuniram-se alguns dos principais jovens libertários da nação, incluindo Smith, Gaskins, Jackman, Peter Blake e Mike Helm, muitos dos quais formaram pela primeira vez em público um bloco “Rothbardiano” agressivo que surpreendeu os visitantes conservadores e *laissez-dignitários* da feira que haviam sido convidados a ensinar lá.

Pela primeira vez em público, alguns membros do grupo também desfraldaram a “bandeira preta e dourada”, cujas cores todos nós decidimos que melhor representavam o anarcocapitalismo: preto como a cor clássica do anarquismo e dourado como a cor do capitalismo e do dinheiro sólido.

Enquanto isso, no cenário político mais amplo, as coisas ficaram mais sombrias quando o plano de ação da *National Review* finalmente deu certo, e Barry Goldwater ganhou a indicação republicana. Eu pessoalmente fiquei frenético; finalmente, os dedos dos meus antigos associados da *National Review* estavam se aproximando do botão nuclear, e eu *sabia*, sabia até a medula que eles estavam ansiosos para apertá-lo.

Senti que tinha que fazer *algo* para alertar o público sobre a ameaça de guerra nuclear que Goldwater apresentava; eu me senti como

um Paul Revere vindo alertar a todos sobre a ameaça de guerra global que essas pessoas estavam prestes a soltar no mundo.

Em segundo lugar, tentei tirar alguns votos conservadores e libertários de Goldwater, lembrando-lhes sua herança libertária há muito esquecida. Em contraste com muitos liberais de mentalidade “fair-play”, não fiquei nem um pouco horrorizado com o famoso comercial de TV democrata mostrando uma garotinha colhendo flores enquanto uma explosão nuclear Goldwaterista se aproximava para aniquilá-la. Pelo contrário, regoziquei-me com o que acreditava ser, finalmente, uma concentração nas verdadeiras dimensões da ameaça Goldwaterista.

Eu poderia, no entanto, desempenhar apenas um papel direto muito pequeno na cruzada de parar-Goldwater. *O Standard* estava extinto, então o máximo que pude fazer foi escrever no boletim anarcandiano do sul da Califórnia, *The Innovator*, alertando os leitores sobre a guerra e o fascismo de Goldwater (que pode ser definido, afinal, como guerra global, cruzadas anticomunistas, supressão das liberdades civis e estatismo corporativo disfarçado em retórica de livre mercado – que delineou a Nova Direita).

Consegui, no entanto, apenas desviar os leitores já atordoados.¹² Eu também me dirigi a um grupo de discípulos veteranos de Frank Chodorov – o grupo “*Fragments*” – pouco antes da eleição, denunciando o Goldwaterismo, e inexplicavelmente me vi engajado em uma longa defesa das políticas externas da China comunista como sendo pacíficas e não agressivas – pois, como eles diziam, não era o caso que havia ao menos a “ameaça chinesa”?

O único resultado de meus esforços foi ter metade do público brandindo suas bengalas em minha direção e gritando: “Não votamos há trinta anos, mas por Deus vamos sair na próxima terça e votar em Barry Goldwater”.

¹² Entre os direitistas, novamente foi o corajoso Felix Morley que, praticamente sozinho e ignorado, denunciou o movimento Goldwater em termos inequívocos como semelhante aos primeiros dias do movimento nazista, como ele havia observado na Alemanha.

Meu único sucesso foi enfraquecer muito o entusiasmo goldwaterista do movimento libertário do Queens College, liderado por Larry Moss e Dave Glauberman. Procurando também por algum periódico, qualquer periódico, no qual publicar uma crítica da transformação da direita americana do Velho para o Novo, do isolamento para a guerra global, encontrei apenas o obscuro trimestral católico *Continuum*.¹³

Pois a esquerda ainda estava extinta na América.

¹³ Murray N. Rothbard, “A Transformação da Direita Americana”, *Continuum* 2 (Verão de 1964): 220–31

CAPÍTULO 14. APÓS OS ANOS 60: A NOVA ESQUERDA

Há anos, Leonard Liggio e eu procurávamos uma “esquerda”, um movimento antiguerra, com o qual pudéssemos nos aliar. Então, de repente, como que por mágica, a Nova Esquerda surgiu na vida americana, particularmente em dois grandes eventos: o Berkeley Free Speech Movement (FSM) do outono de 1964, que inaugurou o movimento universitário dos anos 1960; e a Marcha em Washington de 17 de abril de 1965, organizada pelos Estudantes por uma Sociedade Democrática [*Students for a Democratic Society*] para protestar contra a dramática escalada de nossa guerra no Vietnã em fevereiro.

A marcha SDS inaugurou o grande movimento anti-Guerra do Vietnã, que sem dúvida constituiu a oposição mais profunda e difundida em meio à guerra desde o conflito com o México na década de 1840. A oposição durante a Primeira Guerra Mundial foi forte, mas isolada e brutalmente reprimida pelo governo; o movimento isolacionista da Segunda Guerra Mundial desmoronou completamente assim que entramos na guerra; e a Guerra da Coréia nunca gerou uma oposição de massa poderosa.

Mas aqui estava finalmente uma oposição empolgante e massiva à guerra que se desenrolava durante a própria guerra! Outro ponto que alegrou Leonard e a mim foi que aqui, finalmente, não havia um grupo de “paz” mesquinho como o SANE, que sempre equilibrava cuidadosamente suas críticas aos EUA e à Rússia, e que também se esforçava para excluir os “indesejáveis” da atividade antiguerra.

Aqui estava um movimento verdadeiramente antiguerra que se concentrava nos males da guerra americana; e aqui estava um movimento que não excluía ninguém, que não provocava nem vermelhos nem direitistas, que dava boas-vindas a todos os americanos dispostos a se unir à luta contra a guerra imoral e agressiva que estávamos travando no Vietnã. Aqui estava finalmente uma esquerda antiguerra com a qual poderíamos estar felizes!

É verdade que a SDS, o líder inquestionável desse novo movimento antiguerra, havia nascido em circunstâncias infelizes; pois era originalmente e ainda era oficialmente o braço estudantil da social-democrata League for Industrial Democracy, uma organização de linha socialista e que atuava como uma isca comunista e que representava o pior do liberalismo da Velha Esquerda.

Mas a SDS estava claramente no processo de romper com sua filiação. Não só era militante na guerra, mas também não era mais socialista doutrinária – uma mudança agradável, de fato, da Velha Esquerda. Pelo contrário, sua ideologia era vaga o suficiente para abranger até mesmo “libertários de direita”.

Na verdade, havia uma boa dose de sentimento libertário instintivo naquela SDS inicial que se intensificaria nos próximos anos. Havia uma nova fome de liberdade individual, de autodesenvolvimento e uma nova preocupação com a burocracia e o estatismo tecnocrático que augurava um bom presságio para o futuro do SDS.

Assim, a SDS estava se configurando como instintivamente quase libertária, mesmo em questões “domésticas”. Esse libertarianismo foi reforçado pelo movimento universitário gerado pelo Berkeley Free Speech Movement. Por décadas, os conservadores e libertários não criticaram amargamente nosso sistema educacional governado pelo Estado – suas escolas públicas, leis de frequência obrigatória e fábricas de treinamento burocráticas gigantescas e impessoais substituindo a educação genuína?

Não criticamos há muito tempo a influência de John Dewey, a ênfase no treinamento vocacional, as ligações gigantescas da educação com o governo e o complexo militar-industrial? E aqui estava a Nova Esquerda que, embora reconhecidamente incipiente e sem uma teoria construtiva, estava pelo menos surgindo para se concentrar em muitos dos males educacionais que denunciávamos de forma ignorada por mais de uma geração.

Se, por exemplo, pegarmos um herói da Nova Esquerda como Paul Goodman e o compararmos com Albert Jay Nock sobre educação, veremos que, de perspectivas filosóficas e culturais muito diferentes, eles estavam fazendo críticas muito semelhantes ao treinamento em massa – ao sistema de frequência obrigatória nas escolas públicas.

Sem desconsiderar as diferenças filosóficas – particularmente os fundamentos individualistas versus igualitários – tanto Goodman quanto Nock atacaram claramente o problema de uma perspectiva libertária.

Portanto, não foi por acaso que um grupo “libertário de direita” recém-desenvolvido em Berkeley, liderado pelo jovem estudante de matemática Danny Rosenthal, tenha ajudado a liderar a Liberdade de Expressão e movimentos aliados.

Rosenthal e seu grupo, que fundaram a *Alliance of Libertarian Activists* na área de Berkeley-San Francisco e também foram fervorosos Goldwateristas, lutaram ao lado da Nova Esquerda em nome da liberdade de expressão e reunião, e em oposição à censura e ao inchado estabelecimento burocrático em Berkeley.

Rosenthal também exerceu influência considerável sobre as opiniões de Mario Savio, o famoso líder do FSM, embora Savio também estivesse sujeito a influências e pressões socialistas.

O surgimento da Nova Esquerda convenceu Leonard e eu de que havia chegado a hora de agir, de romper com nosso isolamento ideológico e político. Por isso fundamos, na primavera de 1965, a revista *Esquerda e Direita*, três vezes ao ano.

O propósito de fundar a *L&R* era duplo: influenciar os libertários em todo o país a romper com a ala direita e se aliar à emergente Nova Esquerda e tentar empurrar essa esquerda ainda mais em uma direção libertária; e segundo, “encontrar” nós mesmos a Nova Esquerda como um grupo para se aliar e possivelmente influenciar.

A primeira edição de *Left and Right* teve três longos artigos que conseguiram tocar todas as bases importantes de nossa nova “linha” libertária: meu próprio artigo, “Left and Right: The Prospects for Liberty”, que apresentou a análise de Liggio do espectro histórico Esquerda/Direita; O próprio “Por que a Cruzada Fútil?” de Liggio que trouxe de volta e retratou as visões isolacionistas e anti-imperialistas do senador Taft e a ala taftista do Partido Republicano; e a resenha de Alan Milchman de *Origins of the Cold War*, de Fleming, que, pela primeira vez, trouxe o revisionismo da Guerra Fria a um público libertário.

Na segunda edição, no outono de 1965, escrevi um artigo saudando os elementos libertários substanciais da Nova Esquerda (“Liberdade e Nova Esquerda”).

Elogiei a Nova Esquerda por assumir importantes causas libertárias e da Velha Direita: oposição à burocracia e ao governo centralizado; entusiasmo por Thoreau e a ideia de desobediência civil a leis injustas; uma mudança da integração racial compulsória da Velha Esquerda para a oposição à brutalidade policial e ao que logo seria chamado de “Black Power” nas comunidades negras; oposição à renovação urbana e ao sindicalismo restritivo e monopolista; oposição ao tipo Clark Kerr de burocracia educacional moderna; e, claro, a total oposição à Guerra Americana no Vietnã.

Além de comparar as visões educacionais de Goodman e Nock, também aponte para o sinal esperançoso de Goodman (em seu *People or Personnel*)¹ tratando favoravelmente uma economia de livre mercado.

O impacto do *Left and Right* foi notável, considerando nossa escassez de assinantes e a total ausência de fundos. Por um lado, imediatamente tivemos um impacto considerável na juventude conservadora e libertária.

Danny Rosenthal foi convertido a uma posição isolacionista pelo artigo de Liggió no primeiro número; Wilson A. Clark Jr., chefe do Clube Conservador da Universidade da Carolina do Norte, abandonou o conservadorismo por nossa posição; e toda a unidade da YAF na Universidade do Kansas (a “segunda geração” de libertários de lá), chefiada por Becky Glaser, deixou a YAF para formar uma filial da SDS naquele campus.

E Ronald Hamowy, então professor de história em Stanford, expôs nossa nova posição “esquerda-direita” na *New Republic*, lembrando a posição de livre mercado, libertária, isolacionista e anti-imperialista dos velhos direitistas Spencer, Bastiat, Sumner, e Nock, contrastando-os com a Nova Direita e a atual parceria entre governo e

¹ Ver Paul Goodman, *People or Personnel* (Nova York: Random House, 1965).

grandes empresas, e elogiando Paul Goodman e outros aspectos do libertarianismo na Nova Esquerda.²

Também estávamos interessados nos novos experimentos que alguns da Nova Esquerda estavam realizando em instituições alternativas e “paralelas” na educação, em particular o movimento “Universidade Livre”, que por um curto período prometia estabelecer “comunidades de acadêmicos” livres das armadilhas burocráticas e do establishment do sistema educacional americano.

Por meio *do Left and Right* e dos cursos de ensino de Leonard Liggio na Universidade Livre de Nova York sobre imperialismo, tivemos a oportunidade de conhecer os jovens e brilhantes estudantes de William Appleman Williams na área de Nova York, em particular Jim Weinstein, Ronald Radosh e Marty Sklar.

Isso também lançou o papel de Liggio por vários anos como um importante ativista acadêmico da Nova Esquerda, pois a experiência de Leonard na história da política externa e do Vietnã o levou a desempenhar um papel considerável no movimento Vietnam *Teach-In*, na edição de *Leviathan* e *Viet-Report*, tornando-se editor-chefe do *Guardian* (do qual foi expurgado por “pegar o caminho capitalista” na tentativa de cortar custos), e, eventualmente, tornando-se chefe da filial americana da *Bertrand Russell Peace Foundation* e auxiliando seu grande trabalho no Tribunal de Crimes de Guerra.

Naqueles dias, também, a SDS, embora totalmente contrária moralmente à guerra no Vietnã, ainda não era anti-imperialista; e Leonard desempenhou um papel importante na assessoria do Movimento 2º de Maio, que foi pioneiro na Nova Esquerda no avanço de uma perspectiva anti-imperialista americana, uma perspectiva que a SDS logo adotou.

Ele também liderou a oposição ao que acabou sendo a dominação do M-2º-M pelo Movimento Trabalhista Progressista Maoísta, uma dominação que logo provocou a dissolução da organização.

² Ronald Hamowy, “Left and Right Meet”, *The New Republic* 154, no. 11 (12 de Março de 1966), reimpresso em *Thoughts of the Young Radicals* (New York: New Republic, 1966), pp. 81-88.

Enquanto isso, *Left and Right* continuou a apresentar nossa perspectiva “esquerda-direita”, concentrando-se em política externa e militarismo, mas também cobrindo outras áreas libertárias, e apresentando um espectro de autores de esquerda-direita: libertários (os editores, o professor de filosofia “Eric Dalton,” Larry Moss, reimpressões de Lysander Spooner e Herbert Spencer), velhos direitistas e isolacionistas (Harry Elmer Barnes, Garet Garrett, William L. Neumann), esquerdistas (Marvin Gettleman, Ronald Radosh, Janet McCloud, Russell Stetler e Conrad Lynn), e conservadores de livre mercado (Yale Brozen, Gordon Tullock).

Em particular, saudei a virada decisiva durante 1966 da SDS em direção a uma posição anti-imperialista e anticonscrição militante, e o repúdio final de sua Velha Guarda Social-Democrata. Durante 1966 e 1967, os elementos libertários do SDS cresceram em influência; houve um crescimento dos “anarquistas do Texas” na organização e uma proliferação de broches proclamando “Eu odeio o Estado”.³

O ponto alto do interesse da SDS e da Nova Esquerda na posição libertária “esquerda-direita” veio no trabalho do ex-presidente da SDS Carl Oglesby. Em 1967, Oglesby publicou *Containment and Change*, uma crítica à Guerra do Vietnã e ao Império Americano.

Em suas páginas finais sobre estratégia, Oglesby pediu uma aliança com a Velha Direita. Ele convocou a ala libertária e *laissez-faire* da direita a abandonar o movimento conservador que mantinha os libertários escravizados, convencendo-os da existência de uma “ameaça estrangeira”.

Oglesby citou meu artigo no *Continuum* e citou a visão da Velha Direita sobre guerra e paz do general MacArthur, Buffett, Garrett, Chodorov e Dean Russell. Em particular, Oglesby citou Garrett longamente, afirmando que sua “análise do impulso totalitário do imperialismo” foi verificada repetidamente ao longo dos anos seguintes.

Oglesby concluiu que o pensamento libertário de direita, juntamente com o movimento *Black Power* e o movimento estudantil anti-imperialista, eram todos “enraizados americanos” e eram

³ Veja “SDS: The New Turn,” *Left and Right* (Inverno, 1967).

De mesmo tipo do individualismo humanista americano e da ação associativa voluntarista; e é somente por meio deles que a tradição libertária é ativada e mantida viva. Em um sentido forte, a Velha Direita e a Nova Esquerda estão moral e politicamente coordenadas.⁴

Mas Oglesby advertiu profeticamente que tanto a direita libertária quanto a Nova Esquerda poderiam perder essa aliança e conjunção, pois a primeira poderia permanecer escrava do militarismo e do imperialismo da direita, enquanto a segunda poderia reverter a uma forma de stalinismo.

O auge da minha atividade política na Nova Esquerda ocorreu durante a campanha de 1968. Na primavera de 1968, meu antigo entusiasmo pela política do terceiro partido foi reacendido, embora em uma direção diferente. O *The Peace and Freedom Party* (PFP), que se estabeleceu (e ainda está) na Califórnia, decidiu se tornar nacional e abriu uma loja em Nova York.

Descobri que a plataforma preliminar e o único requisito para a adesão continham apenas duas pautas: a primeira era a retirada imediata dos EUA do Vietnã, e a segunda era uma pauta tão vaga sobre ser legal com todos que quase qualquer um, esquerda, direita, centro poderia ter o endossado.

Ótimo: aqui estava um partido de coalizão dedicado apenas à retirada imediata do Vietnã e não exigindo nenhum compromisso com o estatismo! Como resultado, todo o nosso grupo libertário em Nova York aderiu alegremente ao novo partido.

O PFP foi estruturado em torno de clubes, a maioria deles regionais — como o poderoso clube West Side (de Manhattan), o hippie Greenwich Village Club, etc. Um era ocupacional — um Clube de Faculdade.

⁴ Carl Oglesby e Richard Shaull, *Containment and Change* (Nova York: Macmillan, 1967), pp. 166-67.

Como havia pouquíssimos membros efetivos do corpo docente nessa festa tão jovem, o PFP ampliou generosamente a definição de “faculdade” para incluir estudantes de pós-graduação. Olhe e Admire!

Com base nisso, dos aproximadamente 24 membros do Faculty Club, quase exatamente a metade era do nosso povo: libertários, inclusive eu, Leonard Liggio, Joe Peden, Walter Block e sua esposa, Sherryl, e Larry Moss.

O braço legislativo da PFP seria a Assembleia de Delegados, composta por delegados dos vários clubes. O Clube dos Docentes tinha direito a dois delegados, e por isso naturalmente o dividimos: um para os socialistas e outro para nós, que acabou sendo eu.

Na primeira reunião da Assembleia de Delegados, então, aqui estava eu, apenas no Partido por cerca de uma semana, mas subitamente saltei para o alto escalão da elite do poder. Então, no início da reunião, algumas pessoas se levantaram e defenderam a abolição da Assembleia de Delegados como algo “antidemocrático”. Eita!

Eu estava prestes a sentir o gosto do poder político suculento, quando alguns SOBs estavam tentando tirá-lo de mim! Ao ouvir mais, percebi que algo ainda mais sinistro e de maior preocupação estava acontecendo.

Aparentemente, o partido de Nova York estava sendo dirigido por um comitê executivo oligárquico que se autoperpetuava, que, em nome da “democracia”, estava tentando eliminar todas as instituições sociais intermediárias e operar sobre a massa do partido sem impedimentos, tudo em nome de “democracia”.

Para mim, cheirava a jacobinismo podre, e me levantei e fiz um discurso apaixonado nesse sentido. Depois que a sessão terminou, algumas pessoas vieram até mim e disseram que algumas pessoas que pensavam parecido e que constituíam o *West Side Club*, estavam se reunindo para discutir esses assuntos. Assim começou nossa aliança nefasta com a facção *Progressive Labor* dentro do *Peace and Liberty*.

Mais tarde, descobriu-se que a PFP e seu comitê executivo estavam sendo dirigidos, tanto na Califórnia quanto em Nova York, pelos leninistas-trotskistas Draperistas, socialistas internacionalistas dirigidos pelo bibliotecário de Berkeley Hal Draper.

Os Draperistas eram os Schachtmanistas originais, trotskistas que se rebelaram contra Trotsky como oponentes do Terceiro Campo tanto dos EUA quanto da União Soviética. O partido de Nova York estava sendo dirigido pelos Draperistas, incluindo como seus aliados uma coleção heterogênea de socialistas variados, pacifistas, drogados contraculturais e libertários de esquerda.

A oposição dentro da PFP estava de fato sendo dirigida pelo *Maoist Progressive Labor Party* (PL), que os Draperistas temiam estar planejando uma tomada. Na verdade, logo ficou claro que o PL não tinha essa intenção, mas estava apenas mantendo a mão e usando o *West Side Club* para recrutar membros candidatos para o PL.

Tanto o PL quanto os Draperistas mantinham a estrutura solta enquanto esperavam por uma esperada enxurrada de seguidores de Gene McCarthy após a esperada vitória de Humphrey na indicação democrata – uma enxurrada que, é claro, nunca se materializou.

Daí a exigência ideológica frouxa e o fato de que a plataforma estava em disputa. A aliança entre o PL e nós libertários foi de grande utilidade para os dois lados, além de cooperar no combate à ditadura draperista em nome da democracia.

O que o PL conseguiu foi um disfarce para seu recrutamento, já que ninguém poderia *nos chamar* de ferramentas antissocialistas veementes do *Progressive Labor*. O que conseguimos com isso foi o firme apoio do PL a uma plataforma ideológica – adotada por nossa bancada conjunta – que provavelmente foi mais libertária de qualquer partido desde os dias de *Cleveland Democracy*. O pessoal do PL era agradavelmente “hetero”{straight} e não-drogado, embora bastante robóticos, parecendo Randianos de esquerda.

A grande exceção foi o agradável Jake Rosen, chefe absoluto da fração do PL na PFP. Rosen, brilhante, alegre, espirituoso e decididamente não robótico, conhecia o jogo. Uma das minhas melhores lembranças da vida na PFP foi de Jake Rosen tentando justificar nossa plataforma de *laissez-faire* para seus idiotas maoístas.

“Ei, Jake, o que isso significa: liberdade absoluta de comércio e oposição a todas as restrições do governo?” “Er, essa é a 'coalizão antimonopólio'.” “Oh sim.” Jake, com mais sinceridade, juntou-se a nós

na oposição aos planos de renda anual garantida; ele os considerava burgueses e “reacionários”.

Praticamente a única coisa que Jake recusou foi nossa proposta de que nossa bancada partisse para a abolição imediata do controle de aluguéis. “Ei, pessoal, olhem, eu adoraria fazer isso, mas temos compromissos com grupos de inquilinos.” Graciosamente, nós o deixamos dessa.

Com sua personalidade, eu não achava que Jake duraria no PL. Além disso, ele já havia se rebelado implicitamente contra a disciplina do partido. Um cara obviamente brilhante, Jake aceitou as ordens de PL para ser da “classe trabalhadora” e se tornou um pedreiro; mas ele teimosamente não obedeceu às ordens e se mudou do moderno e cosmopolita West Side de Manhattan para o Queens. (“Jake, nenhum trabalhador da construção civil mora no West Side.”)

De fato, cerca de um ano após a dissolução da PFP, Jake saiu ou foi expulso da PL, e imediatamente subiu para cima, mudando-se para Chicago e se tornando um corretor de sucesso.

Como falhou a entrada do povo de McCarthy, os conflitos dentro do partido tornaram-se cada vez maiores, e a PFP de Nova York começou a ter convenções quase semanais. Além do conflito Draperita do PL, o Partido Comunista montou sua frente concorrente em Nova York, o “Partido Freedom e Peace” (FPP), cuja existência começou a confundir a todos, inclusive a esquerda.

Tentando acabar com as cismas, os Draperistas da Califórnia enviaram para dirigir o partido de Nova York o suposto lendário organizador Camarada Carlos, um chicano que a ala Draperista considerava carismático e de quem o resto de nós tinha forte antipatia.⁵

Embora o PFP estivesse claramente fracassando, finalmente chegou a hora no final do verão para as indicações. Os Draperistas haviam escolhido o ex-estuprador Eldridge Cleaver para presidente, então chefe do Black Panther Party.

⁵ Um momento memorável em uma das convenções da PFP foi o normalmente fleumático Leonard Liggio pulando em uma cadeira e iniciando o canto provocativo: “Carlos Fora! Carlos Fora!”

Cleaver mostrou seu desprezo pelo PFP por não aparecer, e ao enviar o ajudante dos Black Panthers Bobby Seale para zombar abertamente de seus admiradores branquelos {honkies}, que masoquistamente acolheram todos os sinais de escárnio do Pantera.

Ninguém se opôs a Cleaver pela indicação; e como o bloco do PL se absteve, e como meus colegas libertários não chegaram naquela hora da madrugada, descobri que o meu foi o único voto contra Eldridge Cleaver para presidente — não é um legado ruim do meu tempo na Nova Esquerda.

Para a nomeação para o Senado dos EUA, o veterano socialista-pacifista David McReynolds era o candidato Draperista, e fui persuadido a concorrer contra ele para representar a oposição libertária do PL. Concordei em concorrer apenas porque sabia muito bem que não havia chance alguma de derrotar McReynolds.

Não invejei o dia de sol de McReynolds. O The Freedom and Peace estava concorrendo com um candidato negro ao Senado, e os Panteras Negras não desejavam se opor a um colega afro-americano com o branco McReynolds.

Os Panteras Negras aparentemente apontaram uma arma para McReynolds, ordenando que ele retirasse sua candidatura. O que aconteceu depois disso é nebuloso; não acredito que McReynolds tenha desistido, mas, por outro lado, não acredito que nenhuma dessas pessoas tenha chegado às urnas - e a eleição de 1968 acabou sendo o fim do PFP (exceto na Califórnia) e do FPP. E, ah, sim, soube mais tarde que o Camarada Carlos era um agente da polícia.

Um Coda: anos depois, por acaso encontrei McReynolds, em uma reunião tentando em vão trazer algumas pessoas para o libertarianismo. Ele continuou me dizendo tristemente: “Você nos deu muitos problemas em 68. Um monte de problemas”. Eu estava tentando ser educado nesta pequena reunião, então não disse a ele como estava feliz com sua homenagem.

No final da década de 1960, a Nova Esquerda infelizmente havia justificado a advertência de Carl Oglesby e abandonado sua alta promessa libertária de meados da década de 1960. Instável e sem uma ideologia coerente, a SDS, em resposta ao leninismo e ao stalinismo de

sua facção *Progressive Labor*, voltou a esses credos da Velha Esquerda, embora de uma forma ainda mais radical e acelerada.

Cada vez mais atraída pela “contracultura” e pelo Anti-intelectualismo em geral, a Nova Esquerda ignorou cada vez mais a erudição em favor da “ação” impensada, e as Universidades Livres desapareceram em centros dispersos de *euritmia de vanguarda* e instrução em concerto de rádio.⁶

E a reforma educacional cada vez mais se transformou em uma tentativa de destruir todos os padrões intelectuais e educacionais e substituir o conteúdo dos cursos por sessões de rap sobre os “sentimentos” dos alunos.

Finalmente, despojados da erudição, da intelectualidade e da perspectiva estratégica, os remanescentes da Nova Esquerda deveriam se queimar e desaparecer após a dissolução da SDS em 1969 em uma orgia de violência sem sentido e indiscriminada.

Desesperados com toda a população americana como irremediavelmente burguesa, os remanescentes da SDS concluíram desastrosamente que toda a América - classe trabalhadora, classe média ou o que quer que fosse - era o Inimigo e tinha de ser destruído.

Em 1970, a Nova Esquerda estava efetivamente morta e eliminada de sua miséria pelo golpe de mestre de Nixon ao revogar o

⁶ Outro fracasso completo foi o ideal da Nova Esquerda de “democracia participativa”. Parecia bom: em um contraste atraente com o sistema “coercitivo” de governo da maioria, a democracia participativa só podia concordar com decisões por meio de persuasão e consenso unânime. Acreditava-se que o voto violava os direitos das minorias.

Ainda me lembro vividamente das “reuniões do conselho” da Universidade Livre de Nova York, onde votos iguais foram dados por funcionários, professores não remunerados e alunos. Como todas as decisões, por mais triviais que fossem, tinham de ser tomadas por unanimidade, o resultado foi que a reunião do conselho se estendeu, indecisa e interminavelmente, para se tornar a própria vida.

Aqueles de nós que deixaram a reunião à noite para ir para casa foram acusados de “trair a reunião”. Não é de surpreender que a Universidade Livre tenha desmoronado depois de alguns anos.

alistamento naquele ano. Privados da preocupação de serem convocados, os idealistas estudantis efetivamente encerraram seu protesto - embora a guerra no Vietnã continuasse por vários anos.

Olhando para trás sobre o experimento de aliança com a Nova Esquerda, também ficou claro que o resultado foi, em muitos casos, desastroso para os libertários; pois, isolados e dispersos como esses jovens libertários estavam, os Clarks e os Milchmans e alguns do grupo Glaser-Kansas logo se *tornariam* de fato esquerdistas e, em particular, abandonariam a própria devoção ao individualismo, aos direitos de propriedade privada e ao livre-economia de mercado que os trouxe ao libertarianismo, e depois à aliança da Nova Esquerda, em primeiro lugar.

Vimos a perceber que, como os grupos marxistas haviam descoberto no passado, uma cadre sem organização e sem programa contínuo de “educação interna” e reforço-contínuo está fadado a deserção e derreter no curso do trabalho com aliados muito mais fortes.

Os agrupamentos libertários teriam que ser reconstruídos como um movimento autoconsciente, e sua ênfase principal teria que ser em nutrir, manter e estender a própria cadre libertária. Somente operando a *partir de* tal cadre poderíamos fazer alianças fortes e frutíferas sem perigo para o próprio movimento libertário.

Enquanto isso, a ala direita de Buckley estava abandonando progressivamente até mesmo sua devoção retórica aos ideais libertários. A *National Review* e seus associados aprenderam o que acreditavam ser a lição da derrota de Goldwater; a partir de então, o movimento conservador se livraria de todo e qualquer elemento “extremista”, seja em assuntos internos ou externos, e se moveria de maneira “responsável” e “respeitável” em direção às sedes do Poder pelas quais ansiava por tantos anos.

Como seu Papa, além do insulto cômico do movimento, Bill Buckley presidiu a excomunhão e expurgo do conservadorismo de todo e qualquer elemento que pudesse se mostrar embaraçoso em sua busca por respeitabilidade e poder: libertários, birchers, ateus, ultra-Católicos, Randianos, *qualquer um* que pudesse perturbar o Conservadorismo em sua partilha acolhedora do governo político.

Assim, em 1968, com exceção de Frank Meyer, que ainda aderiu a Ronald Reagan, todas as dúvidas conservadoras sobre a grandeza e a sabedoria de Richard Milhous Nixon foram efetivamente silenciadas; e Bill Buckley foi devidamente recompensado pelo governo Nixon com um cargo de membro da Comissão Consultiva da Agência de Informação dos Estados Unidos (USIA), nosso Ministério da Propaganda no exterior.

Buckley induziu Frank Shakespeare, o chefe conservador da USIA, a contratar o editor *da National Review*, James Burnham, para compilar uma lista de livros mercedores a serem colocados nas bibliotecas da USIA em países estrangeiros. Proeminentes na lista de Burnham estavam — surpresa! surpresa! — as obras de Burnham e Buckley que, escreveu Burnham, é “um dos escritores mais conhecidos de sua geração”.

Em uma crítica perspicaz de um dos últimos livros de Buckley, a liberal de esquerda Margot Hentoff notou e lamentou a tendência do conservadorismo a se juntar ao establishment, o mesmo establishment que até *a National Review*, em seus primeiros anos, costumava atacar. Como a Sra. Hentoff afirmou:

O que aconteceu com o Sr. Buckley, junto com o resto de nós, foi a quebra dos compartimentos ideológicos tradicionais, a confusão das alianças e inimizades tradicionais.

Não apenas as velhas políticas do New Deal e da New Frontier perderam credibilidade com a esquerda, mas a esquerda então saiu com as bandeiras conservadoras de não intervenção, liberdade da coerção governamental, individualismo rude, descentralização e, em alguns casos, separatismo racial . [...]

Parece que o Sr. Buckley está começando a assumir o peso da responsabilidade de meia-idade, soando mais como um príncipe resiliente da Igreja do que como um espírito purificador.

A Sra. Hentoff concluiu que Buckley estava se movendo “em direção a um tipo bastante terrível de moderação. [...] Ele agora está mais consciente das consequências, à medida que se afasta da ausência de poder, aquela condição que era seu encanto permanente.”⁷

Assim, além de sua sede permanente de guerra, a direita existente (1971) é dificilmente distinguível do liberalismo conservador de estilo antigo. (E mesmo na guerra a diferença é realmente de grau.) Além do estilo, há muito pouco para distinguir, digamos, Bill Buckley de Sidney Hook, ou senador Tower do ex-senador Dodd, apesar do histórico de votação mais próximo ao New Deal deste último.

Na política externa agressiva, no engrandecimento do militarismo e do complexo militar-industrial, no esmagamento das liberdades civis e na concessão de poderes irrestritos à polícia, no engrandecimento do poder executivo e dos privilégios – em suma, sobre os principais problemas do nosso tempo, os conservadores e liberais estão em amplo acordo.

E mesmo seu aparente desacordo sobre livre mercado versus economia liberal virtualmente desapareceu na aceitação implícita por conservadores e liberais do consenso neomercantilista do Estado corporativo da *New Deal-Great Society*.

Com a adoção da proposta de renda garantida Milton Friedman-Robert Theobald, e com sua luta para resgatar o programa SST (de transporte supersônico) e a Lockheed, com sua nacionalização da indústria de automóveis de passageiros para as hosanas dos conservadores, liberais e da própria indústria, Richard Nixon concluiu o processo de integração da ala direita no consenso pós-New Deal.

Como o historiador marxista Eugene D. Genovese colocou de forma perspicaz: “O liberalismo de direita do presidente Nixon é a contrapartida do liberalismo de esquerda do Partido Comunista – isto é,

⁷ Margot Hentoff “Unbuckled”, *New York Review of Books*, 3 de dezembro de 1970, p. 19.

cada um avança soluções dentro do consenso estabelecido da política social liberal”.⁸

E assim enfrentamos agora uma América governada alternadamente por alas conservadoras e liberais pouco diferenciadas do mesmo sistema estatal-corporativista. Dentro das fileiras do liberalismo há um número crescente de pessoas insatisfeitas que estão cada vez mais enfrentando o fato de que seu próprio credo, o liberalismo, está no poder há quarenta anos, e o que isso produziu?

Ditadura do executivo, guerra sem fim no Vietnã, imperialismo no exterior e militarismo e alistamento militar em casa, parceria íntima entre as grandes empresas e o governo Leviatã. Um número crescente de liberais está enfrentando esse fracasso crítico e reconhecendo que o próprio liberalismo é o culpado.

Eles estão começando a ver que Lyndon Johnson estava absolutamente correto ao se referir habitualmente a Franklin Roosevelt como seu “Big Daddy”. A paternidade é clara, e toda a tripulação se levanta ou cai junto.

Para onde, então, podem se voltar os liberais descontentes? Não à direita atual, que lhes oferece apenas mais do mesmo, temperado com um sabor mais jingoísta e teocrático. Não para a Nova Esquerda, que se destruiu em desespero e violência aleatória. O libertarianismo, para muitos liberais, se oferece como o lugar para se voltar.

E assim o próprio libertarianismo cresce rapidamente, alimentado por cisões tanto do conservadorismo quanto do liberalismo. Assim como conservadores e liberais efetivamente se misturaram em um consenso para defender o establishment, o que a América precisa agora – e *pode* ter – é uma contracoalizão em oposição ao Estado de Bem-Estar-Guerra.

Uma coalizão que favoreça os objetivos libertários de curto prazo da oposição militante à Guerra do Vietnã e à Guerra Fria em geral, e ao recrutamento militar, ao complexo militar-industrial, aos altos impostos e à inflação acelerada que o Estado precisa para financiar essas medidas estatistas.

⁸ Eugene D. Genovese, “The Fortunes of Left”, *National Review* 22, no. 47 (1 de dezembro de 1970): 1269.

Seria uma coalizão para promover a causa tanto da liberdade civil quanto da liberdade econômica do ditado do governo. Seria, em muitos aspectos, um renascimento de uma coalizão entre os melhores da Velha Direita e a velha Nova Esquerda, um retorno aos dias gloriosos em que elementos da *Left and Right* estavam ombro a ombro para se opor à conquista das Filipinas e A entrada da América na Primeira e Segunda Guerras Mundiais.

Aqui haveria uma coalizão que poderia atrair todos os grupos em toda a América, a classe média, trabalhadores, estudantes, liberais e conservadores.

Mas a América Central, para se livrar dos altos impostos, da inflação e do monopólio, teria de aceitar a ideia de liberdade pessoal e perda da imagem nacional no exterior. E liberais e esquerdistas, para dismantelar a máquina de guerra e o Império Americano, teriam de desistir do acalentado sonho liberal da Velha Esquerda de altos impostos e gastos federais para cada guloseima na face da terra.

As dificuldades são grandes, mas os sinais são excelentes de que tal coalizão anti-Establishment e antiestatista pode e pode vir a existir. O grande governo e o liberalismo corporativo estão se mostrando cada vez mais incapazes de lidar com os problemas que eles criaram. E assim a realidade objetiva está do nosso lado.

Mas mais do que isso: a paixão pela justiça e pelo princípio moral que está infundindo cada vez mais pessoas só pode movê-las na mesma direção; moralidade e utilidade prática estão se fundindo cada vez mais claramente a um grande número de pessoas em um grande apelo: pela liberdade das pessoas, de indivíduos e grupos voluntários, de elaborar seu próprio destino, de assumir o controle de suas próprias vidas.

Temos em nosso poder a capacidade de clamar novamente pelo sonho americano.

BIBLIOGRAFIA

Artigos

- “‘SDS’: The New Turn.” *Left and Right* (Winter, 1967).
- “Hoover’s Folly.” *Nation* 171, no. 27 (December 30, 1950).
- “Korea: Will China Fight the UN?” *New Republic* 123 (November 20, 1950).
- “The Hoover Line Grows.” *New Republic* 124 (January 15, 1951). Quoted in Liggio, “Why the Futile Crusade?”
- Barnes, Harry Elmer. “Hiroshima: Assault on a Beaten Foe.” *National Review* 5, no. 19 (May 10, 1958).
- Buckley, Jr., William F. “A Young Republican’s View.” *Commonweal* 55, no. 16 (January 25, 1952).
- . “Three Drafts of an Answer to Mr. Hamowy.” *New Individualist Review* 1, no. 3 (November 1961).
- Bundy, McGeorge. “Appeasement, Provocation, and Policy.” *The Reporter*, January 9, 1951. See Leonard Liggio, “Why the Futile Crusade?”
- . “The Private World of Robert Taft.” *The Reporter* (December 11, 1951).
- Chamberlin, William Henry. “Appeasement on the Right.” *New Leader* (May 17, 1954).
- . Reply to letter by Aubrey Herbert. *New Leader* (June 21, 1954).
- Chodorov, Frank. “A War to Communize America.” *Freeman* 5 (November, 1954).
- . “How to Curb the Commies.” *Analysis* 5, no. 7 (May 1949).
- . “The Return of 1940?” *Freeman* (September 1954).
- . “The Spy-Hunt.” *Analysis* 4, no. 11 (September 1948). Reprinted in Chodorov, *Out of Step*. New York: Devin-Adair, 1962.
- . “Trailing the Trend.” *Analysis* 6, no. 6 (April 1950). Quoted in *Fugitive Writings: Selected Writings of Frank Chodorov*, Charles Hamilton, ed. Indianapolis, Ind.: Liberty Press, 1980.
- Francis, Samuel. “Beautiful Losers: the Failure of American Conservatism.” *Chronicles* (May 1991).
- Garrett, Garet. “The Suicidal Impulse.” *Faith and Freedom* 5, no. 8 (April 1954).

- Genovese, Eugene D. "The Fortunes of the Left." *National Review* 22, no. 47 (December 1, 1970).
- Hamowy, Ronald. "'National Review': Criticism and Reply." *New Individualist Review* 1, no. 3 (November 1961).
- . "Left and Right Meet." *The New Republic* 154, no. 11 (March 12, 1966). Reprinted in *Thoughts of the Young Radicals*. New York: New Republic, 1966.
- Hentoff, Margot. "Unbuckled." *New York Review of Books*, December 3, 1970.
- Hoover, Herbert. "Our National Policies in This Crisis." *Vital Speeches* 17, no. 6 (January 1, 1951).
- Kennedy, Joseph P. "Present Policy is Politically and Morally Bankrupt." *Vital Speeches* 17, no. 6 (January 1, 1951).
- Letter to *National Review* 2, no. 20 (October 6, 1956). Cited in "Introduction," *Fugitive Writings: Selected Writings of Frank Chodorov*, Charles Hamilton, ed. Indianapolis, Ind.: Liberty Press, 1980.
- Liggio, Leonard P. "Why the Futile Crusade?" *Left and Right* 1, no. 1 (Spring, 1965).
- Mencken, H.L. "Babbitt as Philosopher" (review of Henry Ford, *Today and Tomorrow*, and Ernest J.P. Benn, *The Confessions of a Capitalist*), *American Mercury* 9 (September 1926).
- . "Breathing Space." *Baltimore Evening Sun*, August 4, 1924; reprinted in H.L. Mencken, *A Carnival of Buncombe*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1956.
- . "Capitalism." *Baltimore Evening Sun*, January 14, 1935; reprinted in Mencken, *Chrestomathy*. New York: Knopf, 1949.
- . "Next Year's Struggle." *Baltimore Evening Sun*, June 11, 1923; reprinted in Mencken, *A Carnival of Buncombe*.
- . "What I Believe." *The Forum* 84 (September 1930).
- Milchman, Alan. "D.F. Fleming on 'The Origins of the Cold War.'" *Left and Right* 1, no. 1 (Spring 1965).
- Morgenstern, George. "The Past Marches On." *Human Events* (April 22, 1953).
- Rothbard, Murray N. "The Real Aggressor." *Faith and Freedom* (April 1954); under *nom de plume* Aubrey Herbert.

- . “Confessions of a Right-Wing Liberal.” *Ramparts* 6, no. 11 (June 15, 1968).
- . “H.L. Mencken: The Joyous Libertarian.” *New Individualist Review* 2, no. 2 (Summer, 1962).
- . “Left and Right: The Prospects for Liberty.” *Left and Right* 1, no. 1 (Spring, 1965).
- . “Liberty and the New Left.” *Left and Right* 1, no. 2 (Autumn, 1965).
- . “The Foreign Policy of the Old Right.” *Journal of Libertarian Studies* 2 (Winter, 1978).
- . “The Transformation of the American Right.” *Continuum* 2 (Summer, 1964).
- Russell, Dean. “The Conscription Idea.” *Ideas on Liberty* (May 1955).
- Schlesinger, Jr., Arthur. “Can Willkie Save His Party?” *Nation* 153, no. 23 (December 6, 1941).
- Taft, Robert A. “‘Hang On’ To Formosa: Hold Until Peace Treaty with Japan Is Signed.” *Vital Speeches* 16, no. 8 (February 1, 1950). Quoted in Liggio, “Why the Futile Crusade?”
- . “United States Foreign Policy: Forget United Nations in Korea and Far East.” *Vital Speeches* 19, no. 17 (June 15, 1953).
- Villard, Oswald Garrison. “Valedictory.” *Nation* (June 22, 1940).
- Weir, Ernest T. “Leaving Emotions Out of Our Foreign Policy.” *Faith and Freedom* 5, no. 8 (April 1954).

Livros

- Bell, Daniel, ed., *The New American Right*. New York: Criterion Books, 1955.
- , *The New American Right: Expanded and Updated*. Garden City, N.Y.: Doubleday Anchor, 1963.
- Bourne, Randolph. *Untimely Papers*. New York: B.W. Huebach, 1919.
- Branden, Nathaniel. *Who Is Ayn Rand?* New York: Paperback Library, 1964.
- Bromfield, Louis. *A New Pattern for a Tired World*. New York: Harper and Bros., 1954.
- Buckley, Jr., William F. *God and Man at Yale: The Superstitions of Academic Freedom*. Chicago: Regnery, 1951.

- Buckley, Jr., William F., and L. Brent Bozell. *McCarthy and His Enemies*. Washington, D.C.: Regnery Publishing, [1954] 1995.
- Carlson, John Roy. *Under Cover*. New York: E.P. Dutton, 1943.
- Chamberlain, John. *Farewell to Reform: The Rise, Life and Decay of the Progressive Mind in America*. Chicago: Quadrangle Books, 1965.
- Chamberlin, William Henry. *America's Second Crusade*. Chicago: Henry Regnery, 1950.
- Chodorov, Frank. *One is a Crowd*. New York: Devin-Adair, 1952.
- . *The Economics of Society, Government, and State*. New York: Analysis Associates, 1946.
- Cole, Wayne S. *America First: The Battle Against Intervention, 1940–1941*. Madison: University of Wisconsin Press, 1953.
- Cornuelle, Herbert C. “Mr. Anonymous”: *The Story of William Volker*. Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1951.
- Crunden, Robert M. *The Mind and Art of Albert Jay Nock*. Chicago: Henry Regnery, 1964.
- Dawson, William H. *Richard Cobden and Foreign Policy*. London: George Allen and Unwin, 1926.
- Dilling, Elizabeth. *The Roosevelt Red Record and Its Background*. Chicago: Elizabeth Dilling, 1936.
- Doenecke, Justus D. *Not to the Swift: The Old Isolationists in the Cold War Era*. Lewisburg, Penn.: Bucknell University Press, 1979.
- Domhoff, G. William. *The Higher Circles: The Governing Class in America*. New York: Random House, 1970.
- Dutt, R. Palme. *Fascism and Social Revolution*. New York: International Publishers, 1934.
- Engelbrecht, H.C., and F.C. Hanighen. *Merchants of Death*. New York: Dodd Mead, 1934.
- Fall, Bernard B. *The Two Viet-Nams*. New York: Frederick A. Praeger, 1963.
- Finer, Hermann. *Road to Reaction*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1977.
- Fleming, D.F. *The Cold War and its Origins, 1917–1960*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1961.
- Flynn, John T. *As We Go Marching*. Garden City, N.Y.: Doubleday, Doran and Co., 1944.

- Forgue, Guy, ed. *Letters of H.L. Mencken*. New York: Knopf, 1961.
- Garrett, Garet. *The People's Pottage*. Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1953.
- Garrison, F.W., ed. *Letters from Albert Jay Nock*. Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1949.
- Goldwater, Barry M. *The Conscience of a Conservative*. Shepherdsville, Ky.: Victor Publishers, 1960.
- Goodman, Paul. *People or Personnel*. New York: Random House, 1965.
- Halevy, Elie. *The Era of Tyrannies*. Garden City, N.Y.: Doubleday, 1965.
- Hayek, Friedrich A. *The Road to Serfdom*. Chicago: University of Chicago Press, 1944.
- Hobbs, Albert H. *Social Problems and Scientism*. Pittsburgh: Stackpole, 1953.
- Holman, Frank E. *Story of the "Bricker" Amendment (The First Phase)*. New York: Committee for Constitutional Government, 1954.
- Hoover, Herbert. *The Challenge to Liberty*. New York: C. Scribner's Sons, 1934.
- Hughes, Frank. *Prejudice and the Press*. New York: Devin-Adair, 1950.
- Kolko, Gabriel. *The Triumph of Conservatism*. Glencoe, Ill.: The Free Press, 1963.
- LaMonte, Robert R., and H.L. Mencken. *Men versus the Man*. New York: Henry Holt, 1910.
- Lindbergh, Charles A. *The Wartime Journals of Charles A. Lindbergh*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1970.
- Manly, Chesly. *The Twenty-Year Revolution: From Roosevelt to Eisenhower*. Chicago: Henry Regnery Company, 1954.
- Martin, James J. *American Liberalism and World Politics*, 2 vols. New York: Devin-Adair, 1964.
- Mencken, H.L. *A Carnival of Buncombe*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1956.
- . *A Mencken Chrestomathy*. New York: Knopf, 1949.
- Mises, Ludwig von. *Bureaucracy*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1944.

- . *Human Action*. Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1996.
- . *Omnipotent Government*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1944.
- Morgenstern, George. *Pearl Harbor: Story of a Secret War*. New York: Devin-Adair, 1947.
- Morley, Felix. *For the Record*. South Bend, Ind.: Regnery Gateway, 1979.
- . *Freedom and Federalism*. Chicago: Henry Regnery, 1959.
- Morse, Arthur D. *While Six Million Died*. New York: Random House, 1968.
- Nash, George H. *The Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*. New York: Basic Books, 1976.
- Neilson, Francis. *How Diplomats Make War*. New York: B.W. Huebsch, 1915.
- Nock, Albert Jay. *Journal of Forgotten Days*. Hinsdale, Ill.: Henry Regnery, 1948.
- . *Memoirs of a Superfluous Man*. New York: Harper and Bros., 1943.
- . *On Doing the Right Thing, and Other Essays*. New York: Harper and Row, 1928.
- . *Our Enemy, the State*. New York: William Morrow, [1922] 1935.
- . *The Myth of a Guilty Nation*. New York: B.W. Huebsch, 1922.
- . *Theory of Education in the United States*. New York: Harcourt Brace, 1932.
- Nock, F. J., ed. *Selected Letters of Albert Jay Nock*. Caldwell, Id.: Caxton Printers, 1962.
- Oglesby, Carl, and Richard Schaul. *Containment and Change*. New York: Macmillan, 1967.
- Oppenheimer, Franz. *The State: Its History and Development Viewed Sociologically*. Translated by John M. Gitterman. New York: B.W. Huebsch, 1922.
- Parks, Mercer H. "In Support of Limited Government." Unpublished ms., March 5, 1955.
- Passos, John Dos. *The Grand Design*. Boston: Houghton Mifflin, 1949.

- Paterson, Isabel. *The God of the Machine*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1943.
- Preis, Art. *Labor's Giant Step*. New York: Pioneer Publishers, 1964.
- Radosh, Ronald. *Prophets on the Right: Profiles of Conservative Critics of American Globalism*. New York: Simon and Schuster, 1975.
- Lane, Rose Wilder. *The Discovery of Freedom*. New York: John Day, 1943.
- Rand, Ayn. *The Fountainhead*. New York: Plume Books, [1943] 1994.
- Read, Leonard E. *Government—An Ideal Concept*. Irvington-on-Hudson, N.Y: Foundation for Economic Education, 1997.
- Rothbard, Murray N. *America's Great Depression*. Princeton, N.J.: D. Van Nostrand, 1963.
- . *Egalitarianism as a Revolt Against Nature and Other Essays*. Auburn Ala.: Ludwig von Mises Institute, [1974] 2000.
- . *Man, Economy, and State with Power and Market*, Scholar's Edition. Auburn, Ala.: Ludwig von Mises Institute, 2001.
- Roy, Ralph Lord. *Apostles of Discord: A Study of Organized Bigotry and Disruption on the Fringes of Protestantism*. Boston: Beacon Press, 1953.
- Spooner, Lysander. *A Letter to Grover Cleveland, On His False Inaugural Address, the Usurpations and Crimes of Lawmakers and Judges, and the Consequent Poverty, Ignorance and Servitude of the People*. Boston: Benjamin R. Tucker, 1886.
- . *No Treason*. Larkspur, Colo.: Pine Tree Press, 1966.
- St. George, Maximilian, and Lawrence Dennis. *A Trial on Trial*. National Civil Rights Committee, 1946.
- Stromberg, Joseph R. "The Cold War and the Transformation of the American Right: The Decline of Right-Wing Liberalism." M.A. essay, Florida Atlantic University, 1971.
- Taft, Robert A. *A Foreign Policy for Americans*. New York: Doubleday, 1951. Quoted in Liggio, "Why the Futile Crusade?"
- Tolstoy, Leo. *The Law of Love and the Law of Violence*. University Press of the Pacific, 2001.
- Toy, Jr., Eckard Vance. "Ideology and Conflict in American Ultra-Conservatism, 1945–1960." Ph.D. diss., University of Oregon, 1965.

Tsou, Tang. *America's Failure in China, 1941–50*. Chicago: University of Chicago Press, 1963. Quoted in Liggio, “Why the Futile Crusade?” Williams, William Appleman. *The Contours of American History*. Chicago: Quadrangle Books, [1961] 1966.

———. *The Tragedy of American Diplomacy*. New York: Norton, [1959] 1988.

Womack, Jr., John. *Zapata and the Mexican Revolution*. New York: Knopf, 1969.

Wooten, Barbara. *Plan or No Plan*. London: V. Gollancz, 1934.

Wormser, René A. *Foundations: Their Power and Influence*. New York: Devin-Adair, 1958.

Wreszin, Michael. *Oswald Garrison Villard*. Bloomington: Indiana University Press, 1965.

Capítulos em Livros

Garrett, Garet. “The Revolution Was.” In *The People's Pottage*. Caldwell, Id.: Caxwell Printers, 1953.

Hamilton, Charles H. “Introduction.” In *Fugitive Writings: Selected Writings of Frank Chodorov*, Hamilton, ed. Indianapolis, Ind.: Liberty Press, 1980.

Liggio, Leonard, and Ronald Radosh. “Henry A. Wallace and the Open Door.” In *Cold War Critics*, Thomas Paterson, ed. Chicago: Quadrangle, 1971.

Miller, Clyde R. “Harry Elmer Barnes' Experience in Journalism.” In *Harry Elmer Barnes: Learned Crusader*, A. Goddard, ed. Colorado Springs, Colo.: Ralph Myles, 1968.

Radosh, Ronald. “Preface.” In John T. Flynn, *As We Go Marching*. New York: Free Life Editions, 1973.

Rothbard, Murray N. “Harry Elmer Barnes as Revisionist of the Cold War.” In *Harry Elmer Barnes: Learned Crusader*, A. Goddard, ed. Colorado Springs, Colo.: Ralph Myles, 1968.

Steinke, John, and James Weinstein. “McCarthy and the Liberals.” In *For a New America: Essays in History and Politics from Studies on the Left, 1959–1967*, James Weinstein and David Eakins, eds. New York: Random House, 1970.

Viereck, Peter. "Revolt Against the Elite." In *New American Right*, Daniel Bell, ed. New York: Criterion Books, 1955.

Miscelânea

Parmentel, Noel E. "Folk Songs for Conservatives."

Point of Order. Film. Directed by Emile de Antonio (Point Films, 1964).

Pamphlets and Leaflets

Chodorov, Frank. *Taxation Is Robbery*. Chicago: Human Events Associates, 1947; reprinted in Chodorov, *Out of Step*. New York: Devin-Adair, 1962.

Flynn, John T. *The Smear Terror*. New York: privately published, 1947.

Garrett, Garet. *The Revolution Was*. Caldwell, Id.: The Caxton Printers, Ltd., 1944.

Garrett, Garet. *The Rise of Empire*. Caldwell, Id.: Caxton Press, [1952] 1961.

Harper, F.A. *In Search of Peace*. Irvington-on-Hudson, N.Y: Foundation for Economic Education, 1951; reprinted by the Institute for Humane Studies, 1971.

———. *The Crisis of the Free Market*. New York: National Industrial Conference Board, 1945.

Kuesell, John R. *Quo Warranto?* Unpublished.

LeFevre, Robert. *Those Who Protest*. Undated.

Read, Leonard E. "On That Day Began Lies." *Essays on Liberty*. Irvington-on-Hudson, N.Y: Foundation for Economic Education, 1952. Vol. 1.

———. *Conscience on the Battlefield*. Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1951.

———. *Students of Liberty*. Irvington-on-Hudson, N.Y: Foundation for Economic Education, 1950.

Stigler, George, and Milton Friedman. "Roofs or Ceilings? The Current Housing Problem." Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1946.

Periódicos

American Affairs
American Mercury
Analysis
Atlantic Monthly
Chicago Tribune
Christian Economics (CE)
Colorado Springs *Gazette-
Telegraph*
Commercial and Financial
Chronicle
Communist New Masses
Continuum
Daily Worker
Die Rote Fahne
Economic Council Review
of Books
Essays on Liberty
Faith and Freedom
Freeman
Human Events
Harper's
Harvard *Lampoon*
Herald-Tribune Review of
Books
Journal of Libertarian
Studies
Leviathan
Liberation
Libertarian Forum
Libertarian Republican
Libertarian Review
Liberty [Benjamin
Tucker's]
Liberty

Left and Right
Masses and Mainstream
Nation
National Review
National Guardian
New Individualist Review
New Leader
New Republic
New York Compass
New York Herald-Tribune
New York Journal-
American
New York Mirror
New York Times
New York World-
Telegram
New York World-
Telegram and Sun
Plain Talk
Politics
Ramparts
RIGHT
Santa Ana Register
Saturday Evening Post
Scribner's Commentator
The Innovator
The Standard
Time
Studies on the Left
Viet-Report
Warsaw Trybuna
Ludu

Documentos Públicos

Congressional Record, 80th Cong., 1st sess. (June 6, 1947).
Congressional Record, 80th Cong., 1st sess. (March 18, 1947).
Congressional Record, 80th Cong., 1st sess. (March 28, 1947).
Congressional Record, 82nd Cong., 1st sess. (January 5, 1951).
U.S. Congress. House. Special Committee to Investigate Tax Exempt Foundations and Comparable Organizations. *Hearings Before the Special Committee to Investigate Tax Exempt Foundations and Comparable Organizations*. 83rd Cong., 2nd sess., Parts 1 and 2 (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1954).